

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE DE STRASBOURG
ÉCOLE DOCTORALE SCIENCES HUMAINES ET SOCIALES
DOCTORAT EN SOCIOLOGIE

BÁRBARA NASCIMENTO DUARTE

O FUTURO DO CORPO: TECNOCIÊNCIA, PIRATARIA E METAMORFOSE

JUIZ DE FORA
2015

BÁRBARA NASCIMENTO DUARTE

O FUTURO DO CORPO: TECNOCIÊNCIA, PIRATARIA E METAMORFOSE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, em regime de cotutela com a École Doctorale Sciences Humaines et Sociales da Université de Strasbourg, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientadores: Prof.Dr. João Dal Poz Neto (UFJF)
Prof. Dr. David Le Breton (Université de Strasbourg-França)

JUIZ DE FORA
2015

BÁRBARA NASCIMENTO DUARTE

O FUTURO DO CORPO: TECNOCIÊNCIA, PIRATARIA E METAMORFOSE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, em regime de cotutela com a École Doctorale Sciences Humaines et Sociales da Université de Strasbourg, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Aprovada em 06 de março de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Dal Poz Neto (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. David Le Breton (Orientador)
Université de Strasbourg

Prof^a. Dr^a. Dr. Ludmila de Lima Brandão
Universidade Federal do Mato Grosso

Prof^a. Dr^a. Rosane Preciosa Sequeira
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Elizabeth de Paula Pissolato
Universidade Federal de Juiz de Fora

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a Deus, que me fortaleceu e me abençoou muito além daquilo que podia sonhar; e aos meus pais, José Geraldo e Maria Letícia que, a despeito das minhas muitas ausências, sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Para começar a agradecer, vou ao essencial: Deus! Agradeço a Deus por cada dádiva que me foi concedida durante o doutorado. Não bastasse ter colocado muitos sonhos no meu coração, Ele concretizou cada um deles de forma sublime e diligente. Em cada empreitada colhi os melhores frutos. O meu mais profundo e sincero reconhecimento a esse Deus é também por ter provado o Seu amor enviando Seu Filho para que possamos, a qualquer momento, nos achegar a Ele. Obrigada por me atrair com laços de amor para esse relacionamento profundo, real, lindo e eterno. O Senhor é o meu tudo! Tudo o que tenho, tudo o que sou e tudo que um dia vier a ser, vem de Ti, meu Senhor!

Agradeço aos meus amados pais, José Geraldo e Maria Letícia, por todo amor, suporte e compreensão que sempre me concederam. Obrigada por terem entendido as minhas ausências para realizar essa pesquisa. Vocês são meus exemplos de esforço e determinação. Graças a vocês, pude me dedicar completamente ao meu sonho sem me preocupar. Vocês são mais que meu porto-seguro! De todo coração, amo vocês!

Todo trabalho de tese centraliza-se sobre algumas pessoas, e eu fui muito privilegiada por ter dois orientadores brilhantes! Por isso, quero agradecer ao meu querido orientador João. Muito obrigada por ter me conduzido de modo tão paciente e sábio nesse processo de elaboração da tese, com plena liberdade e comprometimento acadêmico. Obrigada pela confiança, pela amizade e pelo apoio constante e irrestrito. Admiro muito você!

Agradeço também ao meu estimado orientador David por ter me acolhido em sua Universidade antes mesmo dessa trajetória doutoral ter sido iniciada. Muito obrigada pela confiança, pelo estímulo e pelo auxílio a mim concedido em diversas ocasiões. Obrigada por ter aberto a porta para que estivesse ao lado de grandes pesquisadores, dentre os quais, você!

Esta tese foi realizada com o apoio de algumas Instituições de Pesquisa, entre elas: a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do ensino Superior - CAPES, o *Observatoire Nivea* juntamente com o *Centre National de la Recherche Scientifique-CNRS* e o *Collège Doctoral Européen*. Agradeço por terem aportado o suporte financeiro para concretização dessa investigação.

Ao longo dessa caminhada, múltiplos encontros e vínculos foram criados. Gostaria de agradecer a todos os amigos que estiveram presentes na minha vida, parceiros da vida e da Academia. Um agradecimento especial a Caroline e Carsten Schaefer, Pierre de Souffron, John e Marilee Wells, Béatrice e Michel Krieger, Antônio Campolina, Fabiana Machado, Andreia Alvim, Valéria Marcelino, Rômolo Cesário, Queila e Marcos Honório, Tiago, Roberta e Vinicius, Luis e Sandra, Ana Paula e Camila. E todos que me encorajaram, sintam-se agradecidos.

Concluo minhas breves palavras de reconhecimento com a convicção de que a finalização dessa etapa é só o início de coisas ainda maiores que estão por vir, pois *nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que O amam.*

Le corps est aujourd'hui « produit par la raison », fabriqué méthodiquement. Il n'est donc pas « libéré », mais au contraire contrôlé, planifié, pris en charge par un processus de transformation rationnelle, soutenu par une connaissance scientifique et une idéologie de la santé qui réintègre des perspectives métaphysiques et morales.

(Monique Atlan e Roger-Pol Droit)

RESUMO

O corpo humano está agora enredado numa trama muito particular, característica de nossa era tecnocientífica: seu valor e seu destino estão submetidos aos processos racionais e às novas técnicas que são continuamente desenvolvidas nos laboratórios. A partir de uma visão algo utópica, muito além de uma simples materialidade orgânica, as fronteiras da corporalidade estão assim sendo radicalmente questionadas e transformadas. E, neste passo, os conhecimentos científicos e sua mística transbordam seus campos estritos de aplicação, para alcançar e mobilizar o desejo e a vontade de indivíduos e do público em geral. Em nosso trabalho, buscamos investigar a relação entre as experiências de laboratório e aquilo que identificamos como o panorama *underground* de tecnologização do corpo. Procuramos assim circunscrever certas modificações corporais extremas, definidas como *body hacktivism*, *body hacking* ou pirataria do corpo, que se fundam numa perspectiva lúdica e exploratória, realizadas por amadores com o propósito de ampliar os limites sensoriais do homem. Tal reapropriação individual das tecnologias se converte, então, em inovações e em práticas inusitadas, por exemplo: implantes de microchips RFID, de magnetos, de vibradores genitais ou placas de titânio para substituir a pele, e mesmo próteses robóticas feitas com peças de Lego. A pesquisa de campo foi empreendida entre 2011 e 2013, em contato com vários praticantes selecionados na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil. A metodologia qualitativa privilegiou a aplicação de entrevistas semiestruturadas e visitas a lojas de tatuagem/*piercing*, hotéis, eventos e seminários. O objetivo desta tese é, portanto, compreender qual corpo os *body hackers* constroem para si e projetam para os outros, explorando assim suas concepções acerca do sujeito humano. O argumento principal é de que os *body hackers*, por suas palavras e suas práticas, reverberam a mesma ontologia radical do individualismo moderno, ao tomar o indivíduo como a unidade social básica e a apropriação de seu próprio corpo como a relação fundamental. A simbiose do corpo com artefatos variados, que as novas tecnologias possibilitam, faculta ao indivíduo percepções exclusivas, nas quais os elementos inorgânicos se tornam não apenas mediadores da experiência pessoal, mas uma extensão ou parte articulada de si mesmo. Em suma, a tecnologia inserida no corpo além de modificá-lo, também transforma a forma de perceber, de estar e de ser-no-mundo. A pirataria do corpo, enfim, chama a atenção para uma realidade insofismável: se um dia a natureza concedeu aos seres humanos um corpo, para tê-lo, atualmente, é preciso superar o simples evento biológico e buscar incansavelmente o seu aperfeiçoamento, a quimera extraordinária de uma perfeição e de uma imortalidade vindoura.

Palavras-chave: *Body hacking*. Corpo. Tecnociência. Metamorfose. Implantes. Aperfeiçoamento humano.

ABSTRACT

In the present technoscientific era, the body is involved in a particular scheme: its value is directly related to its rational and technical production in scientific laboratories, where a utopian vision of corporeality has been delineated. In these, its boundaries are radically challenged and transformed, moving beyond organic materiality. Nevertheless, scientific development goes beyond its pre-set field of action, and its resulting knowledge touches society in a singular way. In our investigation, we seek to discover the relationships between laboratory experiments and what we identify as the underground scene of body technologization. Within it, we circumscribe extreme body modifications, defined as body hacktivism and body hacking, which stand for a playful and exploratory perspective, performed by scientifically-inclined amateurs whose purpose consists of amplifying a person's sensory limits. This individual reappropriation of technologies turns out in innovations, including RFID microchip and magnetic implants, genital vibrators, engineering of titanium skin interfaces, and even robotic prostheses made with Legos. Through an empirical study undertaken from 2011 through 2013, we conducted participant observations with a number of privileged proponents of these practices in Europe, in the United States and in Brazil. Our methodology was qualitative, notably through the application of semi-directive interviews. The research focused on tattoo/piercing shops, hotels, body modification events and seminars. Our problem is to understand which body the body hackers build and design, and to view the conception of the human subject. Our principal argument is that body hackers are on record for self-production in a radical individualism that has, as a privileged analytical unit, the individual (and its growing individualization) and the self-ownership of the body as its fundamental measures. Then, the symbiosis of the individual with the environment, through new technologies, creates a distinctive perception in which an inorganic element becomes the mediator of the experience of the self and of the other. Lastly, they come together in such a way that the individual becomes a unity with it. In short, these embedded technologies not only modify the body, but also change the way of perceiving, living, and being in the world. The body hacking draws our attention to the understanding of a scientific reality: if one day nature granted man a body, to have currently, it is fundamental to overcoming this biological event, endlessly seeking its improvement, until the day that man will attain the chimera of perfection and immortality.

Key-words: Body hacking. Body. Technoscience. Metamorphosis. Implants. Human enhancement.

RÉSUMÉ

Dans l'ère technoscientifique le corps est impliqué dans un complot particulier: sa valeur est directement liée à sa production rationnelle et technique produit dans les laboratoires scientifiques, où une vision utopique de la corporéité est délimitée. Dans ces laboratoires, les frontières sont radicalement interrogées et transformés au-delà de la matérialité organique. Cependant, le développement scientifique excède son champ pré-établi d'action et, la connaissance produite, touche la société singulièrement. Dans notre investigation, nous cherchons à découvrir la relation entre les expériences de laboratoire et ce que nous identifions comme la scène *underground* de technologisation du corps. Dans celle-ci, nous délimitons les modifications corporelles extrêmes, définies comme *body hacktivism*, *body hacking* ou piratage du corps, qui sont basées sur une perspective ludique et exploratoire, réalisées par des amateurs scientifiquement inclinées, dont le but est d'amplifier les limites sensorielles de l'homme. Cette réappropriation individuelle des technologies devient des innovations, y compris: les implants de puces RFID et magnets, des vibrateurs génitaux ou des plaques de titane pour remplacer la peau, et même des prothèses robotiques faites avec les jouets Lego. À travers une recherche de terrain effectuée entre 2011 et 2013, nous avons mené une observation participante avec un certain nombre des proposants privilégiés de ces pratiques en Europe, aux États-Unis et au Brésil. La méthodologie est qualitative, notamment par l'application d'entretiens semi-directifs. La recherche a été axée dans les boutiques de tatouage/*piercing*, des hôtels, et des événements et séminaires sur les modifications du corps. Cette recherche propose d'identifier le traitement que ces acteurs, les *body hackers*, réservent au corps: quelle(s) lecture(s) en font-ils, et en conséquence, quel(s) organisme(s) construisent-ils et projettent-ils et pour quel(s) homme(s)? Notre principal argument est que les *body hackers* sont dans le registre de la production de soi dans un individualisme radical qui a, en tant que unité d'analyse principal, l'individu (et son individualisation croissante) et la propriété de son corps comme des mesures fondamentales. Ensuite, la symbiose de l'individu avec l'environnement, grâce aux nouvelles technologies, a créé une perception unique dans laquelle un élément inorganique devient le médiateur de l'expérience de soi et le rapport à l'autre. Finalement, ils sont unis d'une manière telle que l'individu ne fait qu'un avec elle. En somme, la technologie incorporée dans le corps en plus de changer celui-ci change aussi la façon de percevoir, de vivre et d'être-au-monde. Le piratage du corps attire l'attention sur la compréhension d'une réalité scientifique: si la nature a donné à l'homme son corps actuel, il lui faudra pour autant dépasser son état biologique par son amélioration constante, jusqu'au jour où il parviendra à devenir cette chimère présumée, conciliant alors perfection et immortalité.

Mots-clés: *Body hacking*. Corps. Technoscience. Métamorphose. Implants. Amélioration Humaine.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ANCORAGEM METODOLÓGICA: COMO (NÃO) FALAR DO SOCIAL	22
2.1	OS MEDIADORES, OS RASTROS E AS INCERTEZAS QUE DEVEM SER SUPERADAS	26
2.2	DAS INCERTEZAS QUE DEVEM SER REVISITADAS	29
2.3	UMA BOA DESCRIÇÃO CIENTÍFICA NA TEORIA ATOR-REDE	35
2.4	A SOCIOLOGIA DAS ASSOCIAÇÕES E AS CONTROVÉRSIAS	36
2.5	FRONTEIRAS ONTOLÓGICAS: COMO FALAR DO CORPO	38
3	AO ENCONTRO DOS PIRATAS DO HUMANO	61
3.1	DELIMITAÇÕES DO MOVIMENTO <i>BODY HACKTIVISM</i>	63
3.1.1	O Manifesto <i>Body Hactivism</i> e o individualismo extremo	69
3.1.2	O Manifesto e a possibilidade de reapropriação marginal da tecnologia	79
3.2	PIRATEANDO O FUTURO, ATIVISMO E CIBORGUE	83
3.3	OS DESAFIOS DE ACOMPANHAR O MODO DE EXISTÊNCIA DOS MODERNOS	90
4	A LIVRE ASSOCIAÇÃO ENTRE O HOMEM E A TÉCNICA: OS PRECURSORES “CIBORGUES”	95
4.1	SEGUINDO OS ATORES, TRAÇANDO AS REDES	100
4.2	COMPONDO AS EVIDÊNCIAS DOS PIRATAS DO CORPO NOS ESTADOS UNIDOS	124
4.3	CORPO, COEVOLUÇÃO E METAMORFOSE	141
4.4	ANARQUISMO E A LIVRE DISPOSIÇÃO DO CORPO	157
4.5	A CRIAÇÃO DO CORPO NA EXTENSÃO TECNOLÓGICA E O PARADIGMA INFORMACIONAL	169
4.6	OS <i>BODY HACKTIVISTS</i> E AS PERFORMANCES	182
4.6.1	<i>Cyberéthésie</i> : exploração real da sensualidade virtual	187
4.6.2	Performance pós-humana: <i>Danse Neurale</i>	196
4.6.3	Performance: La Pietá	202
4.7	SUSPENSÕES: QUANDO A DOR NÃO É SOFRIMENTO	208

5	AS NOVAS VIAS DE ASSOCIAÇÃO DO HOMEM COM A TECNOLOGIA	214
5.1	O MICROCHIP ELETRÔNICO UTILIZADO EM SERES HUMANOS	217
5.1.1	O microchip e as possibilidades de vigilância	228
5.1.2	As controvérsias do microchip	234
5.2	OS IMPLANTES DE IMÃS SOB A PELE: EXPERIMENTANDO CORPOS INVISÍVEIS	237
5.3	IMPLANTE, AFETAÇÃO CORPORAL, INOVAÇÃO E RISCO	243
5.4	CHAMADO PARA INOVAÇÕES PIRATAS E OS RISCOS	249
5.5	A REVANCHE DAS PRÓTESES	256
5.6	UMA VIA LEGÍTIMA DE AUMENTO CORPORAL	263
5.7	A SUPERAÇÃO DE OSCAR PISTARIUS: O BLADE RUNNER	264
5.8	A DEFICIÊNCIA TRANSFORMADA EM VANTAGEM: AIMEE MULLINS	269
5.9	DEFICIENTES ESPORTISTAS CIBORGUES	272
5.10	PRÓTESES ROBÓTICAS <i>OPEN SOURCE</i> DE BAIXO CUSTO E O DESAFIO DA SUPERAÇÃO HUMANA	278
5.11	UM PROJETO DE RECRIAÇÃO DA HUMANIDADE	283
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	291
	REFERÊNCIAS	308

1 INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, o corpo tornou-se objeto de construção, situando-se numa intersecção inédita: de um lado o materialismo crescente e, de outro, a utopia tecnocientífica. Na era da informação e da tecnologia, uma mudança drástica sobre sua concepção desponta e se estende na sociedade, fazendo surgir assim um modelo físico concebido pela mescla da razão, da ciência e da tecnologia. Este sugere um organismo tecnologicamente transformado, cujas possibilidades de existência corporal manifestam-se à medida que novas descobertas são realizadas e as técnicas são aperfeiçoadas. Nas esferas biotecnológicas e biomédicas, o sucesso dos marca-passos, do coração artificial, da estimulação cerebral profunda, dos implantes cocleares e de retina, mamários, entre outros, é evidente e de grande notoriedade. Da mesma forma o desenvolvimento da engenharia genética, neural e farmacêutica e, recentemente, as pesquisas robóticas biomecânicas e a evolução dos protótipos de próteses altamente avançados que substituem membros superiores e inferiores experimentam um florescimento. É possível identificar uma série de avanços na interface homem-máquina, na tecnologia de controle e rastreamento, cujas técnicas engendradas se destinaram, inicialmente, ao progresso militar e terapêutico. Todas essas tecnologias visam (recompor e) restaurar o corpo humano, impulsionando e ampliando suas fronteiras. Visível também é o obscurecimento das demarcações entre as terapias restaurativas e as intervenções que vão muito além da restauração física. Até aqui, não existe nada de extraordinário, além da evidência de que o corpo é locus de uma nova ciência, conseqüentemente um prisma privilegiado de estudo da sociedade do século XXI.

Durante essa tese, não abordaremos questões relacionadas à criação de próteses, implantes corporais ou qualquer procedimento restaurador de funções danificadas por lesões ou doenças (como a amputação de um membro ou articulação), que são, na verdade, fraturas na “configuração original” do corpo humano. Discutiremos, pois como a ciência tem legitimado a transposição da tênue fronteira da medicina que cura para aquela que aperfeiçoa/aumenta o corpo.

O caráter pioneiro dessa abordagem é a reflexão sobre o aperfeiçoamento humano¹ a partir de segmentos sociais (que se valem de novas tecnologias) cujas práticas culturais marginais pretendem superar a condição *excessivamente humana* do corpo. Suas iniciativas se circunscrevem à modificação corporal extrema, que geralmente começam pelas tatuagens e *piercings*, mas estendem-se às transformações mais radicais que perpassam a arte performativa e incluem determinados movimentos culturais. Essas empreitadas também possuem uma perspectiva lúdica e exploratória, onde a tecnologia é empregada por não especialistas com objetivo de aumentar a capacidade sensorial do organismo. As ações que fusionam o corpo às produções contemporâneas *underground* – geralmente nos círculos artísticos e tecnófilos - são definidas como *body hacking*², traduzido livremente como “pirataria do corpo”. A aproximação dos *body hackers* ou piratas do corpo é *voluntária e experimental*, e resulta no desenvolvimento de uma relação sem precedentes com a corporalidade, viabilizada pela reapropriação individual de tecnologias advindas, sobretudo, do domínio médico. Esses indivíduos, geralmente sem qualquer deficiência física, buscam habilidades humanamente atípicas que proporcionem um desempenho “sobre-humano”.

A fim de obter um trabalho que abarque outra visão do aperfeiçoamento humano, conduzimos uma pesquisa empírica sobre essa tendência arbitrária, reunindo experimentações realizadas pelos indivíduos definidos como *body hackers*³, *self-made cyborgs*⁴ ou *grinders*⁵. Estes

¹ *Human enhancement* ou aperfeiçoamento humano se constitui na intersecção da tecnologia digital e nanotecnologia, que permitiria o homem ir além das atuais restrições do corpo e da mente. Equivale, qualquer tentativa, seja temporária ou permanente, de superar os limites impostos pelo corpo humano por meio de intervenções tecnológicas e científicas. As tecnologias de aperfeiçoamento humano não possuem finalidade unicamente terapêutica, mas de aumento, aperfeiçoamento das capacidades sensoriais e cognitivas do homem. Debaixo do termo “aperfeiçoamento humano” encontra-se uma variedade de tecnologias emergentes e futuras, incluindo drogas que aumentam a capacidade cerebral, neuroimplantes que substituem a visão ou outros sentidos, tecnologias de reprodução, entre outros.

² A humanidade sempre inventou técnicas para aumentar sua capacidade. Hoje, o uso de próteses e implantes tem inspirado cientistas e artistas (ANDRIEU, 2007, 2008; CLAVERIE, 2010).

³ Disponível em: http://www.slate.com/articles/technology/superman/2013/03/cyborgs_grinders_and_body_hackers_diy_tools_for_adding_sensory_perceptions.html, acesso 13 de fevereiro, 2014.

⁴ Disponível em: http://www.slate.com/articles/technology/superman/2013/03/cyborgs_grinders_and_body_hackers_diy_tools_for_adding_sensory_perceptions.html, acesso 13 de fevereiro, 2014.

⁵ Disponível em: <http://www.theguardian.com/technology/shortcuts/2012/aug/19/grinders-cult-of-man-machine>, acesso 13 de fevereiro, 2014.

termos se referem a amadores, cientificamente inclinados⁶, que se apropriam de forma original das técnicas e dos conhecimentos de disciplinas científicas com o objetivo de desvencilhar o corpo natural de suas limitações orgânicas. Essas categorias não se distinguem e nem disputam entre si; fazem parte de uma mesma tendência alicerçada na denominação *Do-it-Yourself*⁷ que, literalmente, significa “Faça você mesmo”. Além disso, acreditam que “tudo é possível” e se questionam “por que não?” agir da forma que desejam. Nossa hipótese é que eles integram uma ideologia neoliberal fundamentada na crença absoluta do progresso científico, onde a escolha e a vontade individual são altamente estimadas.

Ao mesmo tempo, posicionam-se contra os padrões corporais da construção da aparência da sociedade contemporânea, questionando a normatividade física por intermédio de transformações corporais emblemáticas. Até certo ponto, os piratas do corpo apresentam um discurso subversivo de autoemancipação e demandam o acesso igualitário aos benefícios do desenvolvimento tecnológico, visando estruturar as modificações no próprio corpo sem respeitar as “leis da natureza”.

Atualmente não existem dados quantitativos da composição dessa tendência, todavia, qualquer desqualificação de sua relevância deve ser desmerecida, pois um olhar atento aos espaços ou ambientes de circulação desses indivíduos evidencia o interesse crescente por tais práticas. O campo específico da pirataria do corpo tem ascendido, abrangendo inclusive uma parcela da sociedade alheia à cibercultura e que não possui nenhum tipo de modificação física extrema. Paulatinamente, técnicas de aperfeiçoamento humano infiltram-se na sociedade atraindo aqueles que buscam experiências lúdicas com o corpo, num cenário onde o repertório de

⁶ Fiévet (2012) escreveu o primeiro livro sobre essa tendência *underground* e defende que o *body hacking* consiste numa iniciativa voluntária realizada por indivíduos que estão dispostos a alterar os seus corpos, associando-lhe componentes artificiais, assim como os novos dispositivos tecnológicos que podem ser inserido ao corpo. Um *hacker*, em relação à cibernética, faz uso de ferramentas tecnológicas adapta suas operações após extensa pesquisa. Uma vez que ele descobre o funcionamento dessas ferramentas, ele não hesita em lhe fazer modificações de acordo com as suas necessidades. O comportamento dos hackers seria transponível conceitualmente ao *body hacker*, exceto que ele é adequado ao corpo humano.

⁷ Este termo, já encontrado entre os punks nos anos 1970, designa genericamente todo tipo de tarefa realizada por amadores que dispensam o auxílio de profissionais para o desempenho de várias tarefas, ou seja, está fora dos circuitos de uma produção tradicional e, entre os *body hackers*, a explosão cibernética ajudou a conceber e inspirar essa geração.

possibilidades é amplamente diversificado. A internet (blogs, sites, fóruns de discussão, fotos e vídeos tutoriais, etc.) desempenha um papel importante neste processo, visto que oferece uma exposição global para os aprendizes ciborgue, permitindo-lhes escolher suas próprias experiências e corporalidades.

Apesar de serem pequenas, devemos ter em mente que estas subculturas semicientíficas são dinâmicas e produzem inovações surpreendentes, como: implantes que aumentam o desempenho sexual; microchips que controlam e comunicam para dispositivos eletrônicos externos informações sobre o funcionamento interno do corpo; implante de magnetos que produzem sentidos extras até próteses robóticas (feitas com brinquedos Lego). Embora o *design* ainda permaneça simples (mas ousado), eles se empenham no desenvolvimento de implantes funcionais e práticas mais seguras. Esses “exploradores do corpo” também reivindicam total liberdade nessas iniciativas. Deleitando-se com o risco, a maioria deles recusa a “sacralidade do corpo” que cercearia as possibilidades de transformação física.

Diante do apresentado, essa pesquisa se interessa pelo tratamento que os *body hackers* reservam ao corpo, buscando identificar quais leituras fazem e, em consequência, quais corpos constroem e projetam, e para quais sujeitos humanos. Estas questões parecem essenciais considerando o contexto atual do progresso tecnocientífico que propõe uma relação simbiótica entre o corpo e a tecnologia - principalmente no campo da robótica, biônica e biotecnologia - para compensar uma falha física e, na medida do possível, fornecer funções adicionais.

Ao longo desse trabalho, abordaremos o desenvolvimento e a integração dessas práticas, bem como as transformações fisiológicas inovadoras resultantes desse processo, e ainda como os indivíduos produzem outra relação com o organismo criando corpos múltiplos (dependendo do ângulo focado). Tendo em vista o amplo aperfeiçoamento tecnológico e o ímpeto científico de recriar e aperfeiçoar o homem, a pesquisa traz demonstrações provocantes e desconcertantes de projetos individuais que evidenciam o aprimoramento humano por meio da utilização de componentes protéticos de baixo custo. As ilustrações consistirão em uma série de ações que sustentam a ideologia de que seres humanos podem e devem transcender seus corpos pela mediação da tecnologia e que não precisam esperar por procedimentos demasiadamente custosos. Geralmente, essas práticas são produto de uma confluência de múltiplos eventos, que incluem

desde uma compreensão mais “flexível” da biologia humana até um certo conforto com as modificações corporais extremas.

O discurso propagado pelos *body hackers* sustenta uma mudança de paradigma em relação à evolução humana. Constantemente, estes indivíduos, indagam acerca do futuro da nossa espécie, apontado para discussões de cunho ideológico pós-humanistas e transumanistas. Os *body hackers* corroboram com estes movimentos culturais e intelectuais fomentando uma transformação profunda e radical da condição humana por intermédio das novas tecnologias, e assim, promover o que acreditam ser o próximo estágio evolutivo humano, qualificado como pós-humanidade.

O pós-humano indaga sobre o futuro do homem e de seu corpo. Em 1970, Alvin Toffler - escritor futurista e sociólogo- teria lançado as bases da ideologia pós-humana, mesmo sem jamais ter evocado a necessidade do homem ter que decidir constante e antecipadamente as trajetórias do seu futuro. O escritor caracterizou essa nova era como estando alicerçada na *mobilidade extrema, flexibilidade radical e hiperescolha*. Até hoje, muitos pesquisadores como Katherine Hayles, Jeffrey Deitch e Francis Fukuyama, empreenderam tentativas notáveis de caracterização desta disputada terminologia. Alguns autores identificam a ao transumanismo, mas de forma geral, ambos significam a transformação da natureza e da existência humana por meio das novas tecnologias; alguns, inclinando-se especialmente na tradição e conceituação filosófica da Europa continental, a partir de Heidegger a Foucault e Deleuze - incluindo movimentos ecocêntricos que estendem o valor inerente a todos os seres - interpretam como um movimento totalmente contrário, cuja relevância foca o sujeito humano, a agência e suas preocupações. A questão geralmente imposta contesta se esta última forma seria um desenvolvimento positivo que nos permitiria conviver com a realidade ou solução velada tendo em vista a responsabilidade diante da inquietante crise ecológica que enfrentamos.

Numa perspectiva completamente diferente, as tendências alternativas alegam que o pós-humanismo consiste no aviltamento e reducionismo da agência e do homem. Para Katherine Hayles (1999), este novo ser híbrido seria tão intenso e multiplamente unido à tecnologia que seria difícil distinguir entre organismos orgânicos e artificiais. A essência do projeto pós-humanista é rotular os organismos vivos a fim compará-los com uma maquinaria mais ou menos

complexa que justificaria sua manipulação deliberada. Segundo o filósofo Andy Clark (2003) os pós-humanistas acreditam que a humanidade se tornará ciborgue a partir do nascimento, isto é, o corpo será composto de um conjunto de elementos puramente utilitários, de potencialidades, que não poderão ser danificados e que irão interagir cada vez mais com entidades artificiais e com o ambiente.

Já o transumanismo é um movimento cultural e intelectual constituído de ideólogos que aspiram tanto a superação da espécie humana bem como de sua condição atual - considerada imperfeita - por meio das tecnologias emergentes (nanotecnologia, biotecnologia, tecnologia da informação e ciência cognitiva), a fim de estabelecer a era do “homem aperfeiçoado”: um ser livre de toda restrição, doença e morte. Os transumanistas abraçam o aprimoramento tecnológico, paradoxalmente, compartilham os valores do Iluminismo (foco na razão, negação da verdade absoluta, crença no progresso, etc.). Seja para os pós-humanistas ou transumanistas, o corpo humano é concebido de acordo com a ideologia do aperfeiçoamento e da duração. A condição *natura naturans* de Descartes é substituída pela *artem artifact*, o homem abandona a condição de ser criado assumindo o papel de criador. Para alguns, o sonho de Prometeu não está distante.

O fenômeno pós-humano tem múltiplas formas e o *body hacking* é uma delas. Em geral, o sentido de pós-humanismo frequentemente compartilhado pelos *body hackers* ultrapassa a ambição de superar o estágio evolutivo atual e inclui o desejo de transformar características fundamentais da espécie humana (e não apenas o desempenho físico e cognitivo). Apesar de compartilhar as mesmas ambições ideológicas, os *body hackers* preferem agir no presente, recusando tecnologias caras para conquistar o aperfeiçoamento humano e que requerem aprovações científicas. Portanto, as dimensões que perfazem esse fenômeno complexo devem ser consideradas globalmente. De certa forma, o *body hacking* desafia a noção fixa que define o humano e suas fronteiras e levanta indagações relativas à vigilância, ao monitoramento, à substituição sensorial, à afetação da habilidade de comunicação e pensamento multidimensional, às operações remotas, só para citar alguns. No entanto, o denominador comum continua sendo a melhoria biológica e cognitiva.

A temática dessa investigação surgiu do interesse pessoal por questões que envolvem a construção e o valor da corporalidade no mundo contemporâneo. Inicialmente, durante o

mestrado, abordamos os valores corporais compartilhados por determinadas mulheres brasileiras que escreviam para a revista feminina Boa Forma. Constatamos que no Brasil o corpo é vetor de inserção social, profissional e relacional, tido como importante símbolo de distinção. Desse modo, sua composição deve levar em conta os padrões ditados pela sociedade. Para que isso seja possível, exige-se um empenho para que as formas corporais se adequem ao idealizado e, em consequência, a mulher seja percebida como um sujeito “completo” e estimado entre seus pares. Sob essa perspectiva, o corpo modificado não é esfera de condenação, e sim de salvação; ele possibilita a manifestação do eu e permite o indivíduo se reportar ao mundo. Por conseguinte, todos os investimentos e preocupações com seu “bem estar” são dignos. Constantemente vigiado pelo próprio indivíduo, a obsessão pelos valores atuais de beleza, juventude e boa forma devem prevalecer. Diante de uma existência precária, o corpo, signo de distinção, tornou-se centro da identidade precária e instável. Concluimos que em tempos onde os indivíduos solicitam o direito a liberdade sobre o próprio corpo, é evidente que não se trata de *qualquer corpo* que está livre para se apresentar sem atrair olhares de condenação ou reprovação; mas sim os corpos jovens, magros, esculpidos, frutos da disciplina física e alimentar. E aqueles que se apresentam antagonicamente são taxados de descuidados e sem domínio próprio. Entre as mulheres pesquisadas, inculca-se o sentimento de fracasso e de incompletude enquanto indivíduo, e principalmente, como mulher. Nesse paradoxo, afirmamos que a libertação do corpo não consiste em uma liberação *para* o corpo.

Entretanto, o corpo é paradoxal e está numa encruzilhada de questões e preocupações. Se por um lado está sujeito à produção e é susceptível aos interesses do capitalismo, de outro, é tratado como membro supranumerário do indivíduo e considerado a parte maldita e estorvante que dever ser alterada ou totalmente substituída. Ele é objeto da utopia técnica e científica vista no horizonte cuja visão racional de sua produção confere ao indivíduo liberdade de ação (apesar de desconsiderar que este agenciamento é alimentado do imaginário de um corpo são, controlado e submisso às injunções médico-tecnológicas).

Durante as pesquisas de preparação do projeto de doutorado, buscamos um tema inovador e que se desprendesse das fronteiras normativas do corpo. O intuito era verificar os limites da exploração do corpo e as práticas extremas conferiam algumas pistas. O objeto dessa pesquisa

despontou durante a leitura de um artigo que mencionava o movimento chamado *Body Hactivism*. Na internet descobrimos que se tratava de uma corrente cujos indivíduos não refutavam valores e utopias tecnocientíficas, ao contrário, eram grandes entusiastas, entretanto, decidiram usufruí-los diversamente. Logo, esse fenômeno se destacou entre outras possibilidades e seu caráter inédito foi um trunfo. De forma geral, o *body hacking* é um microcosmo desse fenômeno de recomposição física promovido pela biomedicina e que atinge a sociedade por completo, uma vez que interroga a condição do homem face ao progresso tecnológico.

Apesar do discurso *body hacker* sugerir um relativo desprezo pelo corpo natural acarretando em alguns o desejo de libertar-se do mesmo, tal teoria é dificilmente sustentável, porquanto o corpo continua sendo o centro de todas as ações (ainda que constitua um recurso para a crítica). Portanto, o pós-humanismo, da forma que é concebido por esses atores, reconfigura a corporalidade aproximando-a das tecnologias, contudo ainda permanece fundamental na experimentação desse novo estágio evolutivo que defendem.

Esta tese assemelha-se a imagem de uma cidade em fase de reconstrução, onde são apresentadas perspectivas distintas, lugares diversos, mas que apesar da reconstrução mantém as mesmas torres ou campanários. Ela está estruturada em quatro partes. A primeira organiza-se em torno do modo de composição e formação desse fenômeno social. Como fundamento metodológico foi adotada a “sociologia das associações”, tal como apresentado por Gabriel Tarde, ou a “teoria ator-rede”, proposta epistemológica de Bruno Latour. Não consideramos as teorias que abordam relações *out there*, muitas vezes inexistentes, como ponto de partida; o interesse reside no que os atores têm a dizer sobre o que fazem e a forma que fazem.

Nesse empreendimento, são revisitadas determinadas incertezas sugeridas por Bruno Latour e que, na “sociologia tradicional”, são tidas como verdades, entre elas: não aceitamos antecipadamente a existência dos grupos, pois optamos acompanhar os atores em sua constituição ou em seu desmantelamento. Posteriormente, não tomamos a ação como uma garantia, e sim como imprecisão a ser desvendada no seguimento dos rastros dos atores. Além disso, acreditamos que os atores não-humanos podem mediar a existência coletiva em virtude da capacidade de modificação dos fenômenos e criação de relações. Também focamos as questões relativas aos interesses individuais dos atores e a descrição de cada etapa, trazendo para primeiro plano as

controvérsias e, por último, conferimos atenção especial à descrição dos relatos a fim de determinar as peculiaridades que constituem esse fenômeno. Ainda nesse capítulo, destacamos a impossibilidade de mantermos as dicotomias ocidentais, sobretudo a divisão entre natureza e cultura, que foram arbitrariamente construídas na modernidade. Tais esclarecimentos têm relativa importância, visto que constituem a chave para a compreensão do estatuto que o corpo alcançou na contemporaneidade. Por último, concluímos com uma discussão sobre o corpo a partir da teoria ator-rede, cuja perspectiva sustenta que o ele não é algo com o qual começamos, mas que constituímos durante a existência no mundo.

No segundo capítulo, delimitamos o contexto *underground* da modificação corporal pirata, trazendo para o centro da análise o ponto de partida da pesquisa: o *Body Hactivism*. Esta corrente, criada no ano de 2000 pelo modificador corporal francês Lukas Zpira, constitui-se de pessoas inspiradas pela tecnociência, pela cultura mangá e pela ficção-científica, e que trabalham conceitual e empiricamente sobre o tema do corpo modificado. Seus entusiastas, definidos como *body hactivists*, estão dispersos na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, e se conectam através de uma rede que buscamos seguir. O *Body Hactivism- a Manifesto* foi formulado por Lukas Zpira e lançou o fundamento dessa ideologia. Neste, articulam-se questões políticas, artísticas e filosóficas às possibilidades de transformar o corpo radicalmente. Nessa corrente, o objetivo consiste em ultrapassar as fronteiras impostas pela sociedade, entendidas por eles como conservadoras e castradoras da liberdade individual.

No terceiro capítulo, que abrange a maior parte da pesquisa de campo, percebemos que muitos relatos sobre o *Body Hactivism* não convergem numa versão singular sobre o corpo e o movimento, interferindo diretamente em suas práticas relacionadas à modificação física. São apresentados os demais dados coletados na observação participante nos Estados Unidos, destacando o desafio de acompanhar uma corrente que, além de não ter fronteiras estabelecidas, não possui exigências mínimas de adesão. Atentando aos detalhes da constituição desse fenômeno, tentamos lançar luz sobre a forma como os indivíduos inseridos no contexto administram a complexidade de seus discursos para concatenar suas ações.

Não obstante, os *body hactivists* também se reapropriam do corpo através das performances. Por meio delas, tencionam a desconstrução da “normatividade” corporal,

emancipando o corpo do determinismo pós-humano, definido por sua substituição em proveito da tecnologia - tese muito difundida entre as correntes pós-humanas. As performances evocadas concedem elementos para a reflexão direta sobre o organismo híbrido, aportando um discurso alternativo sobre a relação com o mundo e sua biocenose. Além disso, elas interrogam a aceção do corpo natural e propõem transformações físicas por intermédio de componentes protéticos, ao mesmo tempo em que questionam a utilização das novas tecnologias.

O último capítulo aproxima-se das iniciativas inovadoras reunidas entre os *body hackers*, salientando a estreita interação do corpo e do ambiente mediante a criação/manipulação individual de dispositivos. Os experimentos com implantes de microchips, de magnetos, a reviravolta do olhar relativo às próteses (que convertem a deficiência em vantagem do ser), sugerem a integração de elementos inorgânicos à síntese corporal. Essas empreitadas visam fornecer funções físicas desconhecidas ao corpo biológico, estendendo sua ação ao metamorfosear a natureza. Estes elementos se tornam a extensão da equação corporal, superam as fronteiras físicas e geram um corpo cujas alternativas foram enriquecidas. Isto é, sustentam o argumento da *plasticidade* e da *maleabilidade corporal*. Portanto, através de várias ilustrações existentes, muitas das quais foram omitidas visando uma sequência comportamental mais coerente, é perceptível que aquilo que por muitos é considerado uma transgressão do humano é apresentado por eles como uma espécie legítima de reconfiguração física e desmantelamento do conceito de normatividade baseado no Humanismo.

Todos os argumentos serão retomados com riqueza de detalhes ao longo do texto apresentado, mais especificamente nos dois capítulos que compõem a etnografia. Não é somente a individualização dos comportamentos que interessam na análise da produção corporal, tanto quanto o sujeito e a subjetivação das ideologias dominantes que se inserem nesse fenômeno. Todas essas aproximações, por vezes combinadas umas as outras, fornecem uma estrutura analítica pertinente sobre a constituição do corpo, aportando um esclarecimento diversificado sobre o *body hacking* sem, contudo, cair em um conjunto teórico díspar.

Será que o homem um dia será equipado com um leitor de áudio que não é carregado no bolso, porém no interior de seu corpo? Alguns já evocam uma “estética ciborgue⁸”, sugerindo que elementos externos, e indissociáveis ao humano, se tornarão “naturais”. De qualquer modo, não há dúvidas que as transformações físicas propiciadas pela tecnologia provocam e questionam crenças normativas estabelecidas acerca do corpo, de suas ações pressupostamente inerentes, de sua aparência e de seu comportamento. Veremos como na presente investigação as distinções natureza/cultura e corpo/tecnologia são pouco eficazes para qualificar a separação entre o homem e a técnica no sentido amplo do termo; entretanto, permitem uma aproximação preliminar da especificidade humana em viver “com”, “na” e “pela” técnica. Consequentemente, é possível afirmar que o homem é artifício, não por definição, mas por existência (QUEVAL, 2008).

Por fim, destacamos que o corpo se “tecnologizou” a tal ponto de ser definido como um “corpo técnico” (MUSSO, 2013). Cabe a nós, cientistas sociais, observar essas mutações em curso e prover uma reflexão que destrinche as implicações dessas novas interações entre o humano e a técnica, e que mobilize a incessante construção da corporalidade – e este é o objeto da presente tese.

⁸ A título de ilustração, podemos citar o engenheiro, biofísico e alpinista Hugh Herr.

2 ANCORAGEM METODOLÓGICA: COMO (NÃO) FALAR DO SOCIAL

*The path to science requires, on the contrary, a passionately interested scientist who provides his or her object of study with as many occasions to show interest and to counter his or her questioning through the use of its own categories*⁹ (LATOURE, 2004, p. 218).

Nesse capítulo, o intuito é esclarecer a aproximação adotada para a observação do fenômeno do *Body Hacktivism* e como ele se compõe frente à contemporaneidade. Para tanto, serão afastadas certas posições sociológicas que não contribuem para esclarecer as questões colocadas, tendo em vista que elas desconsideram os atores dos fenômenos sociais. Inicialmente, deslinda-se o que implica por “social”, além daquilo que não depende do termo. Sabemos que o adjetivo “social”, quando adicionado a algum fenômeno, tem a capacidade de designar os laços mobilizados para abranger os eventos. Certamente não há nada de errado no uso da palavra, todavia, surge a ressalva de sua utilização para designar algo que *já* está reunido, sem fazer suposições adicionais sobre a *natureza* do que foi agregado (LATOURE, 2005a). Segundo Bruno Latour, o verdadeiro problema surge quando esse adjetivo designa algo distinto. Segue nosso principal argumento. Iniciar uma investigação estabelecendo *a priori* a noção de social é supor aquilo que deve, em qualquer pesquisa, ser explicado, isto é, as engrenagens que o constituem e alteram o social, seus laços e o emaranhado de amarrações que o compõem. Acreditando na fertilidade dessa hipótese, abandonamos o procedimento que enraíza o social em todos os fenômenos, objetivando avançar em direção a uma efetiva compreensão do dinamismo processual e constante de todas as conexões (e não conexões) que constituem os fenômenos estudados.

Sociedade, social, dimensões sociais, fatores sociais, práticas sociais, poder, classe, dominação, e muitos outros termos, carregam em si uma explicação para os acontecimentos que

⁹ “O caminho para a ciência implica um cientista apaixonadamente interessado, que proporciona ao seu objeto de estudo as ocasiões necessárias para mostrar interesse, e para responder às questões que lhe coloca recorrendo às suas próprias categorias”.

os cientistas sociais desejam compreender, para tanto, torna-se necessário segui-los e descrevê-los.

No século XX, diversas teorias sociais foram elaboradas com o objetivo de distingui-las de outros domínios da realidade, tais como o econômico, geográfico, psicológico e científico. Essas eram nomeadas como “sociais” se possuísem determinadas particularidades (LATOURE, 2005a). Uma vez definidas e providas de tais propriedades, seriam capazes de lançar luz a um fenômeno social, dito de outra forma, o social explicaria o social. Nesse ínterim, constituiu-se o domínio técnico e científico, legando ao domínio social os fenômenos que não possuísem os parâmetros das primeiras esferas.

O termo “sociologia”, cunhado por Augusto Comte, deriva do latim *socius*, que significa associações, e do grego *logos λόγος* que, por sua vez, significa conhecimento ou saber. Consoante a essa etimologia, a aspiração da sociologia deveria primar pelo conhecimento dos indivíduos e de suas associações. No que se refere às associações, consideramos aqui as perspectivas apontadas por Bruno Latour, que tenta restaurar a “sociologia das associações” tal como proposta por Jean-Gabriel Tarde. Latour alega não ser razoável sustentar a noção de uma sociedade anterior aos indivíduos. Ele sugere que englobemos os indivíduos com suas múltiplas e complexas relações como fundadores do social.

O social é composto de elementos que atravessam condutos minúsculos e por vezes imperceptíveis, mas criadores da realidade e da sociedade. Nenhum indivíduo, em qualquer sociedade, é capaz de constituir-se sem a cooperação de um imenso número de outros indivíduos e elementos, ainda que na grande maioria das vezes os últimos sejam ignorados (TARDE, 2003). Isso autoriza a concepção de uma proposta simétrica generalizada, ou seja, conjecturar tanto humanos quanto não humanos como atores cujas redes de práticas sociais são interdependentes (LATOURE, 1994) ou estão em interação (HARAWAY, 2006). Deste modo, abandonamos o social como explicação, colocando-o em outro patamar: o de sua explicação. A questão colocada aqui consiste em como explicar o social pela sua reagregação, reinvenção e recomposição

(LATOURE, 2005a). Na sociologia de Durkheim¹⁰ as conjecturas que posicionam os fatores sociais, a sociedade, e o social estão em estado flutuante. Estas não são mais do que suportes de uma representação coletiva quase autônoma. Apesar desse enraizamento, ela não reflete nada além de uma tautologia que obscurece a *constituição do social*.

A reformulação sociológica, da forma proposta por Latour (2005a), visa transformar a concepção da sociologia tradicional em prol de uma sociologia que focaliza as associações, assim como Tarde (2003) concebeu. Tarde (2003) e Latour (2005a) entendem o social como vínculos entre os atores em processo de tradução/translação¹¹. Para conhecer as conexões é necessário o seu rastreamento, ou seja, persegui-las. A distinção entre o conceito do social, de Durkheim, para a sociologia das associações, de Tarde, é que este consiste na visão do social como um atrelamento entre acontecimentos que não são sociais em si, e ainda não possuem nenhuma força superior ou desconhecida atuando por trás deles. Na realidade essas atividades estão unidas de tal forma que produzem o social e, conseqüentemente, a sociedade. Essa definição se distingue da sociologia do social por não sustentar a ideia do mesmo como dado *a priori* que antecipa a ação, visto que o social é sua decorrência. O debate que apresenta como explicação “a sociedade” encontra-se exaurido e não traz avanços sociológicos, contentando-se em reproduzir os clichês.

A essência do trabalho de Jean-Gabriel Tarde apoia-se no fazer pensar a diferença como dimensão substancial das coisas. Ao invés de partir da identidade, tal como é feito ordinariamente, a ontologia da diferença tem como ponto de partida os vínculos sociais. Além disso, a diferença é fortalecida no próprio movimento de diferenciação e cria condições para a novidade, a invenção e altera as possibilidades do pensar e do agir. Da mesma esfera que o social, a identidade requer considerações aprofundadas. É a diferença que a fortalece e, ao mesmo tempo, gera mais diversidade e não unicidade. Lançar a âncora da identidade é acreditar que as

¹⁰ O conceito de social, que epistemologicamente tem a ver com relação, foi enxugado na sociologia de Durkheim. Já a sociologia das associações que Latour pretende resgatar busca em Jean-Gabriel Tarde aquele elo perdido no qual o social significa qualquer relação (natural e não-humana) bem como sua base epistemológica indica.

¹¹ O conceito de tradução ou translação é o cerne do dispositivo teórico de Latour (1994), tanto que a sociologia das associações é também chamada de sociologia da tradução. Quando Latour fala de tradução ele se refere ao processo de produção dos híbridos (“quase objetos” e “quase sujeitos”), isto é, a associação heterogênea entre os atores humanos e não-humanos que conectam sociedade, ciência e tecnologia.

coisas, mesmo quando refeitas, permanecem uniformes. De forma perspicaz, Tarde questionou: “Se tudo vem da identidade, se tudo visa à identidade e para ela vai, qual a fonte desse rio de variedade que nos deslumbra? Em estando certo, o fundo das coisas não é tão pobre, tão monótono, tão descolorido quanto supomos” (2003, p. 78). Na posição precursora da teoria alternativa do social defende também:

Que toda coisa seja uma sociedade. Ora, é surpreendente que a ciência tenda, através de uma sequência lógica de suas tendências precedentes, a generalizar estranhamente a noção de sociedade. Ela fala de sociedades animais [...], de sociedades celulares – e por que não se sociedades atômicas? [...] Todas as ciências parecem se tornar ramos da sociologia (TARDE, 2003, p.49).

Devido a uma “falsa inteligência do sentido” (TARDE, 2003), muitos foram levados a considerar sociedades como organismos, e, após a teoria celular, os organismos se tornaram sociedades de uma natureza à parte. Gabriel Tarde apontou que “a ciência assimila e, cada vez mais, os organismos aos mecanismos, colocando entre o mundo vivo e o mundo inorgânico as barreiras de antigamente. [...] O abismo entre a natureza dos seres inorgânicos e a natureza dos seres vivos não é intransponível” (2003, p. 50-51). As relações chamadas de sociais e a criação da sociedade perpassam os atores e agentes que não se limitam aos indivíduos, como mencionado anteriormente a respeito dos quase sujeitos e quase objetos. Elas incluem qualquer entidade com funcionamento próprio. Os elementos não-humanos também podem ser agentes, “assim como proprietários; mas eles podem ser proprietários sem ser agentes, e não podem ser agentes sem serem proprietários, pois sua ação somente se revela enquanto mudança sofrida pela natureza de sua posse” (TARDE, 2003, p.89).

Essa aproximação, que se diferencia da sociologia do social, é também definida como Teoria Ator-Rede¹². (LATOURET, 2005a). De início, segundo o próprio Latour, haveria quatro ressalvas nessa concepção: as palavras ator, rede, teoria e hífen. A palavra “rede”, com a popularização do *world network*¹³, deixou de significar, como o termo rizoma de Deleuze e

¹² *Théorie de l'Acteur-Réseau* e doravante TAR.

¹³ Em inglês *network* e em francês *réseau*.

Guattari, uma série de transformações que não poderiam ser capturadas por nenhum termo da sociologia tradicional. Contemporaneamente, essa palavra denota um transporte sem nenhuma deformação e um acesso não mediado a toda informação. Esse sentido é exatamente o oposto do que a TAR propõe. Não obstante, a palavra ator com sua conexão hifenizada rede. O hífen relembra os sociólogos do clichê agência/estrutura e muitos mal-entendidos advieram desse acoplamento de termos. Igualmente as críticas alternam, previsivelmente, entre os polos ator e rede. A palavra “ator” não está apresentada aqui para desempenhar o papel da agência e nem o da “rede” para desempenhar o da sociedade, porquanto “*Actor and network- if we want to still use those terms- designates two faces of the same phenomenon*”¹⁴(LATOUR, 2005b, p.19). E, por último, a palavra teoria. A TAR não visa teorizar do que é feito o mundo ou contextualizar o comportamento social dos atores.

*Actors know what they do and we have to learn from them not only what they do, but how and why they do it. It is us, the social scientists, who lack knowledge of what they do, and not they who are missing the explanation of why they are unwittingly manipulated by forces exterior to themselves and known to the social scientist's powerful gaze and methods*¹⁵ (LATOUR, 2005b, p.19).

A TAR é um método para aprender com os atores sem impor definições antecipadas sobre sua capacidade de construção do mundo. O interessante são as ações e conexões que os associam à rede estabelecida, mantendo-os fiéis às percepções da etnometodologia.

2.1 Os mediadores, os rastros e as incertezas que devem ser superadas

Diante disso, é cabal a distinção entre duas entidades: o intermediário e o mediador. Enquanto o primeiro somente transmite a ação sem qualquer outra função, o segundo participa ativamente ocasionando transformações. Na TAR os *inputs* e *outputs* dos intermediários são

¹⁴ “Ator e rede – se ainda quisermos usar esses termos- designam duas faces de um mesmo fenômeno”

¹⁵ “Os atores sabem o que fazem e nós temos que aprender com eles não somente o que fazem, mas “como” e “por quê?”eles agem. Somos nós cientistas sociais que carecemos de conhecimento do que eles fazem; e não eles que necessitam de explicação do por que eles são inconscientemente manipulados por forças exteriores a eles e conhecido pelo olhar poderoso do cientista social e de seus métodos.”

completamente previsíveis e servem unicamente como meio para transportar uma causa anterior, não acrescentando nenhum dado. Diversamente, quando estes agem como mediadores, a capacidade de processamento lhes é conferida. Logo, podem suscitar transformações e possibilitar a existência de algo inédito e repleto de novos sentidos¹⁶. Quando os mediadores agem, os interesses são negociados e as resistências entre si e entre outros atores são contornadas. Igualmente, os atores podem atuar como simples intermediários, nesse sentido não é possível deduzir a causa de seus efeitos. A conexão firmada necessita ser reconstruída e então rastreada. Não quer dizer que a conexão jamais tenha existido. O ponto de destaque aqui demonstra dissimulação na objetivação por parte dos atores operadores, sendo tratados como intermediários quando na realidade eram mediadores. Felizmente, quando esses atores são observados em sua emergência é possível encontrar tais atrelamentos, notando como são estabelecidos e quais suas configurações. Cada mediador pode alistar e ser alistado por outros atores em outras redes, configurando determinados efeitos de rede que não poderiam ser deduzidos diretamente de uma causa anterior e exterior a essa concatenação. Esses efeitos só existem dentro dessas circulações, e não *out there*.

Para a TAR, é fundamental diminuir o ritmo dos movimentos, nos abirmos às interrupções, interferências e deslocamentos despontados ao longo da investigação. Além do imprescindível abandono da maquinaria trazida como explicação das ações que estão além da compreensão dos sujeitos, também a questão da identidade como norte definidor das relações, dando espaço para as heterogeneidades individuais, a multiplicidade e a força criadora dos atores. Existir é diferir, já proferiu Tarde.

Como é possível nos tornarmos bons relativistas sem nos alimentarmos das controvérsias das quais o mundo é feito? Como se preparar para a aventura em um terreno completamente novo? Instituído uma metáfora com o campo da geografia, mais especificamente a cartografia, explanamos a necessidade fundamental em deixar o mundo social “plano”. Isto significa tornar

¹⁶ Os mediadores são apresentados por Latour (2001) como seres que não são nem puramente humanos ou não-humanos. Eles são chamados de actantes (atuantes), termo emprestado da semiótica, pois a palavra ator se limita a humanos. Nesse trabalho, quando falarmos de atores, estaremos nos referindo também, de forma intercambiável, aos não-humanos, isto é, aos actantes.

visível qualquer articulação estabelecida e abandonar a polaridade indivíduo/sociedade, micro/macro, natureza/cultura. É válido dizer que quando não consideramos as polaridades, não assumimos um compromisso com a média (LATOUR, 2005a). Essas características da sociologia clássica não auxiliam a compreensão da configuração heterogênea das redes e dos atuantes. Portanto, é no plano que se deve traçar as relações, descobrir e descrever processos locais de orquestração social e ordenamentos e explorar o processo de tradução que gera efeitos de ordenamento (LAW, 1992). Entretanto, esse percurso plano e lento tornou-se desinteressante aos analistas e a conexão realizada pelos atores deixou de ser o melhor caminho. Os analistas preferem trajetórias próprias. O que dizer senão que são os atores que vivem e inventam o social? Suas conexões devem ser rastreadas e evidenciadas. E é preciso ir além, começando do princípio e qualificando os valores que circulam dentro das redes (LATOUR, 2012). De igual modo, a pesquisa deve desprender-se dos clichês e da intenção de desmentir as explicações fornecidas pelos atores sobre suas próprias conexões. Como os responsáveis por constituir o social, eles possuem o discurso legítimo sobre suas ações. As relações e conexões categorizadas pelos sociólogos previamente não são necessariamente as que existirão. O espaço está aberto aos atuantes. O sociólogo não tem por direito aparelhar os discursos para enquadrá-lo mais adequadamente em um arcabouço teórico, antecipadamente criado, sem ouvir os atores. A tarefa aqui consiste em desvendar como é arranjada a gama de controvérsias na qual estão imersos. Cabe ao ator definir e ordenar o social. E para encontrar uma ordem, a sugestão é traçar as conexões entre as controvérsias que surgem (LATOUR, 2005a, p.23) e todas devem ser cuidadosamente consideradas. Ignorar um ponto de vista é ignorar parte da controvérsia e subestimar os coletivos reunidos dos mais diversos.

Um dos grandes problemas da sociologia, imbuída da dualidade natureza e cultura, fundamenta-se em trasladar conceitos a locais que jamais fizeram uso destas noções. O que Latour propõe na sociologia das associações vai de encontro ao que a antropologia já vem tentando sustentar. Tendenciosamente concebida, a relação de conhecimento entre o pesquisador e o ator é tida como unilateral, e a alteridade dos discursos se resolvem em um englobamento, tendo em vista que a ciência social clássica pretende ser de ordem contrária à ciência dos atores. O pesquisador toma facilmente o ator como outro, e pensa ter uma vantagem de direito; afinal,

acredita saber muito sobre seu “objeto” e sobre o que lhe circunscreve antes mesmo de estar com ele, sustenta Viveiros de Castro (2002) em *O nativo relativo*. Ainda pondera sobre a antropologia, o papel do antropólogo e a concepção do conhecimento antropológico, que segundo ele é resultado:

(...) da aplicação de conceitos extrínsecos ao objeto [...] e como se realizam, é claro, pelas costas dos interessados. De outro [...], está a ideia de conhecimento antropológico como envolvendo a pressuposição fundamental de que os procedimentos que caracterizam a investigação são *conceitualmente* da mesma ordem que os procedimentos investigados (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.116-117, grifo do autor).

Voltando ao que Latour (2005a) tem reafirmado: a primeira concepção crê que cada sociedade toma para si soluções específicas de problemas universais, enquanto a sociologia das associações parte do ponto que o pesquisador nada sabe previamente dos problemas e das soluções. O núcleo da abordagem ator-rede consiste em como os atores mobilizam, justapõem e mantêm unidos os elementos e discursos que os constituem (LAW, 1992).

2.2 Das incertezas que devem ser revisitadas

A fim de prosseguir com a TAR, cinco incertezas (ou certezas para a sociologia do social) demandaram ser reexaminadas. Em se tratando de discorrer sobre atores que apareceram mais recentemente e não representam ainda os membros *bona fide* da “sociedade”, devemos desvendar as engrenagens que produzem o fenômeno (LATOURE, 2005a). O deslocamento é vagaroso e, para chegar ao destino, o fluxo das controvérsias assentadas pelos atores não pode ser interrompido. Um recurso muito mais científico na construção do mundo social de modo a não nos “afogar” no relativismo dos dados, e sim conduzi-los.

A primeira fonte de incerteza abarca a existência dos grupos. Os grupos não existem *a priori*. Eles são formados a partir das relações que integram um processo muito frágil e controverso onde os vínculos se alteram constantemente. Enquanto para os cientistas do social a preocupação consiste em estabelecer um grupo privilegiado, a experiência demonstra que existem inúmeras formações grupais essenciais na sociedade e com características diversas. Aqui existem duas opções: iniciar com a crença na pré-existência dos grupos ou seguir o caminho feito pelos

atores e os traços deixados ao constituí-los ou desmantela-los. Além disso, os grupos se formam e nem sempre subsistem, porque existem atores que não mantêm seus padrões relacionais por muito tempo, ao passo que outros se inserem em longas durações – principalmente se incorporarem relações de materiais duráveis. Não esquecendo que durabilidade também é um efeito relacional (LAW, 1992). A única coisa observável, na prática, é o grupo sendo formado, pois este deixa rastros que permitem definir as controvérsias e criar trilhas inesperadas; as controvérsias são elementos que permitem o rastreamento das conexões e que muitas vezes são tidas como irrelevantes pelo pesquisador.

Conectar-se com os grupos em ação e formação é a eleição metodológica da TAR, e não com os grupos já estabelecidos, onde os rastros deixados estão mudos e por vezes são invisíveis. Porém, se os rastros forem visíveis, então o pesquisador pode identificar a criação de dados novos e interessantes (LATOURE, 2005a). Ao mesmo tempo em que se abandonou uma lista pré-existente de grupos a pesquisa se depara com outras possibilidades. Na sociologia do social, os grupos existem num período de tempo e, aparentemente, não existe nada que os obrigue a existir permanentemente. Portanto, antes que os grupos se desfaçam, o pesquisador deve focar na conexão que os mantém enquanto coletivos, pois são eles quem criam as estratégias de união permanente, distinguindo-se de outros agrupamentos. E como isso é arranjado? Cabe ao pesquisador desvendar.

A segunda fonte de incerteza refere-se à ação, cerne de toda ciência social. Na sociologia clássica existiria uma força social que carrega a ação, geralmente tomada por garantia. Entretanto, a origem e a consequência da ação constitui sempre uma incerteza, devendo permanecer como surpresa, mediação ou evento. Por esse motivo, a partir da ação, das incertezas e das controvérsias devemos apurar quem age e sobre quem quando ocorre a ação (LATOURE, 2005a). Se para o sociólogo das associações o social não é capaz de explicar as ações, então cada manifestação dos atores deve ser precisamente ponderada. Voltando a primeira incerteza - e lembrando que os atores estão sempre formando, recriando e extinguindo grupos - cada ação provê contas discutíveis de cada ator, bem como dos outros em razão da interação. Nenhuma descrição deve ser menosprezada, desconsiderada, escutada com desatenção – ainda que pareça trivial - nem sequer traduzida automaticamente para o vocábulo da sociologia do social. As

explicações não devem ser facilmente “socializadas”. Os atores possuem construções metafísicas das mais variadas, possibilitando-os redefinir o social.

A questão da agência é crucial na filosofia e muito limitada na sociologia. Será que com a TAR essa questão não tende a se tornar ainda mais complexa em razão do número ilimitado de ações possíveis dos atores? O mapeamento dessa proliferação de ações não se torna mais difícil? Concordamos que essa é uma tarefa árdua, pois as agências são a partir de agora inumeráveis, mas com certeza existe uma forma de ordenar as controvérsias procedentes. A solução consiste em *eleger um conjunto limitado de ações para seguir*, que sejam capazes de afiançar ou desacreditar as ações dos atores. Essa liberdade de movimento é preferível às estruturas estabelecidas antecipadamente. Latour (2005a) aponta para uma lista de traços que podem se apresentar nas argumentações controversas das ações, são eles: a agência faz parte de um relato (ela está presente como algo sendo feito e trazendo alguma diferença para o estado das coisas); possui figuras de algum tipo (a figuração da agência é o que lhe caracteriza e lhe dá forma); se opõe a outras agências (os atores se envolvem em críticas a outras agências, apontam o que veem como os anti-grupos, tentam somar e/ou subtrair outros grupos vistos por eles como ilegítimos de existir) e são acompanhadas por alguma teoria explícita da ação dada pelos atores (eles são capazes de propor suas próprias teorias da ação e dizer como elas são conduzidas). Concordar com essa incerteza é tornar a sociologia uma nova disciplina capaz de conferir liberdade de ação aos atores. São eles que ao se concatenarem e atuarem como mediadores proporcionarão ocasiões de maximização das possibilidades: *“Recording not filtering out, describing not disciplining, these are the Laws and the Prophets”*¹⁷ (LATOURE, 2005a, p. 55). O social é o resultado de processos de associação momentâneos que, após serem rearranjados, pode ser reconhecido como sendo social.

A terceira fonte de incerteza concerne às características dos atores que são consideradas pela TAR, incluindo todas as entidades outrora ignoradas da existência e explicação coletiva. Não somente por razão da definição do social, como também em decorrência das conceituações de

¹⁷ “Registrar sem filtrar, descrever sem disciplinar, essas são as Leis e os Profetas”.

atores e agência. O papel dos objetos na construção da sociedade sempre foi ignorado, mais especificamente sua existência era limitada ao domínio das relações materiais e não simbólicas. A TAR se distingue dessa visão e estabelece que, qualquer entidade, material ou imaterial, capaz de alterar o estado das coisas ou introduzir uma diferença, deve ser considerada como ator ou actante. Discutir a posição dos objetos numa sociologia interessada nas associações significa retomar o debate do que constitui a Modernidade (LATOUR, 1994). Além de servir de intermediário para a ação humana, os objetos devem ser igualmente considerados atores pela capacidade de criar relações, afinal, atuam no aparecimento das conexões, das interações e no agrupamento dos coletivos. Não se trata de explicar que os objetos agem nos lugar dos humanos, e sim que não há diferenças de ação entre pessoas e objetos, sendo essa uma atitude analítica e que nada tem a ver com princípios morais (LAW, 1992). A verdade é que todas as interações são mediadas pelos objetos, como expôs John Law. Consequentemente, toda pesquisa deve explorar do início ao fim a lista do que está efetivamente envolvido num fenômeno. Talvez surpreenda considerar seriamente a ação dos objetos e dos híbridos, mas estes “*like humble servants, they live on the margins of the social doing most of the work but never allowed to be represented as such*”¹⁸ (LATOUR, 2005a, p. 73).

A incomensurabilidade do modo de ação dos objetos, muitas vezes mal compreendida pelos sociólogos do social, não se torna razão de separação de seus adequados laços sociais. Os híbridos são eficazes em criar e gerar imprevisibilidade e, as várias redes compostas de pessoas e objetos, participam da construção do social. Antecipamos que nenhuma possibilidade de associação deve ser tomada por concluída. Não se refere a uma reconciliação da dicotomia objeto/sujeito, e sim, um questionamento da ação e da agência de todos os atores, humanos e não-humanos. A capacidade de lidar com a comensurabilidade e incomensurabilidade dos atores é tarefa árdua para a TAR em razão da amplitude agregada aos objetos, além desse desafio, os objetos facilmente deslocam-se do papel de mediador para de intermediário. Nesse contexto é

¹⁸ “Como humildes servos, vivem na margem do social fazendo a maior parte do trabalho, mas nunca podem ser representados como tais.”

importante ao pesquisador criar estratégias que viabilizem a boa descrição das ações e impactos fornecidos pelos objetos.

A quarta fonte de incerteza diz respeito ao que se pode observar e o que de fato é observado. Não se trata das “questões de fato” e sim das “questões de interesse”. Ao diferenciar o construtivismo do construtivismo social (não se posicionando em favor de nenhuma), Latour reflete no significado da palavra “construção” que apesar de ser ideal levanta dúvidas quanto à qualidade, solidez e confiança de qualquer construção. Usar o termo “construção dos fatos” tornou-se de extremo mau gosto para os cientistas do social, bem como, para os cientistas naturais, uma vez que algo construído suplanta ser visto como artificial. No entanto, não é qualquer coisa que permite se construída e Latour atenta para isso. O desafio é compreender se um fato foi bem arquitetado ou o inverso. Para tanto, o que se pode rastrear são os motivos ou os interesses colocados em circulação quando da fase de constituição, e não o fato propriamente.

Existe aqui um jogo epistemológico complexo que inclui a distinção da ideia ingênua de que todos os fatos são construídos, livrando-se desse tipo de relativismo. Ao se colocar diante dos fatos convictos de existência e realidade, voltamos ao ponto tão focado pela sociologia clássica, que determina a existência do grupo, da relação, do poder. Mas questionamos: são coisas de fato ou esses são pressupostos colocados? Na realidade não existe certeza sobre os fatos, da mesma forma que um químico em um laboratório nunca terá certeza do que vai acontecer com a reação preparada se ela não for realizada até o final. A sociologia deve ser tratada da mesma forma. O que se observa são questões relativas a certos interesses colocadas como controvérsias em diversos momentos, cabendo uma descrição.

A quinta incerteza não constitui nenhuma novidade aos antropólogos, trata-se de trazer os relatos para o plano principal. A pergunta a ser feita determina a materialidade de um relato escrito pelo pesquisador, os resultados, suas conclusões e a forma de tratamento dos dados no sentido de elevar o progresso do conhecimento sobre as conexões sociais. Mas afinal, o que é um bom relato? Latour diz que na TAR um bom relato é aquele que traça uma rede. O que é uma rede? Uma série de ações onde todos os participantes são tratados como mediadores, todos os atores humanos e não-humanos são ativos e não estão ali simplesmente para ocupar um espaço vago ou meramente transmitir um efeito. Na concepção das redes, as mediações além de ganhar

destaque apontam para uma redefinição. Nelas, os atores não são meros instrumentos que carregam uma ação sem atuar, agindo sem criar uma diferença, desconsiderando-os como atores: “*The whole question is to see wheter the event of the social can be extended all the way to the event of the reading through the medium of the text. This is the price to pay for objectivity, or rather ‘objectfullness’¹⁹ to be achieved²⁰” (LATOUR, 2005a, p.133).*

O que deve ser produzido na escrita de um bom relato visando burilar as incertezas desse “laboratório textual” consiste em acompanhar todos os movimentos e etapas durante sua produção, isto é, desde a captura da matéria- prima (os dados) até a composição e ordenação destes. Qualquer pesquisa deve ser conduzida de forma mais neutra e honesta possível, demonstrando rigor e cautela na condução das experiências, explicitando as condições de desenvolvimento. Na etnografia, essas precauções em apresentar a ocorrência da coleta dos dados tem se banalizado. Os dados têm emergido de súbito, limitando a compreensão das conclusões resultantes.

Finalmente, ainda a quinta fonte de incerteza, devemos dar importância a todos os movimentos - incluindo os do pesquisador - como dados, mesmo as primeiras anotações resguardadas para o diário de campo. Anotar detalhadamente o máximo de informações, mesmo o que pode aparentar desnecessário. Um segundo caderno de campo, resultante do primeiro, servirá para guardar as informações em ordem cronológica e que serão definidas em categorias, posteriormente sendo subdivididos cada vez mais apuradamente. Além disso, registrar a imponderabilidade da vida social, como de fato as pessoas vivenciam, experimentam os fenômenos, as práticas e a vida real (MALINOWSKI, 1978). Estas são informações de extrema relevância que não podem ser obtidas através da análise documental, senão unicamente por meio da observação em plena execução dos atos. A compilação exaustiva das formas de pensar, agir, das opiniões, ideias, sentimentos, impulsos, expressões dos membros de um coletivo, seus modos característicos de pensar e de operar, em síntese, o *corpus inscriptionum*. Não se trata de

¹⁹ Latour faz um jogo de palavras utilizando *objectfullness*.

²⁰ “A questão toda é ver se o evento do social pode ser estendido por todo caminho para o evento da leitura por meio do texto. Este é o preço a pagar pela objetividade, ou melhor, pela ‘totalidade do objeto’ a ser alcançada”.

empirismo ingênuo, mas investigação, afinal os fatos são resultados da pesquisa e por isso só podem ser inferidos *a posteriori*.

2.3 Uma boa descrição científica na teoria ator - rede

A descrição é a base para a interpretação dos dados e o primeiro elemento a teorizar. Em si não se trata de teoria, todavia, sua boa realização é fundamental para a teorização (CORBIN & STRAUSS, 2008). Uma boa descrição científica deve ser capaz de reunir os coletivos explicitando suas relações: *“The task is to deploy actors as networks of mediations [...]. Deployment is not the same as ‘mere description’, nor is it the same ‘unveiling’, ‘behind’ the actors’ back, the ‘social forces at work’²¹”* (LATOURE, 2005a, p. 136). Possivelmente isto deixa a sensação de alguma ausência, esclarece o autor. Afinal, *“we have not ‘added to it’ something else that is often call an ‘explanation’. And yet the opposition between description and explanation is another of these false dichotomies that should be put to rest²²”* (LATOURE, 2005a, p. 137). Senão outro ator deveria ser considerado além dos que estão sendo analisados e que a descrição precisaria contabilizar algo que não conseguiu abarcar. Sendo essa a justificativa, Latour se antecipa mais uma vez: então não foi uma boa descrição. Em virtude disto, se após a descrição ainda existir “necessidade” de elucidações adicionadas pelo analista, trata-se de um sinal claro que a exposição não foi eficaz, uma vez que não se desincumbiu das controvérsias estabelecidas pelos atores.

Corbin e Strauss (2008) afirmam que a descrição é necessária para transmissão do que aconteceu e está acontecendo, além do cenário, dos envolvidos, entre outros. Descrever. Detalhar. Pormenorizar. A primeira vista pode aparentar ser uma tarefa simples para o pesquisador, contudo, além de descrever ele precisa mostrar seu papel de mediador das relações explicitadas pelos atores do fenômeno através de suas categorias.

²¹ “A tarefa é *implantar* os atores *como* redes de mediações [...]. Implantação não é o mesmo que ‘mera descrição’, nem é o mesmo que ‘desmascarar’, ‘por trás’ das costas dos atores as ‘forças sociais atuando’”.

²² “Nós não ‘acrescentamos a isso’ algo a mais que frequentemente chamamos de ‘explicação’. E ainda a oposição entre descrição e explicação é outra dessas falsas dicotomias que deveríamos colocar para descansar”.

Destarte, a TAR propõe um novo empreendimento: trazer a renovação empírica. E podem ocorrer falhas, afinal não é fácil investigar dessa maneira. Enveredar nessa perspectiva teórica certamente fornece benefícios e riscos que outras teorias e métodos não. A título de ilustração, a possibilidade de vislumbrar a constituição do social e as transformações que acontecem na sua consolidação. As teorias da sociologia do social buscam ultrapassar a sociedade tal qual sua constituição para os objetos, como se tal passagem adviesse de “mera mágica”. Apenas é sensato afirmar que em não existindo evidências para certas forças, não é razoável especular. Os cientistas sociais devem buscar evidências, isto é, as marcas deixadas pelos atores ao construir o social. E para afirmar a existência de forças desconhecidas atuando através dos atores, torna-se necessário capturá-las.

Adotar a TAR não consiste na negação do valor da sociologia clássica, simplesmente, abrange outra vertente, avançando na concepção da sociedade que tem por princípio a associação dos atores, estes seres capazes de agir, refletir e articular sobre o que fazem, outorgando-lhes, novamente, a legitimidade de suas razões e motivações. A TAR prioriza a vivência das transformações e sua eficácia, conferindo ao pesquisador liberdade de criação conceitual a partir do que é instituído pelos *atores*.

2.4 A sociologia das associações e as controvérsias

A tarefa de perseguir o social é árdua, pois este somente é rastreado quando contido em processo de transformação. A grande dificuldade surge quando está cristalizado, em virtude da complexidade de visualização das entidades que atuam na sua configuração. Novamente reafirma-se que a TAR se opõe à metodologia clássica da sociologia do social que tautologicamente justifica o social tendo por base ele próprio. E mais uma vez, a sociologia das associações não começa do ponto do conhecimento do social, pretendendo desvendar como uma série de estratégias e elementos heterogêneos coexistentes interagem, porquanto o social consiste em redes de padrões de materiais distintos e é composto por pessoas e também por máquinas, discursos, dinheiro, técnicas, etc. (LAW, 1992). Quando se permite que os atores envolvidos

ordenem o fenômeno, transfere-se a certezas que, por mais incertas que pareçam ao pesquisador, constituem elementos importantes à evolução da produção do conhecimento.

Não é oportuno limitar as controvérsias, a batalha dos fatos e o processo de tradução conduzido pelos atores. A incumbência do cientista social que opta pela TAR é disseminar as controvérsias, evidenciando o social e abandonando padronizações ou categorizações pré-definidas. Mantendo-nos atentos aos fatos que as interações carregam, é possível identificar elementos que fluem, e que por vezes remetem a componentes originados de outras partes (outro tempo, espaço e agenciamento) e são trazidos silenciosamente à cena. Por isso, as descrições e os dados não podem ser limitados ao que é gerado na interação. Se o pesquisador for leal ao que lhe é transmitido, este deverá perseguir o que surge dos encontros, forçando o abandono de um único cenário, pois o que há de concreto para as interações não reside unicamente nelas. Contudo, não é cabível tomar as interações como ponto de partida, ao contrário, são elas o ponto de chegada para um grande número de pequenas criaturas, diversos elementos e atores. Do mesmo modo não se trata de fazer a distinção de natureza e cultura, diversificando suas representações e deixando a aposta nas questões culturais, assim como a natureza *“society is a premature assemblage: it should be put ahead of us and not behind”*²³ (LATOURE, 2005a, p. 171).

Por fim, o que é demandado da sociologia das associações? Primeiro: manter o social plano. Deter a frequente migração da interação local para o contexto global, do global ao local ou o compromisso com a meso sociologia. A atuação deve se estender a duas dimensões e eliminar as bruscas alterações percebidas entre as diferenças de níveis, principalmente, em razão desta ser a única forma de medir a verdadeira distância que cada conexão deve suplantar para deixar rastros. Essa metáfora espacial aponta para o adequado exame das evidências, das irregularidades, das controvérsias conectadas pelos atores. As entidades abrangentes à pesquisa devem ser visualizadas, caso contrário, estabelecem outro nível ou não existem. Assim, redistribuindo o local e reposicionando os atores, relacionando-lhes. Também confere liberdade aos atores, deixando-lhes circular da forma que desejam, sem deter suas ações por detrimento do

²³ “Sociedade é uma montagem prematura: ela deveria ser colocada adiante de nós e não atrás”.

contexto (aqui considerando a maior incrementação em relação a menor ação dos atores) e das interações, visto que nenhum espaço tem capacidade dominante suficiente para ser global e nenhum espaço é autocontido demais para ser unicamente local.

Adotou-se a TAR como orientação metodológica em razão da aspiração de buscar mediadores que autorizam a ação de outros mediadores, fazendo traduções como em uma rede que permite a entrada e saída de fluxo. Por último, desloca-se o social constituído para observar a conexão dos atores, os objetos que agem como mediadores na legitimidade da ação dos atuantes. E por consequência, só existirão incertezas quanto à suas ações, considerando as associações a serem realizadas.

2.5 Fronteiras ontológicas: como falar do corpo

Antes de prosseguir explorando as abordagens sobre a construção do corpo entre os atores, ao seguir seus respectivos rastros, concederemos ao leitor uma prévia das questões que tal investigação pretende abordar. Portanto, a pesquisa abordará duas histórias.

Lukas Zpira, o fundador do movimento *Body Hactivism* possui uma relação peculiar com seu próprio corpo, como implantes subdermais em silicone nas panturrilhas e no peitoral, implantes transdermais de metal pelo corpo, e decidiu implantar um microchip RFID, configurado para interagir com o ambiente. Buscando a maior integração com objetos de seu interesse, optou por criar uma cavidade no próprio corpo cujo objetivo é servir de suporte para componentes eletrônicos. Trata-se de um projeto definido como *Multi Application Titanium Skin Interface*, um implante de placas de titânio de aproximadamente dois centímetros. Esse receptáculo ou “pele de titânio” é o exemplo da transposição da fronteira do corpo e da pele, e de acordo com Zpira, trata-se de uma interface não biológica entre o corpo e o mundo.

Para abordar a questão das fronteiras orgânicas e inorgânicas, naturais e culturais, um único “caso atípico” talvez não pareça suficiente. Na mesma direção de Lukas Zpira, o jovem Tim Cannon implantou uma caixa selada contendo um chip de computador em seu antebraço que, além de gravar e transmitir informações biométricas para qualquer dispositivo Androide, pode ser recarregado sem fio. O dispositivo, denominado Circadia 1.0, mede a temperatura corporal,

transmitindo em tempo real via Bluetooth os dados gerados. Cannon expôs o desejo - através do referido implante que hoje está em fase de aperfeiçoamento - de integrar corpo e ambiente, tornando ambos mais sensíveis ao que lhe acontece internamente²⁴.

Como encaixar tais ilustrações em somente um domínio, natural ou cultural? Como falar desse império central (LATOUR, 2004) de hibridismo, que não pertence unicamente a uma esfera ou outra, e sim, paralelamente, faz parte de ambas? Como refletir sobre a dialética entre natureza e cultura, tendo em vista a conexão de ambas às concepções sobre a corporalidade? Como não segmentar os fenômenos, corpo/natureza de um lado e tecnologia/cultura de outro? Afinal, a natureza deles é híbrida e uma vez associados possibilitam uma existência corporal inédita.

Sabemos que a rígida divisão entre ambos os domínios foi estabelecida no período que se conceitua por Modernidade. Além disso, Além disso, contemplamos a existência de uma disciplina que há mais de um século tem sido definida como a ciência das mediações entre a natureza e a cultura. Esta abrange de um lado as determinações físicas que criam condição para a vida do ser humano, compreendendo seu próprio organismo, e de outro, os significados de uma diversidade incomensurável cujas determinações são investidas. Paradoxalmente, ao refletir sobre a criação de um corpo com novas funções, tais quais as propostas de Lukas Zpira e Tim Cannon, torna-se inviável a análise que toma por evidência esses dois casos extremos aparentemente distintos, pois estes geram a concepção de um homem híbrido. Como resolver essa ambivalência?

Tanto para a antropologia social e cultural quanto para a teoria ator-rede, é indispensável realçar as controvérsias do problema a fim de tentar compreender o que está em jogo nas relações constituídas. Os polos das controvérsias têm a capacidade de demonstrar as contradições pela qual a antropologia se encerrou desde a partilha do mundo instituída em duas esferas opostas. Respalhando as discussões contemporâneas, o antropólogo e etnólogo Philippe Descola, destaca as diversas dicotomias ocidentais que, uma vez alicerçadas, desenvolveram-se frutiferamente

²⁴ Tim Canon assume os riscos de uma eventual “combustão espontânea” no caso de um vazamento de ácido sulfúrico do Cincardia 1.0, como é possível com outros tipos de baterias de dispositivos eletrônicos. Como consequência, ele poderia ter uma mudança drástica no seu pH sanguíneo. Para evitar esse problema, ele tem trabalhado no desenvolvimento duplo sistema de cobertura/segurança para proteger qualquer usuário (CANNON, 2013).

como consequência dessa clássica distinção entre as esferas, natureza e cultura – conforme alude em suas obras magistrais *Par-delà nature et culture*, *L'écologie des autres: l'anthropologie et la question de la nature* e *Diversité des natures, diversité des cultures*²⁵.

Para Descola (2011), a controvérsia dualista entre natureza e cultura irrompeu na Europa a partir do último terço do século XIX, como resultado da organização epistemológica de ordens e meios distintos de conhecer determinados fenômenos. Ao sancionar o mundo em entidades naturais, humanas e culturais, estabeleceram-se os princípios de uma cosmologia Eurocentrista. Foi em razão da natureza ter se tornado “*quelque chose d'extérieur aux humains em Europe à la fin de la Renaissance, que les développements scientifiques ont été possibles*”²⁶ (DESCOLA, 2010, p.59). Essa cosmologia, que não é universal, contudo, validou o desenvolvimento das Ciências no Ocidente: “*Notre cosmologie a rendu possible la science, mais il faut bien comprendre que cette cosmologie n'est pas elle-même le produit d'une activité scientifique. C'est une façon de distribuer les entités du monde qui est née à une certaine époque et qui a permis aux sciences de se développer*”²⁷ (DESCOLA, 2010, p.69). Atualmente, observando de forma global não é possível conceber a natureza como domínio separado à vida social. A natureza e a cultura são constantemente ponderadas nos argumentos refletivos à sociedade contemporânea:

Na página quatro do jornal leio que as campanhas de medida sobre a Antártida vão mal este ano: o buraco na camada de ozônio aumentou perigosamente. [...] Alguns parágrafos a frente, é a vez dos chefes de Estado dos grandes países industrializados se

²⁵ Nessas três obras Descola aborda a situação da natureza e da cultura bem como o papel do antropólogo, cuja atribuição consiste em fazer um inventário das diferenças existentes em outras localidades, povos, tribos, conhecendo seus hábitos e maneiras de pensar. Em *Par-delà nature et culture* Descola retoma as principais teorias antropológicas, expõe a constituição de importantes ontologias, suas relações e, finalmente, apresenta uma reflexão sobre a heterogeneidade das relações entre humanos e não-humanos. Para tanto, ele tem como base sua investigação na Amazônia onde fez sua etnografia com índios nomeados de Jívaros (mas que se reconheciam por Achuar). Durante o trabalho de campo nessa comunidade Descola começou a colocar em questão aquilo que parecia ir além das diferenças entre humanos e não-humanos, bem como aquilo que provinha da natureza quanto da cultura. A divisão que nos parece evidente é ignorada entre os Achuar, e essa relação não é excepcional, tendo sido já descrita em outros locais que não a Amazônia (DESCOLA, 2006).

²⁶ “Qualquer coisa de exterior aos humanos na Europa no fim do Renascimento, que os desenvolvimentos científicos se tornaram possíveis”.

²⁷ “Nossa cosmologia possibilitou a ciência, mas é necessário compreender que essa cosmologia não é em si produto de uma atividade científica. É uma forma de distribuir as entidades do mundo que é nascida em certa época e que permitiu às ciências se desenvolver.”

meterem com química, refrigeradores, aerossóis e gases inertes. [...] Mais abaixo os países do Terceiro Mundo e os ecologistas metem sua colher e falam de tratados internacionais, direitos das gerações futuras, direito ao desenvolvimento e moratória. O mesmo artigo mistura, assim, reações químicas e reações políticas. (LATOURE, 1994, p. 07)

Essas associações heterogêneas trazem um impasse: como refletir sobre a multiplicação de híbridos entre a ciência e a sociedade? Seria possível os “modernos” refletirem acerca da dialética natural e cultural? Não é preciso alçar à casos extremos como o projeto de Lukas Zpira para compreender que a maior parte dos objetos ao redor - incluindo aqui os próprios indivíduos, situam-se em posição intermediária, detentora de determinações físicas e investida de outras determinações; sendo por vezes naturais ou culturais, “nós mesmos somos híbridos, instalados precariamente no interior das instituições científicas, meio engenheiros, meio filósofos, um terço instruídos sem que o desejássemos” (LATOURE, 1994, p. 09). Para descrever a trama que enreda a pesquisa retomamos novamente a noção de rede ou tradução, o fio de Ariadne de todas as histórias complexas, diz Latour.

A noção de rede, se a preciso agora um pouco, designa uma *série de associações* reveladas graças a uma prova – aquelas das surpresas da pesquisa etnográfica – que permite compreender por quais séries de pequenas *descontinuidades* convém *passar* para obter certa *continuidade* de ação. Esse princípio da livre **associação** – ou, para ser mais preciso, esse princípio de **irredução** – que se encontra no coração da teoria ator-rede demonstrou sua fecundidade ao autorizar vários observadores a se permitir em seus estudos o tanto de liberdade de movimento quanto seus informantes (LATOURE, 2012, p. 45, grifo do autor).

Todavia, as discussões em torno da perspectiva das redes são por vezes mal compreendidas ou mesmo misteriosas, analisando conceitualmente as categorias usuais da crítica científica clássica. Por vezes, alude à natureza, à política ou ao discurso, em suma, à cultura, afinal, é nesse âmbito que se articula o mundo²⁸. Felizmente, há tempos a antropologia ensina - a

²⁸ Segundo Latour as redes são “reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade” (1994, p. 12). A crítica de Latour trata da segmentação dos fenômenos que não nos auxilia a compreender sua natureza, pois esta é híbrida. Para dar conta da realidade da sociedade, devemos apagar o repertório que tenta lidar com nosso mundo a partir da naturalização, socialização e desconstrução. Apesar de serem críticas poderosas em si, elas não permitem a combinação de umas com as outras. Portanto, é necessário dar conta da realidade se olharmos

partir de etnografias de povos distintos- a olhar o tecido inteiriço da natureza e da cultura onde os fenômenos são sociais, reais e narrados. Essa mesma disciplina, quando se refere à modernidade, nos estimula a inquirir sobre as divisões fixas que nos caracterizou como modernos.

Então, como e onde se encontra a fronteira entre o domínio natural e cultural? A princípio, devemos engendrar a experiência humana como decorrente de dois campos distintos, regidos por princípios diversos, entretanto coexistentes (DESCOLA, 2006, 2010, 2011; LATOUR, 1994). Necessitamos compreender que a perspectiva dualista que adotamos enquanto “modernos”, acarreta consequências concretas frente às práticas da antropologia e da sociologia, evidentes na caracterização do objeto, na determinação dos métodos e na definição do tipo de consciência produzida. E como o pesquisador, que por vezes compartilha da mesma ontologia dos entrevistados, pode escapar da divisão intrínseca? Em se tratando da imitação de um antropólogo distante, é no coração das instituições e crenças modernas que se deve ir, isto é, aprofundar além das margens. O primeiro passo é desestabilizar a concepção tradicional de ser humano, isto é, sua constituição identitária individual e coletiva a fim de recompor a natureza, a cultura e a sociedade:

*Humains et non-humains, individus et collectifs, dans un assemblage nouveau où ils ne se présenteraient plus à nous comme distribués entre des substances, des processus et des représentations, mais comme les expressions institués de relations entre des entités multiples dont le statut ontologique et la capacité d'action varient selon les positions qu'elles occupent les unes par rapport aux autres*²⁹ (DESCOLA, 2011, p. 13).

Ao abandonar os pressupostos desse dualismo - que desgastou muitos cientistas sociais de forma crescente nos últimos vinte anos – conferimos peso equivalente tanto ao polo da natureza quanto ao da cultura, tomando por referência a simetria equilibrada, capaz de auxiliar o acompanhamento de forma constante no trabalho de mediação realizado entre os quase objetos, e os quase sujeitos. Diante disso, necessitamos identificar como a prática científica e técnica

para os fenômenos como sendo reais, coletivos e narrados, e estão ligados por redes onde o hibridismo circula (LATOUR, 1994).

²⁹ “Humanos e não-humanos, indivíduos e coletivos, em um conjunto novo onde eles não se apresentam mais a nós como distribuídos entre as substâncias, os processos e as representações, mas como expressões instituídas de relações entre as entidades múltiplas cujo estatuto ontológico e a capacidade de ação variam de acordo com as posições que elas ocupam umas em relação às outras”

seleciona e recompõe os híbridos produzidos. A antropologia simétrica explica os termos equivalentes a fim de explorar, não dicotomicamente, a construção (humana) dos fatos (reais), onde cultura e natureza são ontologias de geometria variável (LATOURE, 1994). O alicerce da sociologia das associações fundamenta essa simetria, adjuntamente à organização dos dispositivos instituídos, tornando possíveis - ou impossíveis- determinadas configurações de híbridos, humanos e não-humanos:

*Tenter d'éliminer la dualité du sujet et du monde dans la description de la vie collective ne doit pas conduire à négliger la recherche des structures de cadrage à même de rendre compte de la cohérence et de la régularité des comportements de membres d'une communauté, du style distinctif de leurs actions publiques et privées comme des expressions codifiées qu'ils en donnent*³⁰(DESCOLA, 2011, p. 72).

Para Descola, é comum que os indivíduos repartam destinos ontológicos, tendo em consideração as maneiras adotadas para delegar parte entre os animais, as máquinas ou mesmo as divindades. Essas formas, que não são nem aleatórias nem contingentes, organizam um agregado de práticas, crenças e valores que em prol de uma ordem e sentido elaboram as relações tecidas com o mundo e entre si. Contudo, nesse instante, é crucial desconsiderar o fundo dualista fomentador da existência e construir assim uma paisagem onde a natureza, a sociedade, os humanos e não-humanos, os indivíduos e os coletivos, são *“les expressions instituées de relations entre des entités multiples dont le statut ontologique et la capacité d'action varient selon les positions qu'elles occupent les unes par rapport aux autres*³¹” (DESCOLA, 2011, p. 76) e não se distribuem entre substâncias, processos e representações. Doravante, discorreremos sobre o corpo sem calcar esta distinção, isto dito, não conjecturamos acerca do corpo em termos de representações, propriedades simbólicas, práticas sociais, discurso cultural ou estrutura social. Então, como falar do corpo?

³⁰ “Tentar eliminar a dualidade do sujeito e do mundo na descrição da vida coletiva não deve conduzir a negligenciar a pesquisa das estruturas de enquadramento capaz de explicar a coerência e a regularidade dos comportamentos dos membros de uma comunidade, do estilo distintivo de suas ações públicas e privadas como expressões codificadas que eles dão”.

³¹ “As expressões instituídas de relações entre entidades múltiplas cujo estatuto ontológico e a capacidade de ação variam de acordo com as posições que elas ocupam uma em relação à outra”

The body is our general medium for having a world. Sometimes it is restricted to the actions necessary for the conservation of life, and accordingly it posits around us a biological world; at other times, elaborating upon these primary actions and moving from their literal to a figurative meaning, it manifests through them a core of new significance: it is true of motor habits such as dancing. Sometimes, finally, the meaning aimed at cannot be achieved by the body's natural means; it must then build itself an instrument, and it projects thereby around itself a cultural world³² (MERLEAU-PONTY, 2008, p. 169).

Sem ignorar a literatura já produzido sobre o corpo, abordamos algumas disposições teóricas acerca da corporalidade. Tal empreitada não é sem riscos, e antes de nos remetermos às diferentes visões, esclarecemos que todas possuem vantagens e importância, ao mesmo tempo em que limitações. Csordas (1994) considerou que grande parte da literatura composta a despeito da corporalidade pode ser entendida a partir do estudo do “corpo analítico”, isso em conformidade ao enfoque da percepção, da prática, aos processos e aos resultados. A percepção consiste nos sentidos, nas noções de sensação, na forma de experimentar o eu através desta, encerrando-se no objeto - o corpo. Este, depois de constituído, torna-se razão para as experiências que o indivíduo já teve e poderá ter, considerando o ponto de vista individual de um objeto do mundo (MERLEAU-PONTY, 2002)³³. Quanto à prática, esta se relaciona às noções de técnicas corporais do artigo clássico de Marcel Mauss (2003), tão bem conhecido pela antropologia e sociologia, no qual o corpo é ao mesmo tempo agente e objeto. Mauss definiu como técnicas corporais a maneira que os homens, em diferentes culturas, encontraram para servir-se do próprio corpo, “o primeiro e mais natural instrumento do homem”. Estas técnicas seriam gestos codificados que visam obter eficácia tanto prática quanto simbólica. Marcel Mauss assumiu ter

³² “O corpo é nosso meio geral para se ter um mundo. Às vezes isso se restringe às ações necessárias para a conservação da vida, e por consequência posiciona ao nosso redor um mundo biológico; outras vezes, elaborando sobre essas ações primárias e movendo de seu significado literal para o figurativo, ele manifesta através deles um núcleo de novo significado: isso é verdade para hábitos motores, tal como a dança. Às vezes, finalmente, o significado visado não pode ser alcançado pelos meios naturais do corpo; ele deve então construir para si um instrumento, e ele projeta assim ao redor de si um mundo cultural”.

³³ A principal problemática em Merleau-Ponty é a dualidade sujeito-objeto encontrada no âmbito da percepção. Ele tenta criar um colapso no que tange essas dualidades ao invocar o corpo como princípio metodológico, pois para ele a percepção começa no corpo (CSORDAS, 2008).

cometido um erro inicial ao pensar que só existiria técnica a partir de um instrumento, concluindo então que o principal instrumento do homem, desde o princípio, consistia no próprio corpo. Após observar modalidades esportivas como natação e corrida, afirmou que as técnicas corporais estavam fundadas na relação do indivíduo com o *habitus* cultural que tornava tais práticas tradicionais e eficazes. Em vista disso, propôs a classificação das técnicas corporais a partir do gênero, da idade, do rendimento e da habilidade. Acrescentando formas de transmissão, intercorridas através da educação, ou da “imitação prestigiosa”, definida por ele como a disposição - nada trivial - em copiar comportamentos bem sucedidos daqueles que são referência para o indivíduo. O ato seria ordenado e autorizado precisamente em corolário a “noção de prestígio da pessoa [...] em relação ao indivíduo imitador, [no qual] se encontra todo o elemento do social”, afirma o autor (MAUSS, 2003, p. 215). Além disso, as técnicas corporais, nas análises de Mauss, podem ser exploradas da perspectiva da reciprocidade, das relações de troca individuais e coletivas, que sinalizam componentes de variabilidade social, cultural, psicológica e biológica constituintes de determinadas capacidades corporais (SHILLING, 2007).

Igualmente, noutro texto clássico da antropologia, Robert Hertz (1980) estima o social em detrimento do biológico ao abordar a proeminência da mão direita sobre a esquerda - que até aquele momento possuía explicações prioritariamente fisiológicas - como de caráter cultural. Assentando a biologia em segundo plano e reforçando o social, assegurou os vários desdobramentos morais que estariam relacionados à polaridade sagrada e profana. Os indivíduos seriam levados, através do aprendizado, a se valer prioritariamente da mão direita ao invés da esquerda, uma vez que o polo direito seria sempre visto positivamente e o esquerdo negativamente. Por sua vez, o antropólogo missionário Maurice Leenhardt expôs o encontro com um mestre do discurso ritual na Nova Caledônia que demonstrou o conhecimento da noção de espírito pelo seu povo, apesar disso, esses ignoravam a existência do corpo³⁴ (LIMA, 2002). Essa perspectiva o espantou inicialmente, tendo em vista que o posicionamento do mestre coloca em

³⁴ Nas sociedades tradicionais de composição holística, naquelas em que o indivíduo é indiscernível, o corpo não é objeto de uma incisão e o homem se confunde com o cosmos. Nessas sociedades, a representação do corpo é a representação do homem, a imagem do corpo é a imagem de si mesmo.

xeque uma das dicotomias mais naturalizadas do mundo Ocidental e base do discurso cristão, o da divisão entre o corpo e a alma.

Segundo Csordas (1994) outro domínio de concentração na literatura é do corpo como uma temática em si. Essa direção centraliza as relações do corpo em domínios específicos da atividade cultural. Na perspectiva analítica estes aludem as relações de trauma, gênero, religião, *self*, dentre outros. A proliferação de trabalhos que salientam esses temas continua a levantar uma questão essencial, se haveria algo tal como o corpo ou se este é mais do que a soma de vários tópicos (CSORDAS, 1994). Mary Douglas (2007), por conseguinte, estabeleceu uma correspondência dicotômica entre o corpo físico e o corpo social. O primeiro seria constrangido pelo segundo, e modificado por categorias sociais que forneceriam a base para uma visão particular da sociedade. Esta seria sempre renovada em razão da troca contínua de significados entre ambos os corpos - social e físico. Tal como Mauss, Douglas não naturaliza nenhum comportamento humano, para ela o esquema coloca-se na relação entre a natureza e a cultura, e esta última é reapropriada pelo homem para expressar estilos corporais adequados. Estes estudos podem ser associados à perspectiva dos “corpos múltiplos”, que segundo Csordas (1994), define as possibilidades corporais segundo os aspectos de reconhecimento pessoal.

Estudos sociológicos e antropológicos relacionados à incorporação têm atraído o intenso interesse de diversas disciplinas nas últimas décadas (SHILLING, 2007), cujas preocupações são ligadas aos debates clássicos que tentam fazer avançar as pesquisas sociais. Entretanto, David Le Breton (2002) assinalou que o enfoque até então oferecido à análise do corpo consistiu, por muito tempo, em limitá-lo ao papel secundário da investigação sociológica, sendo que faz jus a um lugar próprio de análise. Vislumbrar o corpo como um lugar prioritário tornando-o foco de pesquisa não soluciona todos os questionamentos, uma vez que nos demandaremos qual corpo esta sendo estabelecido em primeiro plano³⁵ (LATIMER, 2009). Latimer atenta ainda à

³⁵ Como Douglas (2007) salientou há sempre mais de um corpo, ela chamou a atenção para o aspecto social e físico do corpo; Schepher-Hughes e Lock (1987) mencionam três corpos, incluindo neste a dimensão política e, por fim, O’Neill (1985) nos fala de cinco corpos, o corpo antropomofizado, social, político, de consumo e médico.

necessidade de se abrir espaço “*to debate the very relations between body and world*”³⁶ (p.02). Correlatamente à percepção do corpo como inscrito no interior de seu mundo, e em virtude de diversos processos e práticas de disciplina e responsabilidade, tornou fundamental a indagação de quais são os mundos suscitados e a cosmovisão de cada indivíduo. Questionando o universo social que também não é dado por garantia, nosso “*interest is with the kind of limits and assumptions that would fix, albeit partially and temporarily, the nature of ‘world’*”³⁷. (LATIMER, 2009, p.02). Para tanto, devemos apoiar na concepção de que corpos realizados desempenham mundos diversos, bem como o oposto.

Por conseguinte, perpassaremos resumidamente quatro tradições teóricas específicas e importantes que não centralizam o corpo e requestionam o que está em jogo. São estas: incorporação, noção de grupo, extensão relacional e agenciamento.

A provocação primordial consiste em ultrapassar a apreensão do corpo como “sujeito”, que referencia o conceito de *embodiment* ou incorporação³⁸, não concebendo o corpo como objeto de estudo em relação à cultura, o considerando sujeito da cultura (CSORDAS, 1990). A hipótese de que os corpos são produzidos culturalmente foi certamente um novo enfoque na antropologia e também um novo paradigma nos estudos da cultura. Nessa vertente de análise, o corpo emana da sociedade e da cultura, sendo reduzido a uma fonte de símbolos presa ao domínio do discurso cultural e à estrutura social (CSORDAS, 1994), sendo idealizado como sujeito de conhecimento e compreensão a partir da experiência do sujeito encarnado. Essa perspectiva fenomenológica influenciou diversas obras contemporâneas sobre a percepção, sentidos, experiência do corpo fenomenal e o conhecimento:

Instead of simply becoming another subdisciplinary area of sociology, ‘embodiment’ was used to interrogate some of the longstanding nature/culture, action/structure, and subject/object dualisms that the discipline had wrestled with since its beginnings. ‘The

³⁶ “Para debater as verdadeiras relações entre o corpo e o mundo”.

³⁷ “Interesse está no tipo de limites e pressuposições que resolveria, ainda que parcialmente e temporariamente, a natureza do ‘mundo’”.

³⁸ *Embodiment* em português teria por tradução “incorporação”, esse termo no Brasil, contudo, se relaciona a discussões de incorporação nos estudos religiosos brasileiro. Logo, poderíamos optar pelo neologismo “encorporação” (MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI, 2002).

*body' was also increasingly addressed as an essential issue in general theoretical works stretching across such areas as feminism, pragmatism, and realism*³⁹ (SHILLING, 2007, p. 02).

Isto gerou inúmeras implicações, entre elas: primeiramente, o corpo não seria um fato bruto e nem um dado da natureza; segundo, a objetificação do corpo seria construída através da história, cultura e a partir da percepção; terceiro, o corpo seria tido como sujeito e agente cultural; quarto, a cultura seria incorporada e, por último, a objetividade consistiria numa perspectiva que o corpo seria capaz de adotar (MALUF, 2001). A dimensão da incorporação, no entendimento de Csordas (1994, 2008), é o ponto de vista metodológico que concebe a experiência corporal como fundamento cultural e individual. A conceitualização recorrente na antropologia contemporânea objetiva ir além da representação do discurso do corpo, focando na agência e na prática em favor do entendimento experiencial do “estar no mundo”. O corpo tal como *locus* da cultura é concomitantemente intrínseco à experiência corporal (CROSSLEY, 2007; CSORDAS, 2008). Para Csordas (1994) o corpo carrega o social antes mesmo que qualquer objetivação tenha sido realizada, assim sendo, quando se fala de incorporação ou práticas incorporadas, o corpo é circunscrito ao reflexo do mundo; moldado graças à combinação da cultura, das práticas sociais e da imagem corporal (LATIMER, 2009).

Nick Crossley (2005, 2006), ponderando acerca da incorporação, sustenta uma divisão reflexiva e não naturalmente substancial que determina que se *é* e se *tem* um corpo. Da nossa capacidade de assumir o papel de outro e conseguirmos uma perspectiva de nós mesmos de “fora”, surgiria a sensação de nosso ser distinto das qualidades que nós identificamos com nosso eu quando esse “outro” papel é assumido. Conseqüentemente, não se trata de uma divisão entre corpo e mente, pois o *ser* e o *ter* operariam no sentido do próprio corpo e o corpo que se tem seria moral, estético, atuante e sensível (CROSSLEY, 2005).

³⁹ “Ao invés de ter se tornado simplesmente uma subdisciplina da sociologia, a “incorporação” foi usada para interrogar alguns dos antigos dualismos natureza/cultura, ação/estrutura, e sujeito/objeto que a qual a disciplina tinha lutado desde seu início. ‘O corpo’ também foi abordado cada vez mais como uma questão essencial em trabalhos teóricos gerais se estendendo em areas tais como feminismo, pragmatismo e realismo”.

O autor ainda argumenta que o bom trabalho sociológico e antropológico do corpo entende o *ser* e *ter* como um projeto reflexivo, que gera sentimento de separação e, posterior conexão, entre o corpo e o eu. Em outras palavras, tratar-se-ia de, temporariamente, darmos as costas a nós mesmos como sujeito e sermos objetificados. A corporeidade, segundo o autor, seria explorada até determinado ponto de maneira similar a um objeto externo; e por vezes, erroneamente, considera-se esse “objeto externo” outra coisa além do verdadeiro eu. Ao tempo em que esse objeto é abstraído, na consciência reflexiva, também é considerado uma possessão, e a partir desse contexto se reintegraria a identidade. Findando, a corporeidade reflexiva, sustentaria a capacidade de perceber, de visualizar, de refletir e de atuar sobre o próprio corpo a partir de práticas de modificação e manutenção da imagem corporal (CROSSLEY, 2005, 2006). A reflexividade, portanto, assentiria compreender tanto o sujeito quanto o objeto de uma percepção como os mesmos.

Dando continuidade, Crossley (2006) toma a perspectiva de Merleau-Ponty (2008) “se toco minha mão alcanço um patamar de experiência que oscila entre o tocar e o ser tocado, as duas experiências nunca coincidem, e assim, nunca coincido comigo mesmo”, donde insere a noção de Técnicas Corporais Reflexivas⁴⁰. Estas tratam de práticas que trabalham sobre o corpo, modificando-o em prol de mantê-lo ou tematizá-lo, central na construção da reflexividade do sujeito⁴¹. Assim, o aprendizado de tais técnicas faria parte do processo de desenvolvimento do sentido do eu. Portanto, este ponto é relevante na compreensão das modificações corporais no processo de definição e construção identitária.

Merleau-Ponty (2008) afirma que nenhuma atividade da vida existe sem a incorporação, pois a existência só é possível a partir do corpo. A condição humana é corporal e só é possível através dos sentidos. Argumenta também que o corpo possui a mesma carne do mundo e, simultaneamente, a carne é a abertura para o mundo (LE BRETON, 2008b). Ambos os autores concordam que à medida que o sujeito experimenta a si mesmo, ampara o que lhe é externo. A

⁴⁰ Construção desse conceito a partir das técnicas corporais no sentido já proposto por Mauss (2003).

⁴¹ As técnicas corporais reflexivas incluiriam práticas realizadas por todos os indivíduos, desde aquelas como banhar-se e escovar os dentes, até as perfurações e marcas corporais, cirurgias plásticas, restrições alimentares, com a diferença de que a taxa de incidência de práticas entre os indivíduos poderá variar.

incorporação de tais experiências é adotada em concordância às disposições previstas culturalmente. Mas estejamos certos da existência de limites para consideração dessa perspectiva.

All too easily, pictures of the knowing body exaggerate any involvement of bodily 'subjects' in the creation and reproduction of culture. Insofar as culture is defined as much through the diversity of technologies in use as by any sedimentation of its social practices, bodies come into play in different ways. In certain circumstances, for instance, bodies may be prone to attenuation and circumvention rather than engagement and involvement. (...) Consequently the lived body is far from being the only medium of communication or action in a universe full of non-human intermediaries⁴² (LATIMER, 2009, p.1-2).

Latimer (2009) conjectura que as variações existentes na formação do corpo ocasionam diferença tanto na medição quanto na característica de envolvimento corporal, não restringindo o reconhecimento das assimetrias de poder e influência. Além disso, através de uma combinação de práticas sociais e culturais, há pouco espaço para as mudanças de narrativas dos atores. Quando transformações ocorrem, refletem simplesmente mudanças na estrutura social. Portanto, no paradigma da incorporação o corpo é imaginado particularmente como reflexo do mundo.

Outros estudos exploram tópicos sobre a corporalidade considerando a presença do corpo em si como irrefutável, vide os estudos sobre imagem corporal (BORDO, 1995; BLUM, 2003; GIMLIN, 2002, 2006; GOLDENBERG, 2007a, 2007b), práticas de modificação corporal extrema e espetacular tais como tatuagem, suspensão corporal, perfuração (FIÉVET, 2012; JEUDY, 1998; LE BRETON, 2004, 2008a, SWEETMAN, 1999; KLESSE, 1999) e posições mais radicais que apontam para o corpo como uma forma de resistência e transformações através da utilização de tecnologias de poder (DA COSTA & PHILIP, 2008; HARAWAY, 1988, 1991, 1992).

⁴² “Muito facilmente, imagens do corpo que se conhece exageram qualquer envolvimento com ‘sujeitos’ corporais na criação e reprodução da cultura. Na medida em que a cultura é definida tanto através da diversidade de tecnologias em uso como por qualquer sedimentação de suas práticas sociais, os corpos entram em jogo de maneiras diferentes. Em certas circunstâncias, por exemplo, o corpo pode ser propenso a atenuação e evasão ao invés de engajamento e envolvimento. (...) Consequentemente o corpo vivido está longe de ser o único meio de comunicação ou ação em um universo cheio de intermediários não-humanos”.

A segunda abordagem é a noção de grupo. Latimer propõe a análise das principais perspectivas de Goffman e Garfinkel ponderando sobre a interatividade do corpo e a construção do mundo. Para ambos, se o corpo é reconhecido interativamente dentro do esquema cultural que determina a ação individual, ao invés de constituir pelo *habitus*. Enquanto a atenção de Goffman (1959) está na ação/interação privilegiada pelas relações face a face, Garfinkel (1967) enfatiza a cognoscibilidade dos atores sociais. Focando na ação, ainda que de forma diferente, ambos visualizam maneiras diversas de formação do mundo que emergiriam da relação social e da constante *vis-à-vis* dos indivíduos cada interação, de onde o significado surgiria e seria apropriado pelo processo interpretativo. E através da ação e da reciprocidade da ação, de acordo com Goffman, seria possível criar e manter a sociedade. Os rituais de contato enquanto práticas interacionais, o corpo a corpo, o face a face, se configuram de forma marcante através de ações e apresentações que permitem aos indivíduos reafirmar coletivamente as crenças e o papel social. Por intermédio do foco na ação e na adoção de papéis, Goffman flexibilizou a formulação do mundo dos atores, através dos engajamentos, das dramatizações, das representações e das interações cotidianas, que sem dúvida constituem ações sociais significativas (LATIMER, 2009).

Conquanto nesta perspectiva, a direção mais relevante é da sociologia de Bourdieu, que avança o desenvolvimento teórico das técnicas corporais de Mauss, *habitus*, *hexis*, tentando comprovar a instrução social e cultural corpórea. Após delinear a ordem de conhecimento que ultrapassa a fenomenologia, Bourdieu analisou o *modus operandi* da vida em sociedade enquanto “mediação universalizante”:

*The habitus is the universalizing mediation which causes an individual agent's practices, without either explicit reason or signifying intent, to be none the less “sensible” and reasonable”. That part of practices which remains obscure in the eyes of their own producers is the aspect by which they are objectively adjusted to other practices and structures of which the principle of their production is itself the product*⁴³(BOURDIEU, 1977, p. 79).

⁴³ “O *habitus* torna a prática de um agente individual, sem razão explícita e propósito significativo, “sensata” e “razoável” apesar de tudo. Essa parte das práticas que permanece obscura aos olhos de seus próprios produtores é o aspecto pelo qual elas são objetivamente ajustadas a outras práticas e às estruturas cujo princípio de produção é ele mesmo um produto”.

Habitus é certamente um dos conceitos mais relevantes de toda obra de Bourdieu, e sugere disposições geradoras de conhecimento e reconhecimento de situações, de formas de percepção e apreciação do mundo executadas na vida social (BOURDIEU, 1977). Segundo Bourdieu, o *habitus* orienta as ações individuais e coletivas, mediando a internalização e exteriorização dos indivíduos em relação à sociedade. Ao mesmo tempo, enseja a reprodução subjetiva de relações objetivas e coletivas nas quais o corpo é produto, produtor e reproduzidor de estruturas sociais específicas. Assim sendo, se o corpo é resultado de condicionamentos sociais, seria mais um reflexo do mundo (LATIMER, 2009).

A outra linha de pensamento aludida por Latimer centraliza na ideia de “extensão relacional”, isto é, “*bodies can be re-theorized in terms of relations as these are elicited from moment to moment*”⁴⁴ (LATIMER, 2009, p. 08). Latimer se vale das relações tal como propostas por Strathern (1995) que, por sua vez, observa as conexões - idealizadas e efetivas- através de envolvimento no contexto do tempo e do espaço (MUNRO, 2005). Strathern aborda o corpo em termo de “extensão”, sugerindo a criação de conexões parciais sem implicação na relação dicotômica entre sujeito-objeto e pessoa-ferramenta, além de expandir e/ou perceber as capacidades (STRATHERN, 2004). Para Strathern, essa perspectiva, viabilizaria o acesso a mundos compostos diversamente, assim sendo, o conhecimento alternaria de acordo com cada mudança de mundo e as relações entrelaçadas, que por sua vez, dependeriam dos relativos acréscimos pra variar.

Vide quando nos colocamos na posição de pesquisador, por exemplo, nosso conhecimento torna-se a ferramenta disponível para a apresentação de determinados pensamentos que em outra posição não seria possível. Logo, podemos debater a existência “fora” da presença, fora do corpo, e ao mesmo tempo como extensão do mesmo. Da mesma forma, a ilustração compõem uma ferramenta ou componente que somente possui utilidade e eficácia quando anexada a algo, nesse caso, ao pesquisador durante a interação. Isto é, o elemento não é possuído por ele enquanto este não lhe fizer uso. Concluímos assim, que o discurso é um componente para o pesquisador capaz

⁴⁴ “Os corpos podem ser re-teorizados em termos de *relações* uma vez que estas são suscitadas de momento a momento”.

de criar conexões, gerando a extensão de sua posição, possível somente a partir da sua localização. Em razão da forma da extensão, pode-se ganhar ou perder atributos diversos, humanos e não-humanos, pelo intermédio das negociações e das mudanças. Além disso, dependendo do que for anexado à pessoa, é possível alterar as relações, pois as afiliações também se movimentam concomitantemente aos objetos materiais (STRATHERN, 1995, 2004).

Munro (2005) discursa igualmente em termos de extensão relacional, a indicação da necessidade de transferir o foco da consciência à extensão. As relações variam de acordo com o que é ‘anexado’ ou ‘retirado’ das pessoas, isto posto, ao invés de presumir as relações como uma série fluida dentro da qual o eu transita, Munro sugere as relações com o corpo como provisoriamente *emplaced* ou colocadas. Isto significa que, quando se acrescenta ou se retira algo do corpo, é possível criar novas presenças ou ausências corporais. Nesse sentido, as relações podem ser criadas e ordenadas através de novas associações corporais, materiais e imateriais, que ajudam a construir os mundos sociais (LATIMER & BIRKE, 2009). As especificidades como as pessoas constituem as conexões parciais (STRATHERN, 2004) com humanos e não-humanos constrói diferentes universos sociais e culturais (LATIMER & BIRKE, 2009).

Por fim, existe ainda o panorama teórico que descentraliza a carne e centraliza os estudos sobre o corpo em termos de agenciamento, termo utilizado por Deleuze e Guattari (1983 para se referir aos modos concretos de produção do real e da subjetividade. A subjetividade e o real são produzidos por agentes descentrados, que projetam possibilidades de compreensão do mundo e ação sobre a cultura de tal forma a esculpir novos modos de formação social. Latour (1987) e Law (1992) também distribuem o agenciamento na heterogeneidade de materiais, através da forma relacional do ator - rede. O núcleo da teoria consiste em uma rede heterogênea e interativa que sugere relações humanas e não-humanas gerando efeitos e criando redes complexas. Estas são compostas de diversos materiais, cujos papéis na construção do mundo devem ser considerados simetricamente. De forma analítica, a teoria ator - rede não distingue categoricamente os humanos dos não-humanos, apenas evidencia a integração das redes e o molde social (LAW, 1992). O argumento insiste na relação e conexão na análise do corpo, cuja incorporação deve ter seu papel reconhecido, somente se considerada a correlação a outros fenômenos (SHILLING, 2007).

A teoria ator-rede não privilegia o corpo como centro de análise ou de informações, pois a questão da agência na aproximação não prioriza o humano nessas relações. A ação dos atores se dá com e através do próprio corpo, entretanto, não exclusivamente por meio dele, afinal, considera que o mesmo cerca-se de elementos heterogêneos. Procedendo ao silogismo de que o ator é sempre uma rede, ainda que na prática não ramifique dado seu processo de simplificação.

The argument can easily be generalised. For instance, a machine is also a heterogeneous network - a set of roles played by technical materials but also by such human components as operators, users and repair-persons. So, too, is a text. All of these are networks which participate in the social. And the same is true for organisations and institutions: these are more or less precariously patterned roles played by people, machines, texts, buildings, all of which may offer resistance⁴⁵ (LAW, 1992, p.04).

O que torna a visão sociologicamente e antropológicamente importante é sua evidência na construção dos mundos que não se baseia em modelos consensuais. Assim, o conhecimento equivale ao produto final do trabalho efetuado nas redes, corporificando diversas formas materiais que demandam organização e ordenação.

Após abordar a visão geral de como falar sobre o corpo partindo de diferentes perspectivas, como procederemos doravante? Como ponderar sobre a construção da corporalidade e dos mundos se a simetria de todas as formas materiais deve se manter? Em *How to talk about the body* Latour (2004) sugere que aproveitemos a palavra “articulação” para referirmos a um corpo que é capaz de ser efetuado⁴⁶ ou afetado por elementos que constituem o mundo. Articulação e afetação são terminologias que abrangem a heterogeneidade da constituição corporal. Um corpo e um sujeito articulado são aqueles que, durante suas práticas, encontram-se afetados e influenciados pelo movimento de diferentes entidades. A articulação conecta a natureza das coisas com o campo social, tendo em vista que o corpo, ao ser efetuado

⁴⁵ “O argumento pode ser facilmente generalizado. Por exemplo, uma *máquina* é também uma rede heterogênea – um conjunto de papéis desempenhados por materiais técnicos, mas também por componentes humanos tais como os operadores, os usuários e os mantenedores. Da mesma forma um texto. Todas essas são redes que participam do social. E o mesmo é verdade para organizações e instituições: estas são papéis, ordenados mais ou menos precariamente segundo certos padrões, desempenhados por pessoas, máquinas, textos, prédios, cada um dos quais pode oferecer resistência”.

⁴⁶ Expressão em inglês *effectuated* (LATOURE, 2004).

pelas diferenças registradas no mundo, é levado a sentir e a agir diversamente. O interessante é que quanto mais controvérsias forem articuladas nessa constituição, mais vasto e multifacetado o corpo e o sujeito se tornam.

Primeiramente, menciona-se a ilustração proposta por Latour (2004) - sem muita dramaticidade – através da qual se pode compreender adequadamente como o corpo compreende a afetação e se articula com os elementos.

Consideremos um curso de perfumista, onde os alunos neófitos aprendem por meio da utilização de certas técnicas, materiais, instrumentos, a distinguir aos poucos as diferenças olfativas que outrora desconheciam. Objetivando ensinar a diferenciação das nuances de odores em frascos de perfumes, utiliza-se de um conjunto composto de inúmeros odores chamado de *malete à odeurs*, fundamental no processo. O conjunto possui fragrâncias puras, distintas, afinadas e está organizado de tal modo que ao longo do curso o “aprendiz” ultrapasse as fragrâncias com contrastes simples direcionando-se às mais acentuadas. Com a utilização adequada deste, e ainda com o auxílio de um profissional, os futuros perfumistas passam por um treinamento com duração mínima de uma semana. Progressivamente, possibilidades de reconhecimento de aromas sortidos surgem, e após um determinado período, estão habilitados a discriminar até mesmo diferenças sutis, distinguindo aromas de substâncias diversas, tanto naturais quanto sintéticas.

Provavelmente, antes de passarem por esse processo, toda distinção que esses alunos seriam capazes de realizar consistia em limitar as fragrâncias aos vocábulos “agradável” ou “fétido”. Apontamos a dificuldade cujos alunos se submentem: uma única fragrância tem em média 300 substâncias heterogêneas que são associadas para formar um elemento singular. Consequentemente, a impressão deve ser consistentemente aprimorada a fim de evocar impressões diversas ao olfato dependendo das combinações variáveis. Latour afirma que “*It is not by accident that the person is called ‘a nose’ as if, through practice, she had acquired an organ that defined her ability to detect chemical and other differences*”⁴⁷ (2004, p. 207).

⁴⁷ “Não é por acaso que essa pessoa é chamada de um ‘nariz’ como se, através da prática, ela tivesse *adquirido* um órgão que definiu sua habilidade para detectar diferenças químicas e outras”.

Outra ilustração que nos ajuda a compreender como o corpo pode ser articulado e se tornar uma entidade com mais capacidade à medida que é afetado é Neil Harbisson, nascido com sério daltonismo, por anos não conseguiu diferenciar as cores, com exceção da preta e branca. Harbisson e seus colegas desenvolveram o projeto denominado *Eyeborg*, que consistiu na criação de um sensor com câmera acoplada, apto a traduzir frequências de cores em sonoras (HARBISSON, 2008). O dispositivo foi implantado em Harbisson na parte posterior do crânio. Anteriormente era indiferente às variações de cores que compunham o mundo, entretanto, a aplicação do sensor permitiu a distinção de até 360 tons diversos aos quais seu corpo era precedentemente inapto. Na prática, ele não teve a visão restaurada, pois permanece identificando duas cores; o que mudou foi que a por meio desse implante, cada cor identificada pelo sensor faz soar uma nota musical, uma possibilidade até hoje desconhecida ao corpo natural. Isto traduz a visão de Harbisson noutra sentida, o da audição, escutando as cores através das notas musicais. O mundo que seu corpo habita é uma orquestra constante. Após o protótipo ter passado por várias atualizações ele é capaz de escutar tanto as tonalidades quanto a saturação das cores (HARBISSON, 2008; RONCHI, 2009). Essas ilustrações permitem compreender que o corpo não é algo com o qual iniciamos, mas que adquirimos, através de inúmeras articulações, à medida que as “contrapartidas” ou “correspondências do mundo” são registradas, conseqüentemente “*acquiring a body is a progressive enterprise that produces at once a sensory medium and a sensitive world*”⁴⁸ (LATOURE, 2004, p. 207).

Tanto o conjunto de odores quanto o implante (apesar de não poderem ser definidos como parte do corpo em si) fazem parte do corpo que está sendo afetado quando conjecturamos em termos de sensação progressiva. O conjunto de odores, o especialista, o implante e o sistema técnico que transforma cores em som, atuam conjuntamente para que esses sujeitos se tornem sensíveis às diferenças existentes na estrutura de cada elemento. Os alunos adquirem um olfato que os distingue de outros despreparados; já Neil Harbisson adquire um novo “órgão” que lhe permite escutar cores enquanto outros as veem. Nos dois casos constitui-se o corpo a partir de um

⁴⁸ “Aquisição de um corpo é um empreendimento progressivo que produz ao mesmo tempo um mundo sensorial e um mundo sensível”.

mundo sensível. Ambos indicam como o corpo é afetado, seja através da interferência química que anteriormente não produzia reação olfativa, ou pela capacidade de diferenciar cores primárias - ainda que por intermédio de outro sentido- outrora impossível. Os elementos associados do conjunto de odores, a tecnologia que converte visão em áudio, são parcelas significantes do que significa *ter um corpo*, pois eles permitem que o corpo experimente um universo odorífero, visual e sonoro mais amplo, mais contrastante.

Latour chama nossa atenção ao risco de tais casos, quando contrastados com o padrão utilizado para pensar o corpo na sociologia do social. É possível imaginar que o último modelo compreenda a existência de um corpo (sujeito), um mundo (objetos) e, finalmente, um intermediário (a linguagem) criando a conexão entre ambos. Valendo-se desse padrão, não é possível pensar na aprendizagem corporal por meio da dinâmica específica, dado que o sujeito já seria essência definitiva. Assim, o aprendizado seria dispensável; as cores, sons, odores estariam *out there*. Todavia, “*Either we have the world, the science, the things and no subject, or we have the subject and not the world, what things really are*”⁴⁹.” (LATOURE, 2004, p.208).

A conexão, uma vez estabelecida, permite a concretização do fenômeno, logo os intermediários e mediadores desaparecem e o pesquisador não toma consciência das redes que constituíram o processo. Certamente poderíamos interrogar acerca da precisão da percepção registrada e da capacidade de sensibilização a elas. Se tal raciocínio for seguido, as discrepâncias encontradas serão discutidas em termos de qualidades primárias e secundárias dos objetos, ou sobre a percepção científica e os relatos culturais. Por fim, no curso desse processo,

*The interesting body will have disappeared: either it will be the nature in us, the physiological body, that is, the chemistry of the nose receptors connecting directly with the tertiary structures of the pheromones and other aerosols, or it will be the subjective embodiment, the phenomenological body that will thrive on the lived-in impression provided by something ‘more’ than chemistry on our nose. No matter how alive we make this supplement of attention, it will always refer only to the depth of our subjection to ourselves, no longer to what the world is really like*⁵⁰ (LATOURE, 2004, p. 208).

⁴⁹ “Ou temos um mundo, a ciência, e coisas e nenhum sujeito, ou temos o sujeito e não temos o mundo, como realmente as coisas são”.

⁵⁰ “*O corpo interessante terá desaparecido: ou será a natureza em nós, o corpo fisiológico, o que é dizer, a química dos receptores nasais conectando-se diretamente com as estruturas terciárias dos feromônios e dos demais aerossóis,*

Antes do engajamento prático, os aprendizes do ofício de perfumistas eram inarticulados, não sendo capazes de separar e distinguir os contrastes, nem ter clareza sobre os odores, e por vezes aromas distintos elucidavam a mesma conduta. Todavia, quando falamos do corpo, aquilo que o afetou e o sensibilizou, criou igualmente uma nova percepção. Sem as afetações, a produção de interioridade e exterioridade, não existia diante do corpo. Da mesma forma Neil Harbisson, que antes de processar o aprendizado corporal, oriundo de tecnologia, somente distinguia duas cores. O corpo dele se tornou uma relação, no sentido de mediação, e para se tornar corpo foi necessário deixar-se ser afetado e fabricado pelo mundo que o cerca.

A fim de evitar qualquer logocentrismo ao discorrer acerca da articulação, não se debate o que se refere à articulação de “palavras”, “discurso” ou “coisas”, do contrário restariam unicamente as qualidades primárias das substâncias. Para evitar ambiguidades, ao descrever a articulação do corpo ou do sujeito, procuramos empregar a expressão “proposições”, pois, estas sim podem ser articuladas ou inarticuladas. Tradicionalmente, proposição é usada pelos indivíduos com objetivo de descrever a realidade exterior. Considerando que para Latour as entidades, em contato umas com as outras, modificam suas definições e resultados ao longo de um evento, o termo conjuga mais elementos cruciais: “(a) *it denotes obstinacy (position), that (b) has no definitive authority (it is a pro-position only) and (c) it may accept negotiating itself into a com-position without losing its solidity*⁵¹” (LATOURE, 2004, p.212).

Ao recorrermos às proposições articuladas descartamos a possível busca pela verdade, falsidade ou construção dos fatos. Em se tratando de articulações, quanto mais artifícios estiverem presentes e sensoriais, mais corpos e realidades serão registrados. Quanto mais se aprende, mais diferenças irão existir e nesta equação o corpo se torna sensível às diferenças, conseqüentemente libertando o mundo de sua antecipada unificação. Por essa razão, ao abordar um objeto articulado não esperamos que todos os relatos sobre sua ação confluem em uma versão exclusiva, seja ela, verdadeira ou falsa. Nos dizeres de Tarde (2003), esse caos de

ou será a incorporação subjetiva, o corpo fenomenológico que irá propagar-se na impressão vivenciada provida por algo a ‘mais’ do que a química em nosso nariz. Não importa quanta atenção damos a esse suplemento, pois ele irá sempre se referir somente à profundidade de nossa sujeição a nós mesmos, não mais ao que o mundo realmente é.”

⁵¹ “(a) ela denota obstinação (posição), e (b) que não existe autoridade definitiva (é uma *pro*posição somente) e (c) ela pode aceitar se negociar em uma *com*posição sem perder sua solidez”.

heterogeneidade discordante é o elemento do social. Em sua monadologia, é possível encontrar continuidade nos fenômenos, que ao final, podem conduzir à descontinuidade. Por sua vez, e o que é posto no descontínuo final é o contínuo, a totalidade das coisas e de outros seres, porquanto no fundo de cada coisa há outras coisas reais e possíveis de existir.

Finalmente, generalizações sobre os fenômenos só podem ser produzidas mediante uma melhor articulação das proposições. A respeito das boas generalizações, não se deve subentender que as versões alternativas dos fenômenos são desprezadas em favor da generalização, que esta reprova toda e qualquer diferença que não se enquadra no determinado evento. Ao contrário, permitem a relação de fenômenos distintos cuja diversidade é reconhecida, viabilizando a inclusão de versões alternativas, isto é, maximizando as articulações. E como as observações supracitadas permitem o pensamento do corpo diferentemente? Como não colocar, no mesmo conjunto, fisiologias, materialidades, qualidades primárias e secundárias ou espiritualidade? Afinal, considerando seriamente a articulação entre as disciplinas, será possível acreditar no dualismo corpo - mente, corpo fisiológico e corpo fenomenológico (LATOURET, 2004).

Os esforços tanto dos “aprendizes olfativos”, quanto de Neil Harbisson, Lukas Zpira e de Tim Cannon, demonstram como a sensibilização dos corpos vem ocorrendo através de mediações dos instrumentos e objetos, permitindo-os habitar um mundo novo, onde existem possibilidades de articulação com o ambiente. Através de diversas agências - muitas delas desconhecidas e para as quais eram inarticulados – o corpo conhece um conjunto de possibilidades, aceitando interagir por meio de uma nova forma com os objetos.

Se o corpo é a condição e, ao mesmo tempo, expressão da existência no mundo, os sentidos são evidentemente necessários para a experiência do corpo próprio. Ao mesmo tempo, tais práticas determinam a possibilidade de criação e deslocamento de mundos. Assim como há mais de um mundo, há mais de um corpo, portanto, viver em um corpo possibilita estar no mundo e também deslocar os mundos (LATIMER, 2009). Partindo do pressuposto de que a natureza / corpo e cultura / técnica não são dois domínios completamente distintos, esta pesquisa será construída através da incorporação das questões de fronteira ontológica definida entre os dois conceitos. Ao tentar traçar as interações envolvidas nesse vasto fenômeno, esperamos obter uma

visão unificada de como as ideias, tais como natureza, cultura, corpo e tecnologia são constituídos na contemporaneidade.

3 AO ENCONTRO DOS PIRATAS DO HUMANO

Introduziremos um quadro do que definimos como o panorama *underground* de tecnologização corporal que levanta questões a respeito da transformação do corpo e a consequente redefinição do humano. Com base nos dados coletados ao longo da pesquisa sobre o *Body Hactivism* e o *body hacking*, o eixo se organiza na discussão das ações empreendidas e nos discursos elaborados, na corrente fundada por Lukas Zpira. Zpira teoricamente delimita, de forma multifacetada, as bases necessárias para uma “metamorfose corporal”. Para tanto, ele se reapropria de discursos sociológicos e filosóficos a fim de delimitar as fronteiras ontológicas do ser humano, e realçar o que identifica como aspectos falhos e corruptíveis da natureza corpórea.

O *Body Hactivism* faz uma bricolagem de elementos, conferindo ao indivíduo o direito de escolher sua própria evolução e de ser seu próprio *designer*. Busca-se indicar alguns atores *body hactivists* que realizam modificações corporais extremas deliberadamente em estreita relação com a tecnologia. A hibridação de elementos, “naturais” e “artificiais” através da figura ciborgue permite destacar as controvérsias sobre a normatividade corporal⁵², enquanto a noção de maleabilidade física é solicitada para autorizar a exploração das sensações físicas não naturais.

Os avanços espetaculares da tecnociência e da biomedicina alvitram reparar o organismo e endossam a concepção de que a técnica pode e deve permitir ao indivíduo transcender sua corporalidade, transfigurando o homem mediante o aumento e o aperfeiçoamento físico⁵³. A

⁵² A normatividade corporal é um traço fundamental da teoria da saúde e que implica diversos valores, entre eles, como o corpo deveria e deverá ser (relacionando-se com o valor instrumental de funções e objetivos), sem se importar se é desejável que este seja dessa ou daquela forma. Essa teoria identifica certos estados como positivos e não como uma alternativa. Portanto, ao criar valores específicos que devem ser seguidos, ela é *normativa*. Ressaltamos que as teorias normativas apesar de se definirem como científicas, não são objetivas como pretendem, tendo em vista que certa visão de normatividade só é verdadeira num contexto particular e não pode ser aplicada universalmente. Não entraremos nessa discussão, todavia sublinhamos que o fato de afirmarmos que a ciência médica não é neutra possui implicações sérias. Sucintamente, a normalidade das ciências médicas espera combinar normatividade social e biológica, desde que predomine, sobretudo, a primeira.

⁵³ David Le Breton, em *Adeus ao Corpo*, acredita que na contemporaneidade há dois caminhos principais em relação ao corpo e que, num primeiro olhar, são aparentemente contraditórios. No primeiro, o corpo é tratado como um membro supranumerário do indivíduo, a parte maldita e estorvante que deve ser modificada e, se possível, totalmente substituída. Nessa perspectiva, o corpo é visto em decorrência de suas limitações: o corpo que falha, o corpo limitado aos genes e à interação entre as moléculas, o corpo que não corresponde às expectativas sociais e que, portanto, necessita de intervenções científicas para possibilitar uma humanidade plena. Por esse caminho no qual o sujeito se

tecnologia aplicada ao corpo também transporta o homem ao ciberespaço por meio da incorporação nos avatares. A conexão em rede planetária multiplica corpos e identidades imaginárias e conduz a uma representação diversa e flexível do corpo físico e das relações daí criadas. As transformações tecnológicas se desdobram e alimentam o fantasma da pós-humanidade, fórmula compartilhada pelos *body* hacktivists. Portanto, observam-se diferentes percepções do pós-humano através de práticas e discursos elaborados por entusiastas que não se fiam às fronteiras entre natureza e cultura, entre orgânico e inorgânico e entre corpo e tecnologia. Estes, à sua maneira, colaboram na reflexão sobre a constituição desse novo modelo de homem, se é que se pode chamá-lo de homem no sentido *stricto sensu*.

A fascinação contemporânea pela corporalidade e pela tecnologia oscila entre projetos científicos e ficções fomentadas nas últimas décadas, que abriram caminho a um novo evento assim celebrado por Brigitte Munier: “*Pour la première fois de son histoire, l’humanité peut choisir de se modifier, pour le meilleur ou pour le pire, et de tenter d’échapper à sa nature, non pas en suivant l’évolution naturelle de son espèce, mais par des actes délibérés*”^{54 55} (MUNIER, 2013, p.14).

apaga e sua personalidade perde valor, o corpo “rascunho” da biotecnologia, da Inteligência Artificial e do mundo cibernético são expoentes significativos. Sublinhando a fragilidade da carnalidade, o corpo é desvalorizado diante dos resultados dos avanços tecnocientíficos, e restaria “o milagre da Ciência para ser endireitado e transformar-se em um ideal técnico” (LE BRETON, 2008a, p.130). No segundo caminho, o corpo continua passível de ambiguidades, porém, nessa óptica, viabiliza-se um “projeto do corpo”, que se resume em esforços para moldar o corpo para se reconstruir identitariamente (BRUMBERG, 1997). Este reflete a preocupação e a responsabilidade contemporânea em produzir e controlar as relações pessoais *através* do corpo, a fim de permitir que os indivíduos se insiram nas relações sociais pela produção e adequação da identidade individual. Nessa perspectiva, o corpo modificado não é o lugar da condenação e sim o da salvação, de uma nova possibilidade de manifestação do eu, uma nova forma de se reportar ao mundo. Isto posto, este corpo *alter ego* é digno de todo investimento financeiro e de dedicação, seu bem estar é priorizado, sobressaltando a obsessão pela aparência, boa forma, saúde e juventude (LE BRETON, 2002, 2008a, 2008b). O leitor talvez se pergunte: “Então, o que há em comum entre estas concepções?”. Podemos destacar que é a distância com a qual se encara o corpo: um em si mesmo, desprendido do sujeito, de sua individualidade e personalidade. Paradoxalmente, ele pode atuar como *alter ego*, um sócio, um rascunho, um objeto manipulável, sem limites, como um *outro* diferente do indivíduo, colaborando para que o valor do corpo seja flexibilizado; e de acordo com a necessidade, assuma significados diversos (ignorando as contradições evidentes). O corpo torna-se um jogo que pode ter suas peças alteradas, substituídas, aumentadas, aperfeiçoadas, não consistindo *a priori* na identidade absoluta do indivíduo, mas num elemento que servirá de auxílio para a definição do eu após ser submetido às escolhas individuais de seu “proprietário”. Num momento, ele é um corpo maldito, no outro, um o corpo natural; elemento de remissão do indivíduo, mas tão somente se for modificado.

⁵⁴ As falas dos entrevistados estrangeiros, bem como as citações publicadas originalmente em língua estrangeira e sem tradução para o português, desde o início desse trabalho foram transcritas e traduzidas livremente pela autora.

3.1 Delimitações do movimento *Body Hactivism*

O termo *body hacking* vem sendo frequentemente empregado na internet para definir indivíduos que voluntariamente decidiram se engajar em modificações corporais extremas⁵⁶. De modo geral, os que se circunscrevem nesse fenômeno não possuem nenhuma deficiência anatômica, todavia desejam modificar seus corpos acrescentando componentes artificiais criados por eles próprios e cujas peças podem ser adquiridas a preços baixos (senão, por intervenções semelhantes em lojas de tatuagem/*piercing*). Já o termo *Body Hactivism* foi publicamente utilizado pelo *body performer* francês de Avignon, Lukas Zpira, no ano de 2000⁵⁷, pretendendo superar a noção de pirataria do corpo ao agregar-lhe uma dimensão política. A disseminação desse termo teve por objetivo instituir uma reflexão original sobre as modificações corporais extremas realizadas contemporaneamente. Na página eletrônica oficial dessa corrente o *Body Hactivism* é definido como um movimento que propõem *refletir* sobre mutações corporais, e abrange artistas, pensadores e pesquisadores (ZPIRA, 2010). A principal distinção do *Body Hactivism*, segundo Lukas Zpira, é sua oposição à ideologia adotada por outros movimentos de modificação extrema, sobretudo os Primitivos Modernos, principal referência entre os modificadores corporais e *body performers*.

Pesquisadores, escritores e modificadores corporais sustentam que os Primitivos Modernos são particularmente importantes por terem alastrado modificações e performances corporais nos Estados Unidos, posteriormente alcançando uma dimensão global, tendo por inspiração as

Quando se tratar de discursos coletados durante entrevistas, o leitor deverá entender que estes fazem parte do arquivo pessoal da pesquisadora e que serão mantidos segundo regras éticas de sigilo e segurança. No que diz respeito às citações, tudo que não releva das entrevistas, será devidamente citado.

⁵⁵ “Pela primeira vez em sua história, a humanidade pode optar por se modificar, para a melhor ou para a pior, e tentar escapar de sua natureza, não mais seguindo a evolução natural de sua espécie, mas por atos deliberados”.

⁵⁶ Nossa investigação centra-se em práticas de modificação corporal extrema que, além de assumir múltiplas formas - sendo a pirataria do corpo uma delas - são percebidas como prejudiciais à saúde física e mental. As diversas exposições na internet da utilização da tecnologia fora dos limites da medicina, assim como veremos, preocupam médicos que estão convencidos de que essas atividades são arriscadas para o perfeito funcionamento do corpo e são vistos, por eles, como forma de mutilação. Além disso, fora do cenário de modificação do corpo, as pessoas que decidiram ter seus corpos modificados e os profissionais que executam essas modificações são extremamente estigmatizadas e tidas como pessoas desacreditadas (GOFFMAN, 1995).

⁵⁷ Disponível em: <http://www.body-art.net/>, acesso 10 de fevereiro, 2014.

sociedades tradicionais longínquas familiares aos antropólogos. Nos anos sessenta⁵⁸ nos Estados Unidos alguns tatuadores⁵⁹ teriam buscado se reapropriar de técnicas e estilos de modificação corporal de coletividades não ocidentalizadas. Eles pretendiam desenvolver uma noção ou relação com o corpo que se privilegiasse a “dimensão primitiva” como fonte alternativa de valorização corporal. O argumento de Rosenblatt é que eles consideravam suas experiências emblemáticas como um tipo de transcendência, sendo essa a noção central para sobrevalorizar a cultura tradicional (ROSENBLATT, 1997). Em 1989, os *body artists*⁶⁰ e mais amplamente os *body performers* publicaram na revista norte-americana chamada *RE/search #12* um documento que versava sobre os Primitivos Modernos (VALE; JUNO, 1989), encorajando transformações físicas radicais tanto ao nível individual quanto coletivo. As técnicas aludidas foram caracterizadas pela revista como “primitivas”, pois se apoiavam em ritos das sociedades tradicionais, apesar das releituras ambíguas e estereotipadas. A partir de então, a *RE/search#12* tornou-se referência para tatuadores, artistas e modificadores corporais que buscavam se especializar nas práticas de alteração corpórea radical, e isso contribuiu para legitimar a difusão e a realização de procedimentos ligados às especificidades culturais das sociedades indígenas nas quais buscavam inspiração.

⁵⁸ Desde o final dos anos 60 o corpo se impôs como um signo unânime (o feminismo, a “revolução sexual”, as diversas e exóticas expressões corporais, o *body art*) que foi capaz de elaborar um novo imaginário corporal, alterando tanto a relação com o corpo bem como com a mentalidade individual e coletiva (LE BRETON, 2004).

⁵⁹ Podemos citar Ed Hardy, Sailor Jerry Collins, Mike Malone, entre outros.

⁶⁰ Esse movimento artístico começou nos anos sessenta reunindo uma série de práticas artísticas efetuadas através e no corpo, tais como *branding*, *scarification*, *piercing*, pintura corporal, sadomasoquismo, e é considerado como o precursor das performances corporais tão populares atualmente no contexto mundial da modificação corporal extrema. Movimento muito importante para auxiliar na compreensão do estatuto do corpo na modernidade, o *body art*, sucintamente, é o deslocamento de um corpo instrumento a um corpo objeto de intervenção artística. Ele se vale de técnicas de modificação radicais para construir estéticas corporais antagônicas aos arquétipos. A relação com a experimentação corporal pode ser separada de acordo com os significados coletivos oferecidos à sua prática. Na mesma linha, o *body art* contemporâneo é um gênero artístico amplo no qual o corpo do artista é o elemento central de sua obra. Essa comunidade de artistas reclama o total domínio do design corporal e a exploração de todas suas possibilidades através de uma expressão artística e física radical. No *body art* é pelo corpo que se deseja questionar o mundo, logo, este é reivindicado como fonte de criação (LE BRETON, 2008a). Em suas obras, o corpo é transformado em objeto e colocado em cena em sua materialidade e enquanto instrumento de crítica das condições de existência dos indivíduos. Dentre os vários personagens conhecidos nesse cenário, podemos citar os trabalhos de Orlan, Gina Pane, Marina Abramović, Jana Sterbak, Rebecca Horn, que já foram amplamente trabalhados pelos cientistas sociais.

Paralelamente, nos Estados Unidos, especificamente na Califórnia, o *body performer* Fakir Musafar atraía a atenção em razão da relação emblemática com o próprio corpo. Desde a juventude concatenou isoladamente a prática voluntária do *piercing* (prática de modificação corporal que consiste na perfuração do corpo para inserir uma bijuteria própria), *branding* (marcação a ferro ou a laser de um desenho, sinal, sobre a pele com objetivo de deixar uma marca definitiva), *stretching* (expansão deliberada dos buracos do *piercing* com propósito de utilizar bijuterias e alargadores maiores), escarificação (produção de cicatrizes corporais por meio de materiais cortantes), assim como a aplicação de outras técnicas de marcação física dentro de uma perspectiva pensada como “espiritual”. Após diversas experiências físicas radicais e levando em consideração fragmentos ritualísticos também das sociedades tradicionais, Musafar teria estabelecido o ato de nascimento dos Primitivos Modernos (LE BRETON, 2004), reivindicando o título de fundador do movimento que obteve notoriedade em decorrência das particularidades de suas práticas. Os Primitivos Modernos, ao se apropriarem de práticas de modificação físicas cunhadas como “primitivas” (em referência às sociedades tradicionais), acreditam alvitar uma alternativa às condições de existência ocidental, sobretudo pela valorização dos rituais e do corpo. Fakir Musafar qualificou essas práticas como modificações corporais deliberadas e ritualizadas. Para ele, o simbolismo das práticas das sociedades tradicionais seria imutável e aplicável em qualquer ambiente geográfico e cultural. Musafar criou igualmente o conceito *body play* para incluir abordagens pretensamente inovadoras de exploração da espiritualidade na arte, nas modificações corporais e inclusive no sadomasoquismo⁶¹. Por meio da “valorização da dor como vetor de metamorfose pessoal que leva a uma redefinição das práticas sadomasoquistas, tornando-se então uma forma de espiritualidade e uma busca de si” (LE BRETON, 2004, p. 201).

Os entusiastas dos Primitivos Modernos, fortemente impressionados por antigos materiais etnográficos, veiculados em filmes, fotos e mesmo volumes da *National Geographic*, utilizam-nas como fonte de inspiração e encorajamento. Ainda que encontrem nas sociedades tradicionais

⁶¹ A ampla gama de experiências corporais do *body play* pode ser ilustrada de forma não exaustiva pelos seguintes exemplos: o contorcionismo, as práticas hinduístas Sadhus, a constrição, as sobrecargas, os choques elétricos, o *branding* e as suspensões corporais (VALE; JUNO, 1989).

a fonte de engenho para os rituais corporais e técnicas, a reapropriação efetivamente entusiástica de elementos variados acontece fora de suas cosmologias originais. De acordo com Eubank (1996), na ideologia e na filosofia dos Primitivos Modernos jaz uma alegação ingênua de afinidade com o corpo e com a cultura das sociedades tradicionais, pois as imagens de diferentes atividades descontextualizadas são reproduzidas e difundidas de maneira não crítica, em suportes numéricos desmaterializados e especializados⁶². Entretanto, não existe nesse movimento uma verdadeira tomada de consciência da significação das modificações corporais ligadas aos rituais das sociedades mencionadas. Desta maneira, ignoram as origens e os valores culturais que lhes são associadas e seus significados na cosmologia comunitária específica – as modificações corporais específicas são evocadas, mas as sociedades onde se originaram são simplesmente citadas *en passant*. Pragmaticamente, a dimensão “primitiva” do discurso desse movimento é resultado de múltiplas influências desenraizadas, uma bricolagem que não possui vocação ou representatividade com relação a qualquer comunidade tradicional particular.

Na revista *RE/search #12*, todavia, os Primitivos Modernos se referem a uma escolha arbitrária de um número relativamente importante de sociedades tradicionais, bem identificadas por certos antropólogos⁶³. Como exemplo tem-se o Sadhus da Índia, os Masai da África Central, os Maori da Nova Zelândia, entre vários outros⁶⁴. O que fascina os adeptos desse movimento, na verdade, é a singularidade da alteração física realizada pelos membros dessas sociedades. Entre elas, as mais comuns são: *piercing*, *branding*, *stretching*, *cupping* (aplicação de ventosas), escarificação, tatuagem, suspensões ritualísticas, entre muitas outras. Essas práticas, fora da conjuntura tribal, são assim introduzidas como uma forma de exploração corporal inédita e lúdica. Fakir Musafar, sobretudo, coloca em evidência o valor do culto ao corpo, ressaltando a aproximação corporal que, segundo ele, possibilitaria a exploração de outras formas de espiritualidade e a aquisição de um estado de consciência mais elevado (CALIFA, 1994). Trata-

⁶² Como ilustração, Fakir Musafar adora justapor suas fotos com seu “modelo primitivo” na mesma posição.

⁶³ Podemos citar, como exemplo, os antropólogos Maurice Godelier, George Balandier, Edward Evans-Pritchard, Alfred Radcliffe-Brown e Louis Dumont.

⁶⁴ Estas sociedades foram escolhidas precisa e unicamente em razão de suas tradições diretamente concernidas pelas modificações corporais exóticas (VALE; JUNO, 1989).

se, portanto, de sublinhar que, mediante as práticas selecionadas, os Primitivos Modernos aspiram tanto a transformação do corpo quanto um despertar espiritual interior: antes de tudo, uma experimentação de outras formas de religiosidade que não estariam ligadas nem às instituições ocidentais nem às sociedades tradicionais. Para Le Breton, consistiria, acima de tudo, na elaboração de uma espécie de “sagrado pessoal” (LE BRETON, 2004, 2008).

A propósito, os Primitivos Modernos não se eximem de inúmeras condutas aparentemente paradoxais. Argumentam contra os princípios da cultura de consumo ocidental, porém, nesse contexto, a prática de tatuagem e dos *piercings* não escapam à usual mercantilização de bens e serviços, aliás, tatuagens, escarificações, *piercings* e *branding* são atualmente comercializadas livremente como qualquer serviço. Muitos profissionais da modificação corporal criaram empresas de pequeno e grande porte nas grandes cidades e fixaram um mercado lucrativo definitivo. A despeito da vontade dos principais representantes dos Primitivos Modernos em criticar o estilo de vida contemporâneo pela aplicação de conhecimentos tradicionais em matéria de alteração corporal, ao considerar o estilo de vida que adotaram, podemos afirmar que eles são solidários às convenções individualistas do século XXI. Além disso, com a popularização dessas práticas, os Primitivos Modernos tornaram-se espontaneamente os portadores de tais modismos. Le Breton (2004) assinala que este movimento conscientizou-se da emergência de uma “cultura mundial” na qual podem reproduzir seus interesses. Ao priorizar técnicas pertencentes a ontologias distintas e argumentar contra certos pontos de vista ocidentais, eles produzem um recorte que destaca, tão somente, os aspectos que lhes interessam. E se a crítica antropológica aqui se impõe, todavia não diminui de nenhuma forma a sinceridade das ações.

Clara e insistentemente, Lukas Zpira manifesta sua oposição à ideologia e às realizações dos Primitivos Modernos. Seu intuito é estabelecer na sociedade contemporânea outra possibilidade de exploração corporal e pessoal que corresponderia melhor à cosmovisão científica do período histórico atual. Então, o *Body Hactivism* estaria associado às transformações físicas *avant-garde*, isto é, as modificações prospectivas inspiradas em filmes, literatura de ficção-

científica e mangás⁶⁵ (ZPIRA, 2010). De acordo com Zpira, este seria o repertório primordial das práticas do *Body Hactivism*⁶⁶.

No final dos anos 80, determinadas modificações corporais, tais como tatuagem e *piercing*, popularizaram-se como fruto do que ocorreu nos Estados Unidos em relação às modificações corporais extremas. A cultura ciberpunk, por sua vez, experimentou uma nova forma de resistência ao “sistema”. Não consistia numa rebelião orientada à marginalidade, e sim, numa estratégia de infiltração nas engrenagens das tecnologias de ponta. Com o crescimento da tendência das modificações corporais, os profissionais e *body performers* modernizaram suas lojas através de equipamentos que rivalizavam com os gabinetes médicos. Nesse contexto, surgiu Zpira, encorajado pelos avanços técnicos e médicos. Propondo transformações físicas e reflexões que fundamentam os paradigmas tecnológicos da sociedade atual, o *Body Hactivism* teria nascido para exprimir a vontade de ultrapassar as fronteiras biológicas, propondo rotas de ciborguização, de integração do corpo orgânico com a matéria, traçadas individualmente.

Segundo Zpira, a outra particularidade do *Body Hactivism* em relação aos outros movimentos de modificação extrema está no campo ideológico que, por sua vez, reflete-se nas modificações corporais desejadas: “*Le Body Hactivism est un concept qui doit être liée à la technologie et toujours dans la perspective d’une pensée et relation avec le corps focalisé dans l’évolution*”⁶⁷. Segundo ele, os artistas que trabalham em seus corpos sem uma filosofia ou

⁶⁵ Os mangás são histórias em quadrinhos realizadas em estilo japonês e que possuem características e desenhos próprios. Os mangás mais modernos sofreram influências da *Walt Disney* que, por sua vez, alterou as características faciais dos desenhos aumentando a expressividade dos personagens, além de terem introduzido efeitos gráficos que permitem a variação dos planos e dos enquadramentos.

⁶⁶ O intenso desejo de transformação de si não é um fenômeno inédito na história ocidental. Porém, atualmente, este se apresenta cada vez mais direcionado a um futuro sonhado e idealizado pela mitologia da ficção-científica e, paralelamente, alimentado pela cibernética, robótica e tecnociência. A passagem do humano ao não-humano através da evolução artificial é evidentemente motivada culturalmente. O ciborgue da NASA, o humano “aperfeiçoado”, se tornou a manifestação contemporânea do mito de Prometeu. Destacando-se do campo científico, tais sonhos trilham sua carreira na literatura e depois no cinema de ficção-científica. Aqueles que nasceram no final dos anos 60 cresceram sob a influência de desenhos e filmes onde a fusão de elementos orgânicos e inorgânicos assumiram direções pacíficas. Somado a esse fenômeno, está a irrupção da cultura mangá, a influência do *do-it-yourself*. Imersos num contexto de constante interação com a tecnologia, os *digital natives* estão preparados para animar um dos grandes sonhos da ficção, o acoplamento do homem com a máquina.

⁶⁷ “O *Body Hactivism* é um conceito que deve estar ligado à tecnologia e sempre na prospectiva, em volta de um pensamento e relação com o corpo focado na evolução”.

compreensão futurista do mesmo, não poderiam ser enquadrados como *body hacktivists*, “*ils ne sont pas de body hacktivists parce qu’ils travaillent sur le corps. Ils peuvent simplement être des body hacktivists sans pour autant travailler sur leurs propres corps*”⁶⁸. Consoante a este discurso, a materialidade do corpo e também sua intangibilidade é locus de ação dos *body hacktivists*. Para Zpira, ademais, não se trata de reunir um grupo de pessoas modificadas, antes os *body hacktivists* são aqueles que possuem uma reflexão sobre a metamorfose corporal – ainda que sem qualquer alteração física em seu corpo – e integram outros campos possíveis, relacionados à ficção científica, à sociologia, à antropologia ou à arte.

Ainda de acordo com Zpira, o *Body Hacktivism* defenderia a liberdade de escolha quanto a patentes, licenças e direitos de propriedade relativos às transformações corporais, especialmente aquelas provenientes da biomedicina. A liberdade de escolha, face ao número progressivo de opções de transformação do ser humano, colocaria em debate a noção de interesse coletivo em oposição ao individual. Desta maneira, para ele, a dimensão ativista anunciada, cerne dessa corrente, apontaria para as questões contemporâneas mais cruciais e colocaria em jogo a redefinição do corpo por meio da interação com as novas tecnologias, mesmo que disponibilizadas desigualmente.

Com essa breve exposição do *Body Hacktivism*, entende-se melhor o rumo e as pretensões dessa corrente. Resumidamente, tanto o imaginário inspirado na ficção-científica quanto as possibilidades de transformação física pela tecnociência - associados ao ativismo político - são as bases do discurso de fundação dessa corrente, tal como concebida por Lukas Zpira.

3.1.1 O manifesto *Body Hacktivism* e o individualismo extremo

De acordo com Lukas Zpira *Body Hacking: manifeste* (ZPIRA, 2010) é o texto que demarcaria o ponto inicial dessa corrente. Sabemos que qualquer manifesto, enquanto declaração verbal, confessa intenções, ensejos e perspectivas da parte do emissor. E tem por objetivo

⁶⁸ “Eles não são *body hacktivists* porque trabalham em seus corpos. Eles podem simplesmente ser *body hacktivists* e não trabalharem em seus corpos”.

angariar corações e mentes que compartilham novas noções prescritivas, capazes de carregar mudanças que o autor crê no dever de ser efetuadas. Ao compor seu próprio Manifesto, Zpira se engaja na construção de uma nova cosmovisão composta por ideias e sentimentos particulares, atrelando em seu discurso elementos simbólicos e ideológicos. Ainda que negue a intenção de organizar um novo grupo, é perceptível que sua perspectiva militante, voluntária ou involuntariamente, produz desdobramentos e divisões sociais e ideológicas. É dessa forma paradoxal que Zpira introduziu sua proposta ideológica ao público em geral.

Lukas Zpira afirma que elaborou seu Manifesto a partir de questões acerca do tipo de modificações corporais que realizava profissionalmente. Apesar de trabalhar com tatuagem, *piercing*, escarificações, não havia encontrado uma definição clara sobre seu trabalho, enquanto modificador corporal. Segundo ele, ao se questionar sobre as diversas categorias existentes, concluiu que não se identificava com nenhuma delas. *Body art*, ciberpunk, ciborgue, seriam grupos aos quais ele não se ajustava completamente. Devido ao seu trabalho com performances corporais, explicou que foi enquadrado pela comunidade de modificadores como pertencente ao movimento do *body art*. Todavia, sua ideologia corporal se oporia a esse movimento em razão de sua ambição prospectiva. No decorrer de suas reflexões sobre a natureza daquilo que desejava transmitir por meio de procedimentos técnicos, surgiu então o termo *body hacking*, utilizado por ele para indicar o estreito atrelamento do corpo com a tecnologia. Essa associação, que seria um fenômeno irrefutável na contemporaneidade, poderia ser interrogada, resultando em seu interesse em agir naquilo que foi estabelecido como suas fronteiras (ZPIRA, 2010). Ele acredita que o Manifesto teria sido essencial para expressar ao grande público as suas pretensões ideológicas, e assim se distinguir das demais correntes.

O Manifesto do *Body Hactivism* possui duas orientações. De um lado, Zpira busca apresentar uma aguda consciência do caráter contingente do pensamento político e social no que concerne à tecnologia e à liberdade individual. Nesse ambiente, os problemas contemporâneos estariam relacionados agudamente aos interesses políticos e tecnocientíficos. Do outro lado, focaliza a reapropriação individual do corpo, por meio da tecnologia, para interrogar os parâmetros básicos da condição humana, tanto em sua dimensão física quanto existencial. Como em qualquer Manifesto, encontram-se ali reflexões sobre as relações sociais e políticas. No caso

de Zpira, o Manifesto convocava as pessoas a tomar posse da própria evolução física através da utilização deliberada da tecnologia. Trechos de discursos sociológicos e filosóficos são utilizados por Zpira visando dar coerência e legitimidade ao fluxo de seus valores, também compartilhados por ele em outros escritos.

No Manifesto, afirmou que os processos sociais limitariam sinais de individualidade. O fundamento dessa constatação consistiria no fato de que os interesses privados - sobretudo das grandes empresas - e democráticos limitam “a livre manifestação” das transformações físicas que não se enquadram numa perspectiva de “normalidade”. Portanto, os valores “conservadores” da sociedade “em declínio” deveriam ser interrogados. As filosofias e ideologias deveriam se libertar das correntes da religião e de qualquer constrição que viesse sacramentar uma “ordem natural das coisas”, em favor da liberdade de ação baseada no julgamento individual ou “livre arbítrio”. Para ele, a solução seria a adequada compreensão dos “elementos característicos da constituição humana” viabilizando a sua evolução, a sua autorregulação, dispensando as constrições coletivas representadas pelas instituições.

L'usage que nous faisons de notre corps n'a donc d'autre but que de placer dans la dimension du réel nos pensées métaphysiques, laisser libre cour à notre inconscient et donner naissance à nos utopies. (...) On ne réinterprète pas impunément ce qui est notre principale interface avec le monde (...). Me basant sur ce jugement social nous renvoyant aux freaks⁶⁹ de l'imagerie populaire (ou aux monstres de Foucault), j'ai longtemps cru que mon travail était “contre-nature”. Il m'a fallu attendre de nombreuses années et quelques voyages au Japon pour comprendre à travers la contemplation de ses jardins, qu'il s'agissait bien au contraire de comprendre notre nature (humaine), élément physique et métaphysique, afin de mieux la maîtriser et pouvoir ainsi la transformer. Il ne s'agissait donc pas de créer de quelconques armures, celle-ci alourdissant autant qu'elles protègent, mais bien de sublimer une humanité libérée des geôles de la religion et de “l'ordre naturel”, pouvant donc enfin sans crainte d'une quelconque punition divine, s'exprimer en toute liberté à travers son seul libre arbitre (ZPIRA, 2010)⁷⁰.

⁶⁹Michel Foucault através da obra “Os anormais” apresenta três figuras que constituem o terreno do discurso sobre o “anormal”, entre eles o “monstro humano”, que é aquele que constitui “em sua existência mesma e em sua forma, não apenas a violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (FOUCAULT, 2001, p. 69). Em síntese, possui como característica a combinação do proibido com o impossível, que serviu durante o medievo como um modelo de todas as pequenas e grandes discrepâncias.

⁷⁰“A forma que utilizamos nosso corpo não tem nenhum outro objetivo além de transferir nossas ideias metafísicas em uma dimensão realista, para que o nosso subconsciente viaje livremente e dê luz à nossas utopias (...). Nós não reinterpretemos impunemente aquilo que é nossa principal interface com o mundo (...). Baseando-me no julgamento

Para Zpira, tal “natureza humana” consistiria num conjunto de características que incluiriam formas de agir e pensar que são supostamente invariáveis para todos os seres humanos e seria composta tanto de elementos materiais quanto transcendentais.

Na tradição filosófica podemos encontrar inúmeras concepções sobre a natureza humana e sua compreensão metafísica. A teoria filosófica elaborada na Antiguidade grega e ainda presente no Ocidente, por exemplo, concebe o homem como uma essência constante, que varia somente de acordo com um padrão essencial. Tanto para Platão como para Aristóteles, a verdadeira realidade estaria presente nas ideias e todos os seres humanos possuiriam o potencial de caminhar rumo ao pleno desenvolvimento, isto é, o aperfeiçoamento da razão⁷¹.

Outro ponto levantado por Zpira diz respeito à religião e suas influências na modulação da corporalidade. A busca pela libertação do corpo do domínio religioso, tal como proposto no Manifesto, não constituiu em si uma novidade. A mesma dinâmica se reproduziu na passagem para a Modernidade e resultou na concepção corporal disseminada atualmente no Ocidente. Com o Humanismo, novos caminhos foram abertos para que os indivíduos pudessem lidar com o próprio corpo, até então, vedados a qualquer alteração. No processo que conduziu a passagem da Idade Média para a Moderna, corpo e alma foram separados ontologicamente. No mesmo fluxo, buscou-se libertar o homem do dualismo cartesiano que depreciava o primeiro em favor do segundo, de acordo com as concepções da Idade Média, da mesma forma, com o domínio dos ensinamentos da Igreja, sobretudo, o direito de legislar sobre a vida dos indivíduos. Na medida em que a coletividade e Deus foram substituídos, outra relação foi instituída, a do corpo-objeto, cujos cuidados foram delegados à medicina. Por sua vez, esta se dedicou à dissecação de cadáveres e estudo das sinapses do cérebro. Uma concepção inédita do homem surgiu. Se antes

social de *freaks* do imaginário popular (ou os monstros de Foucault), eu, por um longo tempo, acreditei que meu trabalho fosse contra a natureza. Eu tive que esperar muitos anos e algumas viagens para o Japão a fim de compreender, através da contemplação dos seus jardins, que pelo contrário, trata-se da compreensão de nossa natureza ‘humana’, com os seus elementos físicos e metafísicos, a fim de controlá-la melhor. Não se trata de criar uma armadura - seu peso seria tão importante quanto a sua capacidade de proteger- mas sublimar uma humanidade liberta da prisão da religião e da ‘ordem natural’ das coisas, para finalmente ser capaz de expressar-se livremente, sem medo de qualquer castigo divino”.

⁷¹ Apesar de percorrer a tradição filosófica do mundo ocidental, essa concepção abstrata do ser humano foi esparsamente criticada por Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Jean-Paul Sartre.

da Modernidade a existência do corpo estava subordinada às concepções religiosas, o trajeto oposto tomou lugar após essa ruptura, sendo doravante inserido num pensamento dominado pela busca da liberdade e do prazer. Podemos afirmar que a temática do corpo não se colocou de maneira individualizada na Idade Média, pois, vivia-se em uma sociedade hierarquizada, em parte pelo domínio da Igreja. Le Breton (2008b) afirma que a partir do Humanismo teve início o processo de rompimento da concepção do homem como parte inseparável de uma coletividade. Consequentemente, surgiram as primeiras formas de individualismo e o corpo deixou aos poucos de ser um índice de inclusão para ser motivo de separação entre os sujeitos. Neste processo, o indivíduo tornou-se categoria dominante, um valor supremo na ideologia moderna, segundo Louis Dumont (1983).

Imersos na transcendência cristã, a sociedade medieval não aceitava a ruptura entre o homem e seu corpo, entre o homem e o cosmos, ou entre ele e o mundo. Porém, com paulatina ascensão do individualismo - cujos principais defensores eram a elite intelectual, a burguesia e os reformadores - o dualismo homem-corpo assumiu novas facetas. Na tentativa de se livrar da oposição encontrada frente à perspectiva religiosa, surgiu um dualismo resultante do rompimento da solidariedade que unia o indivíduo à coletividade, numa versão moderna - o homem *versus* seu corpo. Essa “propriedade individual” tomou proporções inéditas, e se beneficiou do capitalismo, como demonstra os dispositivos ideológicos de propaganda e marketing que se espalharam nos meios de comunicação de massa.

A crítica ao pensamento religioso encontrou resistências dos que defendiam os costumes, a tradição e a cultura dos grupos tradicionais. Mesmo assim, a ideologia moderna não se perdeu no que, para seus idealizadores, era tido como irracionalismo e tradicionalismo. Embora a Modernidade envereda-se na transformação da visão teocêntrica do mundo em direção a uma visão humanista, não se desligou completamente da divisão dualista de nuance agostiniana. Ao contrário, instalou-se o dilema presenciado na contemporaneidade, sua subjetivação.

A modernidade conduziu a uma dinâmica de secularização da cultura, seja ela política, jurídica, ética, cotidiana, literária ou artística, cada um destes domínios se desenvolvendo segundo suas necessidades e dinâmicas próprias. Em nome do seu ideal universalista, a Modernidade decidiu passar tábua rasa no passado, edificar o mundo da

razão livre dos particularismos, da dominação da Igreja, das tradições e das superstições (LIPOVETSKY & SERROY, 2008, p. 13).

Nestes termos, a modernidade representou mais uma força acrescentada às outras, e o espaço comunitário se estreitou e enfraqueceu, da mesma forma o sentimento de pertencimento à uma coletividade. Com isso, o homem encontrou-se cada vez mais livre para extrair de si as suas próprias convicções pessoais, com autonomia para agir no mundo de acordo com sua vontade. Para esse indivíduo que surgia, o destino não estaria mais nas mãos de um Deus soberano, legislador sobre o querer do homem. Para Le Breton “a liberação do religioso leva à consciência e a responsabilidade pessoal, e logo conduzirá, ao nascimento da democracia e à liberação do político” (2008b, p.41). O indivíduo passou a ser visto como o construtor de seu caminho e responsável pela forma e sentido que dará à sociedade em que vive⁷².

Diante desses fatores e da preponderância do pensamento liberal, da solidificação do mercado, do esfacelamento das instituições sociais e do foco exacerbado nos valores individualistas, a constituição do sujeito moderno vem sendo radicalmente afetada. A vontade dos indivíduos não mais se submete, necessariamente, aos interesses das grandes instituições ou orientações coletivas de uma sociedade que é definida como “pós-moderna”. Nesta, esses valores encontram-se invertidos, e o indivíduo, enquanto sujeito “pós-moderno” olha para dentro de si, para sua habilidade, sua vontade e seu poder. A subjetividade do sujeito contemporâneo se organiza a partir do deslocamento do modelo econômico liberal em direção a uma formação identitária. A convicção de que o mercado pode se autorregular, sem a necessidade de nenhuma

⁷² Com as mudanças no estatuto da pessoa o corpo deixa de ser envolvido pela alma e torna-se envolto pela pele. Somamos a isso o sentimento do “indivíduo”. O corpo passa então a se constituir na fronteira mais precisa que distingue um homem do outro, e por consequência vemos ser instaurada outra forma dos indivíduos lidarem com os objetos e as relações sociais (BAUDRILLARD, 1995). Com o foco na razão e no próprio homem, os valores e as orientações de vida são libertos das tradições do passado e a noção da pessoa é alterada definitivamente. O corpo, cá fator de individualização no novo Regime, indica a ruptura do homem com o cosmos e torna-se um objeto de valor, notadamente para os anatomistas que dão início à dissecação de cadáveres. É válido lembrar que na Idade Média o homem era visto enquanto membro da coletividade, assim sendo, seu corpo não podia ser “profanado”. Portanto, o Humanismo abriu uma lacuna fundamental para que os anatomistas inventassem o conceito de corpo ao qual aderimos na contemporaneidade, diz Le Breton. Isto é, um corpo desanexado da pessoa, do cosmos e da comunidade. Para substituir sua antiga versão, estabeleceu-se um corpo fruto da razão, do progresso da Ciência e que não possui nada além de um valor anedótico de encarnação provisória da pessoa. Ele se tornou um amontoado de carne consagrada ao apodrecimento após a morte (LÉVY, 2010).

influência coletiva externa, estabeleceu a sua reapropriação pelos indivíduos sem que haja qualquer coerção que integralize a sociedade tal e qual, e sim, apenas a vontade e a ação de seus membros individuais. Lukas Zpira poderia ser o representante maior desse novo sujeito, a liberdade conclamada por ele parte do princípio de que liberdade irrestrita pode ser concedida aos sujeitos que, por sua vez, encontrarão modos de se reorganizar. Trata-se de um *individualismo extremo*. Não seria isso o que Zpira propõe quando sustenta que a “condição individual do ser humano” seria superior à social, e que se deve defender a superioridade do sujeito em detrimento da pluralidade⁷³?

O valor superior do indivíduo apresentado por Zpira alude ao seu pretense direito de fazer escolhas que não condizem com determinada ordem ou orientação geral. Isto é, autonomia para optar pelas transformações às quais deseja se submeter, pois segundo ele, “a essência do humano seria a liberdade do domínio dos outros”⁷⁴. Identificamos que para Zpira existe uma ideia consolidada que consiste na organização de uma sociedade auto-sustentável, onde o princípio organizador das relações sociais respalda a autonomia, a vontade e a liberdade individual.

Ainda no Manifesto, Zpira afirma que o “corpo natural” não é uma categoria utilizada adequadamente. Segundo ele, o “homem natural” teria sido substituído por um indivíduo em permanente transformação cuja evolução seria particularmente escolhida. Seriam as dinâmicas corporais e os impulsos individuais os responsáveis pela recomposição humana. Ele ainda restringe a humanidade ao seu corpo, conseqüentemente as questões referentes a esse corpo inédito que não designaria igualmente outra concepção de humanidade. Sendo essa a ideia principal de Zpira, em que se fundamentaria esse novo ser extremamente centrado em si? Quais são as bases desse super-homem defendido pelo *Body Hactivism*?

⁷³ A polarização que se estabelece entre estes elementos de natureza distinta (indivíduo e sociedade) tem levado até mesmo as ciências sociais a estabelecer parâmetros muitas vezes contraditórios, que por vezes tem alargado ainda mais o abismo existente relacionado à correlação entre eles.

⁷⁴ Tese generalizada quanto ao sujeito liberal humanista, fruto do individualismo possessivo, na qual se acredita que o indivíduo é proprietário de sua pessoa e não deve nada a sociedade. A definição moderna de liberdade inclui a esfera de ação autônoma e limitada unicamente pela esfera dos outros. Para John Locke, cuja teoria da propriedade influenciou as codificações oitocentistas (inclusive o Código Civil brasileiro de 1916) e a uma formulação específica dos direitos humanos, “cada homem tem uma propriedade em sua própria pessoa; a esta ninguém tem qualquer direito senão ele mesmo” (LOCKE, 1973, p. 51).

Par conséquent, le pas qu'il reste à franchir par l'homme afin d'atteindre ce que Nietzsche appelle "le surhomme" (entendons-nous bien, pas cet espèce de héros froid de l'imagerie nazi, mais cet homme augmenté d'un peu de bon sens et de prise de conscience) passe par une prise en main de son devenir par chaque individu au travers d'une complète remise en cause. "Deviens ce que tu es!" Prométhée⁷⁵ n'est pas loin. Il ne s'agit pas d'atteindre une autre forme de supériorité que celle que l'on peut obtenir par rapport à soi-même, et, en "substituant une éthique à la morale" (Spinoza), de ne plus nous laisser guider par une notion du bien et du mal totalement arbitraire, mais plutôt d'agir en fonction d'un bon et d'un mauvais pour nous, beaucoup plus subjectif⁷⁶ (ZPIRA, 2010)

“Tornar-se o que se é” e agir em função daquilo que é “bom ou mau” para cada um. Quem é esse sujeito apontado por Zpira? Aos poucos encontramos rastros que sugerem o formato do “novo homem” vislumbrado por ele. A fórmula “tornar-se o que se é” de Nietzsche está longe de ser uma novidade. Retirada das obras do filósofo, sua máxima pretende eliminar o conceito de “verdade”, ou o que então era definido como a “única verdade” do cristianismo. Nietzsche relativizou a verdade cristã e a colocou no mesmo patamar das outras, para ele, esta era mais uma das várias interpretações do mundo, portanto não possuía nenhum lugar privilegiado. Ao fazer uma genealogia da moral, o filósofo alemão coloca em xeque as noções absolutas de bem e mal, certo e errado. Assim, os valores da moral seriam criações humanas, por conseguinte cada um seria capaz de criar seus próprios valores, viver para si mesmo e à sua maneira. Quando se refere a um indivíduo “além do homem”, Nietzsche faz menção à evolução do sujeito em direção à superioridade em relação ao que ele conhecia em sua época, isto é, um caminho que seria traçado pelos indivíduos desprezando o sentimento de “rebanho” em favor da valorização da individualidade.

⁷⁵ Na mitologia grega o titã Prometeu foi quem criou o homem a partir do barro e teria roubado o fogo para este, o que teria permitido o progresso e a civilização.

⁷⁶ “Consequentemente, parece óbvio que o último passo que deve ser dado pelo homem a fim de atingir o que Nietzsche chama de além do homem (não me interpretem mal, não é esta espécie de herói frio do tipo nazista, mas um homem cheio de conhecimento e senso comum) passa pela tomada de posse do futuro de cada indivíduo através de um questionamento completo dos valores e ideias estabelecidas em nome de um chamado interesse coletivo. ‘Tornar-se o que se é’, Prometeu não está longe. Não se trata de esperarmos alcançar outra superioridade do que aquela obtida em relação a nós mesmos, e, ‘substituindo a ética à moral’ (Espinosa) não sermos guiados por mais uma noção totalmente arbitrária do bem e do mal, mas do que é certo ou errado para nós, o que é mais subjetivo”.

A condição subjetiva desses sujeitos em Nietzsche e Espinosa teria, sem dúvidas, impacto significativo na identidade pessoal e na sociedade. No Manifesto, Zpira tenta integrar a ideia de Espinosa sobre a moral e a ética, quando este se refere a substituir a liberdade humana pelo problema da existência. O livre-arbítrio não deveria se constituir em um problema moral, e sim ético. Isto é, o bem e mal em si deveriam ser “bem” e “mal” numa existência. Destarte, o que importa é determinar aquilo que é bom ou mal numa dada relação, para sujeitos específicos, independentemente de uma regra geral.

Se o homem inserido no mundo, enquanto ser inacabado se constrói a partir de suas relações, isto lhe permite encarar sua incompletude. Quais problemas surgem se o homem não puder identificar referências para se estabelecer enquanto sujeito no mundo? As várias lutas e crises ideológicas contra todo tipo de discriminação, de repressão e de desigualdade (que afetaram mais particularmente a geração dos anos setenta e oitenta) sustentaram a convicção atual de que a sociedade deve se organizar tendo por base a autonomia e a liberdade individual. Esse fenômeno que Andrieu (2008), Lipovetsky e Serroy (2008) designaram como hiperindividualismo, caracteriza-se pela recusa das instituições sociais e independência total dos indivíduos. Estes são apresentados como seres competentes e responsáveis por administrar a própria existência e o próprio corpo (símbolo máximo de sua distinção). Imperfeito e precário, o corpo é tomado nesse quadro como marca identitária – onde o comportamento, a subjetividade e a aparência se manifestam diversamente. Para Zpira, caberiam às iniciativas inéditas, sobretudo relacionadas à tecnociência, se empenhar na eliminação ou correção das “imperfeições” do corpo humano.

Sobre isso, Rüdiger afirma que:

Durante séculos, o homem teve de se submeter aos mais variados tipos de rituais, que inscreviam em seu corpo as marcas e obrigações prescritas pela ordem coletiva. Agora, parece estar se esboçando em nosso horizonte o aparecimento de um indivíduo experimental, conforme o qual nossa identidade cultural e biológica se predispõe à intervenção tecnológica e maquinística. (RÜDIGER, 2008, p. 155)

O corpo é tido como material maleável, de total propriedade do indivíduo e locus da escrita do discurso que o indivíduo reporta ao mundo (ANDRIEU, 2004, 2008). É ele quem “decide

sobre o concreto da existência [...]. O corpo é um jogo de armar, suscetível de todos os arranjos, de combinações insólitas com outros corpos, ou a experimentações surpreendentes” (SANT’ANNA, 1995, p.61). Nesse sentido, com mais razão, a contemporaneidade se distinguiria por uma crença absoluta na dominação técnica da natureza e no progresso ilimitado, norteadas pelas possibilidades oferecidas pelo futuro, não mais pelas questões do passado (LIPOVETSKY & SERROY, 2008).

Antropotécnica, termo usado por Jérôme Goffette para definir os empreendimentos de transformação do ser humano por meio das técnicas que visam à superação do corpo normativo das ciências biomédicas. Ao considerar os limites ontológicos do homem e as “fraquezas” - substantivo que é utilizado para substituir “imperfeição” - da corporalidade, busca então instaurar uma condição sobre-humana - transformada, aumentada ou aperfeiçoada, deve responder às demandas múltiplas da sociedade atual (GOFFETTE, 2006). Assinalamos, como pontuado por Brigitte Munier na introdução do livro *Technocorps: la sociologie du corps à l'épreuve des nouvelles technologies*, o ineditismo histórico que vivenciamos. O homem tem sido encorajado a escolher sua própria forma física, a transformar-se no desenhista de sua própria corporalidade (presente e futura), haja vista estar apovisionado de tecnologias que lhe permitiriam desvencilhar-se das “leis da natureza” por meio de atos deliberados e de livre escolha.

Lukas Zpira acusa as instituições sociais de castrarem a liberdade dos indivíduos, limitando sua livre expressão e, portanto, sua metamorfose. O que ele entende por liberdade? Estamos cientes de que, no seio de um coletivo social, a liberdade é formulada como um conceito relativo, e tendo em vista que existem proibições e obrigações, impostas por lei, pela ética e pela moral. Então, como se daria o projeto utópico de um novo homem, livre de toda regra? Como seria a sociedade onde os indivíduos não cerceiam suas vontades, onde não há repressão e nem punição? Essa liberdade absoluta e utópica não colocaria em risco a liberdade dos congêneres ameaçando inclusive o direito à vida? Zpira remete essas questões ao “jogo” estabelecido entre os limites pessoais e os da sociedade, isto é, às pressões existentes que criariam consonância entre a percepção do social e os níveis físicos da experiência e produziriam concordância e limites entre as formas de expressão e o uso do corpo. Em outras palavras, a autorregulação da sociedade. Zpira defende ainda a autonomia dos indivíduos, desdenhando das consequências para os laços

sociais e a formação das identidades. Conclamando ser livre para decidir sobre seu próprio destino, despreendido de toda e qualquer amarra social épica, desvinculado de qualquer ligação com a totalidade, bastando-se a si mesmo – a figura máxima do hiperindividualismo.

3.1.2 O Manifesto e a possibilidade de reapropriação marginal da tecnologia

Zpira conjectura que as possibilidades de exploração corporal avançam na mesma velocidade do progresso técnico. Convencido de que sem uma postura crítica referente à sociedade contemporânea e suas alternativas ideológicas – que afirma serem errôneas - não haveria verdadeira liberdade na escolha do trajeto individual. Nessa linha de raciocínio a perspectiva da ação está no cerne do seu discurso.

Il faudrait dès maintenant se poser la question de savoir comment il sera possible dans l'avenir de mettre un peu de piment dans les éprouvettes et de facteur aléatoire teinté d'imaginaire sur les circuits imprimé qui composeront le post-humain. Car il est certain que personne n'a l'intention de nous demander notre avis... ni les sociétés privées à qui le système capitaliste a permis de déposer des brevets essentiels dans nos possibilités d'évolution – avec les risques que l'on peut facilement imaginer – ni les dirigeants de nos démocraties dont les dérives totalitaristes nous laissent sans ambiguïté entrevoir l'usage qu'ils en feraient⁷⁷. (ZPIRA, 2010)

O pós-humano é aqui introduzido por Lukas Zpira como um elemento que daria continuidade a uma etapa necessária da espécie humana. Contudo, para Isabelle Queval (2008), o discurso de salvação do mundo através da ideia do aumento humano, tal qual proposto pelas

⁷⁷ A partir de agora deveríamos nos perguntar como, no futuro, poderíamos colocar um pouco mais de tempero em tubos de ensaio e cor pintada pelo imaginário nas placas de circuito que irão compor o pós-humano. Certamente ninguém tem qualquer intenção de pedir nossa opinião. Nem as empresas privadas com as quais o sistema capitalista tem permitido estabelecer as patentes necessárias para nossas possibilidades de evolução - com todos os riscos imagináveis - nem os líderes das chamadas democracias, cujos desvios totalitários nos permitem prever de forma inequívoca o seu uso.

correntes pós-humanas, é uma mistura de ficção e realidade⁷⁸. Por intermédio da figura do homem pós-humano pretende-se pensar a condição de toda espécie humana, tanto em sua forma presente (através do obscurecimento do humano) bem como futura (fazendo emergir formas “mais evoluídas”). Pierre Musso (2013) ressalta que enquanto na vertente Humanista os homens se orgulhavam de sua corporalidade e aceitavam a sua dependência ao próprio corpo, os arquitetos da pós-humanidade desejam ultrapassar a natureza humana rumo à outra condição que seria superior física e intelectualmente, à atual.

A dissociação do homem e da técnica caracteriza o Humanismo: a técnica é considerada um instrumento, uma extensão do corpo, com fronteiras estáveis e bem definidas. Para os humanistas, *“la technique doit être appropriée, ‘maîtrisée’, ‘socialisée’ puisqu’elle est un prolongement de l’homme, mais elle demeure distinct de lui, sinon le corps risquerait d’être ‘perdu’ et le produit pourrait se retourner contre son producteur”*⁷⁹ (MUSSO, 2013, p. 142). De maneira oposta, o pós-humanismo não aceita a dependência corporal, recusando os limites impostos pela biologia para submeter-se ao poder incalculável das máquinas. Afirmamos que o *Body Hactivism* é, de fato, uma ilustração desse corpo submisso a uma infinidade de técnicas, capaz de superar as fronteiras da biologia humana e alimentar o sonho de um corpo aprimorado.

Porém, devemos ressaltar que a ideologia pós-humana não se limita à utilização de dispositivos tecnológicos acoplados ou inseridos no organismo. Nesse caso, as teorias pós-humanas seriam reduzidas ao uso de materiais protéticos, o que seria um contrassenso. De acordo com Lestel (2013), a tecnologia reapropriada pela ideologia pós-humana é uma técnica de desapossamento e de libertação, eliminando as fronteiras entre sujeito e tecnologia, situando-os numa outra configuração, em outra forma de interação com o corpo, com a tecnologia e com a identidade:

⁷⁸ Queval (2008) ressalta que quando falamos da inspiração de ficção-científica devemos ter em mente que o que prefigura como realidade futura em parte comporta a ciência, e em parte uma ficção, e muito do que foi construído pela junção de ambas se mostrará extremamente obsoleto.

⁷⁹ “A técnica deve ser apropriada, ‘controlada’, ‘socializada’, uma vez que ela é um prolongamento do homem, mas permanece distinta dele, caso contrário, o corpo riscaria de ser ‘perdido’ e o produto poderia se voltar contra seu produtor”.

*Nous sommes désormais possédés par nos Technologies, au sens propre du terme – c'est-à-dire qu'en les utilisant nous ne sommes plus nous, nous devenons autres. Ces techniques posthumaines ne sont donc pas des technologies de la désaffectation (...) mais au contraire des techniques de la réaffectation*⁸⁰ (LESTEL, 2013, p.168)

O Manifesto ilustra um tipo de comportamento da contemporaneidade que Lipovetsky e Serroy definem como “cultura-mundo”, significa dizer “o fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e universalização da cultura do rendimento possuindo as esferas da vida social, dos modos de existência, da quase totalidade das atividades humanas” (LIPOVETSKY & SERROY, 2008, p. 09). Segundo os autores, o universo tecnocientífico é a máxima para esse fenômeno, onde o individualismo exacerbado caracteriza-se mais por sua conexão com o mundo do que por sua reclusão em si. A técnica que anteriormente era instrumento das civilizações tornou-se elemento estruturante que “se infiltra em todas as dimensões da vida social, cultural e individual: nada mais escapa à Técnica a qual se deve adaptar a permanência e a imposição como estilo de vida, modo de pensar ou conjunto de símbolos” (LIPOVETSKY & SERROY, 2008, p. 46).

A tecnologia carrega em si a possibilidade de pensar, imaginar, sonhar, ser e viver. Em seu progresso colocam-se todas as esperanças que permitiriam melhorar contínua e indefinidamente a vida e o corpo dos homens.

A fé no poder da razão e da técnica alimentou o dogma do progresso científico necessário, linear e indefinido. Graças à ciência e à técnica, o futuro do homem não poderia ser melhor: o caminhar do Iluminismo trará progressivamente a prosperidade econômica, o declínio dos preconceitos, o progresso da moralidade, a justiça e o bem-estar de todos. A modernidade é inseparável desse otimismo tecnológico, desse humanismo de Prometeu. (LIPOVETSKY & SERROY, 2008, p.47).

Neste caso, a técnica, por sua vez, apresentar-se-ia como “universal”, no sentido de que seria sempre a mesma em todos os lugares, e demandaria o mesmo sistema de símbolos e valores. Lipovetsky e Serroy (2008) afirmam que esta dirige a expectativa de progresso para a existência, e da qual se esperam respostas para as grandes questões que engendra. Não seria mais das

⁸⁰ “Nós somos agora possuídos pelas nossas Tecnologias, no sentido estrito do termo - isto é, ao utilizá-las, tornamos-nos outros. Estas técnicas pós-humanas não são, portanto, tecnologias da desafetação (...), mas ao contrário são técnicas de reafetação”.

reformas políticas que se esperariam as mudanças sociais e individuais. Os autores, de certa forma, expressam a mesmo ponto de vista que Lukas Zpira em seu Manifesto:

Não foram todas as referências que se desmoronaram. Se o político está desacreditado, a democracia liberal é aclamada: a desestabilização hipermoderna surge com um fundo de pacificação dos comportamentos políticos e de apego sem precedente aos valores do liberalismo democrático. A cultura hiperindividualista coincide com a desconfiança em relação ao político e a consagração ideológica dos direitos dos homens erigidos em fundamento último e universal da vida em sociedade. Coroação dos direitos humanos que conclui o processo de reconhecimento do indivíduo como referencial absoluto, última bússola moral, jurídica e política de nossos contemporâneos livres de todas as formas antigas de pertencimento coletivo. (LIPOVETSKY & SERROY, 2008, p.56).

Em face da fragmentação do imaginário Moderno, a tecnologia de ponta assume papel remissor. As inovações técnicas que permitem melhorar a vida e o organismo dos indivíduos (biotecnologia, bioquímica, nanotecnologia, etc.) são relançadas e alimentam a esperança de um futuro melhor. Assim, a mutação sem precedente que unirá a genética, a robótica e as nanotecnologias permitiria transformar inclusive a noção do humano, “que verá enriquecida suas capacidades fisiológicas e intelectuais: um dia nascerá o ciborgue, e o *tecno sapiens* substituindo o *homo sapiens*” (LIPOVETSKY & SERROY, 2008, p.47).

Novamente, o termo antropotécnica amplia o horizonte, onde tanto o vasto imaginário tecnológico contemporâneo quanto a confiança na tecnologia e na razão são capazes de engendrar novos mitos e utopias, reais ou ilusórios, e assim alimentar ideologicamente o discurso do *Body Hactivism*. Estamos posicionados diante de um desafio complexo e profundo: de um lado a distinção entre medicina reparadora e preventiva, e de outro a antropotécnica, segundo Goffette, “*Nous entrons de plain-pied dans une révolution scientifique et technique qui est aussi, avant tout, une révolution humaine*⁸¹” (GOFFETTE, 2006, p. 09).

⁸¹ “Estamos no bom caminho para uma revolução científica e tecnológica que é, acima de tudo, uma revolução humana”.

3.2 Pirateando o futuro, ativismo e ciborgue

O Manifesto possui outras tantas considerações particulares, entre elas, questões sobre a reapropriação do progresso tecnológico pelo domínio político. Tentando apresentar um discurso parcialmente crítico ao progresso científico, esse ensaio tecnocrático do *Body Hactivism* sublinha as implicações das transformações técnicas capazes de afetar interesses pessoais e comunitários. Uma das principais considerações indicadas no Manifesto refere-se à ascensão da biomedicina e da biotecnologia.

De acordo com o Manifesto, estas áreas de pesquisa possuiriam o conhecimento científico necessário para alterar e acelerar a evolução física dos indivíduos. Além disso, a legitimidade social que carregam autorizariam transformações que poderiam atentar contra os interesses dos indivíduos. No mesmo sentido, o exame do segundo texto, *Hacking the future* ou Pirateando o Futuro, complementa as ideias de Zpira, aproximando suas intenções fundamentais. Ao mesmo tempo em que o Manifesto desaprova o apoderamento da tecnologia por diferentes governos, bem como por instituições sociais, verificamos, todavia, que estes são os maiores interessados nas inovações técnicas. Mais do que isso, buscam intencionalmente promover uma ideologia de salvação tecnológica do homem.

O texto *Hacking the future*⁸² traz uma série de argumentos que sustentam as asserções do *Body Hactivism*. QAs ideias apresentadas por Zpira são articuladas a outras já assinaladas no Manifesto, elucidando as inspirações e os objetivos que singularizam essa corrente.

*Rendues possibles par une curiosité sans cesse en éveil de l'évolution des découvertes techno-médicales, ces pratiques, par essence expérimentales, sont définies comme Body Hacking, terme exprimant la volonté de ces artistes, chercheurs et penseurs de dépasser les frontières biologiques. Les termes Body Hactivist et Body Hactivism sous-entendent la nécessité d'action et de prise en main de nos destinées par la volonté perpétuelle de se réinventer*⁸³. (ZPIRA, 2010)

⁸² Disponível em: <http://www.hackingthefuture.org/>, acesso 10 de janeiro, 2014.

⁸³ “Possível graças à curiosidade constante sobre a evolução de descobertas tecnológicas e médicas, essas práticas experimentais, por essência, são definidos como *body hacking*, e elas expressam a vontade desses artistas, pesquisadores e/ou pensadores de superar as fronteiras biológicas. Os termos *body hactivist* e *Body Hactivism*

Os termos *body hacker* e *body hacktivist* são empregados por Zpira para definir integrantes e seguidores de sua ideologia. Destes, porém, de acordo com o mesmo, não se exige modificações físicas ou comunhão ideológica.

*Le Body Hacktivism n'inclue pas la nécessité d'être modifié. Toutes les personnes modifiées ne peuvent être considérées comme des body hacktivists. (...) De facto, de nombreux artistes, chercheurs, penseurs, apparaissent comme body hacktivists sans nécessairement le revendiquer. Les body hacktivists ne peuvent que réfuter la validité de tous brevets ou copyright en rapport avec le corps, sa transformation, son devenir. Le body hacktivism n'est pas un groupement et doit être avant tout perçu comme une philosophie et un état d'esprit auquel libre a chacun d'adhérer*⁸⁴. (ZPIRA, 2010).

Portanto, segundo ele, não se trataria de agrupar pessoas numa organização social específica, mas de unir ideias e práticas que se estabeleceriam enquanto filosofia, de modo a flexibilizar a inclusão e a exclusão de sujeitos com características específicas e tornar o processo classificatório mais complexo e ambíguo.

*Pour être un body hacktivist il faut avoir le désir de changer, d'avoir cette notion de piratage, action, avoir cette notion de changement. Il ya des gens qui travaillent sur leur corps sans une prise de conscience, qui travaillent sur leur corps pour des raisons esthétiques. D'autre part, ce que je voulais quand j'ai créé mon Manifeste c'était pas nous fermer dans un groupe de personnes qui travaillent uniquement sur le corps, mais plutôt un groupe de personnes qui ont une réflexion sur le travail sur le corps, sur l'évolution de l'humanité, sur la façon dont nous pouvons jouer, comment nous pouvons aller d'un lieu à l'autre. Mais pas nous fermer seulement dans un groupe de gens modifiés*⁸⁵.

também significam a necessidade de agir e tomar nosso destino em nossas próprias mãos, e a vontade perpétua de nos reinventar”.

⁸⁴ “O *Body Hacktivism* não inclui a necessidade de ser modificado. Todas as pessoas modificadas não são necessariamente consideradas *body hacktivists*. (...) De fato, muitos artistas, pesquisadores e filósofos aparecem como *body hacktivists* sem reivindicar tal pertencimento. O *Body Hacktivism* não é um grupo e deve ser percebido, sobretudo, como um estado mental, como uma filosofia que cada um é livre para adotar”.

⁸⁵ “Para ser um *body hacktivist* é necessário ter o desejo de mudar, ter essa noção de *hacking*, ação, ter essa noção de mudar. Há pessoas que trabalham em seus corpos sem alguma consciência, que trabalham em seus corpos que por razões estéticas. De outro lado, o que eu queria quando criei meu Manifesto não foi nos fechar em um grupo unicamente de pessoas que trabalham no corpo, mas, sobretudo um grupo de pessoas que possuem uma reflexão sobre o trabalho no corpo, sobre a evolução da humanidade, sobre como podemos jogar, como podemos ir de um lugar ao outro. Mas não nos fechar em um grupo de pessoas modificadas”.

Considerando que o *body hacktivist*, segundo Zpira, é um indivíduo que não necessitaria passar por uma modificação corporal, a dificuldade que desponta é de identificação dos entusiastas da ideologia. A modificação corporal não é tomada como símbolo de distinção, e sim como um meio para a obtenção de algo que vai além da transformação física, logo não pode ser considerada para a criação de vínculos de pertencimento. Essa problemática persiste desde quando verificamos que tanto Zpira quanto outros atores *body hacktivists* frequentam o mesmo cenário, compartilham espaços e práticas muito semelhantes, inclusive aquelas desenvolvidas por artistas do *body art* ou dos primitivos modernos. Estes locais são lojas de tatuagem/ *piercing* e de eventos voltados aos modificadores corporais, performances, cursos e seminários de capacitação, dentre inúmeros outros ambientes frequentados pelos adeptos.

Parece não existir uma resposta única para esse quebra-cabeça. Conforme Lukas Zpira, qualquer reconhecimento a priori seria inadequado, justamente pelo fato de se tratar de uma transformação da relação corpo-tecnologia. Nesse sentido, como enquadrar os entusiastas dessa corrente? Zpira destacou que, de um lado, muitos sujeitos podem ser *body hacktivists* sem reivindicar pertencimento, e de outro, muitos que postulam esse pertencimento não se enquadrariam em razão dos critérios visados.

Zpira, com certeza, tem a ambição de tornar o *Body Hactivism* uma ideologia distinta de outros movimentos de modificação corporal. Segundo ele, a diferença principal estaria em conceder a cada indivíduo a capacidade de decidir sobre a forma de seu próprio corpo, protegendo-o de qualquer interferência política ou social. O caráter ativista também conferiria outra face: “*C’est là que le body hacking prend un sens complètement différent. Oui, nous avons des technologies merveilleuses, mais beaucoup d’entre elles sont mise en place dans notre vie privée et nous ôtent notre liberté*”⁸⁶. O *Body Hactivism* assumiria a responsabilidade de prevenir e proteger a liberdade dos cidadãos, pretendendo conscientizar e garantir a possibilidade do sujeito decidir sobre suas ações no que concerne a livre disposição do corpo.

⁸⁶ “É aqui que o *Body Hacking* assume um significado completamente diferente. Sim, nós temos tecnologias maravilhosas, mas muitas delas estão sendo introduzidas em nossa privacidade e levando embora nossa liberdade”.

Pour cette raison il est important de comprendre ces technologies et leurs possibilités, y avancer rapidement dans l'avenir et être conscient de ce que les gouvernements peuvent faire avec elles et d'avoir un pas d'avance, être informé et peut-être offrir des services tels que l'enlèvement des puces si un jour on arrive au point où elles devienne obligatoire depuis la naissance⁸⁷.

Em face desse discurso, devemos pensar sobre as eventuais relações que seriam entretidas politicamente e interfeririam de alguma forma na relação dos indivíduos com a tecnologia. As menções de Lukas Zpira possuem fundamento e, portanto, devem ser consideradas de perto.

Quando se fala em processo de tecnologização da sociedade ocidental, o foco recai sob a empreitada norte-americana de convergência tecnológica para aperfeiçoamento do homem. O amplo projeto *Converging Technologies for improving human performance: Nanotechnologies, Biotechnologies, Information technology and Cognitive sciences - NBIC*⁸⁸ foi criado nos Estados Unidos no início do século XXI e compartilhado por todos os países ocidentais. Essa é uma evidência do interesse democrático acerca dos procedimentos avançados que interferem diretamente na vida dos cidadãos em inúmeras dimensões sociais. Tecnologia convergente é a combinação sinérgica entre as quatro maiores seções da ciência e da tecnologia – nanotecnologia, biotecnologia, tecnologia da informação e ciência cognitiva – que progridem aceleradamente devido ao investimento elevado perpetrado pelos Governos dos países desenvolvidos. Seu foco é o desenvolvimento de atividades convergentes que aperfeiçoem o desempenho humano através das interfaces científica e tecnológica que viabilizariam a liberação gradual do corpo das restrições biológicas. Ao discorrer sobre o assunto, Munier (2013) ressalta a seriedade do projeto: *“le rêve d'une augmentation humaine est pris au sérieux depuis la publication, en 2002 aux États-Unis, du rapport NBIC concernant l'émergence de sciences dont*

⁸⁷ “Por isso é tão importante entender essas tecnologias e suas possibilidades, avançar rapidamente em direção ao futuro e se conscientizar do que o Governo pode fazer com elas e ficar um passo a frente, estar informado e possivelmente oferecer serviços tais como remoção de *chips*, caso um dia nós cheguemos ao ponto onde isso se torne obrigatório desde o nascimento”.

⁸⁸ Disponível em: http://www.wtec.org/ConvergingTechnologies/Report/NBIC_report.pdf, acesso 18 de janeiro, 2014.

*la convergence promet la transformation de notre corps*⁸⁹” (2013, p.08). Acreditam que, ao remodelar o corpo e afetar seu desempenho, o homem se tornaria mais eficiente, poderoso, produtivo e adaptável. Para os pesquisadores envolvidos na execução do projeto, os limites biológicos seriam superados em prol da saúde perfeita, da juventude infinita, da imortalidade e da indestrutibilidade. O “renascimento da ciência e da tecnologia”, tal como chamado no relatório NBIC, resultaria não só no aperfeiçoamento das habilidades humanas, mas igualmente em novas indústrias, produtos e implicações sociais⁹⁰.

O poderamento das novas tecnologias para finalidades políticas, como advertiu Zpira, demonstra a necessidade de empreender ações contrárias, ao nível individual e coletivo. Ele estaria convencido que a recusa a certas tecnologias, a título de ilustração o implante de microchip, poderia excluir os indivíduos de diversos benefícios sociais. Em consequência, estes seriam estrangidos a adotá-los para atender aos interesses corporativos e governamentais, em detrimento da total liberdade de escolha. E é aqui que, segundo Lukas Zpira, o *Body Hactivism* poderia assumir uma função progressista e revolucionária, isto é, posicionando-se contra os aspectos negativos e tirânicos impostos pelos valores intrínsecos que subsidiam as inovações tecnológicas: *“Et c’est le but de mon travail. Ce n’est pas une question de vouloir ou pas, c’est une question de comprendre que de toute façon cela va se passer. À ce moment là ces technologies vont arriver sans que nous ayons choisi. En ce sens, nous devons choisir les raisons pour lesquelles elles nous vont parvenir*⁹¹”.

⁸⁹ “O sonho do aperfeiçoamento humano tem sido levado a sério desde a publicação, em 2002 nos Estados Unidos, do relatório NBIC sobre emergência da ciência cuja convergência promete transformar o nosso corpo”.

⁹⁰ “*Rapid advances in convergent technologies have the potential to enhance both human performance and the nation’s productivity. Examples of payoffs will include improving work efficiency and learning, enhancing individual sensory and cognitive capabilities, fundamentally new manufacturing processes and improved products, revolutionary changes in healthcare, improving both individual and group efficiency, highly effective communication techniques including brain-to-brain interaction, perfecting human-machine interfaces including neuromorphic engineering for industrial and personal use, enhancing human capabilities for defense purposes, reaching sustainable development using NBIC tools, and ameliorating the physical and cognitive decline that is common to the aging mind*”(ibid, p.01).

⁹¹ “E é esse o propósito do meu trabalho. Não é uma questão de querer ou não, é uma questão de compreender que de alguma forma isso vai acontecer. Mas nesse momento essas tecnologias chegarão até nós sem termos escolhido. Nesse sentido, devemos escolher as razões pelas quais elas vão nos alcançar”.

Opostamente à utilização mandatória desses avanços, as práticas motivadas individualmente são conexas e encorajadas pelos princípios norteadores do *Body Hacktivism*. No texto, *Body Ritual- Kor text*, Zpira reforça seu projeto:

But we want to anticipate the unavoidable rising of a mutant and so-called cyborg's era. Not so long ago, this was still a fantasy from a few S-F addict or visionary terrorists who declared a permanent state of pregnancy that would give birth to monsters and mutants, all that scares us.”(Daniel Romani). It's not a dehumanizing process but to be able to chose our human shapes, trying to make our dreams come true instead of life stealing them – to give adequacy to the “I” and the “me”, the right soul in the right shelf⁹².(ZPIRA, 2010).

A proposta do *Body Hacktivism* de lutar pela possibilidade de escolher a própria forma humana não se diferencia das pretensões tecnocientíficas. Ao invés do rompimento radical com a polarização cultura/natureza, Zpira oscila entre as duas categorias. De um lado, enfatiza o indivíduo, como sujeito da pós-modernidade cuja subjetividade é construída em conformidade com os princípios do pensamento neoliberal. Do outro, assume seu domínio sobre o mundo, opondo sua cultura, seu “eu”, seu corpo, à sua natureza. Dessa maneira, a afirmação da liberdade e autonomia individual se sobrepõe a qualquer outro princípio. Ao dizer que deve adequar seu “I” e “me”, admite que sua natureza humana inacabada ainda necessita ser construída culturalmente para fazer frente à sua incompletude. Isto implica que, ainda que o homem consiga se desembaraçar de diferentes formas de dominação política, não escapará das influências sociais.

A palavra ciborgue, que o *Body Hacktivism* raramente hesita em empregar, aparece recorrentemente nessa pesquisa. Para alguns entusiastas, o termo estaria intrinsecamente associado à ficção científica e não representaria adequadamente suas utopias. Ao mesmo tempo, se valem dessa alegoria para discorrer sobre o movimento.

⁹² “Queremos antecipar o inevitável surgimento da assim chamada era mutante e ciborgue. Há pouco tempo atrás, esta ainda era uma fantasia de alguns poucos viciados em ficção-científica ou de terroristas visionários que declaravam um estado permanente de gravidez que daria luz a monstros e mutantes; aquilo tudo nos assusta. Não é um processo de desumanização, mas sim de sermos capazes de escolher nossa forma humana, tentando tornar nossos sonhos realidade, ao invés da vida roubá-los - para dar uma adequação ao “eu” e ao “mim”, a alma direita na prateleira correta”.

No imaginário popular, os ciborgues são representações híbridas que se conectam a um futuro distante, no qual o homem estaria completamente associado à máquina. Atualmente, Zpira afirma que esse termo estaria ultrapassado:

Le terme a été défini quand il n'y avait pas de possibilités que nous avons aujourd'hui. Cela dépend aussi de ce que tu veux dire par ciborgue. Nous avons implanté des prothèses et des stimulateurs cardiaques il y a déjà un certain temps et puis nous pourrions dire que nous sommes maintenant une société de ciborgues. Je pense que peut-être le terme ciborgue est très inflexible. Cette métamorphose par laquelle nous passons est un processus évolutif continu qui ne se terminera pas à devenir un ciborgue⁹³.

Ao explorar a definição de corpo técnico⁹⁴, Musso (2013) recorda que, muito antes das discussões sobre os ciborgues, Marcel Mauss havia argumentado magistralmente que o corpo é um elemento natural fundador da técnica. Antes da utilização das ferramentas, o corpo se constitui em um elemento técnico e natural, portanto, não seria possível a separação entre essas duas dimensões. Todavia, Pierre Musso enfatiza que na contemporaneidade um modelo de corpo intrinsecamente associado à tecnologia desponta e simboliza a atual sociedade técnica onde a alegoria ciborgue é apropriada para se pensar o presente e o futuro. Ainda que tome formas distintas, a busca pela reparação, aperfeiçoamento e modificação do corpo associam-se estritamente à técnica. Para Zpira, a simples associação a objetos que interferem na percepção e comportamento humano já constituiria ciborgues. De acordo com alguns teóricos, o ser humano nasce ciborgue não no sentido superficial da associação da carne aos fios, mas em razão da simbiose com a técnica. Para Clark (2003), cientista cognitivo e filósofo, por exemplo, o que distingue o cérebro humano é sua habilidade de interagir profundamente e de forma complexa

⁹³ “O termo foi definido quando não existiam muitas possibilidades que nós temos hoje em dia. Também depende do que você quer dizer com ciborgue. Nós temos implantado próteses e marca-passos já há algum tempo e, então, você poderia dizer que já somos uma sociedade de ciborgues. Eu acho que talvez esse termo ciborgue seja muito inflexível. Essa metamorfose pela qual nós estamos passando é um processo evolutivo contínuo que não irá cessar em se tornar um ciborgue”.

⁹⁴ *Technocorps* ou corpo técnico é um termo empregado por Pierre Musso (2013) para definir o projeto de um homem aperfeiçoado que é símbolo do social, um homem que teve suas partes alteradas, que foi criado pelo próprio homem com a certeza das máquinas. Para o autor, o corpo técnico é um ponto analítico para analisarmos o mundo que está sendo refeito pela tecnociência.

com construções não biológicas. A mente humana, assim, estaria naturalmente preparada para desenvolver e incorporar ao modo de vida as ferramentas. De acordo com o autor, portanto, de forma mais ou menos profunda, todos seriam naturalmente ciborgues.

O ser humano teria como característica inerente à sua própria corporalidade a capacidade de incluir uma grande porção de artefatos na rede que o constitui. Os produtos, objetos criados pelos homens participariam integralmente da própria constituição humana, “*de seu ser completo*” (JAMARD, 2004, p. 44). Novamente, Pierre Musso (2013) afirma que *pour être réparé, augmenté et transformé, le corps est de plus en plus technologisé: les prothèses techniques se multiplient sur, dans et autour du corps. Cette technicisation du corps humain entraîne avec elle une inflation des métaphores, des images, des craintes et des fantasmes*⁹⁵ (2013).

Entendido isso, devemos reconhecer que as forças indissociáveis dessas propriedades técnicas cooperam na construção dos sujeitos, determinando uma composição diversa do que se vislumbrou até a atualidade. Pois como visto, a técnica em toda sua materialidade constitui ontologicamente o sujeito humano e sua corporeidade. É preferível, assim sendo, conservamos o termo ciborgue para a referência à fusão estreita entre o ser humano e os componentes eletrônicos e robóticos, preservando seus significados que não são nada triviais.

3.3 Os desafios de acompanhar o modo de existência dos modernos

Um trabalho etnográfico é sempre, de alguma forma, uma descrição de uma viagem empreendida por um sujeito particular, cujo olhar esquadrinha locais por vezes exóticos e outros familiares. Muitas vezes não parece existir nada de original, simplesmente outro modo de observar e refletir sobre a realidade escolhida por meio da experiência, do contato, das relações e da reapropriação do conhecimento, através de exercícios pessoais. Ao escrever os relatórios da

⁹⁵ “Para ser reparado, aumentado e transformado, o corpo é cada vez mais tecnologizado: as próteses técnicas se multiplicam sobre, no e em torno do corpo. Esta tecnicização do corpo humano traz consigo uma inflação de metáforas, imagens, medos e fantasias”.

referida pesquisa tornou-se usual deixar de lado o transcurso da investigação. Assim como demonstramos na primeira parte dessa tese, a investigação, as teorias, os conceitos e os argumentos não estão finalizados, *out there*, esperando para serem coletados e analisados pelos “pesquisadores-heróis” das ciências sociais. O trabalho é árduo e desafiador. A realidade não é “objetiva”, demanda uma incursão ao modo de fazer o social. O texto final da investigação é tão fundamental quanto a opção metodológica adotada, pois o relato é correlato à construção perspicaz do objeto de pesquisa. Visando descobrir as associações que fabricam o fenômeno, os investigadores, devem abandonar o receio de realizar uma descrição profunda e densa.

Uma metodologia de investigação é um modo singular e apropriado ao fenômeno inquirido, que visa esclarecer questões colocadas pelo pesquisador. O desafio da teoria ator - rede de Latour, John Law, Annamarie Mol, está em abordar o fenômeno tal como experimentado pelos atores/actantes. Sem muitos pressupostos, sem conceitos definidos *a priori*, sem categorias que não correspondem aos dados encontrados na investigação e focado nas práticas do objeto, de modo a desvendar as engrenagens que vivificam esse fenômeno social. Superar as incertezas constitui o primeiro esforço, já esboçado no trabalho. Escolher o procedimento metodológico não foi difícil, visto que a aproximação com a abordagem antropológica a latouriana relacionada ao estudo da corporalidade indicou certas inclinações. No projeto inicial, as escolhas que pareciam evidentes consistiam num trabalho etnográfico que contaria com a observação participante e a realização de grupos focais. Contudo, ao identificarmos as idiosincrasias ao fenômeno, a utilização da estratégia planejada foi reduzida.

A primeira dificuldade foi definir critérios adequados para selecionar sujeitos que estabeleceriam a composição do universo de investigação. Como exposto anteriormente, o líder e os entusiastas dessa corrente não se definem enquanto grupo⁹⁶. A segunda refere-se ao

⁹⁶ Nas ciências sociais, o termo grupo designa “qualquer número de pessoas que descobrem ter relações entre si e que pensam em conjunto, relações mútuas essas que são suficientemente expressivas para chamar a atenção” (SMALL, 1905, p.495). Os grupos, podendo ser classificados em primários e secundários, são caracterizados pela associação e cooperação que pode ser mais próxima e interativa ou longínqua e formal. Nos grupos primários, há certa fusão psicológica da individualidade no todo e o sentimento de identificação recíproca. Os grupos definidos como secundários são caracterizados por relações mais impessoais, contratuais e são mais vastos. Ele é geralmente um meio para outros fins. Um traço de todos os grupos é sua organização formal ou informal, com relações mais ou

agrupamento, normalmente em comunidades geográficas e virtuais fluídas⁹⁷. A delimitação da população base, isto é, os sujeitos entrevistados e observados, foram primordiais no delineamento da pesquisa. Como compreender um coletivo com seus códigos, práticas, em um universo cultural específico se este não apresenta contornos bem definidos? Como identificar o pertencimento ao *Body Hactivism*, se este não é um movimento claramente delimitado, e não inclui exigências explícitas de adesão? Essas questões pediam respostas rápidas.

Buscamos ocasiões para nos aproximar de modificadores corporais que se reuniam em lojas de tatuagem/*piercing*, frequência em seminários e conferências, observação de performances em várias ocasiões e países, atrás de pistas sobre as novas interações do corpo com a tecnologia em um contexto marginal. Para tanto, foi necessário cruzar o oceano Atlântico algumas vezes, atravessar os Estados Unidos de Leste a Oeste e percorrer alguns países europeus. Na pesquisa, as entrevistas tornaram-se incontornáveis, dada a especificidade do movimento estudado. Como os atores constantemente viajavam, havia limitações financeiras para segui-los durante um período muito prolongado, nesse sentido, viagens frequentes, entretanto curtas, foram realizadas. Importante ressaltar que todos os entrevistados foram arrolados em algum momento como pertencentes à ideologia *body hactivist*. Todavia, a afirmação do fundador do *Body Hactivism* de que muitos indivíduos poderiam ser *body hactivists* sem o reivindicarem, alterou a dinâmica de investigação. Decidimos seguir a rede de contatos e indicações estabelecidas pelos entusiastas e acrescentar os demais atores que possuíssem uma postura tangendo a associação do corpo e com a tecnologia.

Dentre várias viagens, muitas foram somente virtuais. Os multimeios forneceram subsídios essenciais. Primeiramente, porque os principais documentos sobre o movimento estão disponíveis online. Em segundo lugar, nesse fenômeno contemporâneo, os eventos estão interconectados

menos estáveis, que desfrutaram de certa coesão interna e uniformidade, essenciais para sua própria permanência enquanto tal.

⁹⁷ A definição de uma comunidade não é realizada somente em termos de disposição física. As comunidades podem ser formadas levando em consideração a proximidade permitida pelas redes sociais ou contatos, ou mesmo ao compartilhar uma ideologia em comum. A título de ilustração, vislumbramos as comunidades virtuais cujas principais características consistem justamente na desmaterialização do espaço geográfico e na associação de indivíduos com interesses comuns.

globalmente. O âmbito virtual é mais do que nunca espaço de sociabilidade e possibilita subjugar as limitações convencionais espaço-temporais. O virtual e o real são complementares, e o primeiro transforma o segundo na medida em que subverte as fronteiras físicas e temporais. Isso implica o virtual como esfera única da realidade, com categorias de espaço e tempo próprias desse regime (LÉVY, 1999). Portanto, inúmeros emails foram escritos, pesquisas constantes no *Google*, além de conversas por *Skype*. Em favor do estudo, tínhamos atores altamente reflexivos que compartilham na internet suas ações com riqueza de detalhes.

Ainda recorremos a vários outros recursos, tais como informações contidas em websites, *blogs*, fórum de discussão, observação de comunidades na internet, vídeos coletados no *youtube* e *vimeo*. Assim como o mundo se transforma, as estratégias para sua compreensão também. Concluimos que a etnografia não deve ser apática às adaptações/variações do fenômeno. É necessário flexibilidade e liberdade para enveredarmos por pensamentos e comportamentos complexos, principalmente no contexto das conexões atuais. Ao tomarmos como objeto de investigação as “sociedades chamadas complexas, a antropologia urbana não deixa de ser antropologia, de forma a encarar um desafio: manter-se fiel ao patrimônio teórico e metodológico da disciplina, ao tempo em que se obriga a trabalhar com outro tipo de recorte⁹⁸” (MAGNANI, 2003, p.82-83). Diante dos dilemas de pesquisa apresentados anteriormente, decidimos viver a experiência do campo a partir da rede⁹⁹ criada pelos atores. Contamos primordialmente com indivíduos focais que dispunham de informações concernentes ao fenômeno estudado e que pudessem contribuir no mapeamento do caminho a seguir. De nenhuma forma buscamos algo que fosse lido como uma visão “mais autêntica”, simplesmente esperávamos o alistamento de novos informantes. Dada a impossibilidade de utilizar a noção de grupo na sustentação das escolhas, a

⁹⁸ Aplicar o método etnográfico no contexto complexo e heterogêneo das sociedades ocidentais contemporâneas exige o entendimento adequado do que se trata a etnografia, que nos dizeres de Geertz baseia-se em “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” (1978, p. 15). Entretanto, não é unicamente isso que define o empreendimento. Ele completa “O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma *descrição densa*” (1978, p. 15).

⁹⁹ O conceito de rede tem sido utilizado com diversas finalidades, dificultando uma adoção universal do termo (BOTT, 1976). Esclarecemos, novamente, que nesse estudo empírico a perspectiva das redes adotada orienta-se nas definições da teoria ator-rede, já trabalhada na primeira parte dessa tese.

rede *body hacktivist* tornou-se a chave da pesquisa, em virtude dos limites fluidos e das hierarquias previamente incognoscíveis. Rastreado o fluxo dos discursos amalhados, concebemos nuances, modulações e controvérsias introduzidas pelos atores¹⁰⁰.

Enfatizamos que essa pesquisa é um estudo empírico realizado em diversos territórios e temporalidades, desenvolvida por uma *outsider*, isto é, não adepta nem ideóloga da corrente. Desafios particulares surgiram a fim de que pudéssemos participar em encontros para estabelecer relações mais próximas. As observações, as entrevistas, os dados coletados virtualmente permitiram compreender como a história de vida e as práticas dos atores estão compostas. Para a análise, as práticas individuais foram destacadas, expondo como esses entusiastas tentam aumentar a capacidade sensorial e exploram emoções inéditas que influenciam no desenvolvimento da sua relação com o corpo.

Propomos identificar o tratamento que esses atores reservam à corporalidade, delineando o conjunto de práticas que perseguem o aumento ou aperfeiçoamento humano por intermédio de funções físicas adicionais que, em consequência, engendram outra relação do indivíduo com sua subjetividade. O trabalho que se segue resulta de uma experiência de campo cheia de percalços e que contou com vozes de muitos atores para traçar o objeto de investigação. Por fim, entendemos que descrever os procedimentos dessa pesquisa não consistiu apenas em cumprir certo protocolo antropológico, pois ao longo da descrição novas questões nortearam a busca pelas associações que compõem, afetam e constroem um novo corpo na sociedade ocidental.

¹⁰⁰ É apropriado retomarmos o que já explicamos na primeira parte desse trabalho. São os atores que possuem o discurso legítimo de suas ações, e o que nos cabe como cientistas sociais é desvendar como eles arranjam as controvérsias nas quais estão arraigados. Portanto, os procedimentos e relatos que serão descritos ao longo desse capítulo não pretendem se encaixar em uma forma pré-estabelecida de investigação. Sem dúvidas, o rigor metodológico é considerado, mas tão somente se formos guiados pelos caminhos apontados pelos atores.

4 A LIVRE ASSOCIAÇÃO ENTRE O HOMEM E A TÉCNICA: OS PRECURSORES “CIBORGUES”

As interações estabelecidas entre o pesquisador e os atores são parte integrante do material de análise da investigação, e serão expostas paulatinamente com as relações que se estabeleceram. Antes da etapa de campo, as investigações sobre o *Body Hactivism* já haviam sido iniciadas em março de 2011, momento em que informações preliminares foram coletadas para o planejamento da observação participante. No primeiro ano de doutorado, desejávamos dar conta da estrutura dessa corrente, sua ideologia basilar e realidade empírica. Para tal, identificamos suas particularidades a fim de alinhar uma etnografia adequada. Após esses passos iniciais, começamos a pesquisa de campo em novembro de 2011, que terminou em setembro de 2013. Nosso entusiasmo inicial era inegável. Havíamos planejado nos envolver intensamente na maioria das atividades propostas pelos entusiastas. Não levou muito tempo para que descobríssemos a complexidade da aspiração, pelas seguintes razões: Primeiro, os principais representantes do *Body Hactivism* estavam frequentemente se locomovendo na Europa e nos Estados Unidos, gerando despesas operacionais elevadas. Além disso, para a participação e observação dos eventos era necessário fazer pagamentos. Apesar de termos participado como pesquisador, os *body modifiers* tratavam-nos como mais um participante das atividades remuneradas que realizavam. Por último, faltava-nos uma demarcação dos traços que evidenciavam os *body hactivists*. Estes desafios não simbolizaram acuidade inferior nas observações, porém uma problemática se impôs: tentar identificar as ocasiões nas quais poderíamos localizar mais entusiastas e sermos inseridos em suas redes. Em ritmos e modos distintos, alguns sujeitos deram sua permissão e o acolhimento necessário para que pudéssemos interagir nesses espaços restritos.

Destarte, a eleição dos sujeitos que compuseram o núcleo do trabalho de campo foi efetivada tendo por base alguns critérios: este deveria ou reivindicar seu pertencimento à ideologia do *Body Hactivism*, se definir como *body hackers* ou ter sido alistado por demais

atores. Evidentemente, o ponto de partida foi Lukas Zpira¹⁰¹, fundador dessa corrente. Solicitamos ao professor Dr. David Le Breton que nos apresentasse a Zpira através de um breve email, um passo essencial para endossar nossa investigação.

Lukas Zpira viaja frequentemente para realizar trabalhos de modificação corporal em lojas de tatuagem/*piercing*. Além disso, lidera num projeto de criação de documentários que ele iniciou em 2011, chamado *Chroniques du chaos*¹⁰². Através deste projeto, deseja relatar a vivência de diferentes subculturas dispersas em várias partes do mundo. Após verificarmos sua disponibilidade, agendamos o primeiro encontro para 17 de novembro de 2011, em Nancy. Às 18 horas nos encontramos no T.O.T.E.M¹⁰³, local alternativo dedicado à criação artística, espetáculos e festivais do *body art* e de caráter *underground*. Quando chegamos, nos deparamos com uma longa rua vazia, sem iluminação, com paredes grafitadas, publicidades e dizeres ativistas. Quando Zpira apareceu fomos para a casa de um dos seus amigos onde faríamos a entrevista. Durante o percurso discutimos informalmente sobre suas viagens e experiências e ele comentou que achava necessário organizar um evento no qual pudesse esclarecer à comunidade de modificadores corporais sua ideologia, pois ele disse que para muitos *body performers* seus escritos não eram suficientemente objetivos.

Tão logo chegamos, começamos a entrevista. Zpira contou que seu trabalho com modificação corporal tinha uma longa trajetória que se iniciou no sul da França com o grupo Adada, cuja finalidade era realizar pinturas, esculturas e instalações. Lukas Zpira contou que desde o início de sua carreira como *body performer* estava desejoso em realizar uma “mutação física” que, segundo ele, ocorreria pela fusão de seu corpo com a tecnologia. Ao mesmo tempo, afirmou ser fascinado pela cultura ciberpunk e pelas produções de ficção-científica. Ele estava convencido de que para iniciar sua metamorfose, seria necessário alterar seu nome e seu corpo, tornando-se uma tela para manifestação de seus ideais. Ele substituiu seu nome de nascimento para Lukas Zpira em 1993, aos 28 anos de idade. Paralelamente, começou suas primeiras

¹⁰¹ Anagrama do seu nome de registro.

¹⁰² Disponível em: <http://www.chaoschronicles.org/>, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹⁰³ Sigla para *Théâtre Performance Materia Prima Art Factory*.

modificações físicas, que inicialmente foi a inserção de um *piercing* no mamilo, que afirmou ter sido um momento de transformação. Ele disse que essa modificação, tão popular na contemporaneidade, teria representado a ruptura de uma fronteira física por meio de um objeto de metal.

A associação do objeto não orgânico ao orgânico como o *piercing* é uma forma de afetar diferentemente o corpo do indivíduo. Tal elemento imprime “vibrações” que podem criar sentidos previamente desconhecidos. Essa marcação corporal, e incluímos a tatuagem, foi por muitos anos vista como uma fuga das convenções sociais. Ao escapar do padrão de aparência física que é desejado socialmente, valores novos foram assumidos, sobretudo entre as populações mais jovens. Os *piercings* cumprem funções específicas dependendo da parte do corpo na qual é colocada. Por exemplo, no passado quando era inserido nos mamilos, significava a passagem para a maturidade masculina entre os aborígenes americanos, símbolo de vigor e energia. Nas genitálias, ele possuía o objetivo de aumentar o prazer nas relações sexuais, mas também podia marcar de forma privilegiada determinadas partes do corpo.

Em 1995, ele afirmou ter aberto sua própria loja de tatuagem/*piercing* em Avignon, que incluía modificações como escarificação, implante e *branding*. Nesta, também eram organizadas exposições de arte, performances, suspensões e conferências com sociólogos. Zpira contou não ter tido nenhum treinamento para realizar modificações físicas, afirmando ter adquirido seu conhecimento através da observação e da prática.

Consoante Zpira, foi nesse período que ele se questionou sobre o tipo de trabalho artístico que desenvolvia. Ele afirma que as pessoas ao redor não compreendiam a diferença do seu trabalho em comparação ao desenvolvido por profissionais que integravam outros movimentos, muito menos compreendiam seu discurso sobre as transformações físicas relacionadas à tecnologia. Considerando essa falta de clareza, sentiu a necessidade de organizar suas impressões e pretensões através do Manifesto *Body Hactivism*. Segundo ele, o Manifesto “*a été créé afin de rassembler toutes les idées que j’avais autour de mon travail*”¹⁰⁴. Após a divulgação deste, ele

¹⁰⁴ “Ele foi criado a fim de reunir todas as ideias que tinha em torno do meu trabalho”.

acredita que “ *les gens ont commencé à comprendre non seulement le résultat, mais que j’étais dans un état plus élevé lorsque j’ai commencé à écrire la théorie* ¹⁰⁵”.

Os meios de divulgação dos principais trabalhos artísticos e ideológicos sobre o *Body Hactivism* são as redes sociais e websites, entre eles o site *Hacking the future*, todavia as atualizações mais frequentes são nas redes sociais: no Facebook, Zpira possui uma conta chamada *Lukas Zpira Propaganda*¹⁰⁶, na qual compartilha detalhes de viagens, cursos, procedimentos e participação em eventos. Nesta, há sua biografia e o Manifesto e conta com 173 membros. Outra página que possui tem mais de 8.000 seguidores¹⁰⁷, além disso, possui uma conta como usuário privado¹⁰⁸. Nesta última, ele se apresenta como “*body hacker nômade, documentarista, curador de eventos de subculturas e fotógrafo*”. Sua divulgação se estende a outros websites: o site do *BODY HACKTIVISM*¹⁰⁹, de seus trabalhos fotográficos *BLØW YØUR MIND*¹¹⁰, de seus documentários *CHAØS CHRØNICLES*¹¹¹, um site sobre suas visões *PRØPAGANDA*¹¹², e de seus trabalhos como curador *CURATØR*¹¹³. Na sua rede pessoal há propaganda de seus livros, que são *Onanisme manu military*, *Hidden shadows*, *Vampyres* e *TokyoLoveDoll*.

O primeiro website, *Hacking the future*, é dividido em diferentes secções. A inicial intitula-se *Bienvenue dans le futur*, onde encontramos à organização C-Y-B.ORG, C.Y.B, que significa *Customize your body*. C-Y-B.ORG é definido por Lukas Zpira como o primeiro grupo oficial que trabalha com a noção de *Body Hactivism*. Zpira, Samppa Von Cyborg, XeddyX e Emmanuel Lacoste são os principais integrantes. “Principais”, pois segundo o website, nesse grupo os membros são “vários e independentes”, implicando que os artistas estão livres para participar de

¹⁰⁵ “As pessoas começaram a entender não somente o resultado, mas que eu estava em um estado superior quando comecei a compor a teoria”.

¹⁰⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/groups/74979796075/?bookmark_t=group, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/lukaszpira>, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹⁰⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/LukasZpira23>, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www.hackingthefuture.org>, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.blowyourmind-production.com>, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹¹¹ Disponível em: <http://www.chaoschronicles.org>, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹¹² Disponível em: <http://www.lukaszpira.com>, acesso 10 de janeiro, 2014.

¹¹³ Disponível em: <http://www.borderlinebiennale.tv>, acesso 10 de janeiro, 2014.

performances sem precisar de qualquer autorização. Na subdivisão desta secção, menciona-se o projeto M.A.T.S.I., a prática da trepanação, o projeto de autoria de Emmanuel Lacoste - *In-Carne-*, a descrição da tecnologia *Radio Frequency Identification- RFID*¹¹⁴, um link que encaminha ao website do professor Kevin Warnick da Universidade de Reading, Inglaterra, e outro ao livro de Amal Graafstra - *R.F.I.D. Toys*.

Na mesma página encontramos uma galeria com produções fotográficas pitorescas realizadas por Lukas Zpira. Noutra seção é apresentada o *Kollectif Art-Kor*, um grupo de *body performers* que reúne músicos, poetas e artistas que realizam performances teatralizadas questionando tabus e definições de gênero. Esse coletivo teria sido criado originalmente em 2000 e recomposto em 2006. Seus principais integrantes são Lukas Zpira, Xenomorph-3, Satomi, Tarik Noui, David Defendi e XeddyX. O coletivo apresenta algumas performances principais: *Danse neurale*, *Hacktion teaser*, *Hacktion*, *Sacrifice*, *TLD teaser*, *La Pietà*, *Mishima s.a. teaser* e *Mishima s.a.* A secção seguinte é a *Kor-Texte*. Consiste em quatro textos produzidos por Lukas Zpira: *Body Hacking: Manifeste*, *Kor Rituel*, *Pour en fin avec Baudrillard* e *Approche politique de la mutation*.

Zpira publicou um livro em 2005, pela edição Hors, *Onanisme Manu Militari II*. Segundo ele, este consiste numa compilação de suas perspectivas enquanto *body hacktivist*. Além de textos e fotos de própria autoria, conta com a contribuição do sociólogo David Le Breton, do jornalista Maxence Grugier e do fotógrafo Eric D. Panavieres. Em 2008 Lukas Zpira produziu de *TokyoLoveDoll*, um livro com fotografias realizadas por ele e poesias de Tarik Noui, que foi traduzido do francês para o inglês e japonês. Além disso, juntamente com Laurent Courau, Zpira trabalhou na produção do documentário *Vampyres*.

¹¹⁴ Tecnologia que se repousa, sobretudo, nos microchips eletrônicos capazes de se comunicar à distância.

4.1 Seguindo os atores, traçando as redes

Para prosseguir a pesquisa, precisávamos escolher as rotas a traçar e as informações de Zpira sobre quem poderia ser alistado como *body hacktivists* eram fundamentais. Ao longo da nossa primeira entrevista ele se propôs colaborar. Começamos citando uma lista de pessoas e lojas de tatuagem/*piercing* onde supúnhamos identificar mais entusiastas. Zpira afirmou que dentre as pessoas que havíamos citado nenhuma assumia sua ideologia. Disse que listaria nomes de pessoas interessantes para essa investigação. Sem dúvida, teríamos conhecido mais *body hacktivists* se, efetivamente, ele tivesse indicado mais entusiastas. Em algumas ocasiões, viajamos para algumas cidades onde Lukas Zpira afirmou que poderíamos fazer contatos, porém, após enviar-lhe vários emails para obter nomes, não tivemos resposta. Paralelamente, fizemos buscas na internet utilizando palavras-chave, nem sempre com sucesso. Continuamos nossa busca contando principalmente com a rede que ia sendo criada por aqueles que se definiam enquanto entusiastas ou que pareciam se enquadrar nessas definições ideológicas.

O primeiro adepto do *Body Hactivism* que Zpira indicou foi o modificador corporal de codinome Urd. Além de *body hacktivist*, ele é parceiro em projetos de modificação corporal, desenvolvidos tanto por Zpira quanto por Samppa Von Cyborg. Juntos, realizam modificações extremas e criam dispositivos funcionais originais. Nos encontramos pela primeira vez em Paris, no bar de um hotel em março de 2012. Coincidentemente, nesse dia era transmitido um jogo de futebol ao vivo no local, o que gerou complicações em nossa interação, pois constantemente ele precisava retomar a narrativa devido ao barulho.

Entre os modificadores corporais franceses, Urd é apontado como referência no que diz respeito à criação e implante de componentes tecnológicos no corpo. Quando nos encontramos ele estava acompanhado de sua parceira e colaboradora na loja de tatuagem/*piercing* da qual é proprietário, na região de Île-de-France. Segundo Urd, ele passou por um processo através do qual teria se convencido que o corpo é uma *matéria flexível*, disponível a inúmeros arranjos temporários e permanentes, o que lhe teria instigado a se aprofundar na exploração das potencialidades e limites físicos.

Para Urd, o que ele considera como “liberdade relativa de alteração do corpo” teria estimulado a procura por procedimentos corporais extremos em lojas de tatuagem/*piercing* e, sozinho, sem auxílio de profissionais do meio. Para ele, tal fenômeno possuiria vantagens e desvantagens. O lado positivo desse processo seria a redução do preconceito existente na sociedade em relação às pessoas modificadas. O lado negativo seria a padronização das marcações corporais, gerando a estandardização no meio. Como consequência, as inovações seriam reduzidas, bem como o progresso em direção à evolução corporal, bandeira levantada pelo *Body Hactivism*.

Percebemos que foi um desafio para Urd conceitualizar o *Body Hactivism*. Ele mesmo assumiu que essa não era uma tarefa fácil. Urd confessou nunca ter sido questionado sobre o assunto, por isso a dificuldade em explicá-lo. Acreditamos que a própria definição não seja algo realmente clara para ele, embora tenha sido uma oportunidade para elaborar um discurso sobre o assunto. Ele tentou distinguir esse corrente abrangendo dois tipos de comportamentos e práticas que poderiam englobar os *body hactivists*: primeiramente, estariam os profissionais da modificação; depois, os clientes com suas trajetórias pessoais de metamorfose física. Ele afirmou que o que está em jogo nessas definições é, sobretudo, o papel dos profissionais, tendo em vista que eles seriam os únicos que aperfeiçoariam as técnicas, os procedimentos e os instrumentos. Quanto aos clientes, estes só usufruiriam das inovações.

De acordo com ele, talvez fosse possível distinguir os *body hactivists* de outros grupos de modificação corporal simplesmente pelo caráter *funcional* das peças concebidas e utilizadas. Além disso, ele enfatizou que o *Body Hactivism* tornaria possível uma relação baseada na liberdade da mente e do corpo:

Le Body Hactivism c'est plutôt un état d'esprit. C'est vrai que nous pouvons souvent faire du piratage corporel par la modification du corps. Cependant, il y a un nombre d'artistes qui sont des body hactivists et ne passent pas par la modification du corps. Par exemple, les artistes qui font de la suspension corporel, les adhérents du mouvement

*cyberpunk et les chercheurs. Il y a de body hackers qui ont un esprit libre et un corps libre, et peut-être ils ne passent pas nécessairement par une modification du corps*¹¹⁵.

Quanto ao assunto da evolução pessoal, Urd complementou dizendo que a metamorfose do corpo não necessitaria passar pela reapropriação tecnológica - concepção diversa a de Lukas Zpira. Acrescentou que ela poderia variar tanto em estilo quanto em nível, em conformidade com cada *projeto corporal individual*:

*Pour une personne l'évolution peut se produire, par exemple, quand celle-ci coupe sa langue. Pour quelqu'un d'autre il s'agit du désir de devenir un reptile. Donc, il va couper sa langue et faire d'autres choses pour se rapprocher de cet idéal, par exemple, devenir un hybride avec un reptile. Pour une autre personne peut-être cette évolution va passer à travers la dimension cybernétique*¹¹⁶.

Se para Zpira o *Body Hactivism* prioriza transformações prospectivas pautadas no progresso científico, percebemos que para Urd essa ideologia é mais abrangente e enfatiza a importância do projeto corporal e da experiência. Essa controvérsia indica que relação entre corpo e modificação não converge numa única definição do *Body Hactivism*. Se refletirmos em termos de articulações (MOLL, 2002) ou proposições (LATOUR, 2004), essa aparente contradição não será traumática, já que de antemão não esperamos que os relatos convirjam numa única versão sobre a corrente. Ou seja, Urd como os outros *body hackers*, são agentes livres e articulam novos coletivos que consideram integrar o fenômeno.

Ressaltamos que o simbolismo das reapropriações corporais mencionadas por Urd, outrora emblemáticas de grupos marginais, tem sido paulatinamente revolucionado. Diferentemente de transformações corporais efêmeras, estes procedimentos são na maioria das vezes definitivos,

¹¹⁵ “O *Body Hactivism* é, sobretudo, um estado de espírito. É verdade que nós podemos frequentemente fazer a piratagem corporal pela modificação do corpo. No entanto, há uma série de artistas que são *body hackers* e não passam pela modificação do corpo. Por exemplo, os artistas que fazem suspensão corporal, os membros do movimento cyberpunk e os pesquisadores. Há os *body hackers* que têm o espírito livre e um corpo livre, e talvez eles não passem necessariamente pela modificação do corpo”.

¹¹⁶ “Para uma pessoa a evolução pode ocorrer, por exemplo, quando ele corta sua língua. Para outra pessoa trata-se do desejo de se tornar um réptil. Assim, ela vai cortar sua língua e fazer outras coisas para se aproximar desse ideal, por exemplo, tornar-se um híbrido com um réptil. Para outra pessoa talvez essa evolução passará pela dimensão cibernética”.

raramente podendo conceder à pele seu aspecto inicial. Essas transformações não superficiais tornaram-se um meio de expressão da individualidade, um elemento de manifestação da identidade cuja âncora é o próprio corpo (SWEETMAN, 1999). Muitas alterações corporais já superaram parte do preconceito, assumindo contemporaneamente outro valor, operando como uma assinatura que demarca distintamente o indivíduo (LE BRETON, 2008a). Numa sociedade onde a margem de autonomia individual tem sido incrementada, o sujeito pode interferir em seu próprio corpo de acordo com seu interesse, elaborando projetos corporais reflexivos (CROSSLEY, 2005, 2006) que auxiliarão na produção e controle das relações sociais por meio da reelaboração corporal.

Ao considerarmos essas breves descrições de Urd sobre o *Body Hactivism*, podemos então qualificar essa corrente como motriz de práticas que visam enriquecer sentidos físicos e dotar o corpo de funções inexistentes, afetando a configuração identitária. Por conseguinte, o princípio orientador do *Body Hactivism* aponta para o aumento corporal via experiências voluntárias que conduzem à inovação.

Foi também em Paris, no mês de março de 2012, que encontramos outro *body hactivist* sugerido por Urd. Decidimos ocultar sua identidade, pois quando repassamos a transcrição da entrevista, ele afirmou não ter dito aquilo que estava escrito sobre o *Body Hactivism* e Lukas Zpira. Seu receio pode ter surgido de sua discordância de grande parte da perspectiva dessa corrente ou por não saber situar exatamente a razão para se distinguir da ideologia proposta por Lukas Zpira. Para resolver o impasse, solicitamos sua colaboração na alteração ou complementação das informações e, inclusive, nos propusemos a encontrá-lo novamente, todavia ele interrompeu a conversação. Ponderamos se a qualidade da transcrição justificava sua indignação; a sintaxe, continha erros, porém não tornava seu conteúdo incompreensível. Tendo isso em vista, optamos por utilizar esses dados salvaguardando a identidade do entrevistado. Se este não deseja comprometer-se com seu discurso, talvez isto signifique que nessa rede há arranjos cujas implicações ainda nos são ignoradas.

Chamaremos esse ator de R.H. Agendar um encontro com ele não foi tarefa fácil. Após vários contatos por email e Facebook, ele hesitava em confirmar uma data que lhe seria conveniente. Tentamos organizar a entrevista num local com pouco ruído, em vista da

experiência negativa anterior— com o barulho do ambiente sobrepondo-se às vozes dos entrevistados na gravação. Ele sugeriu que nos encontrássemos em sua residência, no 11^o *arrondissement* de Paris. Quando chegamos, ele estava acompanhado de um amigo e perguntou se não nos importávamos de realizar a entrevista em sua presença, acrescentando que este talvez pudesse ajudar já que ele era integrante do movimento ciberpunk. Dentro de seu pequeno apartamento (escuro e cheio de fumaça de cigarro), nos sentamos no chão da sala. Desde o início, R.H. recusou a se comprometer com as ideologias do *Body Hacktivism*. Apesar de se definir como *body hacker*, ele aparenta não desejar nenhum compromisso com o lado ativista da corrente. Ele afirmou, “ *je ne suis pas la personne qui va promouvoir Le Body Hacktivism. Je partage l'idée, mais je ne me revendique pas un body hacktivist parce que cela ne m'intéresse pas* ¹¹⁷”. Ele enfatizou que assumia essa postura para que não criássemos expectativas quanto às respostas que ele forneceria, uma vez que estas poderiam portar visões distintas das de Zpira.

Ele disse que a partir do momento em que se definisse como entusiasta da corrente seria necessário militar pela causa e se adequar ao comportamento dos outros integrantes. Portanto, ele preveniu “*je ne suis pas bien um body hacker car je ne fais pas les mêmes choses que Lukas fait* ¹¹⁸”, isto é, ele não realizava as mesmas modificações corporais nem compartilhava de reflexões semelhantes. Porém, a forma como pensam em relação às transformações físicas sim, nisso poderíamos dizer que se assemelham. R.H. afirma não preconizar “*L'idée du Body Hacktivism parce que je pense si je me définis en tant que tel, il sera nécessaire de défendre ces idées* ¹¹⁹”, sobretudo por acreditar que tal conceito teria se limitado às atividades e conceitos desenvolvidos por Zpira.

Ele afirmou que era necessário distinguir mais claramente as ideologias do movimento do que Lukas Zpira tem feito enquanto fotógrafo, documentarista e *body performer*. Para R.H., essas atividades estão misturadas e se confundem com o termo criado por Zpira no que se refere às

¹¹⁷ “Eu não sou a pessoa que vai promover o *Body Hacktivism*. Eu compartilho a ideia, mas não me reivindico um *body hacktivist* porque isso não me interessa”.

¹¹⁸ “Eu não sou bem um *body hacker*, pois não faço as mesmas coisas que o Lukas faz.”

¹¹⁹ “Eu não preconizo a ideia do *Body Hacktivism* porque eu penso que se eu me definir como tal, será necessário defender essas ideias”.

modificações corporais prospectivas. Sobre o Manifesto que instituiu o *Body Hacktivism*, R.H. afirmou que Zpira simplesmente teria lançado mão de um termo que abrange práticas que já estavam sendo desempenhadas por diferentes pessoas há mais de 20 anos. Segundo ele, “ *Je pense qu’il a simplement posé les mots. C’est-à-dire, je pense qu’il a mis dans une phrase ce que beaucoup de gens pensent au sujet de la modification corporel. Quant à l’augmentation cybernétique, c’est un phénomène plus récent* ¹²⁰”.

R.H. lembra ter se deparado com o *Body Hacktivism* em 2003, ao navegar na internet e encontrar o Manifesto. Segundo ele, naquela época ainda não tinha compreendido exatamente do que este se tratava, visto que existia pouca literatura sobre modificações *underground*. A opção que encontrou foi partir para Avignon, onde Zpira estava, com o objetivo de assistir a uma performance que ocorreria na loja de tatuagem/*piercing* de Zpira. Nesse período, ele conta que existiam discursos sobre o ciborgue que abrangiam transformações com implantes 3D¹²¹ e transdermais. Para R.H., Zpira teria ajudado a avançar muito as concepções desse tipo de modificação.

Il y avait des mecs comme Urd aussi qui était mon perceur, et moi j’ai trouvé ça génial à l’époque. C’était ainsi que je suis rentré là-dedans, en faisant connaissance de Urd et après de me suis acheté un bouquin sur le body modification. Par continuité j’ai connu d’autres sites tels comme “L’Aspirale”, et j’ai essayé de lire tout ce que j’ai pu trouver
¹²².

R.H. não se interessava por transformações físicas consideradas “padrão” entre os modificadores - nessa lista, ele incluiu práticas atualmente popularizadas, tais como *piercing* e tatuagem (apesar dele mesmo ser tatuador profissional). Seu principal interesse estaria ligado às

¹²⁰ “Eu acho que ele somente colocou as palavras. Isto é, eu acho que ele colocou em uma frase o que muitas pessoas pensam sobre a modificação corporal. Sobre o aperfeiçoamento cibernético, este é um fenômeno mais recente.”

¹²¹ O implante 3D, também conhecidos como implante subdermal, consiste na inserção no interior do corpo de objetos com formatos diversos cuja finalidade decorativa. O material de tal implante pode variar dependendo do modificador corporal, mas geralmente ele é feito em silicone, aço cirúrgico e teflon.

¹²² “Havia caras tais como Urd também, que foi meu *piercer*, e eu achei isso tudo genial na época. Foi assim que entrei lá dentro, isto é, ao conhecer Urd e depois comprei um livro sobre a modificação do corpo. Por continuidade conheci outros locais tais como ‘Aspirale’ e eu tentei ler tudo o que eu podia encontrar”.

modificações mais complexas, por exemplo, os implantes subdermais e transdermais. Ele atribuiu isso ao fato de ter crescido assistindo filmes e desenhos da ficção-científica.

Ele criticou os implantes realizados por modismo¹²³, pois está convencido que os que desejam realizar implantes no formato de coração, de estrelas ou outros motivos não ajudam a impulsionar o cenário da modificação corporal extrema. Além disso, extrapolam a ideia de base dos implantes que, para ele, seria “*créer un nouveau enveloppe, quoi. Ça n’est pas créer, en fait, mais donner l’impression d’une nouvelle enveloppe. C’est vraiment donner l’impression d’une nouvelle ossature*”¹²⁴. Consequentemente, essa nova moldura não deveria se estandardizar, pois o objetivo seria “*vraiment déformer le corps naturel, pas déformer dans le sens négatif du terme, mais c’est déformer dans une image que je préfère, simplement*”¹²⁵.

Quanto ao *Body Hactivism* ele não acredita ser possível reconhecer um entusiasta simplesmente pelas modificações corporais, já que existiriam muitos sujeitos modificados que não compartilham a mesma ideologia, da mesma forma que Lukas Zpira definiu. R.H. disse:

*Le Body Hactivism c’est un courant, tu vois, c’est une manière de penser. Il y a des gens qui revendique être dans ce courant, mais à la base ils ont rien à voir avec ça. Les body hackers sont dans les modifications corporelles. Il y a de gens qui revendique quelque chose, il y a de gens qui vont trouver le Body Hactivism cool parce que c’est futuriste, c’est chouette, tu vois. Mais à la fin si tu les poses la question sur ce qu’ils pensent, ils ont vraiment rien à dire*¹²⁶.

¹²³ É importante ressaltar uma ambiguidade que perfaz o individualismo. Ao mesmo tempo em que instiga o indivíduo a buscar a diferenciação, no contexto em que “[...] esta pessoa, esta instância perdida que tem de ‘personalizar-se’. Este ser perdido é que tenta reconstruir-se *in abstracto* pela força dos signos, no leque desmultiplicado das diferenças, no mercado [...]” (BAUDRILLARD, 1995, p.88), essa personalização, prossegue Baudrillard, não opõe os indivíduos, logo não se trata de diferenças reais, porém “diferenças personalizantes”. Trata-se de modelos que convergem para a reprodução, atuando como referências qualificadas, produto da lógica de consumo que se desdobra na relação para com o corpo na contemporaneidade.

¹²⁴ “Criar um novo envelope. Não é criar, na verdade, mas dar a impressão de um novo envelope. É realmente dar a impressão de uma nova moldura”.

¹²⁵ “É realmente deformar o corpo natural, não deformá-lo no sentido negativo do termo, mas deformá-lo na imagem que prefiro, simplesmente”.

¹²⁶ “O *Body Hactivism* é uma corrente, você entende, é uma maneira de pensar. Há pessoas que afirmam estar nesta corrente, mas na realidade elas não têm nada a ver com isso. Os *body hackers* estão nas modificações corporais. Há pessoas que reivindicam qualquer coisa, há pessoas que vão achar o *Body Hactivism* legal porque é futurista, é divertido, você entende. Mas, no final, se você coloca a questão sobre o que eles pensam, eles realmente não têm nada para dizer”.

Para ele se transformar fisicamente sem uma perspectiva ideológica, ou seja, para simplesmente se enquadrar em um *look* incomum, geraria arrependimentos quando a moda passasse e novas modificações fossem proporcionadas.

A seu modo, R.H. aponta uma evidência: o adorno corporal estaria na moda, não somente para acompanhar um padrão, mas também se diferenciar dos grupos usando o corpo como suporte. Estes últimos buscam explorar seus limites, contudo arriscam-se a ter suas práticas reproduzidas. Em razão dos modismos, desse padrão regular, sistemático e deliberado de lançamento de novos estilos com objetivo de reconfigurar a aparência do corpo, é que são buscadas as inovações que possam estabelecer distinções, a serem usadas como sinal de exclusividade pessoal e social.

É necessário se distinguir, isto é, um duplo movimento de se aproximar e se afastar. Um processo de *inserção* e *exclusão* constantemente em ação e simbolicamente importante para a construção idealizada do sujeito. Le Breton (2004) constatou em *Sinais de identidade: tatuagens, piercing e outras marcas corporais*, que as modificações corporais, ao mesmo tempo em que significam o desejo de se constituir parte da sociedade, “são uma imitação de dissidência, uma maneira de jogar à parte, mas participando no funcionamento social com a elegância de mostrar que não se é completamente pateta” (LE BRETON, 2004, p. 137). Paradoxalmente, na mesma medida em que as marcações escolhidas geram o afastamento, elas criam o pertencimento e a cumplicidade com os pares. As modificações sobre as quais R.H. discorre, ao menos em parte, são desejadas pela ambivalência da separação e da aproximação dos laços sociais. Muitas vezes, apesar de não se fecharem em grupos organizados, os sujeitos se sentem ligados a uma comunidade informal e particular. Eles “procuram um segmento comum de existência à volta de uma decisão valorizada. A marca produz um laço, aproxima, fornece um pretexto para um encontro, uma desculpa para o engate” (LE BRETON, 2004, p. 137).

A filósofa Maria Michela Marzano-Parisoli (2003) equipara o corpo a um espelho, no qual os indivíduos se veem e se mostram aos outros. Ela o equipara igualmente a uma máscara, pois ao abrigo dele o indivíduo pode se esconder ou fantasiar uma identidade. Através do corpo pode-se escolher a apresentação mais adequada de si, seja através da identificação ou da recusa. Assim, se torna evidente a razão pela qual o corpo “está sempre na moda” e é motivo de várias

preocupações - em diversos locais, práticas e dimensões- e investimento - afinal ele é susceptível à construção, à modificação e à instrumentalidade. De múltiplas maneiras, a corporalidade coloca questões, e é por excelência o lugar do paradoxo (MARZANO-PARISOLI, 2003).

Eddy é outro *body hacktivist* indicado por Lukas Zpira que encontramos em sua loja de tatuagem em Saint Germain en Laye, região parisiense. Eddy disse ter conhecido Lukas Zpira em uma festa fetichista, ocasião na qual descobriu o conceito do *Body Hactivism*.

*J'ai découvert le concept Body Hacking par Lukas. Je m'intéressais au monde de modifications corporelles, mais je ne connaissais ce concept. Alors que lui était dedans complètement. C'est lui que m'a parlé sur cette démarche là, ça m'a intéressé, et du coup j'ai découvert les scarifications, les suspensions et les implants, etc*¹²⁷.

Ele realizou suas primeiras modificações aos 18 anos, com a aplicação de um alargador. A motivação foi tanto o caráter lúdico quanto subversivo. Atualmente, Eddy tem seis implantes transdermais, tatuagens em todo corpo e rosto, *piercings*, escarificações, entre outros. Para ele, o *Body Hactivism* consiste numa corrente que encoraja o indivíduo a *tomar posse de seu próprio corpo* e escolher para si transformações com cunho prospectivo. Seria uma maneira de reafirmar o “direito ao corpo”, negando-lhe o pertencimento às instituições sociais. Para Eddy, o *Body Hactivism* é uma ação política, antes que unicamente uma transformação física.

*Pour moi le Body Hactivism c'est prendre pleinement possession de son corps et de faire des choix que ne sont déterminés que par nous mêmes. Alors avec Lukas on est plutôt sur l'orientation cybernétique, robotique. Mais pour moi, le corps nous appartient, il n'appartient ni à la religion, ni à la politique, ni à la famille. C'est à nous de décider si on va faire quelque chose, avoir nos propres critères. Pour moi c'est plus une action politique que nécessairement physique*¹²⁸.

¹²⁷ “Eu descobri o conceito *Body Hacking* por meio de Lukas. Eu me interessava ao mundo das modificações corporais, mas eu não conhecia esse conceito. Enquanto ele estava completamente dentro. Foi ele quem me falou sobre essa abordagem, ela me interessou, e conseqüentemente eu descobri as escarificações, suspensões e os implantes, etc”.

¹²⁸ “Para mim o *Body Hactivism* consiste em tomar posse total de seu corpo e fazer escolhas que são determinadas unicamente por nós mesmos. Então, com Lukas, estamos mais na orientação cibernética, robótica. Mas para mim, o corpo nos pertence, ele não pertence nem à religião, nem à política e nem à família. Cabe a nós decidir se vamos fazer alguma coisa, estabelecer nossos próprios critérios. Para mim é mais uma ação política do que necessariamente física”.

Para ele, o ativismo consiste numa nova definição da relação dos indivíduos com a tecnologia bem como a reapropriação de técnicas médicas pela comunidade de modificadores. Ele faz uma relação com o pioneirismo de Zpira ao abrir uma loja de tatuagem/*piercing* numa época em que poucas pessoas teriam conhecimento técnico sobre modificações prospectivas e rejeitavam pessoas com *piercings*, “*Aujourd’hui c’est normal, mais à l’époque c’était ça le Body Hactivism. Si mon métier est d’être body perceur, c’est parce que lui et d’autres ont été dans cette action du Body Hactivism*”¹²⁹.” Ele mencionou a existência de outros movimentos diferentes, ressaltando que apesar da divergência de reivindicações, não existiria uma disputa entre eles.

No papel de *body hacktivist*, ele afirmou ter decidido realizar experimentos em seu próprio corpo sem se preocupar com a Lei ou com os valores morais. Segundo Eddy, a projeção política do *Body Hactivism* precede a ação, todavia é sua propulsora. Isso justificaria a dificuldade em distinguir antecipadamente os integrantes da corrente, já que muitos *body performers* se inscrevem numa trajetória artística ou recreativa. Ele ressaltou que a disposição política não cria um *body hacktivist*: “*Et s’il y a une démarche politique ça peut être très bien un message du Body Hacking, mais ça peut être autre chose*”¹³⁰. Eddy resumiu conciliando diferentes elementos dessa corrente: o *Body Hactivism* adere à ideia de experiências físicas, projeta um futuro corporal distinto e possui uma função de contestação política.

Para Eddy, existiria um problema na base da *identidade* e a modificação corporal poderia agir para solucioná-lo. Ele diz que se estivesse satisfeito com o corpo “natural”, com a aprendizagem corpórea que adquiriu por meio da educação familiar, não teria tido interesse em se modificar. A modificação corporal, alimentada pelo imaginário de ficção-científica, foi uma solução ao seu problema identitário.

¹²⁹ “Hoje em dia é normal, mas no momento era *Body Hactivism*. Se meu trabalho é ser *piercer* é porque ele e outros estavam nessa ação do *Body Hactivism*”.

¹³⁰ “Se há uma abordagem política, pode bem ser uma mensagem do *Body Hacking*, mas pode também ser outra coisa”.

*Nous, notre réponse, identitaire cela a été de modifier le corps. Nous ne sommes pas satisfait de la vision d'origine, on a été plongé dans une imagerie de science-fiction, et du coup le body art nous a fait ouvrir cette porte de l'avenir. Et du coup me permettre de modeler mon corps pour me projeter dans l'avenir. Mais pour ça c'est une chose qui m'aide dans la vie. Qui m'aide à construire ma propre identité. J'essaie de sortir de l'humain, de me lancer dans le posthumain, au-delà, je ne peux pas détruire l'humanité, mais je ne sens pas en accord avec elle*¹³¹.

O corpo é central para Eddy, é seu meio de transformação pessoal: “ *On peut dire que je cherche une métamorphose, une transformation, une évolution, un changement. Est-ce que c'est une métamorphose? Serais-je complètement différent, quelque chose qu'in'a rien à voir avec la version d'origine? Je ne sais pas!* ”¹³². Merleau- Ponty (2008) afirma que nossa existência no mundo está assentada no corpo e no eu; enquanto Le Breton (2003) sustenta que não há nada mais vulnerável do que ambos. Se considerarmos a plasticidade e a maleabilidade corporal enquanto propriedades do corpo, então devemos aceitar que a identidade se desenvolve sob as mesmas condições. Tanto a interioridade do indivíduo quanto o mundo externo existem para nós através dos sentidos e significados que lhes atrelamos no curso de nossa existência e dos vínculos que criamos. O eu é relacional e suas relações se definem no e pelo corpo. As transformações sociais que ocorrem a alguém não permitem que ele enraíze um sentimento de identidade definitivo. O discurso de Eddy corrobora o que viemos de dizer. Ele falou sobre a necessidade de buscar a si mesmo de formas variadas, a fim de criar uma trama significativa de sentido para sua existência. A reapropriação de seu corpo estabelece novas fronteiras entre interior/ exterior, na medida em que explora os limites de si. Os limites corporais não são tão rígidos como outrora pensávamos, o eu e o corpo estão suspensos durante as transformações físicas e abertos a uma incessante redefinição que variará de acordo com as condições e escolhas do momento.

¹³¹ “A nossa resposta identitária foi modificar o corpo. Não estamos satisfeitos com a visão original, nós estávamos imersos num imaginário de ficção-científica e de repente o *body art* nos abriu essa porta para o futuro. E, de repente, permite-me moldar o meu corpo para que possa projetá-lo para o futuro. Mas isso é algo que me ajuda na vida. Isso me ajuda a construir a minha própria identidade. Eu tento deixar o ser humano a entrar no pós-humano, além disso, eu não posso destruir a humanidade, mas eu não me sinto de acordo com ela”.

¹³² “Podemos dizer que busco uma metamorfose, uma transformação, uma evolução, uma mudança. É uma metamorfose? Eu serei completamente diferente, algo que tenha nada a ver com a versão de origem? Eu não sei!”

Fazemos a seguinte pergunta: se o corpo está ligado à definição do sujeito no mundo, até que ponto o homem pode e deve sofrer a simbiose com a tecnologia, já que são elementos de natureza oposta? Para Isabelle Queval (2008), o corpo não é uma matéria como qualquer outra, pois é nele que a história individual é registrada e os símbolos identitários são estabelecidos, isso quer dizer que se o corpo é uma matéria, “*cette matière est moi*”¹³³ (QUEVAL, 2008, p. 408). Suas fronteiras físicas conferem ao indivíduo os “limites de sentidos”. A focalização no corpo em prol da transformação de si, tal como assinalada por Eddy e outros *body hackers*, é reveladora. Para Le Breton (2002, 2004, 2008a, 2008b), Lipovetsky (2004), Queval (2008) entre outros, o enfraquecimento das grandes transcendências políticas, religiosas e sociais gerou uma dispersão individualista que responsabiliza o sujeito pelo êxito de sua trajetória. E o corpo se tornou a referência mais próxima e segura do indivíduo, transformando-se num “patrimônio” que deve ser cuidado seguindo os valores que interessam a cada indivíduo. Se existe uma tese sobre o desaparecimento ou a obsolescência do corpo entre as teorias pós-humanas e nas práticas que estamos tratando, ela não é facilmente crível, ao contrário, o corpo continua o centro da construção identitária. Todavia, não falamos do *corpo natural*, porém do corpo reconstruído, retrabalhado, ressignificado e aperfeiçoado, este é o cerne das práticas *body hackers*.

Sem duvidar, o *Body Hacktivism* é um microcosmo que indica vários processos de reconfiguração física estabelecidos por práticas inovadoras instituídas ao nível coletivo, e em segunda instância, ao nível individual. Entretanto, a ideia da substituição total do corpo pela tecnologia faz abstenção do formidável investimento social e coletivo do qual ele é capaz (QUEVAL, 2008). O investimento nas modificações extremas não envolve a obsolescência, sim a *plasticidade*. Na presença de um vasto repertório de possibilidades físicas, jamais tão rica e diversificada como atualmente, Queval (2008) defende:

Toute entreprise de négation, s'il faut formuler ainsi l'ébullition des modifications d'un corps "naturel", signale l'importance même de ce qu'elle prétend nier, et non pas son effacement ou sa disparition. Ainsi, le corps se travaille, mais ne s'occulte

¹³³ “Essa matéria sou eu”.

pas. Le corps se fantasme, mais ne s'oublie pas. De sens nouveaux se révèlent, de nouveaux langages du corps qui augmentent et transforment les usages corporels ».Portanto, « *la thèse d'une centralisation de l'identité contemporaine sur le corps prime-t-elle, selon nous, sur celle de sa disparition* ¹³⁴ (QUEVAL, 2008, p. 16).

O corpo “natural” com o qual os *body hacktivists* estão insatisfeitos e do qual querem se livrar é reputado como um “rascunho”, “imperfeito”, contudo *aperfeiçoável*. Para esses entusiastas, dispomos de todos os meios de aprimorá-lo e a tecnociência oferece os instrumentos necessários para tal empreendimento. Esse é um dos principais argumentos dos *body hacktivists*. Se o homem já foi a medida de todas as coisas, como disse Protágoras, essa máxima não se fundamenta na atualidade. Por meio da ciência, estaríamos optando por nos transformar tendo por base novas referências evolutivas. Nesse contexto a transformação do homem poderia passar, entre outros, pelo crivo da seleção genética, ectogênese, clonagem, controle químico das emoções e aperfeiçoamento das próteses internas e externas. Ao discorrer sobre formas de evolução humana disponíveis, Eddy ressaltou que o poder de decisão estaria nas mãos dos indivíduos. Estes poderiam escolher se alterar além dos padrões biológicos, que a seu ver, são limitantes quando comparados com o projeto para a humanidade que ele idealiza:

Mais l'humain est différent des autres espèces parce que nous pouvons contrôler maintenant ces modifications, je ne parle pas du body art, maintenant on peut sculpter nos corps, on peut le contrôler avec la chimie, prendre des hormones, pour se développer musculairement ou changer de sexe . Nous sommes les premiers à pouvoir vraiment changer ça. Comme l'homo sapiens a remplacé le néandertalien. Le post humanisme a déjà commencé. Des gens ont des cœurs artificielles, la technologie commence déjà à entrer dans le corps, par la chimie, la technique, la mécanique . Un jour, il sera possible de prendre le cerveau et le mettre dans un autre véhicule car l'ancien est trop épuisé et peut-être pourra-t-on conserver le cerveau . ¹³⁵

¹³⁴ “Todo empreendimento de negação, se podemos formular assim a ebulição das modificações de um corpo ‘natural’, significa mesmo a importância daquilo que ele pretende negar, e não seu apagamento ou desaparecimento. O corpo muda, certo, mas não desaparece. O corpo se trabalha, mas não se oculta. O corpo se fantasia, mas não se esquece. Novos sentidos se revelam, novas linguagens do corpo que aumentam e transformam os usos corporais. Portanto, a tese de uma centralização da identidade contemporânea sobre o corpo *prima*, segundo nós, sobre a de seu desaparecimento”.

¹³⁵ “Mas o humano é diferente das outras espécies, porque agora podemos controlar essas mudanças, eu não estou falando sobre o *body art*, agora podemos esculpir nossos corpos, podemos controlá-lo com produtos químicos, tomar hormônios para se desenvolver muscularmente ou mudar de sexo. Nós somos os primeiros a poder realmente mudar

Esse argumento disseminado no universo dos *body hackers* é uma perspectiva sobre o homem e seu futuro, um misto de projeto e fantasia. Trata-se tanto de ciência quanto de desejo (COULOMBE, 2009). Parte do discurso de Eddy é que a produção do corpo racional fundamenta-se nos poderes estabelecidos pela evolução tecnocientífica, que perpassa e modifica a percepção do corpo humano.

Para Queval (2008) o ineditismo histórico de autoformação do homem não é uma metáfora já que nos laboratórios científicos estamos programando a vida. Essa premissa engata um segundo raciocínio, que implica a perseguição da eficiência:

*L'artificialisation de la vie humaine se développe de manière exponentielle. Elle encadre la naissance, le handicap, la transformation physique et psychologique, la mort. (...) La vie devient anticipation de la vie, la mort une marge laissée à l'échec de la science. Nous avons commencé de fabriquer les corps*¹³⁶(QUEVAL, 2008, p. 35).

Atravessamos um período que só foi evocado anteriormente na mitologia e ficção-científica, repertórios que de alguma forma inspiram ações e visões sobre o “o futuro do corpo” entre os detentores do saber produzido no laboratório e nas lojas de modificação corporal. Outro *body hacker* que encontramos foi o finlandês Samppa Von Cyborg, a partir de uma indicação de Lukas Zpira, como uma importante referência no cenário da modificação corporal extrema. O encontro ocorreu na loja de tatuagem/*piercing* de Urd. Von Cyborg estava viajando por dois meses em diferentes países europeus para realizar procedimentos de modificação corporal e performances.

Segundo ele, sua carreira começou com a fundação da loja de tatuagem/*piercing* especializada no que ele define de “modificação cirúrgica”, *Mad Max Tattoo and Piercing*,

isso. Como *homo sapiens* substituiu os Neandertais. O pós-humanismo já começou. As pessoas têm corações artificiais, a tecnologia já está começando a entrar no corpo, seja pela química, tecnologia, mecânica, um dia será possível tirar o cérebro e colocá-lo em outro veículo, porque o antigo está gasto demais e talvez conservar o cérebro”.

¹³⁶ “A artificialização da vida humana se desenvolve de maneira exponencial. Ela enquadra o nascimento, a deficiência, a transformação física e psicológica, a morte. (...) A vida se torna antecipação da vida, a morte uma margem deixada à falha da ciência. Nós começamos a fabricar o corpo”.

localizada em Tampere, Finlândia. Tal definição corresponde a procedimentos invasivos, entre eles os implantes, a bifurcação de língua, as subincisões, a castração e a amputação. Esses procedimentos não são realizados por profissionais da área da saúde e que podem ser acusados de prática ilegal da medicina (exceto quando a modificação é realizada em si mesmo, o bastante conhecido *Do-it-yourself surgical modifications*¹³⁷): “*In an ideal world, these procedures would be offered by doctors, but unfortunately there is a great deal of pressure on doctors stopping them from offering unconventional procedures. As such, most of the time surgical modifications are left in the hands of cutters, or are self-done*^{138 139}”.

Samppa Von Cyborg atraiu clientes de várias regiões da França, a maioria consistia de jovens interessados no implante de magneto. Para eles, ter o procedimento realizado por um profissional como Von Cyborg garantiria a redução dos riscos de rejeição em razão do material e da técnica diferenciados. Na internet, há várias discussões sobre o inventor dos implantes de magnetos. De um lado há os que outorgam a criação a Samppa Von Cyborg, do outro, a Steve Haworth. De qualquer modo, o que parece ser consenso entre os conhecedores do assunto¹⁴⁰ é que os magnetos de Von Cyborg¹⁴¹ e Haworth são diferentes, sendo os do primeiro mais resistentes. Samppa Von Cyborg afirmou desconhecer a ideologia por trás do *Body Hactivism*. Para ele, quando pensa em *body hacking* há duas possibilidades: a primeira relacionada aos profissionais desqualificados da modificação, conhecidos como *hacks* ou picaretas; e a segunda, está associada aos piratas da informática. Para ele, Lukas Zpira é um personagem interessado em criar conceitos e textos que refletem sobre seus empreendimentos. Von Cyborg acredita que tanto Zpira quanto ele provavelmente compartilham uma ideologia em comum sobre o que fazem: “*Indeed, I guess we have a little of the same ideology behind things we are doing, but as I said I*

¹³⁷ Retirado de http://wiki.bme.com/index.php?title=DIY_Surgical_Mods, acesso 18 de abril, 2014.

¹³⁸ Retirado de http://wiki.bme.com/index.php?title=Surgical_modification, acesso 18 de abril, 2014.

¹³⁹ “Em um mundo ideal, esses procedimentos seriam oferecidos por médicos, mas infelizmente, há uma grande pressão sobre os médicos impedindo-os de oferecer procedimentos não convencionais. Dessa forma, a maior parte das alterações cirúrgicas são deixadas nas mãos dos cortadores, ou são auto-realizadas”.

¹⁴⁰ Disponível em: <http://www.calmbodymod.com/blog/?p=2522>, acesso 21 de abril, 2014.

¹⁴¹ Disponível em: <http://discuss.biohack.me/discussion/493/magnet-placement-finger-vs-side-of-hand/p1>, acesso 21 de abril, 2014.

*am not interested in this Body Hactivism. I am only interested in my work and what I find interesting, I do not have time to read other people's Manifesto*¹⁴²”.

Ele afirmou não desejar se enquadrar em nenhuma categoria vinculada a grupos, preferindo a liberdade de trabalhar artisticamente da forma desejada. Ele insistiu no fato de que muitos profissionais e indivíduos atuarem de forma semelhante, todavia sem categorizar suas práticas como *body hacking*. Para ilustrar, ele citou Sterlac, Kevin Warwick, pessoas que afirma serem referências de metamorfose física. Ele sublinhou seu principal interesse:

*Well, I am interested in cybernetics, robotics, and that kind of stuff, scientific terms, nothing about come up with cool words and then I create a concept. This is the type of thing that I do not like and I am more. If I would create some similar concept like body hacking I would feel like: ok, I created something then I would probably stuck in this body hacking bible, and I do not want to do that, because I want to explore everything. I can find some cool stuff from history, from tribes, like traditional body modification, or something from cybernetics*¹⁴³.

Para Samppa Von Cyborg o que importa é recortar modificações de fontes múltiplas, ainda assim, tem preferência por modificações ligadas à cibernética. Segundo ele, seu trabalho tem como eixo os estudos médicos, a cibernética e o *body art* tradicional. Samppa Von Cyborg começou a se interessar pelas novidades da medicina e a possibilidade de aplicação desse conhecimento fora desse domínio em 2000. Segundo ele, o interesse surgiu após ouvir sobre os implantes subdermais que Steve Haworth estava desenvolvendo na mesma época. Um dia atendeu um cliente que era médico e durante uma conversa, Von Cyborg comentou sobre as

¹⁴² “De fato, eu acho que nós temos um pouco da mesma ideologia por trás das coisas que estamos fazendo, mas como disse eu não estou interessado nesse *Body Hactivism*. Eu só estou interessado em meu trabalho e o que eu acho interessante. Eu não tenho tempo de ler o Manifesto de outras pessoas”.

¹⁴³ “Bem, eu estou interessado em cibernética, robótica, e esse tipo de coisas, termos científicos, nada de vir com algumas palavras legais e, em seguida, criar um conceito. Este é o tipo de coisa que eu não gosto e eu sou mais... se fosse criar um conceito semelhante ao *body hacking* eu me sentiria como: ok, eu criei alguma coisa, então eu provavelmente estaria preso nessa bíblia do *body hacking*, e eu não quero fazer isso, porque eu quero explorar tudo. Eu posso encontrar alguma coisa legal da história, de tribos, como modificação corporal tradicional, ou algo da cibernética”.

criações de Haworth¹⁴⁴. Segundo ele, o médico ficou fascinado ao saber que as técnicas dos profissionais da saúde estavam sendo utilizadas noutro contexto. De acordo com Von Cyborg, ele propôs ensiná-lo a fazer cirurgias em sua loja de tatuagem/ *piercing*. Por dois anos, Von Cyborg teve seus procedimentos cirúrgicos supervisionados por esse profissional:

*So in the first two years he was supervising me, all the procedures that I made in Finland. Every procedure that we did, we did normally after work hour, when I closed the studio, and when he finished his work, he came to the studio and we started doing body modification. He was taking my hands but using his knowledge. So he would tell me exactly what to do*¹⁴⁵.

A partir dessa iniciação, Von Cyborg contou ter tentado inovar suas técnicas, tendo por base conhecimentos tradicionais da modificação corporal acoplados às técnicas médicas. Quatro anos após a criação dos implantes transdermais de Steve Haworth, Von Cyborg disse que desenhou implantes com próprio estilo e que, aos poucos, foi sendo aperfeiçoado para minimizar os riscos para os clientes. Ele contou que seus implantes transdermais atuais teriam sido inspirados em pesquisas que realizou sozinho em revistas de medicina. Uma das reapropriações da área médica feita por Samppa Von Cyborg foi a alteração do primeiro modelo de implante transdermal¹⁴⁶, ideia que surgiu após ter lido uma série de pesquisas científicas a respeito de amputados que haviam se submetido ao *Intraosseous Transcutaneous Amputation Prosthesis*¹⁴⁷.

¹⁴⁴ Em 1996, Steve Haworth se tornava notório no contexto das modificações corporais por causa dos implantes transdermais conhecido como *Metal Mohawk* colocado em Joe Aylward. Falaremos mais sobre Haworth ao longo do trabalho.

¹⁴⁵ “Então nos primeiros dois anos ele estava me supervisionando, todos os procedimentos que realizei na Finlândia. Todo procedimento que fiz, nós o fazíamos normalmente após o horário de trabalho, quando fechava a loja e ele tinha terminado seu trabalho, ele vinha para a loja e começávamos a fazer modificações corporais. Ele pegava minhas mãos e usava seus conhecimentos. E aí ele me dizia exatamente o que fazer”.

¹⁴⁶ O implante transdermal consiste numa placa que fica sob a pele, que serve como base para que uma bijuteria específica de *piercing* lhe seja acoplada. A impressão é de que o implante está flutuando sobre a superfície da pele, quando na realidade está encaixado na base interna. O procedimento é muito mais complexo do que a inserção de um *piercing*, demanda técnicas, instrumentos e conhecimento específico. Apresenta também alto índice de rejeição, justamente porque o interior do corpo fica de certo modo exposto e suscetível ao acúmulo de bactérias ao redor da bijuteria e, conseqüentemente, infecções. Por essa razão, na comunidade de modificadores, não se garante o sucesso de tal prática, a despeito disso, o número de adeptos é elevado. O crédito de tal invenção é de Steve Haworth, que teria implantado o primeiro transdermal chamado “Metal Mohawk”, em Joe Aylward.

¹⁴⁷ Disponível em: <http://www.itap-prosthetics.com/>, acesso 29 de abril, 2014.

Intraosseous significa uma prótese que é anexada ao osso do membro ausente do paciente, e *transcutaneous* que ela atravessa a pele. A técnica consiste no implante de uma barra de metal no osso do paciente que serve de suporte para a prótese. Essas barras podem variar de tamanho dependendo do membro que lhe é acrescentado, podendo se tratar de uma prótese facial, de nariz, de um braço ou de uma perna. Ele afirmou que a parte do procedimento que insere o objeto no osso não interessaria ao seu implante transdermal. Seu interesse estaria relacionado com a semelhança desse implante aos utilizados pelos *body performers*. Segundo ele, enfrentou até os mesmos desafios encontrados pelos médicos, e a leitura desse material teria sido essencial para a inovação de sua peça e a criação da sua terceira geração de implantes transdermais, em 2011. A relação consiste na seguinte particularidade: os pesquisadores, observaram que os cornos e chifres dos animais – que não infeccionam nem irritam, são porosos na base, com buracos minúsculos que permitem o crescimento de uma rede de fibras que enraízam os chifres, e, por sua vez, são ásperos na superfície facilitando a adesão aos tecidos. Essas descobertas foram aplicadas aos seus novos transdermais. Segundo ele, foi necessário alterar elementos desse novo modelo de implante transdermal a fim de torná-lo mais áspero na base, para estimular a adesão e, conseqüentemente, estabilizar a peça.

Samppa Von Cyborg, ao invés de utilizar o mesmo material médico para finalizar a base, empregou uma técnica de jateamento, em razão do alto custo do material médico para os profissionais e os clientes da modificação corporal. Outra adaptação foi o desenho da peça. O implante atual possui maior quantidade de buracos, porém, de menor extensão, que permitem o crescimento dos tecidos que, conseqüentemente, estabilizará a placa. A localização desses buracos necessita ser criteriosamente escolhida para evitar infecções e rejeição. A estética da peça também foi alterada, segundo Samppa Von Cyborg. A base de metal que, no início, era visível externamente, criava uma protuberância na pele. Ela foi afinada, eliminando essa elevação. Ainda segundo ele, outros detalhes técnicos de extrema importância teriam sido retrabalhados, tais como o acabamento, o tamanho, o diâmetro e o perfil da barra. Não obstante, os detalhes operacionais quando mal realizados podem acarretar infecções extremamente

graves¹⁴⁸. Samppa Von Cyborg disse que tentou monitorar as novas peças em clientes que haviam realizado o procedimento anterior, e haveria sinais significativos de melhoria no que concerne a rapidez da cura, a redução de irritações, a redução de infecção e estabilidade da peça.

Nesse exemplo identificamos claramente a associação do avanço da medicina e da tecnologia para fazer avançar o contexto da modificação corporal extrema, e que é uma forma de subversão *body hacker*. Independentemente dos vários riscos implicados - com efeito, reações alérgicas podem surgir atreladas ao uso de certas substâncias, infecções localizadas que poderiam resultar em danos irreparáveis, transmissão de doenças sanguíneas, formação de quelóides - Samppa Von Cyborg aponta o que acredita ser uma tendência em pesquisas na área médica e tecnológica. Estas contam com investimentos elevados, visando compreender melhor o funcionamento do corpo humano, suas deficiências, limitações; por isso, seria possível utilizar tais informações para outra finalidade que apenas terapêutica. Para ele, seria possível desenvolver novos usos através da participação no desenvolvimento dessas técnicas. Médicos e *body hackers* operam o mesmo elemento e instrumentos, porém com finalidade diversa, que invertem as estruturas de poder e conhecimento sobre o direito de mexer no corpo dos indivíduos.

De alguma forma, ambos os domínios mudam a forma como nos relacionamos e construímos o corpo, seja para restaurar funções perdidas, conferir novas funções ou aparência estética marginal. A incorporação de técnicas médicas por membros de uma subcultura enfraquece as fronteiras entre a medicina e a modificação corporal não convencional. Pode ser entendida também como uma forma de subversão, tendo em vista que o conhecimento médico legitimado está sendo utilizado fora dessa circunscrição. Os *body hackers* não aceitam a regulamentação dos produtos, o controle oficial das condições de higiene dos locais onde os procedimentos são realizados, nem as garantias do treinamento do profissional ou de procedência do material utilizado.

Essa reivindicação de apoderamento é uma evidência de que o conhecimento técnico e científico não é neutro e não pode ser pensados de forma autônoma (DUCKREY, 1994). São

¹⁴⁸ Disponível em: <http://www.zentastic.com/blog/2012/07/26/the-transdermal-implants-of-samppa-von-cyborg/>, acesso 27 de abril, 2014.

necessários estudos que avaliem a influência dessas novas tecnologias que são relevantes para a sociedade e se integram a outros processos sobre as quais os cientistas e os médicos não estariam preparados eticamente para avaliar. Isso não significa que a técnica esteja “fora de controle”, que devamos ser contrários às novas tecnologias, porém que elas devem ser pensadas enquanto práticas específicas, voltadas para questões que intersectam ao futuro do corpo humano.

Samppa Von Cyborg afirmou que suas modificações corporais desenvolveram-se através de um lento processo, pois possuíam um significado específico. Atualmente, ele disse que tem encontrado indivíduos motivados por modismos, desejo de pertencimento a certos grupos, influência da mídia e que teriam decidido por modificações radicais irrefletidamente e num curto espaço de tempo:

They seem to rush; they have to get the full body tattooed in one year, or maximum two years. Also getting all sorts of body modifications, and all kind of piercings, and this is a little bit sick.(...). They do this for many reasons, one of them is that they want to be cool, they want to be part of some subculture, being kind of different from other people. Another reason is that media is getting interested about body modification¹⁴⁹.

De acordo com ele, a maioria das pessoas não está consciente de que essas transformações realizadas são marcas que geram pertencimento e, igualmente, exclusão. A transformação do olhar do outro por causa dos estigmas¹⁵⁰ poderia ocasionar sérios problemas psicológicos. Para Von Cyborg, as modificações corporais extremas não fazem parte do padrão corporal do mundo ocidental, portanto foi esta uma das formas que encontrou para se sentir “fora da lei”.

¹⁴⁹ “Eles parecem correr; eles têm que ter o corpo inteiro completamente tatuado em um ano, no máximo dois anos. Também fazem todos os tipos de modificação corporal, todos os tipos de *piercings*, e isso é um pouco cansativo. (...) Eles fazem isso por muitas razões, uma delas é que querem ser descolados, eles querem fazer parte de alguma subcultura, ser um pouco diferente dos outros. Outra razão é que a mídia está ficando muito interessada pelas modificações corporais”.

¹⁵⁰ Pessoas modificadas geralmente têm menos oportunidades de emprego. Os empregadores, em geral, não estão dispostos a oferecer as mesmas oportunidades devido à transformação física. Percebe-se que a comunidade modificação corporal tem lutado por menos discriminação e possibilidades iguais de emprego. Além disso, as novas mídias - mediador poderoso da compreensão social dos acontecimentos- também contribuem para apresentar e estruturar esta experiência cultural. A tipificação de certos fenômenos sociais pode impedir a capacidade do grupo de garantir sua legitimidade. Médicos e profissionais da saúde afirmam que a modificação corporal extrema é um problema patológico (PITTS, 1999) ou no mínimo atividades perigosas e nocivas. Seus discursos são aceitos na esfera pública por causa da legitimidade social da qual são portadores.

Ele contou que seu interesse pelo ciborgue surgiu da leitura de ficção-científica, sobretudo Hans Ruedi Giger, autor conhecido pelo filme *Alien*. Giger teria influenciado a perspectiva de Von Cyborg sobre as possibilidades do mundo científico. Suas obras, em geral, tratam do dualismo entre o orgânico e inorgânico: o corpo invadido por próteses, numa luta de complexa de poder na qual a “bondosa” mente humana resistiria ao “malvado” corpo tecnológico. Sobre a influência das obras de Giger na sua carreira e trajetória pessoal, Samppa Von Cyborg narra:

And then I started to explore Giger's world. He was the person who made me realize that the body could be different not only the fucking barbells, so he kind of showed me the way, what direction and then I started to do more different stuff". Like when I started my body modification I always wanted to do like biomechanical implants and these stuff. And when he came with this 3D implants but this type of things was always of science fiction because the technology wasn't even near that what it would be possible to make. And also it was around the same time when I found, maybe a little bit before I find Sterlac in the late nineties and his work is really opened my eyes. And about the same time I found Kevin Warwick¹⁵¹.

As tatuagens biomecânicas, conhecidas como *biomech*, muito comuns nos filmes *Alien* e *Exterminador do Futuro*, são estilos que mostram a simbiose entre o homem e tecnologia com inspiração robótica. É uma forma particular de tatuagem tridimensional que demanda habilidade do profissional para que a ilustração seja compreensível e forneça as impressões desejadas. Um dos primeiros passos de Samppa Von Cyborg em direção à exploração das possibilidades de fusão do homem com a técnica surgiu, segundo ele, por meio desse estilo de tatuagem cujo caráter surrealista combina elementos técnicos com humanos.

¹⁵¹ “E então eu comecei a explorar o mundo de Giger. Ele foi a pessoa que me fez perceber que o corpo poderia ser diferente, não só a porra dos *barbells*; então ele meio que me mostrou o caminho, a direção e então eu comecei a fazer coisas mais diferentes. Como quando eu comecei a minha modificação corporal, pois eu sempre queria fazer implantes biomecânicos e estas coisas. E quando ele veio com esses implantes 3D, mas este tipo de coisas era sempre de ficção-científica, porque a tecnologia não estava nem perto do que seria possível fazer. E também foi na mesma época em que encontrei, talvez um pouco antes, Sterlac no final dos anos noventa e seu trabalho realmente abriu meus olhos. E quase ao mesmo tempo encontrei Kevin Warwick”.

A tatuagem é o método de modificação corporal mais aceito contemporaneamente e tem se popularizado, integrando diferentes camadas da sociedade¹⁵². Os tabus em torno dela estão sendo desfeitos e a conotação negativa que as associava a indivíduos pouco recomendáveis tem sido paulatinamente desconstruída. A tatuagem é inclusive utilizada na dermatologia, como por exemplo, a maquiagem permanente, que utiliza técnicas de micropigmentação na epiderme através de uma caneta de tatuagem. Ela tem se tornado uma alternativa às maquiagens tradicionais e ajuda a corrigir quase que definitivamente as imperfeições estéticas. No contexto médico, a tatuagem é utilizada para camuflar problemas patológicos de pele, com um método adaptado de dermatografia, ou para imitar detalhes corporais que foram danificados após procedimentos cirúrgicos.

Essa transformação cultural em relação à tatuagem é relevante no sentido de reduzir a discriminação dos indivíduos modificados. Atualmente, se fala sobre “tatuagem do futuro”, cuja aparência não será a mesma e, quem sabe, nem o profissional que a realiza. O exemplo de Antoine Goupille demonstra que no futuro as máquinas também poderão tatuar. Ele se tornou o primeiro indivíduo que se tem notícia a ser tatuado por uma impressora 3D no ano de 2013¹⁵³. Se no futuro as tatuagens serão feitas por robôs ou impressoras 3D, não sabemos ainda. Há aqueles que negam essa possibilidade, alegando que uma máquina não pode conceder o toque humano artístico. Além disso, no formato que se encontram atualmente, elas não seriam capazes de reconhecer irregularidades da pele e teriam dificuldade de desenhar numa grande extensão corporal. Outro caso de tatuagem do futuro diz respeito à empresa Nokia, que solicitou uma

¹⁵²Algumas modificações corporais já estão integrando a sociedade, inclusive muitas personalidades expõem suas modificações extremas ao grande público. A título de ilustração, a cantora pop Lady Gaga que no videoclipe *Born this way* utiliza implantes subdermais no rosto e nos ombros, colocando suas tatuagens e falseando modificações extremas para evidenciá-las na mídia. Outro exemplo é o *body performer* que se tornou celebridade foi o antigo menino de rua canadense, Rick Genest, conhecido como *Zombie Boy* que se tatuou completamente (quase 80% de seu corpo) como um cadáver em decomposição. A partir de 2011 ele saiu da cultura *underground* e passou a integrar o circuito de moda tradicional, desfilando para Thierry Mugler, sendo clicado pelo fotógrafo das celebridades Terry Richardson e participando de várias campanhas publicitárias. Numa de suas participações, ele atuou para a marca de maquiagem Dermablend, na qual ele demonstrava a capacidade de cobrir suas tatuagens com uma base para pele da mesma empresa. Se no passado as tatuagens e modificações extremas já foram sinais de desvio, sua integração aos circuitos artísticos tradicionais pode torná-las símbolos de moda.

¹⁵³ Retirado de <http://www.humanóides.fr/2014/04/07/tatouages-a-limprimante-3d-un-avenir-radieux-dans-de-nombreux-secteurs/>, acesso 10 de outubro, 2014.

patente de “tatuagens inteligentes”, isto é, capazes de interagir com um *smartphone*. Ao receber uma chamada, mensagem de texto ou qualquer outro evento¹⁵⁴, gera-se uma vibração no corpo do usuário. Ainda não se sabe se essa tecnologia poderá representar algum risco para a saúde – em razão da utilização de uma tinta ferromagnética – portanto, essa tecnologia não prosperará tão rapidamente. Seguindo a mesma lógica de desenvolvimento, especula-se sobre tatuagens que ajudarão a monitorar o estado de saúde do usuário, sobretudo temperatura corporal e sinais vitais¹⁵⁵.

Observamos que a marcação corporal segue vários direcionamentos, abrangendo os que buscam a estética, a terapia, a funcionalidade e a diferenciação. A tatuagem é uma ilustração de adorno que adquire outro caráter, o da interatividade e funcionalidade. Os indivíduos têm sido encorajados por técnicas modernas e sofisticadas, e o imaginário do adorno e transformação corporal parece não ter limite. Aos poucos, a tatuagem vai perdendo seu caráter meramente estético de uma marca permanente, podendo se tornar um elemento funcional.

Outro dispositivo que Samppa Von Cyborg estaria tentando criar nos últimos anos é o implante genital vibrante. A ideia consiste em inserir um vibrador no pênis que pulsará quando reconhecer determinados transmissores¹⁵⁶. Os primeiros experimentos, que datariam de 2009, segundo ele, teriam utilizado energia cinética que foi substituída por outro tipo que pode ser alimentada termicamente. Recentemente, ele teria elaborado um implante sem fio capaz de reconhecer sinais a uma distância de 10 metros. Segundo Von Cyborg, o principal desafio é criar uma bateria pequena e durável, que possa ser recarregada sem fio. Sobre o assunto ele compartilhou:

So when I came up with my implant to the genitals, that is not ready yet and it is a never ending story, I had the first prototype ready and the more I was researching more I understood that if I waited one more year I would have better components for that, and now it's being like ok, every time I am about to make it, ok, and now I think it

¹⁵⁴ Disponível em: http://www.techhive.com/article/252210/nokia_patents_vibrating_smart_tattoos.html, acesso 10 de outubro, 2014.

¹⁵⁵ Disponível em: <http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424052702303825604579515704230508572>, acesso 10 de outubro, 2014.

¹⁵⁶ Disponível em: http://www.bizarremag.com/tattoos-and-bodyart/tattoos/7719/future_mods.html, acesso 10 de outubro, 2014.

*works pretty well.(...) My goal is to make functional modification, functional implants, and now we have this vibrating implant that is pretty like a cybernetic implant*¹⁵⁷.

Outra modificação funcional realizada por Samppa Von Cyborg foi o implante na mão de um *Oyster card chip*, isto é, um microchip utilizado nos cartões de transporte público em Londres. Este lhe confere acesso aos terminais como se portasse um cartão comum.

As conexões que estamos discutindo são promissoras, todavia levantam questões imperativas. Nesta estrada, composta de indivíduos que “pirateiam” o corpo, visualizamos que o caminho para o aumento humano atrai vários adeptos. Sem dúvida, o acréscimo de componentes tecnológicos internos e externos ao corpo humano irá modificar nossa percepção e interação no mundo. A partir do sentido original do termo ciborgue, passando pela ficção-científica, uma mudança aconteceu entre o sentido primeiro do termo e a realidade científica contemporânea.

O *body hacking* se inscreve entre a ficção, de um lado, e fato científico do outro haja vista ser alimentado pelo imaginário dos ciborgues e estimulado pelo progresso tecnocientífico. Como Fiévet (2012) ressalta, se deixarmos de lado o campo amador dos *body hackers* e olharmos para projetos de investigação conduzidos por universidades renomadas – onde a ciência já teria ultrapassado a ficção – concluiremos que certos avanços tecnológicos podem ser fonte de inspiração para *body hackers* e toda sociedade.

Finalmente, o *body hacking* indica duas direções. Um conhecimento que vem do “alto”, a partir do discurso científico e médico; outro que vem da base, de indivíduos que decidiram realizar experimentos científicos. No entanto, estes intentos estão interligados e são complementares. Para os *body hackers* a ciência ratificaria suas ações. Ao mesmo tempo, esta conduz investigações para descobrir se certos procedimentos alteram efetivamente os sentidos

¹⁵⁷ “Então quando criei meu implante para os órgãos genitais, que ainda não está pronto e é uma história sem fim, eu tive o primeiro protótipo pronto e quanto mais eu pesquisava mais eu ia entendendo que se esperasse mais um ano eu teria melhores componentes para isso. E agora toda vez que eu estou a ponto de fazê-lo eu acho que funciona muito bem. [...] Meu objetivo é fazer modificações funcionais, implantes funcionais, e agora temos este implante vibratório que é bem como um implante cibernético”.

físicos¹⁵⁸. O fato é que, ao final, ambos os movimentos acabam convergindo, ainda que tomem caminhos diferentes para explorar a corporalidade.

4.2 Compendo as evidências dos piratas do corpo nos Estados Unidos

Toda inserção no campo é geralmente a parte mais desafiadora da investigação. Encontramos pessoas que estão dispostas a colaborar e outras que desconfiam. Saindo da França e partindo para os Estados Unidos tivemos boas surpresas. Aproximamos de *body performers* que são referência na América do Norte. A viagem de Strasbourg para os Estados Unidos começou no dia 17 de junho de 2012. O destino inicial era Las Vegas e foram 20 horas de viagem até lá.

Las Vegas foi escolhida por causa do *body performer* Steve Haworth, internacionalmente reconhecido como inventor de diferentes implantes, entre eles os tridimensionais, e que se define como “modificador corporal de terceira dimensão e evolucionista humano”. Suas técnicas são definidas pela comunidade de modificadores como inovadoras. Haworth foi mencionado por Zpira como sendo um dos “pais”, dos fundadores, da ideologia do *Body Hactivism: de facto, par son travail de recherche, création, et mise en pratique de techniques d’implantations hors normes, déviantes des pratiques de chirurgie réparatrice et esthétique dont elles sont issues, et largement influence par des séries télévisées comme ‘STAR TREK’, Steve Haworth peut être considéré comme un des pères de se mouvement*^{159 160}. Durante três meses tentamos nos comunicar com Haworth para participarmos dos seminários que promoveria. Jenna Leatherman, sua secretária, foi a única intermediária. Ela tentou consecutivamente agendar uma entrevista

¹⁵⁸ Um exemplo de como a pesquisa científica pode se inspirar nas práticas individuais é relatado por Hameed et al (2010). Sabendo que até então todos os experimentos relacionados aos implantes de magnetos e as possibilidades de sentir campos eletromagnéticos tinham sido realizados unicamente na esfera *underground*, pesquisadores da Universidade de Reading decidiram realizar o primeiro estudo científico sobre os magnetos para verificar quais seriam as possibilidades deles se constituírem uma alternativa útil e acessível de interface homem-máquina.

¹⁵⁹ Disponível em: <http://www.a-l-arrache.net/home/interviews/lukas-zpira---interview-et-insertion>, acesso 31 de março, 2013.

¹⁶⁰ “De fato, por seu trabalho de pesquisa, criação e implementação de técnicas de implantes fora da norma, desviantes das práticas de cirurgia reparadora e estética das quais derivam, e em grande parte influenciado pela série de televisão, tais como Steve ‘STAR TREK’, Steve Haworth pode ser considerado um dos pais desse movimento”.

com Steve Haworth por *skype*, porém por diversas razões ele nunca apareceu. Decidimos entrevistá-lo pessoalmente e tentar fazer uma observação participante em seu local de trabalho. Descobrimos que ele estaria em Las Vegas entre os dias 18 e 22 de junho de 2012. Além dos seminários e procedimentos, seria possível que ele realizasse performances corporais. Seu cronograma era organizado gradualmente. Questionamos Leatherman se seria possível participar dessas atividades e, segundo ela, Steve Haworth costuma cobrar tanto para observar seu trabalho quanto para participar dos seminários. Porém, após ter conversado com ele, ela afirmou que não haveria problema participarmos gratuitamente. Ela sugeriu que conversássemos novamente quando sua programação estivesse definida.

Também contatamos vários modificadores corporais com quem já havíamos conversado anteriormente, buscando pistas que pudessem apontar para *body hackers* nos Estados Unidos, preferencialmente na Região de Nevada, Califórnia e Nova York. Algumas pessoas responderam e indicaram nomes que acreditavam se adequar à ideologia do *Body Hacktivism*. Responderam ao apelo Yann Mihn, Laurent Courau, Lukas Zpira e Samppa Von Cyborg. Yann Mihn indicou Bastien Lecouffe, John U. Abrahamson e Daniel Ouelette. Escrevemos para eles repetidas vezes, sem sucesso. Lukas Zpira indicou, em Nova York, a *body hacktivist* Lissette Olivares, com quem conversamos por email e marcamos um encontro para julho. Zpira disse que nos indicaria mais *body hackers* nos Estados Unidos. Tentamos pelo menos dez vezes falar com ele, inclusive quando já estávamos em campo, porém ele não respondeu a nenhum email. Samppa Von Cyborg não indicou nomes, todavia frisou que em Las Vegas aconteceria a *17th Annual Conference and Exposition of the The Association of Professional Piercers- APP*. Descobrimos que se tratava de um evento de grande importância no campo da modificação corporal extrema e que ocorreria no Bally's Casino Hotel. O prospecto do evento incluía palestras dos *body performers* mais populares nos Estados Unidos, entre eles Fakir Musafar. Era em razão do evento que Steve Haworth estaria em Las Vegas. Seu nome não constava na lista de palestrantes ou expositores, logo estimamos que ele estivesse no local para atender mais clientes e promover seu trabalho.

Inicialmente tivemos a intenção de participar do evento na qualidade de pesquisadores, entretanto seria necessário pagar US\$400 para a inscrição da APP ou por palestra que seria

assistida. Após termos observado os temas das conferências, cujo foco era os Primitivos Modernos, decidimos esperar a chegada a Las Vegas para decidirmos sobre nossa participação.

Na semana que precedeu a viagem conversamos com a secretária de Steve Haworth para lembrá-la de que estaríamos em Las Vegas. Ela indicou que estaríamos no Bally's Casino Hotel, mesmo local do evento da APP. Solicitamos mais detalhes das datas específicas com Haworth. Ela contou que após algumas mudanças decidiram adiar por dois dias o início das atividades. Quando estávamos em Las Vegas, perguntamos onde poderíamos encontrá-los no dia previsto e não tivemos resposta. Isso gerou certa ansiedade e receio de não conseguirmos cumprir o objetivo e perder momentos únicos em campo mesmo estando lá. Até o dia previsto de nos encontrarmos, Jenna Leatherman ainda não havia se comunicado conosco. Ela havia prevenido que naquele dia Haworth teria encontros com clientes importantes. Como não tínhamos nenhuma resposta e direcionamento dela, decidimos ir para a Conferência da APP no Bally's Casino Hotel às 8 horas da manhã e aguardarmos Steve Haworth próximo à entrada do Salão onde o evento ocorria. Enquanto nos informávamos mais sobre os procedimentos de admissão no evento, perguntamos a algumas pessoas se haviam visto Steve Haworth na Conferência. Um dos responsáveis da organização disse que ele esteve na noite anterior numa palestra.

Após algumas horas de espera, ligamos para o quarto do Steve Haworth e deixamos nosso número de celular para que pudesse dizer onde se encontrava. Aguardamos várias horas e nada garantia que o encontraríamos. Às 13 horas, decidimos sair e procurar um local com acesso à internet para ver se sua secretária havia respondido. Nesse mesmo momento, quando estávamos à porta do hotel, de relance identificamos algumas pessoas entrando no carro para sair. Tivemos a impressão que era Steve Haworth. Corremos até o carro antes que eles saíssem, acenamos. Jenna Leatherman, que dirigia, se apresentou e falou que havia acabado de responder ao email. Eles estavam indo almoçar e ela falou rapidamente sobre sua agenda, acrescentando que naquele dia não poderíamos participar de nenhuma atividade. Disse que só poderíamos estar presentes no último dia, o que não tinha sido combinado anteriormente por email. Durante essa rápida conversa, ela nos apresentou ao Steve Haworth, que contou que todos iriam para o Rio Hotel Casino atender clientes após o almoço. Perguntamos se poderíamos encontrá-los lá e eles disseram que seria necessário que confirmassem com o dono da loja de tatuagem/*piercing*. Sem

querer incomodá-los por muito tempo, propusemos de nos encontrar e conversar mais tarde no hotel indicado. Pegamos o número de telefone de Leatherman para facilitar nossa comunicação.

Fomos do Bally's Casino Hotel ao Rio Hotel Casino e pouco tempo depois mandamos uma mensagem de texto para Leatherman perguntando que horas chegariam. Era quase 14h30min quando ela disse que haviam mudado os planos e que só estariam no local após as 16 horas. Complementou dizendo que nos enviaria uma mensagem pelo celular avisando assim que chegassem. Almoçamos, conhecemos o hotel e encontramos uma única loja de tatuagem. Provavelmente seria nela que Haworth iria arranjar os procedimentos. Esperamos lá das 16 horas até às 16h40min. Durante esse tempo não vimos nem Jenna Leatherman nem Steve Haworth, muito menos recebemos qualquer mensagem de texto. Da nossa parte, tínhamos a preocupação de não incomodá-la constantemente, porém já havia se passado quarenta minutos e como nenhum deles havia entrado na loja, supomos que os planos deles tinham sido alterados. Escrevemos para Leatherman que nos informou que já estavam no interior da loja (certamente chegaram antes das 16 horas). E finalmente os encontramos.

A decoração da loja era predominantemente preta e vermelha. Aproximamos-nos de Jenna Leatherman que falou que Steve Haworth atendia um cliente. Agradecemos sua atenção e ela se desculpou por não ter respondido aos últimos emails por causa de imprevistos que teve. Ela autorizou que gravássemos nossa conversa e indagou sobre o trabalho que estávamos desenvolvendo. Ela contou que estavam em Las Vegas para aproveitar o período da APP e realizar negócios, pois segundo ela, esta seria a ocasião de encontrar modificadores e clientes de diferentes países reunidos. Ao falarmos sobre o *Body Hactivism*, ela demonstrou conhecimento sobre a corrente, ressaltando que Haworth não se define como *body hactivist*:

He defines himself as an evolutionist. That's how he defines himself. I have heard about Body Hactivism but I don't know exactly what it is. Steve is not political kind of person at all, I think, and Lukas is a bit more a performer artist, more political, and Steve isn't at all. He is an artist but I do not think that he'd be in that kind of movement, he is interested in new things and

*he is also an artist. Steve is not interested in using his body to criticize anything, he's very American. You know, Lukas is very French, Steve is very American, and so he is not into that*¹⁶¹.

Leatherman explicou a formação técnica de Haworth em próteses médicas e a importância da experiência e dos ensinamentos práticos que adquiriu com seu pai, dono de uma sociedade especializada na fabricação de implantes e de ferramentas em aço cirúrgico, situada em Fênix, Estados Unidos. Entendemos que apesar de não se definir como *body hacktivist*, Haworth é uma referência internacionalmente reconhecida entre os *body hackers* por sua experiência em acoplar o corpo humano com a técnica, de forma *underground*. Haworth tornou-se famoso por popularizar implantes subcutâneos ou subdermais- técnica de modificação corporal que consiste no implante abaixo da pele que gera um relevo na superfície- e transdermais - nesse implante, uma parte fica no interior do corpo e a outra visível exteriormente-, e Jenna Leatherman sintetizou sua trajetória:

*He came from a manufacturing engineering kind of background and then he got fascinated by body modification, so all these things got together and he started making body jewelry. He does not do that anymore and he started doing implant and things like that, so he got this engineering background and combined with body modification*¹⁶².

Ela o caracterizou como um “engenheiro” curioso, autodidata e inovador. Segundo ela, Haworth se interessaria por questões ligadas a pós-humanidade, ao transumanismo, só não é o tipo de assunto sobre o qual ele assumiria uma posição ativista, “*he is aware and interested on posthumanism, transhumanism and stuff like that but it is not a cause for him. It's not a personal*

¹⁶¹ “Ele se define como evolucionista. É assim que ele define a si mesmo. Ouvi falar do *Body Hacktivism*, mas eu não sei exatamente o que é. Steve não é o tipo de pessoa política, eu acho, e Lukas é mais um *performer artist*, mais político, e Steve não é nada disso. Ele é um artista, mas eu não acho que ele estaria nesse tipo de movimento, ele está interessado em coisas novas e ele também é um artista. Steve não está interessado em usar seu corpo para criticar nada, ele é muito americano. Você sabe, Lukas é muito francês, Steve é muito americano, e por isso ele não está nisso”.

¹⁶² “Ele tem uma base em engenharia de produção e, em seguida, ele ficou fascinado pela modificação corporal, de modo que todas essas coisas se juntaram e ele começou a fazer bijuterias para o corpo. Ele não faz mais essas coisas e começou a fazer implante e coisas assim; então, ele tem essa formação em engenharia e combinou com modificação corporal”.

*path for him, you know what I mean? He thinks it's more a personal journey as artists and engineering he wants to create and make interesting things*¹⁶³". Apesar de não se enquadrar numa trajetória baseada em reflexões políticas, mas exploratória e lúdica, a lógica de Haworth é se reapropriar de elementos tecnológicos, inventar dispositivos que ultrapassem as fronteiras e as demarcações orgânicas do corpo.

Sobre sua trajetória na modificação corporal extrema, foi na metade dos anos 90 que Steve Haworth começou a implantar pequenas bolas de teflon sob a pele de seus clientes - os implantes subdermais tão populares atualmente e que assumiam diferentes formatos. O período pós-operatório dessa operação é menos problemático que do *piercing* tradicional haja vista que a ferida é fechada imediatamente no caso de ser um implante de aço ou de politetrafluoretileno de teflon. Nos meses que seguem a cirurgia, um casulo feito de células dérmicas, extremamente densas, se forma em torno do implante e o mantém no lugar evitando possíveis migrações. A escolha da localização do objeto é complexa e envolve riscos para a saúde do cliente. Além de se tratar de um trabalho sem precedente conhecido, ele não é realizado por um especialista da área médica. Se a operação for mal calculada, é possível que o objeto bloqueie uma veia, não se acomode bem no músculo ou fique muito próximo de uma glândula. Outra demonstração de um implante popular de Haworth é o chifre tridimensional, prática retirada diretamente da cirurgia convencional e retrabalhada com finalidade estética marginal.

Ao conhecimento técnico e profissional de Haworth acrescenta-se a fabricação de bijuterias para modificação corporal com o próprio *design*. Outro exemplo do *savoir-faire* desse modificador é o implante de magneto, elaborados em 2004 por ele e Jesse Jarrell e midiaticamente popularizados. Vários clientes, oriundos de diversas regiões dos Estados Unidos, encontravam-se nessa loja de tatuagem/ *piercing* justamente para obterem tal implante - composto de neodímio, metal da terra raro utilizado habitualmente na indústria. Entre todas as propostas de modificação original de Steve Haworth, o implante subcutâneo de magnetos tem se

¹⁶³ "Ele está consciente e interessado no pós-humanismo, no transumanismo e coisas assim, mas estas não são causas para ele. Este não é um passo pessoal dele, você entende o que quero dizer? Para ele é mais uma jornada pessoal como artista e engenharia que quer criar e fazer coisas interessantes".

tornado uma das práticas mais populares e recorrentes¹⁶⁴. O magneto implantado assume a forma de um disco de metal e tem como principal efeito uma resposta sensorial ao reflexo das ondas e campos electromagnéticos do ambiente. Ele é rapidamente inserido sob a pele, por meio de um pequeno procedimento cirúrgico feito em lojas de tatuagem/*piercing*. Pode também ser realizado em casa, sendo possível comprá-los online a fim de realizar o procedimento sem auxílio do profissional. Sucintamente, o objetivo é criar sensações atípicas no corpo do usuário. Steve Haworth define esses magnetos como *Magnetic Vision* e/ou Sexto Sentido¹⁶⁵.

As ilustrações supracitadas consistem em diferentes manifestações do que chamamos de aumento corporal *underground*, pois estas conferem ao corpo capacidade sensorial inexistente organicamente. Em vista disso, com Steve Haworth estamos bem no coração do *body hacking*, onde *indivíduos autodidatas, cientificamente inclinados* e com pouca (ou nenhuma) formação técnica, buscam *reinventar o corpo e existência no mundo*.

Na loja de tatuagem/*piercing* Leatherman nos apresentava pessoas que estavam loja, tanto profissionais quanto clientes. Havia nesse espaço indivíduos visivelmente sem nenhuma modificação extrema que esperavam ser atendidos por Steve Haworth. Antes de iniciar qualquer procedimento, o cliente devia assinar um termo de compromisso resguardando Haworth das eventuais complicações do período pós-operatório. Ela contou ter percebido que muitos clientes que procuram Haworth não estão engajados com modificações radicais. Uma grande parte estaria interessada no “lado científico” e recreativo dos resultados desses procedimentos, e complementa: “*There are many people who come here that are not really modified. I am not really modified. They are not into modification. They want more the science side of that, or because they think it’s cool. I wanted that because I wanted to be sensitive to the electromagnetic field*”¹⁶⁶. A busca desses indivíduos não é pelo conhecimento científico, e sim pelo lado recreativo que alguns dispositivos possuem. Não há dados quantitativos sobre os usuários de

¹⁶⁴ Conferir o site *Body modification e-zine* - BME, revista virtual que trata das atualidades do mundo da modificação corporal extrema, tais como os implantes de magnetos.

¹⁶⁵ No capítulo 4 abordaremos com mais detalhes essa forma de aumento sensorial.

¹⁶⁶ “Há muitas pessoas que vêm aqui que não são realmente modificadas. Eu não estou realmente modificada. Elas não estão muito nessa coisa de modificação. Eles querem mais o lado científico disso, ou porque acham que é legal. Eu queria isso porque eu queria ser sensível ao campo”.

magnetos, porém essa prática ainda marginal dá sinais de crescimento e aceitação social da fusão corpo-tecnologia sem finalidade terapêutica¹⁶⁷.

Na loja havia um casal de namorados que implantariam os magnetos. Eles afirmaram não ter interesse naquilo que definiram como “modificações tradicionais”, isto é, tatuagem e *piercing*. Além disso, sua família desaprovava tais transformações. No que concerne o implante de magneto, a namorada disse: “*nobody really knows that you have it. You can’t tell someone has it until they tell it, I think it’s interesting because you get an extra sense*”¹⁶⁸. Segundo eles, a única preocupação dos parentes era em relação aos riscos pós-operatórios: infecção, migração do implante, entre outros. Para minimizar os perigos, teriam se informado pela internet sobre os profissionais confiáveis, por essa razão decidiram viajar 10 horas de carro para Las Vegas para fazer o procedimento com Haworth: “*My boyfriend did a lot of research. I can rely on him. He was the one who was interested, that thought it would be so much fun. Somehow he found out that Steve would have some appointments here so we drove down here, about ten hours*”¹⁶⁹. Eles esperavam que suas sensações e habilidades estivessem mais apuradas alguns dias após a operação. A namorada conta sua expectativa: “*I wonder how it will interfere with my ability to do certain things. Once you have put it you have to wait until you can hold anything. But I think I will be able to pick up things, like really small, nothing heavy. Most people just get one implant but if you have two I think you feel stronger fields*”¹⁷⁰.

Do outro lado do salão de espera, havia outro jovem que aguardava pelo mesmo procedimento, após ter seguido quatro horas de viagem para seu compromisso com Haworth. Ele contou ter conhecido esses implantes através de um amigo que adquiriu todo material pela

¹⁶⁷ Disponível em: <http://www.pewinternet.org/2014/04/17/us-views-of-technology-and-the-future/>, acesso 12 setembro, 2014.

¹⁶⁸ “Ninguém sabe realmente que você o tem. Você não pode dizer que alguém tem isso até contá-lo. Eu acho isso interessante, porque você adquire um sentido extra”.

¹⁶⁹ “Meu namorado fez uma série de pesquisas. Eu posso confiar nele. Ele era o único que estava interessado, que pensava que seria muito divertido. De alguma forma, ele descobriu que Steve teria alguns compromissos aqui, então dirigimos até aqui, cerca de 10 horas”.

¹⁷⁰ “Eu me pergunto como isso irá interferir em minha capacidade de fazer certas coisas. Uma vez que você o colocou você precisa esperar até que possa segurar qualquer coisa. Mas eu acho que eu vou ser capaz de pegar coisas realmente pequenas, nada pesado. A maioria das pessoas só tem um implante, mas se você tiver dois eu acho que você pode sentir campos mais fortes”.

internet e fez uma auto-operação mal-sucedida. Ele afirmou que se mantinha interessado pelas promessas do implante, mas ao mesmo tempo ficou assustado com a experiência traumática do amigo, por isso escolheu alguém para confiar essa tarefa. Ele afirmou que sua motivação seria basicamente lúdica e exploratória, isto é, obter sensações desconhecidas: *“I’m gonna be able to take up little objects and that’s gonna be cool. That can be fun, but mostly you might be able to feel electromagnetic field¹⁷¹”*. Em particular sobre o implante de magneto, é comum os indivíduos compartilharem experiências, debaterem problemas e novidades entre si e nas redes sociais. Eles discutem as principais questões que surgem dos experimentos. Alguns decidem levar a cabo os testes de forma solitária ou com auxílio de colegas. Os vídeos, os fóruns de discussão, as reportagens e a escolha do profissional seriam pré-requisitos para ter êxito nos procedimentos. Para outros, a decisão implica a confiança no modificador tendo em vista que algumas marcas do insucesso são dificilmente eliminadas do corpo. Por isso, eles creem minimizar os riscos se forem respaldados pelo *know-how* que pressupõem existir entre modificadores corporais profissionais. Portanto, identificamos que a escolha do profissional pode ser fundamental para alguns adeptos, sobretudo aqueles que desejam reduzir perigos, ainda que o custo seja superior em comparação aos mesmos procedimentos realizados sozinho. Acrescentamos a isso o desejo de ter uma modificação realizada por profissional reconhecido entre a comunidade de modificadores extremos. É um valor simbólico pelo qual muitos pagam, não devendo ser desconsiderado da análise. Além do fato de ser necessário pagar para pesquisar esse campo. Trata-se de uma atividade comercial e os profissionais têm identificado o interesse de pesquisadores e da mídia por essas práticas.

Conhecemos outras duas jovens que haviam saído da sala de cirurgia. Uma delas tinha acabado de se fazer implantar na parte superior do peitoral com um implante subdermal no formato de um coração. Elas ressaltaram a importância das informações disponibilizadas na internet para descobrir possibilidades inéditas de modificar o corpo. Para a jovem que implantou o coração, sua motivação consistia em diferenciar-se dos outros, pois *“very few people have*

¹⁷¹ “Eu vou ser capaz de pegar pequenos objetos e vai ser legal. Isto pode ser divertido, mas principalmente você será capaz de sentir o campo eletromagnético”.

it!¹⁷²”. Diferentemente do magneto, os implantes podem ser visualizados com mais facilidade e tornar-se símbolo de distinção.

Um casal com muitas tatuagens, implantes, *piercings* surgiu na loja. Carregavam seu filho de aproximadamente um ano. Este também possuía tatuagens, mas de adesivo. Esse quadro atraiu a atenção de alguns clientes, um deles exclamou a respeito da criança “*he’s part of the family*”¹⁷³. Durante a observação e o contato com vários clientes, visualizamos a forma como o eu e o corpo estão envolvidos em processos de aprendizagem sem começo nem fim, sendo constantemente construído, afetado, pelas relações humanas e não-humanas. O canadense Russ Fox também veio para vários procedimentos agendados com Steve Haworth. Fox é uma referência em modificação corporal no Canadá e, segundo ele, sem nos ter dado muitos detalhes, estaria se especializando em modificação corporal avançada e “experiência ritualística”. Ele afirmou praticar arte no corpo desde o ano de 2001. Proprietário de estúdio em British Columbia, ele criou o grupo de suspensão corporal *Modern Body Suspension*. De acordo com alguns *body performers* que estavam na loja, sua reputação no Canadá seria comparável à de Steve Haworth. Tentamos entrevistá-lo após seus procedimentos, que duraram mais de seis horas, contudo ele não demonstrou interesse e sua estadia em Las Vegas foi muito curta.

Percebemos que nossa solicitação de observar alguns procedimentos cirúrgicos de Haworth gerou desconforto. Leatherman e a namorada de Haworth pareciam discutir de forma um pouco tensa sobre o assunto. Jenna Leatherman afirmou estar constrangida, uma vez que parecia ter ocorrido um mal-entendido. Segundo ela, Steve Haworth não estaria ciente do nosso interesse em acompanhar os procedimentos operatórios, e normalmente, ele cobraria US\$1.000 para assisti-lo durante suas cirurgias. Leatherman tentou explicar que ele havia entendido que nossa disposição consistiria em assistir as suspensões e os seminários. Entretanto, no mês de maio, tínhamos discutido as condições para participar das atividades que Steve Haworth desenvolveria. No dia 14 do mesmo mês ela havia respondido a um email anterior no qual havíamos perguntado sobre a necessidade de pagar alguma taxa para assistir aos procedimentos, às performances e aos

¹⁷² “Poucas pessoas o possuem”.

¹⁷³ “Ele é parte da família”.

seminários que ele concederia. No que diz respeito à *17th Annual Conference and Exposition of the The Association of Professional Piercers* ela disse que não seria necessário nos preocupar sobre as taxas de inscrição da APP, “*You don't have to worry about the conference fees at all. \$400 is a full conference fee. A lot of the people coming to the conference don't even pay that, they just pay by class, or to get into the Expo (which you can do if you want to go see those things, but for hanging out with Steve, you don't need any of it)*”^{174 175}. Quando discutimos outras modalidades de participação, ela escreveu: “*Steve is doing appointments on the 20th and seminars on the 22nd. He won't be doing suspensions in Las Vegas. Normally he charges for both observing his work and attending his seminars, but I will discuss it with him and see what he thinks*”¹⁷⁶. No dia 21 de maio de 2012, ela enviou outro email respondendo “*Bárbara, Steve said that it would be fine for you to observe him. Let me know if you need anything else from me. We will be staying at Bally's in the South Tower*”¹⁷⁷. Apesar da confirmação por meio dos emails, algo impediu que Steve Haworth autorizasse nossa participação sem o pagamento.

Como não efetuaríamos o pagamento, garantimos nossa participação gratuita nos outros encontros promovidos e, na medida do possível, a inserção em ao menos um procedimento cirúrgico que ocorreria naquele dia. Precisávamos igualmente estabelecer um contato maior e confiança mútua com os sujeitos que estavam naquele grupo, a fim de compreender como se organizava essa comunidade. Construir essa relação poderia determinar a continuidade da coleta de dados. Felizmente, Leatherman não criou nenhuma objeção quanto à nossa permanência na loja de tatuagem/*piercing*. E mencionou que provavelmente uma suspensão aconteceria no dia naqueles dias, no quarto de hotel de Haworth e que nos forneceria mais detalhes posteriormente.

¹⁷⁴ “Você não tem que se preocupar com as taxas da conferência ; US\$400 é a taxa de inscrição integral. Muitas das pessoas que vêm para a conferência sequer pagam isso, elas apenas pagam por classe, ou para entrar na Expo (que você pode fazer se você quer ir ver essas coisas, mas para sair com Steve, você não precisa de nada disso).”

¹⁷⁵ Email pessoal da pesquisadora.

¹⁷⁶ “Steve está terá compromissos no dia 20 e seminários no dia 22. Ele não vai fazer suspensões em Las Vegas. Normalmente ele cobra tanto para observar seu trabalho quanto participar dos seminários, mas vou discutir com ele e ver o que ele pensa”.

¹⁷⁷ “Bárbara, Steve disse que está tudo bem se você observá-lo. Diga-me se você precisar de mais alguma coisa. Vamos ficar no Bally's na Torre Sul”.

Finalmente, Steve Haworth concordou que assistíssemos a uma microcirurgia de implante de magneto. Na sala do procedimento estava o cliente, a auxiliar de Haworth, Karen Somirin Bedford, e um modificador corporal que aprendia as técnicas de Steve Haworth. Ao começar o processo Haworth solicitou que providenciassem um copo cheio de gelo e água no qual inseriria o dedo do cliente para retirar a sensibilidade dessa zona cheia de nervos sensoriais. O cliente perguntou por que Haworth não podia utilizar anestesia e este lhe informou que em alguns estados norte-americanos somente médicos têm a autorização de utilizá-la. Haworth orientou a conduta do aprendiz, instruindo-lhe a remover a luva cirúrgica, que estava na mão do cliente, com o máximo de agilidade quando o dedo estivesse dormente. Todo processo deveria ser rápido para aproveitar o efeito da anestesia e reduzir o risco de *cross-contamination*, que ocorre quando bactérias e vírus são transmitidos entre superfícies e objetos. O cliente não sentia nenhuma dor intolerável. Vale ressaltar que enquanto a dor pode ser parte fundamental do processo para aqueles que estão em busca da superação de si e de uma transformação pessoal, para outros ela é um elemento que deve ser restringido, sobretudo quando se trata de uma busca muito específica. Era possível ver a precisão do profissional com o manuseio dos instrumentos de trabalho, muito diferente das mesmas práticas realizadas em casa pelos *body hackers* que muitas vezes demonstram sem jeito para manusear os instrumentos. Após dez minutos de cirurgia, na qual o objeto foi introduzido e um ponto foi dado no dedo do cliente, este foi liberado com uma simples bandagem. Steve Haworth deu orientações quanto ao pós-operatório. Apesar de ter sido um procedimento relativamente simples e curto, a observação dessa prática permitiu que víssemos o *body hacking* tomando “corpo”.

Voltamos para o salão de espera e era comum estarmos ali e ouvirmos perguntas sobre nossa nacionalidade, razão de estarmos no local, entre outras coisas. Tivemos a oportunidade de conversar por bastante tempo com todos. Uma dessas pessoas mostrou com orgulho o magneto que tinha implantado no dedo, além dos outros implantes e das marcas de suas suspensões.

Steve Bedford, proprietário do *Banzai Tattoo and Body Piercing* no Havaí também apareceu na loja e se interessou pelo fato de estarmos realizando uma pesquisa doutoral sobre as práticas contemporâneas de modificação e compartilhou que raramente pode falar de sua trajetória profissional e acadêmica, pois geralmente é um assunto que não interessa às pessoas

nesse contexto. Bedford foi um informante essencial em Las Vegas. Muitos que encontramos foram péssimos etnógrafos, não estavam interessados em descrever suas experiências e suas opiniões. Steve Bedford não se enquadrava no perfil. Ele viabilizou nossa circulação nessa comunidade estrangeira. Suas instruções e intermediações abriram portas que de outra forma poderiam ter permanecido fechadas¹⁷⁸.

Steve Bedford dizia que era um “ninguém” no meio de modificadores conhecidos, todavia pretendia nos apresentar a vários “alguéns”. Ele insistiu para que fossemos ao Bally’s Bar para conhecermos alguns dos modificadores que havia mencionado ao longo de nossas longas conversas. Bedford mencionou que alguns amigos fariam suspensões corporais naquela noite. Perguntou se tínhamos o interesse em assistir e manifestamos nossa intenção. Steve Bedford expôs que a suspensão é uma prática que deve ser escondida nos Estados Unidos por não ser uma atividade permitida pela Lei. Finalmente, a suspensão prevista não ocorreu e foi postergada para o dia seguinte e nosso reencontro definido para às 14 horas no Bally’s Casino Hotel. O cancelamento se deu devido a problemas técnicos com os ganchos, material essencial para a realização da performance, além de um problema no carro da pessoa que realizaria a suspensão. Os ganchos utilizados em uma suspensão corporal são os mesmos usados na pesca em alto mar, todavia as farpas são removíveis. A estes são acoplados agulhas americanas ou os cateteres cirúrgicos que perfuram a pele em locais estratégicos para distribuir o peso igualmente e dar sustentação ao corpo na medida em que é elevado. Posteriormente são acopladas cordas ou correntes para serem posicionadas numa plataforma de suspensão.

Steve Bedford realmente subestimava sua relevância nesse cenário, preocupando-se em nos apresentar atores que considerava ter influenciado esse meio. De nossa parte reconhecemos que cada ator contribui na concretização do fenômeno, agindo como intermediários ou mediadores. Bedford não só transmite determinadas ações, como faz parte dessa rede que transforma o fenômeno. Enquanto modificador corporal, ele pode criar transformações fornecendo sentido a

¹⁷⁸ Ressaltamos que a interação entre o pesquisador e o informante no que diz respeito às interações no terreno é uma importante reflexão metodológica.

várias práticas. Ele mesmo se demonstra ciente de um jogo de interesses e resistências no campo onde atua, afirmando saber agir com neutralidade sem partidarismo.

Para nos auxiliar, Steve Bedford nos apresentou modificadores que são referência: Jim Ward, Buck Angel, Steve Joyner, Allan Faulkner, Fakir Musafar e Russel Fox. Jim Ward, cuja entrevista nos interessa aqui, é considerado um mito na marcação corporal e referência no *body piercing*. Seu pioneirismo nos Estados Unidos lhe confere fama. Ele abriu a primeira loja de *piercing* em Los Angeles em 1975, chamada *Gautlet*. Ele disse ter tido como mentor o milionário Doug Malloy (cuja verdadeira identidade é Richard Simonton) um homem de negócios extremamente bem sucedido em Hollywood. Segundo Ward, foi por meio dele que teria sido introduzido ao mundo dos *piercings* bem como à sua rede de contatos em diferentes países, composta por pessoas interessadas nesse gênero de modificação. Jim Ward afirmou que foi o primeiro a desenhar bijuterias para *piercings* nos Estados Unidos. Seu objetivo pessoal era aumentar a capacidade sexual por meio de pequenas peças de metal inseridas em partes do corpo para a prática do sadomasoquismo¹⁷⁹: “*When I started my business, well I came from a sadism sexual enhancement concept. The idea that if you place small pieces of metal in strategic parts of your body you can increase erotic sensation. And that’s the direction I came from personally. At that time the only people who were doing it were hard core fetish people*¹⁸⁰”. Tal grupo geralmente realizava suas práticas em lugares escondidos, em suas casas e às vezes em lojas de tatuagem. Segundo ele, naquela época, pouco havia sido feito em relação às bijuterias e materiais técnicos para *body piercing*.

Ele afirmou que no início seu principal público era oriundo do sadomasoquismo, do fetichismo e dos *punks*. Aos poucos, o interesse teria se propagado para o conjunto da alta sociedade, principalmente após a tentativa de legitimação social por meio dos Primitivos Modernos e do estilista internacional, Jean-Paul Gaultier:

¹⁷⁹ Prática sexual que associa prazer e satisfação dos sentidos por meio da dor autoinfligida ou causada no parceiro e/ou em si.

¹⁸⁰ “Quando eu comecei meu negócio, bem, eu vinha de um conceito de aperfeiçoamento sexual sádico. A ideia é de que se você colocar pequenos pedaços de metal em partes estratégicas do corpo você pode aumentar a sensação erótica. E essa é a direção da qual vim pessoalmente. Naquela época as únicas pessoas que estavam fazendo isso eram do fetichismo *hard core*”.

As things evolved, in 1989 the group Modern Primitives came out and suddenly it seems that everybody in the world wanted to get pierced, or tattooed or whatever. And about that same time there were some trends that were happening, Jean Paul Gaultier had pierced models in his shows and suddenly people were showing up in the stores looking for those particular piercings¹⁸¹.

Sobre o assunto, Le Breton relembra que paralelamente nos anos oitenta, “o sucesso das marcas corporais cresce associado à ideia implícita de que o corpo é um objeto maleável, uma forma provisória, sempre remanejável, da presença fractal da pessoa” (LE BRETON, p. 36, 2008a). E Jim Ward foi elemento chave para que o *piercing*, e depois outras modificações, saísse da clandestinidade, da imagem negativa, afetando particularmente as jovens gerações.

Segundo Jim Ward, após ambos os acontecimentos as lojas de tatuagem/*piercing* teriam visto sua demanda aumentar exponencialmente, frisando que a busca dessas pessoas era prioritariamente estética. Se inicialmente elas estavam ligadas à sexualidade, ao reforço das zonas de prazer, aos poucos teriam se transformado e se propagado enquanto trajetória que corresponderia a um *look*, reapropriado pela moda. Mas será que a busca pelo aumento das sensações sexuais não estariam presentes ainda hoje? Veremos em diferentes passagens desse trabalho que muitas técnicas, apesar de terem sido reapropriadas mantém o mesmo objetivo.

Na sexta-feira, dia 22 de junho de 2012, participamos de dois seminários organizados por Steve Haworth e direcionados aos modificadores corporais e aprendizes originários de diferentes lugares, sobretudo do Canadá e dos Estados Unidos. Os seminários tiveram duração diferente e ocorreram no quarto de hotel onde Haworth estava hospedado. Aproximadamente oito pessoas participavam de cada um deles, além de Jenna Leatherman e a namorada de Steve Haworth, que se encarregavam dos pagamentos e das questões logísticas.

O preço dos cursos variava dependendo do conteúdo ministrado. Os temas eram: *Magnetic finger jewelry: theory and practice, Successful bead placement 3.0: beads, strings, and spines*,

¹⁸¹ “Como as coisas evoluíram, em 1989 o grupo Primitivos Modernos apareceu e de repente parece que todos queriam ser perfurados, tatuado ou o que for. E mais ou mesmo nessa mesma época houve algumas tendências que estavam ocorrendo, Jean Paul Gaultier tinha modelos com *piercings* em seus shows e de repente as pessoas foram aparecendo pessoas nas lojas procurando aqueles *piercings* particulares”.

Successful surface to surface piercing e *Successful techniques for laser branding*. Dentre todos os cursos elaborados por Steve Haworth, pude assistir aos dois que ele ofereceu.

O primeiro seminário chamava-se *Successful surface to surface piercing* e durou uma hora. *Surface to surface piercing* é um tipo de *piercing* cuja barra foi desenvolvida por Steve Haworth em 1993. Esse *piercing* corporal é propício para áreas do corpo particularmente côncavas, onde o canal da bijuteria atravessa a superfície da pele de um lado ao outro. Considerado entre a comunidade de modificadores uma evolução em relação às perfurações tradicionais, essa técnica reduz a rejeição podendo ser colocadas *a priori* em quaisquer partes do corpo. Porém, é necessário levar em consideração a anatomia individual para sua alocação, uma vez que modelos e tamanhos de bijuterias alternam de acordo com a região. Com experiência de quase vinte anos em *piercings*, nesse seminário Haworth abordou aspectos críticos da técnica, sublinhando que a operacionalização inadequada aumenta o índice de rejeição. As complicações variam desde a formação de cicatrizes hipertrofiadas (quelóides), fimose e parafimose (no caso de bijuterias colocadas no pênis), sangramento incontrolável, fraturas dentais, reações alérgicas ao material, inclusive infecções gengivais, por hepatite B, C e mesmo HIV, entre outros. Haworth destacou os procedimentos ideais para o implante dos *piercings*, as bijuterias apropriadas (nesse tipo de *piercing*, as extremidades da bijuteria necessitam ter um ângulo de 90 graus), técnicas tais como *free-hand* (sem uso de pinças), *abocath* (cateteres intravenosos) ou agulhas americanas. Assinalou e comparou métodos mais eficazes, além do aperfeiçoamento de algumas bijuterias que ele teria realizado a fim de minimizar complicações. Durante o seminário ele utilizou 60 slides que incluíam diagramas em terceira dimensão.

O segundo seminário oferecido que pudemos acompanhar foi o *Successful genital bead placement 3.0: beads, strings and spines*. *Genital beading* foi uma modificação desenvolvida por Steve Haworth em 1992. Ela envolve o implante de esferas, semiesferas (há muitas outras opções de formato e tamanho) sob a pele do pênis que, atualmente, tem fascinado muitas mulheres. O implante pode ser de aço inoxidável, titânio, silicone ou de politetrafluoretileno. O objetivo principal seria o aperfeiçoamento erótico do portador e do parceiro, meta similar à já mencionada

por Jim Ward, nada tão inovador já que data no mínimo dos anos setenta e até mesmo antes¹⁸². O implante inserido na face superficial da pele do pênis cria um nódulo ou uma pequena corcunda no corpo do pênis (mas pode ser em outros locais se o indivíduo desejar). Estas semiesferas são colocadas de forma permanente, e uma vez implantado no dorso da pele do pênis, ela deverá deslizar durante o ato sexual. Se fossem esferas fixas, surgiriam dores durante a relação sexual, causando a abrasão dos órgãos genitais do homem e da mulher.

Esses implantes podem ser usados igualmente por questões estéticas. Existem duas técnicas distintas: a primeira é a mesma utilizada no *piercing*, exceto que a bijuteria permanece fixa e é inserida completamente no interior do corpo. Esse procedimento é rápido, apesar disso tão invasivo quanto o implante de *piercings* nas genitálias. Pode ser realizado em lojas de tatuagem/*piercing* ou individualmente, tendo-se o cuidado de não inserir um implante de qualquer dimensão e formato. A segunda opção que Haworth apresentou foi o “implante técnico”, que se assemelham a um em 3D, muito comum entre as jovens mulheres que desejam adornar de maneira exótica o corpo. Por exemplo, a jovem que entrevistamos na loja e que havia implantado uma estrela feita por Haworth. Metodologicamente, as incisões são feitas a partir da primeira esfera, logo, uma espátula é inserida criando um “bolso” ou “túnel” abaixo da pele. Então os implantes são empurrados nesse “bolso” e posteriormente suturados. Além desses, há outros detalhes técnicos a serem considerados pelo especialista para impedir que os implantes migrem ao longo do corpo ou da genitália. A vantagem desse procedimento é permitir que qualquer tamanho ou formato de implante fosse inserido, deixando somente uma pequena cicatriz (claro que isso dependerá do conhecimento técnico do especialista). Essa técnica é mais invasiva e exige maior qualificação do que o simples conhecimento operacional de *piercing*.

¹⁸² O primeiro documento sobre objetos estimulantes inseridos no pênis ou na glândula foi encontrado no manual sexual Kama Sutra de Vatsyayana. Na Tailândia, uma estátua de bronze de um cachorro com um implante no pênis do século IV indica que esse procedimento já existia, tendo sido reintroduzidos após a II Grande Guerra Mundial. Esses implantes subcutâneos são no formato esférico ou semiesférico - produzidos com vidros, pérolas, pedras preciosas e metais- são inseridos no pênis e é uma prática que já foi observada entre membros de gangues, marinheiros, prisioneiros e outros indivíduos de nível econômico baixo no Sudeste Asiático e na Europa Oriental. Essa utilização objetiva aumentar a potência sexual masculina e a estimulação da parceira durante a relação sexual. As radiográficas desses implantes são muitas vezes semelhantes aos cálculos renais, não devendo ser confundida com estes (LIM et al, 1986; ROTHSCHILD et al, 1997).

Em todos os seminários, Haworth apresentava vários slides com o passo a passo dos procedimentos, sublinhando os problemas comuns em razão de técnicas mal realizadas, além das diferenças existentes atualmente no que concerne os implantes propostos no meio da modificação corporal extrema. Após o término de cada seminário, a equipe de Haworth apresentava suas bijuterias exclusivas que eram vendidas e entregavam aquelas incluídas no pacote dos cursos. Infelizmente, após várias tentativas não conseguimos mais agendar nenhuma entrevista com Steve Haworth.

4.3 Corpo, coevolução e metamorfose

Lisette Olivares e Cheto Castellano são dois *body hacktivists* que conhecemos em Nova York. Olivares foi arrolada por Zpira como ativista que contestaria aquilo que a sociedade contemporânea define como normatividade corporal.

Os encontros em Nova York tiveram uma longa história. Antes de chegarmos, havíamos tentado mobilizar a rede de informantes e integrantes da ideologia dos *body hacktivists*. E só tivemos resposta de Olivares. Havíamos planejado uma semana para entrevistas. Aguardávamos ter uma resposta dos nossos potenciais informantes e igualmente esperávamos localizar os “vários” *body hacktivists* sobre quem Lukas Zpira havia falado. Por email, Lisette Olivares não havia mencionado outros contatos. Ao mesmo tempo, tentamos encontrar colaboradores através das pesquisas online, mas sem sucesso. Por isso ressaltamos novamente a importância de um ator focal que disponha de informações a respeito do segmento estudado e que possa nos sugerir atores importantes, tornando a investigação mais produtiva.

Agendamos com Olivares o encontro na *Gallatin School of Individualized Study*. Naquele ano ela atuava como professora assistente desse departamento que pertence à Universidade de Nova York. Ela também era doutoranda do departamento de *History of Consciousness* na Universidade da Califórnia, em Santa Cruz. Sua pesquisa diz respeito à interrelação entre estética e política tendo como foco de análise a resistência cultural no Chile no período de repressão política. Olivares expôs tanto seu trabalho acadêmico quanto atuação ativista, papel assumido

recentemente, segundo ela. Além disso, ela é crítica e curadora independente e se especializou em arte contemporânea através de performances corporais de pouca representatividade.

Segundo Olivares, ela conheceu a ideologia do *Body Hactivism* em 2008, durante um evento no qual ela expôs um pôster sobre corporalidade e feminismo. Por compartilhar de certos princípios no que se refere à normatização do corpo, ela disse ter passado a se considerar uma entusiasta da ideologia. Ela afirmou não estar completamente ciente de todas as ambições de Zpira por meio do *Body Hactivism*, entendendo que cada sujeito possui uma formulação particular da corporalidade, cada grupo concebendo um fundamento de corpo díspar. Ao falar sobre variados movimentos que utilizam o corpo como meio para a manifestação de uma ideologia, ela declarou: *“Each of these groups have conceptualizations of the body, different conceptualizations of ways that they relate to body modifications (...).As for Lukas it’s more about the future than now, he is going through his own evolution in spite of the body modification industry. There is Steve Haworth, Lukas Zpira, Brian Decker”*¹⁸³.

Olivares acredita que o *Body Hactivism*, da perspectiva de Zpira, teria por objetivo atrair a atenção dos indivíduos para as possibilidades de transformação física que são empreendidas ao nível coletivo, científico e político. Ao tentar devolver a agência sobre o próprio corpo da forma desejada por Zpira, Olivares acredita que seria possível mostrar a liberdade de reapropriação física como modo de combater forças políticas e ideológicas dominantes (tais como a religião, gênero, raça e classe social). Ela declara *“For Lukas the Hactivism has to do with being able to modify your own body before the State can do it. How do we still have agency over our body before other powers have more agency?”*¹⁸⁴. Em vista do desenvolvimento das novas tecnologias o *Body Hactivism* apontaria para conflitos ideológicos ligados à reapropriação técnica que estariam ligados à liberdade morfológica¹⁸⁵.

¹⁸³ “Cada um desses grupos possui conceitos de corpo diferentes, conceituações diversas da forma que se relacionam com as modificações corporais [...]. Quanto à Lukas, é mais sobre o futuro do que agora, ele está passando por sua própria evolução, despeito da indústria da modificação do corpo. Há Steve Haworth, Lukas Zpira, Brian Decker”.

¹⁸⁴ “Para Lukas o *Hactivism* tem a ver com a possibilidade de modificar o próprio corpo antes do Estado fazê-lo. Como termos agência sobre o nosso corpo antes de outros poderes terem mais agência?”.

¹⁸⁵ Nós afirmamos que essa é uma ideia típica das correntes pós-humanas que defendem a transformação deliberada do corpo por meio das tecnologias emergentes (LESTEL, 2013).

For me Body Hactivism is about the underground development of technology. So it isn't within mainstream medical or science institution. So, for example, Orlan for me isn't a body hacker. Because Orlan goes to a doctor so for me it's already very different from what these people like Lukas Zpira, Brian, are doing, because they are going against the medical industry. They are not using the same platform as the traditional medical establishment. For me that marks the big difference. The very big difference for me is to go to somebody who has learned to do his own practices through underground education, than to go to somebody who has taken a degree on it¹⁸⁶.

Para Olivares o *Body Hactivism* sublinharia as principais controvérsias relacionadas à tecnologia, a política e aos indivíduos. O *Body Hactivism* pretendia questionar as fronteiras colocadas entre o indivíduo e a tecnociência pela reapropriação criativa e experimental do corpo, sem auxílio de especialistas, tidos como legítimos detentores do conhecimento do corpo humano. Portanto, a seu ver, o *Body Hactivism* seria uma trajetória de subculturas, que não exige pré-requisitos para participação, nem qualificação obrigatória. Suas ações teriam por intenção levar os indivíduos a questionar as categorias de classificação dominantes na estética corporal, as fronteiras físicas, portanto seriam ações revolucionárias e ativistas. Segundo Olivares: “*I think it's the activist proposal, making people to move beyond of what they have already built. I think it can be activist. Concerning to rescue esthetic values of other cultures, then I think it can also be problematic*¹⁸⁷”. Lissette Olivares enfatiza que a indústria médica não estaria autorizada a fazer procedimentos tais como os efetuados em Orlan, pois se espera que elas sigam uma estética normativa. Ela explicitou sua consternação:

For example Orlan's surgery. I am surprised that the doctor did it because it's illegal for them to do that. So, for example, my partner went to see a plastic surgeon and he doesn't know how he did it. And my question is how someone who has been performing

¹⁸⁶ “Para mim o *Body Hactivism* é sobre o desenvolvimento de uma subcultura da tecnologia. Portanto, não está dentro da instituição médica tradicional ou científica. Assim, por exemplo, Orlan para mim não é uma *body hacker*. Porque Orlan vai a um médico, por isso para mim já é muito diferente do que essas pessoas como Lukas Zpira, Brian, estão fazendo, porque eles estão indo contra a indústria médica. Eles não estão usando a mesma plataforma que o estabelecimento médico tradicional. Para mim, isso marca a grande diferença. A grande diferença para mim é ir com alguém que aprendeu a fazer as suas próprias práticas, através de uma educação de subcultura, do que ir para alguém que tem o título”.

¹⁸⁷ “Eu acho que é a proposta ativista, fazer as pessoas irem além do que elas já construíram. Eu acho que isso pode ser ativista. No que diz respeito a resgatar valores estéticos de outras culturas, então eu acho que isso também pode ser problemático”.

*plastic surgery everyday have no idea about how to implant that, something easier than the work that they have been doing. That's really interesting. But, again, the lack of imaginary, the lack of being able to think about what you can do*¹⁸⁸.

É inegável a existência de um discurso científico que autoriza as transformações físicas que se enquadram dentro do padrão anatômico cuja referência é a integridade física. Porém, é possível ultrapassar essa concepção e caminharmos noutra direção. Corpo saudável, íntegro, belo, são valores que podem ser superados se colocarmos no horizonte a referência do homem aumentado/aperfeiçoado, um ser com mais possibilidade, capacidade e potência. As ações dos *body hackers* se sustentam nesse paradigma, que tem se apresentado igualmente a todos os indivíduos diante do sucesso da medicina reparadora e do aperfeiçoamento terapêutico. A liberdade de discurso e ação dos *body hackers* permite que estes se associem àqueles cujas aspirações lhe correspondem melhor. Mas esses arranjos são complementares e estão interconectados.

Munier (2013) aponta para a ambiguidade do sucesso da medicina reparadora que tem buscado ultrapassar os valores físicos atuais outrora impostos como padrão por esse mesmo domínio:

*Ces exemples de réussites prodigieuses de la médecine réparatrice sont pourtant le creuset d'une ambiguïté nourrissant notre problématique. La réparation s'effectue suivant un modèle de normalité, celle de l'homme sain, mais toute idée de plasticité de la nature humaine influe sur cette norme : l'exigence de réparation se mue en tentation d'amélioration ou d'augmentation*¹⁸⁹. (MUNIER, 2013, p. 13)

A utilização da tecnologia e suas aplicações fora do limite da formação disciplinar médica, acadêmica e terapêutica são apresentadas como uma forma subversiva de autoemancipação por

¹⁸⁸ “Por exemplo, a cirurgia de Orlan. Estou surpresa que o médico tenha feito isso porque é ilegal fazer isso. Por exemplo, o meu companheiro foi ver um cirurgião plástico e ele não sabe como ele fez isso. E a minha pergunta é como alguém que tem realizado cirurgia plástica todos os dias não tem ideia sobre como implantar isso, algo mais fácil que o trabalho que eles têm feito. Isso é realmente interessante. Mas, mais uma vez, a falta de imaginário, a falta de ser capaz de pensar sobre o que você pode fazer”.

¹⁸⁹ “Estes exemplos de sucesso prodigioso da medicina reparadora são ainda a prova de uma que nutre nosso problema. A reparação é realizada seguindo um modelo de normalidade, a de um homem saudável, mas qualquer ideia de plasticidade da natureza humana afeta essa norma: a exigência da reparação se transforma na tentação do aperfeiçoamento ou aumento”.

certos *body hacktivists*. O discurso dominante sobre a modificação corporal extrema que surge dos debates é marcado pela ênfase neoliberal ligada à escolha individual e à liberdade de personalizar o próprio corpo segundo seus desejos e necessidades. Pierre Musso (2013) afirma que sonhos, utopias, ficções e mitos ligados à representação tecnológica do corpo apresentam um dualismo. De um lado, a técnica é funcional em razão de seus efeitos práticos; do outro, ela engloba uma ficção manifesta em sua representação, pois “*dans une société hypertechnique, les techno-utopies ne cessent de multiplier les figures du technocorps*¹⁹⁰” (MUSSO, 2013, p. 131).

Nessa ambígua intersecção as práticas criativas *avant-garde* são exemplos da plasticidade corpórea que questionam ideias estabelecidas de um modelo físico. Nesse espaço experimental os *body hackers* relacionam entusiasticamente discursos, interesses e atividades diversas que se inscrevem numa trajetória que para alguns é quase evolutiva.

De acordo com Lissette Olivares, a desconstrução do discurso normativo do corpo que integraria as diversas políticas, restrições, ideologias seria um traço definidor do *Body Hactivism*. O corpo teria se tornado o *locus* de contestação da ideologia atual, ela argumentou:

*For me the colonial body is the kind of body we have that is probably in relation with the image of God, body which is already perfect. No, of course not! The body is not already perfect, because we can keep doing things to it, like tattoos or whatever. I think that when you modify your body you are questioning the world, the normativity, very much. And I think that you are performing those questions in public spaces. Well, I think it is activism; I don't know really how to interpret that, because they can only be seen as freaks*¹⁹¹.

Tendo como exemplo a forma como seu companheiro e *body hacktivist*, Cheto Castellano, concebe a formação identitária através do próprio corpo, que se aproximaria mais de uma versão animal, Olivares considerou como ele opera sua construção do humano:

¹⁹⁰ “Numa sociedade hipertécnica, as tecno-utopias não cessam de multiplicar as figuras do corpo técnico”.

¹⁹¹ “Para mim o corpo colonial, é o tipo de corpo que temos que está provavelmente em relação com a imagem de Deus, corpo que já é perfeito. Não, claro que não! O corpo não é já perfeito, porque podemos continuar fazendo as coisas nele, como tatuagens ou qualquer outra coisa. Eu acho que quando você modifica seu corpo você está questionando o mundo, a normatividade, muito mesmo. E eu acho que você está desempenhando essas questões em espaços públicos. Bem, eu acho que isso é ativismo; eu não sei realmente como interpretar isso, porque eles só podem ser vistos como malucos”.

My partner has two horns. And it's interesting because for him he always wanted to get it done. And people used to ask him "why?", and he used to reply "Why not?". So it was quite of the reversal of the logic. Not "Why?", but "Why not?". What does make that he wants to pertain to the body you were born with and the construction of the imaginary of the body? For him, for example, I know that also having horns it's very opposite to the way it tends to be read. The majority of people who are from religious Christian background tend to see it like the demon. So it's something diabolical. And for him it's completely opposite, for him it's more an approximation with the animal. For example, he loves the horns of the goats, antelopes, so for him the implants are more like getting closer or leading behind the construction of human. So, how human am I? What if I think more as an animal?¹⁹²

Ao final do nosso encontro ela listou outras duas pessoas que consideraria *body hackers* e que moravam na cidade. A primeira foi Cheto Castellano, seu parceiro. Ela disse que apesar dele ser um *body hacker*, não estaria interessado na reapropriação da tecnologia da mesma forma que Zpira. A alegoria ciborgue para Castellano seria, segundo Olivares, um ponto de reflexão por meio do qual seria possível reconstruir a concepção do humano. O outro *body hacker* indicado foi Brian Decker, modificador corporal que trabalha numa loja de tatuagem/*piercing* em Nova York.

Conhecemos Cheto Castellano na residência do casal no dia 4 de julho, 2012. A escolha do local foi justificada por duas razões. Primeiro, era feriado de Independência norte-americana. Segundo, Olivares compartilhou que Castellano não gosta de ir ao seu escritório na Universidade, por causa do olhar preconceituoso das pessoas que trabalham ali. Ela compartilhou que esperava que o espaço acadêmico fosse menos preconceituoso, todavia, percebeu que professores e funcionários julgam aqueles que não lhes correspondem em termos de aparência. Ela afirma que Cheto Castellano vivenciaria o olhar negativo lançado sobre ele devido suas modificações extremas. Quando estávamos no local, Olivares também participou da entrevista, muitas vezes

¹⁹² “Meu parceiro tem dois chifres. E é interessante porque ele sempre quis fazê-los. E as pessoas costumavam perguntar ‘Por quê?’, e ele costumava responder ‘Por que não?’. Portanto, é bem a reversão da lógica. Não ‘Por quê?’, mas ‘Por que não?’. O que faz ele querer pertencer ao corpo o qual nasceu e a construção do imaginário do corpo? Para ele, por exemplo, eu sei que ter chifres é exatamente o oposto do que tende a ser lido. A maioria das pessoas que são de origem religiosa cristã tende a vê-lo como demônio. Então é algo diabólico. E para ele é completamente oposto, para ele é mais uma aproximação com o animal. Por exemplo, ele adora os chifres das cabras, dos antílopes, então para ele os implantes são mais para se aproximar ou se afastar da construção do humano. Então, quão humano eu sou? E se eu pensar mais como um animal?”.

complementando falas de Castellano tendo em vista algumas limitações para se expressar em inglês. Acrescentamos o fato de Olivares ter um discurso acadêmico mais elaborado quanto às práticas de modificação desempenhadas por Castellano, que foi fundamental para expressar sua opinião (ou a dela!).

Assim que começamos a entrevista, Castellano questionou a origem do nosso interesse pelo assunto. Em suas palavras, “*it is interesting because you do not have tattoos, do not have anything. So I want to see your interest, real interest as outsider. Not inside of modification. This is my question, where do you take it?*”¹⁹³. Mais uma ocasião surgiu para darmos conta da nossa pesquisa aos atores do fenômeno em questão. São comuns as comparações entre práticas culturais que observam o outro como diferente de si mesmo e, nesse momento, o estilo e modo de vida daquele cujo comportamento propusêmos estudar foi confrontado ao nosso.

À medida que discutíamos, Cheto Castellano mostrava modificações que já havia realizado e projetos futuros. Ganhamos um catálogo chamado *Consecuentes*, que consiste numa plataforma de exibição voltada para artistas e produtores culturais engajados em performances de cunho político. De acordo com Castellano, *Consecuentes* seria também um coletivo composto por indivíduos que desejam romper a lógica do *status quo*, resistindo às estruturas de poder e todas as hierarquias contemporâneas. As intervenções apresentadas nesse catálogo pretendem questionar sistemas de opressão, diferenças de raça, classe, gênero, religião e ideologias políticas. A estratégia de resistência desses artistas possuiria um léxico performativo e foro de ativismo criativo¹⁹⁴.

Para Castellano, seu corpo é um templo no qual ele habita, um ponto de conexão dos sentimentos, das sensações, portanto, é um espaço que deve ser cuidado da forma mais adequada que varia de acordo com o interesse de cada um:

¹⁹³ “É interessante porque você não tem tatuagens, não tem nada. Então, eu quero ver o seu interesse, o real interesse como outsider, não de dentro de modificação. Esta é a minha pergunta, de onde você [tira] isso?”.

¹⁹⁴ Arte ativista ou Ativismo criativo são termos empregados para se referir a uma forma de protestar que tem os elementos criativos como instrumento principal de intervenção, geralmente, todo tipo de intervenção política está relacionada à arte para esses ativistas.

My interest to take my body is because I feel that this is where you feel. For me, I wake up every day in this small body, I feel that it is good for me to take my body, this body, because I do not believe that this is the only life, and I use to decorate it, to put different stuffs, this is almost my temple. (...) My body for me is something very close, is my skin, and this body is completely impermanent. I feel that this is my body and I use it. It is like when you have a white paper in your house and you never use it(...) Why to be strict about the body?¹⁹⁵.

Sabemos que as modificações corporais são capazes de gerar a sensação no indivíduo de poder “vestir” ou “despir” o próprio corpo no momento desejado e de acordo com a própria disposição. Para muitos, a carne é uma matéria que pode ser modulada de acordo com as orientações do momento, dos sonhos e da imaginação. Para David Le Breton (2004) a atração pelos adornos e transformações corporais estaria ligada ao “sobreinvestimento no corpo (...) a inquietação em face de um corpo que se tornou fundamental para a relação com o outro” (2004, p.22). A construção física faz parte de um processo reflexivo que pode sempre ser reprojeta na medida em que o projeto inicial não corresponda mais aos interesses de metamorfose de si (CROSSLEY, 2005, 2006).

Para Castellano, no que diz respeito às modificações, independente do tipo, a pergunta que ele sempre se coloca é “por que não?”, isto é, a lógica inversa para ver, interpretar e avaliar a condição do corpo:

You know, when I saw Luna Cobra tattooing the eyes, I said to myself “Oh, my God!”. But today he is not the only one, there are so many others doing that. Different colors, other possibilities. I don’t say that for me it is good, but what I say is “Why not?”, if you have the possibility. There are many people who do not like certain modifications in women, they think it is disgusting, and I do not feel it. Why not too? In the modern world mutilation is crossing the border. But I think that it is okay if one day you think that you want to get rid of one of your members, why not? Why do you say it is bad?¹⁹⁶

¹⁹⁵ “Meu interesse de usar meu corpo é porque eu sinto que este é o lugar onde você sente. Para mim, eu acordo todos os dias neste pequeno corpo, eu sinto que é bom para eu pegar meu corpo, este corpo, porque eu não acredito que esta é a única vida, e eu costumo decorá-lo, colocar coisas diferentes, este é quase meu templo. (...) O meu corpo para mim é algo muito próximo, é minha pele, e este corpo é completamente inconstante. Eu sinto que este é o meu corpo e eu o uso. É como quando você tem um papel branco em sua casa e você nunca o utiliza. (...) Por que ser rigoroso quanto ao corpo?”.

¹⁹⁶ “Você sabe, quando eu vi Luna Cobra tatuando os olhos, eu disse para mim mesmo ‘Oh, meu Deus!’. Mas hoje ele não é o único, existem tantos outros que fazem isso. Diferentes cores, outras possibilidades. Eu não digo que para mim isso é bom, mas o que eu digo é: ‘Por que não?’, se você tem a possibilidade. Há muitas pessoas que não gostam de certas modificações em mulheres, eles acham que é nojento, e eu não sinto isso. Por que não também? No

Algumas práticas de modificação corporal impelem certas pessoas a vivenciarem uma experiência quase “transcendental”, longe de qualquer conotação religiosa. Ao alterar o próprio corpo o indivíduo estaria alterando sua existência e tentando se enquadrar numa imagem que ele acredita ser mais adequada de si. Trata-se de uma metamorfose que ocorre no olhar lançado sobre sua própria identidade, além de um sinal de autonomia no que concerne a tomada de posse do próprio destino físico. Um rito pessoal, íntimo, provoca essa mudança de olhar sobre si e implica a fabricação de uma “estética da presença” que se esforça em atrair o olhar alheio bem como daqueles cuja cumplicidade se busca (LE BRETON, 2008a).

E Castellano é capaz de identificar o valor simbólico de suas modificações físicas:

For me it is very natural, but it changes your life. It changes your life about the relation of other people. Because it is easier when people they are more like the other. You can know who your friend is and who is not. It is like a test. Having the horns and modification is like this. (...) I love it because in one part you are more free, because people think “Oh, he is crazy!” but today he exists inside society¹⁹⁷.

O corpo, elemento paradoxal, está situado no meio de diversas questões. Castellano destacou problemáticas individuais e coletivas relacionadas à orientação dos sujeitos na sociedade. Seu discurso, bem como outros mencionados, demonstra como a transfiguração do corpo, os problemas identitários e a coerência individual se associam na relação que o sujeito tenta estabelecer consigo, com o mundo e com os outros. O corpo é um *sujeito total* e *totalizante*, por meio dele estamos e interagimos no mundo, todavia, não é possível pensá-lo fora da moral já estabelecida muito menos fora de uma ontologia específica. Por meio da reapropriação física extrema, o pensamento contemporâneo é interrogado, fazendo surgir convergências,

mundo moderno a mutilação está cruzando a fronteira. Mas eu acho que está certo se um dia você acha que você quer se livrar de um de seus membros, por que não? Por que você diz que isso é ruim?”.

¹⁹⁷ “Para mim é muito natural, mas isso muda sua vida. Isso muda a sua vida em relação de outras pessoas. Porque é mais fácil quando as pessoas são parecidas umas com as outras. Você pode saber quem é seu amigo e quem não é. É como se fosse um teste. Ter chifres e modificação é assim. [...] Eu amo isso porque de um lado você está mais livre, porque as pessoas pensam ‘Oh, ele é louco!’, mas hoje ele existe dentro da sociedade”.

confrontações, contradições e, sobretudo, novos relatos com o eu e os elementos constituintes do mundo.

Le Breton (2004) ressalta que para alguns indivíduos as modificações corporais são mediadores que permitem que o indivíduo afirme sua singularidade numa sociedade onde reinaria o anonimato. Castellano considerou esse aspecto ao falar sobre um sujeito que ao decidir levar a cabo suas modificações, encontra seu lugar na sociedade (“*But today he exists inside society*”). A transformação física permite, segundo Le Breton, “que uma pessoa se julgue única e válida num mundo onde os limites se perdem e em que abundam a iniciativa pessoal” (LE BRETON, 2004, p.24). Esse modo de mover a atenção autoriza o indivíduo a escapar da indiferença e do anonimato que antes lhe era autorgado. As marcas inscritas no envelope corporal instauram a busca do eu e revolvem numa assinatura que registra a identidade escolhida (LE BRETON, 2008a).

Castellano gosta de falar de suas modificações, de suas marcas, ele conta histórias de si através do seu corpo. Ele deu conselhos, discorreu sobre seus pensamentos, situações de preconceito vividas nos Estados Unidos por causa de corpo, rememorou invenções e narrou aspectos práticos de se viver em um corpo modificado, que gera preconceitos e estereótipos da parte de outrem.

Numa das experiências narradas, ele relembrou uma viagem realizada com Olivares para a Índia. Segundo ele, as pessoas ao redor olhavam insistentemente o conjunto de suas modificações, provavelmente porque lhes pareciam agressivas. Num movimento inverso, ele teria atraído positivamente a atenção das crianças, ele acha que talvez isso tenha ocorrido por se aparentar a um animal. Ele afirmou que no ocidente as pessoas identificam seus implantes à símbolos demoníacos tendo em vista associações ao imaginário religioso. Porém, a escolha que Cheto Castellano teria realizado pelos chifres não possuiria nenhuma relação com o imaginário ao qual costuma ser vinculado. Os chifres são para ele uma aproximação com o animal, essa é sua (des) construção do humano, “*I see animals and I think that the human is more beautiful if he has horns, I have implants, I removed my antitrage, I have a bipedicle flap. I have in my penis*

*implants too. I have some beads, it is possible to remove it, it is more flexible, differently from my horns*¹⁹⁸.

Não se pode dizer que exista uma equação pré-existente entre o sinal e o sentido que lhe é inerente. É certo que as equivalências usadas como alegorias possuem efeito prático. Todavia, muitas vezes o observador sequer pensou nessas correspondências. A escolha por algumas modificações tais como as de Castellano, responde a um fascínio pré-existente por um objeto, desenho, referência e seu simbolismo não é colocado em xeque. O ser híbrido, ainda indefinido, meio humano, meio animal, é uma forma de transgressão e de transfiguração política e social e de pensar a pós-humanidade por meio do esfacelamento das fronteiras entre animais e homens. Chetto Castellano é uma ilustração da proliferação das representações e projetos corporais que utilizam elementos tecnológicos para uma metamorfose física e identitária, a partir de uma visão coevolutiva intraespécies.

Se atentarmos ao conceito de “produção corporal” tal como proposto por Haraway (1992), entenderemos que organismos são incorporações biológicas que emergem no processo discursivo, onde os sentidos são elaborados. Corpo e natureza, animalidade e humanidade, podem fazer tanto parte de uma ficção construída pelo sujeito bem como da realidade, “*if organisms are natural objects, it is crucial to remember that organisms are not born. They are made in world-changing technoscientific practices by particular collective actors in particular times and places*¹⁹⁹” (HARAWAY, 1992, p.297). Nessa construção discursiva, científica e real, forças humanas e não-humanas combinadas desempenham um papel efetivo e ativo de transformação por meio do agenciamento.

Castellano compartilhou o mesmo sentimento narrado por outros indivíduos ao longo da pesquisa. Ao dilatarmos o volume do corpo pela inserção de objetos, nossa relação com ele e com o mundo é alterada. Quando o objeto ultrapassa a fronteira física, ele passa a tornar parte da

¹⁹⁸ “Eu vejo os animais e eu acho que o ser humano é mais bonito se ele tiver chifres, eu tenho implantes, tirei meu antítrago, eu tenho um retalho bipediculado. Tenho implantes em meu pênis também. Tenho algumas esferas, é possível removê-las, é mais flexível, diferentemente dos meus chifres”.

¹⁹⁹ “Se organismos são objetos naturais, é crucial lembrar que organismos não nascem. Eles são feitos em práticas tecnocientíficas de um mundo em mudança por atores coletivos particulares em tempos e lugares particulares”.

subjetividade do sujeito, um membro como qualquer outro nessa síntese corporal de ordem não reflexiva, que conjuga o corpo com as entidades do mundo. Logo, sujeito e objeto se transformam numa unidade com o mundo; nossa sensibilidade se estende ao objeto, sobretudo se ele faz parte do corpo (MERLEAU-PONTY, 2008). Consequentemente, removê-lo pode gerar esse sentimento de amputação²⁰⁰: “*I feel my body has other intelligence [...]. It is like a corporeal intelligence that we add to our body through body modification*”. O professor de cibernética da Universidade de Reading, Kevin Warwick (2003), considerando sua experiência, ressaltou que quando um artifício técnico é inserido na equação corporal ele deixa de ser um simples objeto que carregamos. A interação entre um ser orgânico com um não orgânico pode resultar, segundo ele, em sentimentos e percepções jamais evocados anteriormente, passando a ser como qualquer outro membro do corpo²⁰¹.

Em última análise, o corpo humano não é um objeto neutro. Ele tem intencionalidade e a capacidade de fornecer significados. A subjetividade do indivíduo está constantemente sendo constituída na intersecção entre o corpo e o mundo (MERLEAU-PONTY, 2008). A importância que fornecemos à corporalidade está relacionada ao seu estatuto fronteiro entre o “ser” e o “ter”. Ao mesmo tempo em que somos um corpo, o possuímos, pois ele é a condição de nossa existência. O corpo é uma instituição simbólica que liga a objetividade física à subjetividade do próprio corpo (MARZANO-PARISOLI, 2003; MERLEAU-PONTY, 2008). Essa relação do corpo com os componentes artificiais corrobora a afirmação de que o corpo está constantemente inserido num processo de aprendizado, “aprendendo a ser afetado” (LATOUR, 2004). Implicado num processo complexo, ele desenvolve sua sensibilidade em relação ao mundo e aos seus elementos constituintes, sendo reelaborados constantemente.

²⁰⁰ Esse sentimento também foi experimentado e compartilhado pelo professor e pesquisador em cibernética da Universidade de Reading, Dr. Kevin Warwick. Após uma longa experiência na qual ele inseriu um implante em seu corpo, que permitia que fosse reconhecido por diversos dispositivos eletrônicos, esse objeto gerou a sensação de um elemento que pertencesse efetivamente ao corpo “natural”, por ter rapidamente se conectado emocionalmente ao implante e aos dispositivos eletrônicos que respondiam aos seus comandos.

²⁰¹ Warwick (2003) ressalta que se fosse outra tecnologia anexada ao seu cérebro, por exemplo, seria mais difícil distinguir onde termina a autonomia de seu corpo.

Em função dos dispositivos e regras propostos aos indivíduos pela cultura, as vias desse *tornar-se* corpo assume formas e direções variadas. Diante da mesma realidade, corpos perpassados por cosmovisões heterogêneas não irão descriptografar estímulos e sensações análogas, assim como temos vislumbrado entre os *body hackers* (DESPRET; STRIVAY, 2010). O corpo afetado aprende a se tornar progressivamente sensível aos elementos que o constituem, permitindo-nos evidenciar que sua conceituação não emana do inato, porém do adquirido²⁰². Ele está concatenado com entidades não orgânicas, e deste modo deve romper com as definições usuais que lhe fazem abstração (LATOURE, 2004). Isso significa que não existe mais de um lado o corpo e do outro a tecnologia, sequer uma fronteira fixa entre o sujeito e o objeto. O corpo é um território misto, híbrido e indeterminado construído por cada sujeito ao curso de sua existência no mundo (ANDRIEU, 2008; CLAVERIE, 2010), e de suas ações e implicações com entidades diversas. Aos poucos, então, descobrimos que o fenômeno *Body Hacktivism* é multiforme e se multiplica em diferentes versões. Porém, ele possui como denominador comum a abordagem voluntária e experimental cujo objetivo é transformar o comportamento orgânico do corpo acrescentando-lhe novas possibilidades e, sobretudo, rompendo com as construções sociais do ser e da aparência.

Outro representante dessa corrente lúdica e exploratória é o norte-americano Brian Decker. O encontramos na loja de tatuagem/*piercing* onde trabalha em Nova York, no centro do *Chinatown*. Assim que chegamos começamos nossa entrevista. Rapidamente fomos interrompidos por um cliente que solicitou a substituição de seu alargador de orelha. Por vários momentos tivemos que interromper a entrevista por causa de pessoas que apareciam, interrompendo o fluxo da fala desse entrevistado. A narrativa teve que ser retomada em outros pontos e aguçou certa ansiedade sobre a duração do depoimento.

Brian Decker não se define como “defensor” das transformações corporais radicais. Entre todos os entrevistados, ele possui uma postura singular. Inicialmente, ele afirma não ser a pessoa que poderia conceder as informações mais valiosas sobre modificações extremas com ambição

²⁰² Os trabalhos de David Le Breton, Philippe Descola e Bruno Latour são a fonte dessa constatação crítica (DESCOLA, 2006, 2010, 2011 ; LATOUR, 1991, 2004 ; LE BRETON, 2001, 2002, 2008).

futurista, já que ele não estaria interessado em operacionalizá-las. Ele sugeriu que conversássemos com outros *body hacktivists*, como Samppa Von Cyborg, Steve Haworth e inclusive Lukas Zpira. Ele explicou a razão: “*I just feel a lot more normal. Samppa he is much more into de cyborg, biomechanical stuff. That’s why I wonder how I could help you with the project, it looks like something that Lukas talks about, he is into it, and I am a way too normal*²⁰³”. No entanto, afirmou utilizar técnicas iguais para operacionalizar os mesmos procedimentos de Von Cyborg, Zpira e Haworth, escarificação, implantes de magnetos, implantes de silicone, bifurcação de língua, entre outros. O material que utiliza para o implante de magneto seria similar aos de Samppa Von Cyborg, que a seu ver são mais potentes e resistentes dos que os produzidos por Steve Haworth. De acordo com Decker, a diferença consistiria na proteção que reveste o imã. A criada por Haworth, por ser de silicone, exigiria um magneto menor. Já a técnica adotada por Decker consistiria em revestir o magneto com um material mais fino diferente do silicone, “*I found a thinner coating that is medical comparable, then you can use a bigger magnetic with the coating on it*²⁰⁴”. Além disso, segundo Brian Decker, apesar de Steve Haworth ter se tornado popular em razão dos magnetos, teria sido Samppa Von Cyborg o precursor dessa modificação corporal.

Decker falou sobre as primeiras intervenções que realizou em seu corpo e o fascínio que exerceram sobre ele. Seus primeiros passos foram em direção ao *piercing* e implantes subdermais nas mãos, removidos posteriormente, pois segundo ele foi feito por curiosidade. Disse que alguns colegas o convidaram para trabalhar com *body piercing* e, ao mesmo tempo, descobriu a prática da escarificação, “*when I was working I saw a guy with some scarification and I thought that I could do that by myself. I loved the way it looked like and for some reason scarification stands from piercing for me*²⁰⁵”.

²⁰³ “Eu sinto que sou muito normal. Samppa está muito mais nos ciborgues, nas coisas biomecânicas. É por isso que eu me pergunto como é que eu poderia ajudar com o projeto, ele se parece com algo que Lukas fala, ele está nisso, e eu sou normal demais”.

²⁰⁴ “Eu encontrei um revestimento mais fino que é comparável ao médico, e então você pode usar um magneto maior com o revestimento sobre ele”.

²⁰⁵ “Quando estava trabalhando eu vi um rapaz com algumas escarificações e pensei que poderia fazê-las sozinho. Eu amei a aparência delas e por alguma razão a escarificação sobressai ao *piercing* para mim”.

Curiosamente Decker não é entusiasta das modificações extremas. Ele se define como facilitador das transformações e, não possui interesse pessoal em se modificar, portanto, se sente diferente da maioria dos profissionais do meio. Seria por essa razão que ele define sua clientela como pessoas com perfil pouco radical: “*So the people that I work on usually are more normal looking people also. People who are interested in getting heavier stuff usually find Samppa, because they look for something more like this*”²⁰⁶. Decker justificou sua moderação pelas modificações extremas pelo fato de serem geralmente irreversíveis e estarem sendo praticadas afoitamente. A seu ver, o caráter definitivo é ignorado pelos interessados que priorizam a experiência estética, a vontade de se demarcar fisicamente, mas não consideram as implicações na vida social.

*Seeing so many people with body modification makes me nervous. So many people doing this for fashion, they're getting extreme things. And I usually ask lots of questions. If somebody asks me for ear pointing I will ask lots of questions to make sure that it is really something he wants. They need to think about it and I make them wait a little to think about it. I cannot just go there and make it. So it makes me nervous now that so many practitioners are deepening quickly. And young people who probably will not want that for the rest of their lives. A lot of these modifications are irreversible, like eyeball tattoo. People come to ask about ear lobe all the time. I have 16 years old kids who want to do ear lobe. I have people coming to me all the time to get the ear lobe done. Some people do not think that much. They just think it is cool*²⁰⁷.

Tendo em vista sua experiência pessoal e profissional, ele assegurou ser comum o arrependimento de não poder se livrar de marcas que se tornaram indesejadas. Ele disse que

²⁰⁶ “Então, as pessoas com quem trabalho em geral são pessoas com aparência mais normal também. As pessoas que estão interessadas em ter coisas mais pesadas geralmente procuram Samppa, porque procuram algo mais parecido com isso”.

²⁰⁷ “Vendo tantas pessoas com modificação no corpo me deixa nervoso. Muitas pessoas fazendo isso por causa da moda, elas estão fazendo coisas extremas. E eu costumo fazer muitas perguntas. Se alguém me pede um *ear pointing* vou fazer muitas perguntas para certificar de que é realmente algo que quer. Elas precisam pensar sobre isso e eu faço com que elas esperem um pouco para pensar sobre isso. Eu não posso simplesmente ir lá e fazer. Então me deixa nervoso agora que tantos praticantes estão se aprofundando rapidamente. E os jovens provavelmente não vão querer isso para o resto de suas vidas. Muitas dessas modificações são irreversíveis, como a tatuagem do globo ocular. As pessoas vêm para perguntar sobre *ear lobe* o tempo todo. Eu recebo garotos de 16 anos que querem fazer *ear lobe*. Tem pessoas que vêm em mim o tempo todo para fazer o *ear lobe*. Algumas pessoas não pensam muito. Elas só acham que é legal”.

gostaria de ter eliminado todas as tatuagens que fez antes dos 25 anos, pois elas não condiziam com sua identidade atual.

A seu ver, os clientes tendem a considerar questões operacionais e sanitárias, mas subestimam as implicações sociais em longo prazo. Diante disso, ele teria decidido não ceder a qualquer solicitação, avaliando cada caso e tentando conscientizar o cliente:

*I always ask what is the work of the person, what he is willing to do, and then I decide if it is a good idea for him. It is always a risk; it is always a gamble, because we never know for sure. When an 18 years old kid wants to get ear pointed I ask what he really wants to do, and then he says "Well, I am going to be a body piercer!". There is no money in body piercing. Sometimes you are going to have to do something else and the chances that you find a good job in something else with pointed ears are probably small*²⁰⁸.

O que na realidade Decker sublinha é o fato do corpo ser um material através do qual os indivíduos expressam sua identidade no mundo. As marcações físicas deixam um conjunto de lembranças, significados de si que podem fazer sentido num determinado momento, entretanto, em outro, podem perder sua relevância. Como o corpo é um arquivo que contém histórias pessoais, Decker disse que acredita ser um dever orientar seus potenciais clientes a não agir apenas com base no entusiasmo momentâneo. Também a seu ver, o modismo seria uma das razões pelas quais existiria um aumento na busca pelo implante de magnetos, *"people are getting information about it. Generally I think that people when they implant the magnetic they are doing it for the party thing. People are doing this because of the things they read on the blogs, they are more interested in feeling the vibration of waves around them. It's like a follow up"*²⁰⁹.

A difusão nas mídias sociais sobre diversas modificações tem aumentado o interesse e facilitado o acesso a elas. A ideia de transgressão que elas transmitiam em diferentes períodos da

²⁰⁸ "Eu sempre pergunto qual é o trabalho da pessoa, o que ela está disposta a fazer, e então eu decido se é uma boa ideia. É sempre um risco; é sempre uma aposta, porque nunca sabemos com certeza. Quando um garoto de 18 anos quer um *ear pointing* eu pergunto o que ele realmente quer fazer, e então ele diz: 'Bem, eu vou ser um *body piercer!*'. Não há dinheiro no *body piercing*. Às vezes, você vai ter que fazer outra coisa e as chances de encontrar um bom emprego em outra coisa com orelhas de elfo são provavelmente pequenas".

²⁰⁹ "As pessoas estão tendo mais informações sobre ele. Geralmente eu acho que as pessoas quando implantam o magneto o estão fazendo pelo lado da festa. As pessoas estão fazendo isso por causa das coisas que leem nos blogs, elas estão mais interessadas em sentir a vibração das ondas em torno delas. É como dar seguimento".

história tem sido superada, perdendo (parcialmente) sua conotação negativa. Enquanto alguns optam por esperar o momento propício, outros se decidem repentinamente, atraídos pelas experiências que encontraram na internet ou ouviram dos colegas. Independente da motivação, essas transformações atuam sobre a identidade estabelecendo uma nova relação do indivíduo consigo e com os outros (LE BRETON, 2004), que pode ser representativa da pessoa num determinado momento da vida, contudo não adiante.

4.4 Anarquismo e a livre disposição do corpo

Durante nossas pesquisas nos meios virtuais observamos que o *Body Hactivism* tinha ecoado também no Brasil. Entre outros, o *body hacktivist* e *body performer* paulista conhecido por T. Angel que, através de suas performances, busca hibridizar o homem e a técnica. Encontramos seu trabalho artístico através de uma busca na internet que nos direcionou ao seu blog, e mais precisamente ao projeto em fase de realização, *Ang3l: From Inhuman to Post-human*²¹⁰. Em seu site, além de ter mencionado o *Body Hactivism*, ele se engaja em discussões sobre o transumanismo, sobre beleza masculina *freak* e modificações corporais no Brasil. Em resposta ao nosso email, ele se definiu como *body hacktivist* e demonstrou conhecer os textos de Lukas Zpira, que para ele enquadravam perfeitamente sua ideologia sobre a corporalidade.

Durante nossa entrevista, T. Angel relatou ter ouvido falar sobre modificação corporal extrema pela primeira vez em um festival de música eletrônica. Teria sido lá que estabeleceu seu primeiro contato com a comunidade de *body hacktivists*. Até aquele momento não tinha nenhum conhecimento sobre as transformações extremas *underground*. Ao contar sua trajetória artística *underground*, lembrou que a primeira alteração que realizou foi o *piercing* quando tinha quinze anos de idade. A partir dessa experiência, T. Angel afirmou ter passado para um mundo de novas possibilidades corporais. Atualmente, ele possui tatuagens nos braços, nas pernas e no abdômen; *piercings* em todo corpo sob os nomes de *Conchs*, *Tragus*, *Lobes*, *Bridge*, *Nipple*, *Navel*, *Prince*

²¹⁰ Disponível em: <http://xtangelx.wordpress.com/>, acesso em 20 de setembro, 2014.

Albert, *Nostrils*, *Labret*, *Septum*²¹¹, duas escarificações acima do olho esquerdo, *branding* nas costas e pele removida; língua bifurcada e um implante subdermal em seu peito.

Numa convenção de tatuagem em São Paulo encontrou Lukas Zpira pela primeira vez. Ficou impressionado ao ver alguém com tantos implantes e modificações extremas e incomuns, sobretudo no contexto da modificação corporal no Brasil “Eu fui trabalhar numa convenção de tatuagem em São Paulo, isso em 2002, por aí, e o Lukas veio para cá. E aí foi um frisson, porque ninguém nunca tinha visto um implante assim, né, a olho nu. É uma liberdade corporal muito forte”. T. Angel contou que ele “Era uma figura da ficção-científica. Ele nem tinha tanta coisa como tem hoje em dia, era tudo no comecinho. Aí eu comecei a ter acesso à internet, entrar mais profundo nas pesquisas também e aí fui atrás do Lukas desesperadamente. Queria saber tudo o que ele fazia”. De acordo com ele, nesse período teve acesso ao Manifesto *Body Hactivism*. E acrescentou que “o *Body Hactivism* já está atrás de mim antes mesmo do Manifesto. Talvez não faça a mesma leitura do Lukas em todos os pontos, né, mas o texto dele mexeu muito comigo”. Ambos compartilhavam a mesma opinião sobre a interseção entre corpo, arte e tecnologia, mas teria sido somente após a leitura do Manifesto que T. Angel teria encontrado definições mais adequadas para definir seus pensamentos e práticas.

Então, tem aquela coisa dos Primitivos Modernos, né. E que eu acho legal, eu respeito pra caramba. Só que para mim nunca houve uma conotação espiritual, sabe, que é o que os Primitivos Modernos propõem. Uma experiência de transcendência. Para mim nunca houve essa história assim. E, além disso, eu sempre pirei nas coisas das tribos, mas eu era muito mais ali da coisa da ficção-científica. Desde criança isso. A paixão pelos corpos estranhos, a possibilidade do ciborgue.

É interessante a ressalva de T. Angel quanto ao conhecimento do *Body Hactivism* no Brasil, bem como a diferença de aspiração entre este movimento e a dos Primitivos Modernos, separação efetuada do mesmo modo por Zpira. Segundo T. Angel, muitos modificadores estariam desenvolvendo trabalhos associados a essa ideologia, todavia ignorando seus preceitos. Ele disse

²¹¹ Estes nomes cobrem uma grande variedade de bijuterias que são inseridas no corpo em diferentes áreas. Por exemplo, *Prince Albert* é um *piercing* masculino genital, *Conch* é colocado na cartilagem da orelha, *Nostril* pode ser colocado em qualquer lugar no nariz e o *Labret* é inserido no centro do lábio inferior.

ter tentado divulgar o *Body Hactivism* por meio das redes sociais na época, porém, apesar do apoio, as pessoas não estavam muito interessadas ou instigadas a buscar mais informações. Com o tempo, parou de fazer menção à corrente.

Para T. Angel, o *Body Hactivism* consiste em questionar - através das mídias digitais, do corpo, das tecnologias - o sistema social, rompendo preconceitos e estereótipos ligados aos indivíduos cujas modificações físicas escapam à normatividade. Baseando-se em sua experiência e na de colegas de profissão, ele relatou as dificuldades de viver com um corpo modificado²¹². Ele disse que após suas primeiras modificações, perdeu o emprego, era discriminado pelas pessoas que o associavam a uma gama de estereótipos. Apesar disso, afirmou que suas marcações assumiam simbolicamente uma postura crítica em relação à sociedade:

Mesmo falando muito hoje em dia sobre as modificações, isso ainda não é bem visto. Ainda hoje em dia as pessoas não conseguem emprego por conta disso e cada vez que mostro, vou num programa de televisão, saio numa revista, divulgo no meu blog um texto ou uma imagem, é uma forma de colaborar com a quebra de preconceitos. E aí também já entra a questão do *hactivism*. De usar o sistema informático para contestar o sistema social. É aí que me encontro. Todos os meus trabalhos eles tem uma questão de *hactivism*.

Ele contou que em algumas ocasiões certas ficaram surpresas ao perceberem que a imagem estereotipada que havia criado a respeito dele não correspondia com a realidade. Por isso, em diversas ocasiões, ficou muito tocado e isso teria feito que se modificasse mais interiormente. O que é significativo sobre a realidade de viver com um corpo modificado é que ele toca, fere, traz

²¹² No site “Forasteiro Tattoo” há diversas ilustrações de indivíduos que experimentaram situações traumáticas por causa de suas modificações. Há um caso muito particular do modificador Roberto Medeiros, conhecido como “Lagartixa”, que decidiu remover grande parte de suas modificações (a lista incluía perfurações na testa, na língua, nos lábios, na papada do queixo, nos mamilos, nos antebraços, no umbigo, no escroto, além de tatuagens, esscarificações, um Prince Albert de 1/4", septo 1/2", lóbulos das orelhas 9/16", postectomia e *tongue splitting*). Ao ser questionado a razão pela qual removeu seus símbolos e fechou os lóbulos, ele disse “Esta foi uma fase da minha vida na qual eu estava em busca de uma identidade e encontrei na modificação uma válvula de escape através da qual conseguia ser visto e tinha fama pelas transformações que eu fiz no meu corpo. Porém, ninguém sobrevive apenas de fama e com o tempo me deparei com uma série de coisas que trouxeram novamente meus olhos para a realidade e o quanto difícil é conseguir um emprego com tal aspecto”. Suas modificações impuseram muitas barreiras em sua vida, sendo impedido de encontrar um lugar na sociedade por causa de suas marcas. Disponível em: http://forasteirotattoo.blogspot.com.br/2013_05_01_archive.html, acesso 18 de junho, 2014.

alegria, decepção e encorajamento. O indivíduo interpreta seu corpo, sua experiência, sobretudo habita nele. T. Angel é um exemplo de que qualquer corpo possui virtualmente outros corpos. Progressivamente o indivíduo realiza escolhas, afeta seu corpo pela interação com diferentes entidades que lhe ajudam a criar um corpo próprio onde antes existiam somente possibilidades (MERLEAU-PONTY, 2008).

Ele prosseguiu dizendo que, para ele, o *Body Hactivism* propõe o apoderamento de tecnologias de forma anárquica com objetivo de reivindicar o direito individual ao próprio corpo, bem como o risco que o progresso acelerado das tecnologias representa para a liberdade dos indivíduos:

Quando começo a me modificar não é só uma modificação estética, tem uma questão de vivência, de me lembrar através da modificação do corpo, e quando eu encontro com essa questão do *Body Hactivism* é uma forma ideológica mesmo. Eu posso questionar a sociedade na qual estou inserido, *eu posso questionar o meu tempo através do meu corpo*. Modificando ele temporariamente ou modificando ele com modificações que vão ficar para minha vida inteira. Achei ótima essa coisa de não ter grupo, mas há a dificuldade de encontrar pessoas não para se ter grupo, mas por causa da troca de informações, o que é importante. Então fiquei sozinho.

A palavra anarquismo seria aplicada no sentido de levar as pessoas a se interrogar sobre a normatividade e os limites corporais: “Eu tenho um implante no peito e isso vai causar um questionamento na sociedade, e ao mesmo tempo eu tenho consciência que quebro paradigmas através desse implante, através de formas de corpo, ideias de beleza, ideais estéticos”.

Portanto, o corpo de T. Angel seria um instrumento de ruptura, de subversão social, que o conduz à emancipação ao agenciar modificações “inaceitáveis” na sua “propriedade corporal”: “Eu posso questionar a sociedade na qual estou inserido, eu posso questionar o meu tempo, através do meu corpo”. O corpo, assim, é reclamado como um bem individual e suporte da existência pessoal.

Ele ressaltou a importância da divulgação das modificações extremas, pois a visão popular posicionaria os *body performers* como *freaks*, colocando-os à margem da sociedade: “Divulgo meu trabalho porque acho que deve ser divulgado. Porque a gente passou muito tempo vendo a modificação do corpo como uma forma de aberração, uma forma marginal, e sinto que essa divulgação que faço é uma forma de não concordar com o que dizem, de ser algo marginal”. O

discurso de T. Angel resiste à leitura sociologizante de que essas inscrições corporais estão associadas à marginalidade, à mutilação, à agressividade, ao mesmo tempo em que reafirma tais categorias ao se mostrar interessado nos *freaks*, um termo muito utilizado para tratar de pessoas com discrepâncias que violam as “leis da natureza” (FOUCAULT, 2001).

A transformação identitária, ressaltada no discurso de T. Angel, destacou sua metamorfose interior através do trabalho em seu corpo. T. Angel disse que desde sua infância, sentia o próprio corpo como frágil. A prática da suspensão e a modificação teriam permitido que ele explorasse seus limites e se descobrisse mais forte do que se acreditava, podendo se redefinir enquanto sujeito após essas experiências:

Na minha infância e adolescência eu tinha vergonha porque era muito branco, vergonha porque era muito magro, tinha vergonha porque como era muito magro minha perna era muito fina, vergonha de tudo. Eu ia fazer natação, por exemplo, e eu não ficava nu no vestiário, pois tinha vergonha do meu corpo (...). Eu não usava camiseta regata, isso na adolescência já, pois meu braço era muito fino e eu era muito branco. Eu cresci ouvindo que nudez era pecado, que era errado. E aí eu fui modificando meu corpo e fui ganhando essa liberdade. Comecei a fazer o *piercing*, e tinha a coisa de não tirar camiseta em público, mas aí ia fazer o *piercing* e tinha que tirar a camiseta. Depois as tatuagens e as bermudas porque não as usava, pois minha perna era muito fina, aí passei a usar depois que tatuei minha perna. Tem essa questão de aceitação e para mim foi uma libertação. Foi total libertação e quando chegou ao *body art* então, aí foi liberdade total. Poxa, aceitar mesmo o corpo tal como ele é, modificado ou não (...). Eu tinha muitos tabus e me modificando eu fui mudando e até que cheguei na suspensão corporal que me deu mais liberdade ainda, que não é uma modificação do corpo, mas que foi através da modificação do corpo que cheguei nela. (...) Com as modificações do corpo fui saindo do meu casulo e ganhando liberdade para minha existência.

Ao resistir à dor física, o indivíduo acredita assumir o poder sobre si mesmo e assim controlara identidade. As marcações e suspensões corporais demandam uma força interior do indivíduo, uma transformação subjetiva. É um convite à superação dos obstáculos que o próprio indivíduo, ou os vínculos sociais, lhe impuseram. Elas demandam do sujeito uma atitude diante da dor que sentem quando se submete a um procedimento, e ao conseguir administrar suas reações ele se convence do domínio sobre si. Vários procedimentos, sobretudo os mais extremos, conduzem o indivíduo a se informar sobre os riscos, isso significa que muitas vezes não são decisões precipitadas. Há vários fatores que devem ser levados em consideração, por causa da estreita relação entre a ação corporal e a transformação da subjetividade. Nesse processo, o

sujeito está consciente que tanto seu valor pessoal quanto sua capacidade de superar desafios é avaliada.

T. Angel se lembra de que antes de sua primeira suspensão passou anos se informando sobre os riscos implicados na prática, o que teria tornado seu ato mais significativo; “quem olha pensa que parece bobeira, acha tudo muito fácil. Mas não é nada assim, até porque eu fiquei anos estudando para fazer a primeira suspensão. Eu conheci a suspensão corporal em 1998 e fui fazer a primeira em 2005”. Le Breton (2004) sustenta que as modificações e suspensões corporais por vezes são percebidas como provas físicas e morais:

Física porque se lhe associa o receio da dor, não necessariamente no momento, mas nos dias que se seguem a esse passo, a cicatrização, as eventuais complicações. Moral, na medida em que se trata de dar o passo no sentido de uma decisão que, no espírito do novato, o distingue dos outros, abre um antes e um depois na sua existência. (...) A lição vai além na sua existência, deixa marca, reforçando o sentimento de identidade, a confiança em si. (LE BRETON, 2004, p. 118)

Na afetação do corpo por estímulos deliberados as “contrapartes” do mundo são progressivamente adquiridas e registradas na existência, atingindo a identidade do sujeito. Quando o indivíduo administra suas experiências corporais elas são ressignificadas e ele começa a habitar um mundo mais sensível. Esse aprendizado é coextensivo ao corpo e diretamente ligado à redefinição de si. As influências e interações com o ambiente no qual está inserido produzem um sujeito com mais “alternativas”.

A alteração da identidade é uma das reivindicações de T. Angel, porquanto através do próprio corpo escreveria algo sobre si mesmo e os outros. As marcações de T. Angel participam no processo de fabricação do “sagrado pessoal” no qual é atrelado um conjunto de lembranças e circunstâncias que fizeram parte de sua vida e motivaram sua produção e superação.

T. Angel assinalou que existe uma tendência entre os modificadores de realizar procedimentos sem nenhuma inovação técnica, sobretudo no Brasil. Segundo ele, haveria uma reprodução daquilo que já tem sido feito no exterior, para a realização de procedimentos seguros para os clientes. A consequência desse fenômeno m graves erros operacionais (muitos dos quais irreversíveis) em razão da falta de conhecimento real do *métier* e das novas técnicas. Em seu próprio website, T. Angel expôs problemas gerados por procedimentos arriscados realizados sem

cautela²¹³. A título de ilustração, a prática do *Eyeball Tattoo*²¹⁴ - processo irreversível que foi desenvolvido por Luna Cobra, nos Estados Unidos – trata-se literalmente da injeção de uma tinta especial de tatuagem com uma seringa na camada de proteção dos olhos.

T. Angel relatou o caso de Guilherme Dias e do modificador brasileiro Jeferson Saiint. Guilherme teria passado pelo procedimento – mal sucedido- do *eyeball tattoo*. Além de ter ficado com olhos inchados, a tinta escorreu ao seu redor. T. Angel comentou o fato e elencou o que a seu ver teria consistido numa série de erros tanto do jovem quanto do “profissional”. No que diz respeito a Guilherme Dias, apontou o fato de inicialmente a solicitação ter sido recusada pelo profissional Rafael Leão, o primeiro a realizar o procedimento no Brasil. Além disso, T. Angel acredita que ele sequer fez uma investigação na internet sobre o modificador Saiint, que já acumulava uma série de denúncias públicas por indivíduos que tiveram danos físicos. Referindo-se a Jeferson Saiint, T. Angel assinalou que suas orientações sobre o pós-operatório não foram adequadas, pois teria indicado ao cliente tanto a utilização de compressas quentes com salmoura, quanto colírio que só pode ser recomendado por profissionais da saúde.

Devido aos inúmeros perigos que tal procedimento acarreta, além do número crescente de brasileiros que têm procurado essa modificação²¹⁵, tramita na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei nº 5.790/13²¹⁶ que visa proibir a tatuagem nos olhos. Se o projeto for aprovado, quem descumprir a Lei estará sujeito a uma detenção de seis meses a um ano por ofensa à integridade corporal, amparada no artigo 129 do Decreto – Lei nº 2.848, de 7 de 1940. Segundo o

²¹³ Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/o-que-podemos-aprender-com-os-erros-do-eyeball-tattoo-no-brasil/>, acesso 20 de setembro, 2014.

²¹⁴ Esse procedimento invasivo pode gerar problemas a médio e longo prazo, segundo o vice- presidente da Associação Brasileira de Oftalmologia as consequências consistiriam em inflamação interna, levando até à cegueira.

²¹⁵ Não é possível especificar exatamente o número de brasileiros que optam por esse tipo de tatuagem, pois não é uma prática regulamentada, o que dificulta tanto seu controle quanto sua quantificação. Porém, segundo alguns modificadores corporais, por causa da extrema midiatização desse procedimento é cada vez mais comum que jovens e adultos busquem nas lojas de tatuagem/*piercing* a pigmentação da esclera ocular. Em seu website, T. Angel chamou a atenção para a popularização e os riscos desse fenômeno: “No Brasil o que percebemos desde que o procedimento começou a ser realizado aqui é que tudo tem caminhado em um sentido decrescente em qualidade e crescente em adeptos. Não vimos evolução técnica, mas retrocessos em vários aspectos: problemas básicos de assepsia e biossegurança mostrados em rede nacional pela questionável Rede Record e repetidamente em fotos de procedimentos; aumento de pessoas com vazamento de tinta; etc.”.

²¹⁶ Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=6870E98634B0-E435CA16A691A5223937.node1?codteor=1101558&filename=PL+5790/2013, acesso 10 de julho, 2014.

parlamentar que propôs o projeto, não se trata de preconceito contra os indivíduos modificados ou a tentativa de impor um padrão estético ou de comportamento. Sua preocupação seria com a proteção da saúde geral²¹⁷. Evidentemente, essa proposta causou revolta entre a comunidade de modificadores, que defendem o “direito ao próprio corpo”.

Se os profissionais da área médica agem no corpo deliberadamente, a acusação de “dano corporal” ou de “levar a profissão muito além” encontra base jurídica. Se para a maioria dos *body performers* é legítimo o direito de dispor livremente de sua corporalidade, as restrições legais impedem que o corpo seja tratado como qualquer objeto, disponível para negociação²¹⁸. Mesmo sendo considerado uma *propriedade* por indivíduos que conclamam o direito de utilizá-lo deliberadamente²¹⁹, o corpo se apresenta como um objeto peculiar que exige tratamento distinto. As questões filosóficas que fundamentam a jurisdição do corpo são geralmente ignoradas e ocasionam confusões quando se alega o “direito ao próprio corpo”. A princípio, as concepções sobre corpo apontam uma relação direta com a personalidade jurídica, embora o significado e o conteúdo do termo “pessoa” (SAVEL, 2006), bem como o estatuto jurídico do “corpo” estão ausentes (MARZANO-PARISOLI, 2002).

Essa discussão mereceria um capítulo à parte, e ainda assim estaríamos longe de chegar a um consenso, se é que ele é possível, porquanto o corpo na qualidade de novo “objeto jurídico” enfrenta dois tipos de reconhecimento: ou ele é “identificado à pessoa” ou reduzido ao nível de “coisa” (MARZANO-PARISOLI, 2002). Tal diferenciação pretende deixar o corpo indisponível

²¹⁷ Retirado de <http://www.cbnfoz.com.br/editorial/saude/22012014-81947-tatuagem-nos-olhos-podera-ser-proibida-no-brasil>, acesso 10 de julho, 2014.

²¹⁸ Novamente, o tema da integridade física ressurge e coloca em destaque aqueles que solicitam todos os direitos para livre disposição do próprio corpo. Estes, esquecem-se que o direito à integridade física protege os indivíduos de quaisquer lesões causadas por terceiros e, inclusive, as que são auto-infligidas, a fim de resguardar o direito à vida. Portanto, qualquer ato de disposição do próprio corpo que conduza a redução permanente da capacidade física do sujeito, ou que contrarie os “bons costumes”, é proibido, tanto na Lei brasileira quanto na francesa (LISBOA, 2008).

²¹⁹ Apesar da pluralidade de discursos e manifestações que alegam que o indivíduo possui o direito de utilizar o próprio corpo da forma desejada, inclusive nesse tipo específico de modificação, citamos o discurso de T. Angel que apresenta a problemática da livre disposição corporal. Relacionando essa questão ao procedimento de modificação, ele escreve “Sabemos que o *eyeball tattooing* não é o procedimento completamente seguro, mas defendemos integralmente a autonomia individual e o direito de decisão dos indivíduos sobre seus corpos” (grifo original). Disponível em: <http://www.frrrkguys.com.br/projeto-de-lei-busca-proibir-tatuagem-nos-olhos-no-brasil/>, acesso 11 de julho, 2014.

para qualquer tipo de negócio, comércio, alienação e livre disposição. Em situações muito específicas, a disposição do corpo em alguns países pode ser outorgada em se tratando da doação ou venda de determinadas partes regeneráveis. Não obstante, dependendo da legitimidade social e moral da finalidade (por exemplo, objetivo terapêutico), alguns elementos corpóreos podem eventualmente fazer parte de acordos. É inegável que tal procedimento chame a atenção para duas abordagens complexas: num caso a unidade corporal deve ser protegida, em outro, o corpo pode ser reduzido a um conjunto de elementos.

No imaginário popular, destaca Marzano- Parisoli (2002), o corpo é visto como uma propriedade do sujeito, por essa razão diversas vezes reclama-se o respeito à autonomia individual. Tal concepção é evidente entre os *body performers*, *body hacktivists* e *body hackers*. Porém, o argumento da autora é de que esse entendimento está fundado em um erro epistemológico, uma vez que a longa tradição jurídica designa um sujeito de direito e o associa ao próprio corpo. Assim sendo, a pessoa é reconhecida nas regulamentações na medida em que ela estabelece sua vida num corpo humano particular. A dualidade entre “sujeito de direitos” e “objeto de direitos” não existe para efeitos legais. Isso implica que o corpo possui o mesmo estatuto de pessoa, isto é, a intangibilidade. Para a autora, seriam necessários alguns esclarecimentos sobre o estatuto jurídico e filosófico do corpo em prol de uma conciliação das posições que identificam o corpo à pessoa e aquelas que não o fazem, reduzindo assim, as dificuldades que surgem para sua análise legal. Já diria Merleau-Ponty (2008), nossa existência no mundo estabelece uma relação com o corpo que num momento é instrumental, todavia sempre incorporada (MARZANO- PARISOLI, 2002; MERLEAU-PONTY, 2008). A encarnação da pessoa é o corpo, este é seu meio geral para se ter e estar no mundo. Através do corpo, da experiência e percepção o sujeito habita a materialidade do mundo (MERLEAU-PONTY, 2008). Para as questões do “direito ao corpo”, deve-se compreender a diferença entre o corpo *objeto* e o corpo *sujeito*, o corpo que se *tem* e o corpo que se *é*²²⁰.

²²⁰ Essa ambivalência não pode de forma alguma ser resolvida em si mesma e revela a ambiguidade do corpo humano.

Ainda no Brasil, seguindo sugestões fornecidas por T. Angel, conhecemos o modificador Luiz Fernando, conhecido como Sick, de Carapicuíba, São Paulo. De acordo com T. Angel, Sick se enquadraria nas ideologias apresentadas por Zpira. Sick é profissional da modificação corporal e *body performer*. Sick disse que seu objetivo com as modificações corporais é inovar através de tatuagens, *piercings* e implantes, projetando peças inéditas que possam ser utilizadas em partes muito específicas do corpo. Ele afirmou que apesar de saber que Lukas Zpira é uma referência para as modificações corporais extremas, nunca obteve informações sobre o *Body Hacktivism*. Segundo Sick, suas modificações não possuíam nenhuma categorização, “Na verdade não há um termo para o que faço, na verdade eu só procurei me especializar mais em implantes, mas não que tenha alguma definição ou alguma coisa do tipo”.

Ele contou que sua trajetória no contexto das modificações corporais começou em 2000 quando decidiu colocar em si mesmo um *piercing*. Posteriormente, teria inserido *piercings* no irmão e em alguns amigos. Afirmou ter sido discriminado no seio de sua família que teria se recusado a aceitar sua escolha de trabalhar com modificação corporal: “A coisa que mais ouvia era ‘quando é que você vai arrumar um trabalho de verdade?’. Mas depois eles acostumam. Viram que não tinha muito para onde correr. No início todo mundo pensava que era uma fase, que passaria”. Na presença de outras pessoas, ele disse ser impossível escapar dos olhares curiosos, confessando ter adotado uma estratégia para ignorar a rejeição do olhar alheio sobre sua aparência física, pois “a reação é totalmente negativa. A coisa mais rara do mundo é alguém chegar e te elogiar”.

Deste feito, o ato de resistência social de se modificar implica um distanciamento simbólico dos valores corporais dominantes. Quando as modificações recobrem uma extensa área do corpo, segue-se um processo de adensamento do investimento simbólico para a “proteção” do sujeito. Paulatinamente, os valores negativos da marcação corporal são afastados pelas das tendências de moda, transformando-as, nesse momento, em mais uma forma de ornamentação corporal – e mercadoria que se compra em qualquer loja de tatuagem. No entanto, é ainda comum o repúdio a pessoas extremamente modificadas por serem consideradas como “pouco recomendáveis”.

Atualmente Sick possui um grande número de modificações, muita das quais ele afirmou ter realizado sozinho. Possui tatuagens em quase toda superfície corporal, implantes na testa, nos

braços, nas mãos, nas pernas, alargadores nos lábios e orelhas, entre outros. Disse ter feito um curso profissionalizante em enfermagem a fim de aprender técnicas que poderiam auxiliá-lo a realizar procedimentos de modificação com mais segurança. A primeira modificação mais extrema, quando comparada às tatuagens e *piercings*, que ele teria realizado foi um implante em aço cirúrgico em si mesmo. E após ter se especializado em implantes subdermais, teria criado uma peça no formato de caveira²²¹, inédita naquela época em que os implantes ainda eram novidades no país. Ele contou que esse modelo de implante criado foi exportado para países como a Bélgica, Alemanha e França. Além das modificações que possui, ele estaria planejando realizar a tatuagem nos olhos e colocar alargadores de bochecha, assumindo os riscos implicados:

Tem algumas coisas que ainda quero fazer no rosto, meu rosto eu vou modificar praticamente inteiro, pretendo tatuar o olho todo de preto. Eu tinha muita vontade, mas não sei se vou fazer, que é colocar um alargador na bochecha de mais ou menos uns 30 milímetros de cada lado e fazer as pontas na orelha. A tatuagem no olho eu acho que no mundo inteiro tem cinco ou seis pessoas que tem isso. São vários riscos, sobretudo o de ficar cego. O procedimento é injetar a tinta com uma seringa e uma agulha por dentro do olho, tem vários vídeos sobre isso no *youtube* do processo todo.

Segundo Sick, seu corpo “natural” não o agradava e seguindo a lógica do “Por que não?”, tão comum entre a ideologia *body hacker*, ele quis se modificar fisicamente: “A forma natural do corpo não me agradava muito, e se posso modificar porque não? Não tem muito outro motivo”.

Não se sentia mal em seu próprio corpo, porém disse que se sente melhor após as transformações realizadas. Durante seu discurso, inúmeras vezes ele reafirmou que não estava buscando nenhum tipo de transformação interior ou definição identitária, simplesmente gostava de modificações extremas.

Apesar de não buscar nenhuma forma de trabalho com sua identidade, Sick ressalva sua escolha por modificações “incomuns”, trazendo para o discurso aquilo que destacamos em outros atores, o desejo de demarcação. Ele assumiu, por exemplo, a vontade de ter uma modificação ainda pouco popular como a *eyeball tattoo* para se diferenciar entre a comunidade de adeptos.

²²¹ Disponível em: <http://news.bme.com/2007/06/21/gorgeous-skull-shaped-implant/>, acesso 14 de julho, 2014.

Sentimento legítimo num cenário no qual as transformações extremas tendem a se disseminar. O desejo de uma individualidade reconhecida através do corpo sinaliza o reposicionamento da relação do indivíduo consigo. Transformar sua carne implica uma ressignificação da existência, principalmente quando se está convencido de que uma coisa leva à outra.

Novamente, as modificações corporais extremas realizam simultaneamente dois deslocamentos: o de afastamento e o de pertencimento. Sick manifestou sua insatisfação com as tendências que ocorrem no cenário das modificações. Ela apontou a falta de instrução das pessoas que buscam certos procedimentos, falta de verdadeira motivação, desconhecimento dos riscos físicos e das implicações sociais geradas pelo corpo transformado. Na medida em que as modificações vão se popularizando, o que ele definiu como “o sentido da coisa”, vai se perdendo. Isto é, a diferenciação do grupo deixa de existir e também o significado implicado nessas práticas. Sobre as novas modificações disse que:

Está banalizado, é por isso que eu mesmo faço minhas peças, tipo, o cliente vem com uma ideia e a gente trabalha em cima da ideia, que é para deixar diferente. E até implante hoje em dia, onde você for você vai ver implante de bolinha, de estrela, de coração, todo mundo tem. Já está virando uma coisa banal também. A partir do momento que populariza isso perde o sentido da coisa, porque todo mundo vai começar a fazer sem saber o porquê, e o porquê da coisa vai acabar desaparecendo de uma hora para outra. Tem que ter um motivo pessoal, um *motivo religioso* para fazer. E as pessoas hoje em dia fazem por estética, é que nem se ela fosse a uma clínica de estética mesmo fazer algum procedimento lá. Perdeu todo o sentido. A pessoa não precisa necessariamente ter várias coisas em seu corpo, mas quem gosta não faz uma modificação só.

O fato de marcar o corpo extensivamente deveria ser para Sick mais do que uma questão estética, e sim a construção pessoal de si, sua biografia, identidade, a forma de mostrar tanto para si mesmo quanto para os outros quem se é, trata-se da construção de sua identidade. É necessário ter controle, determinação sobre suas ações. Transformar fragilidade e vulnerabilidade em um projeto de corpo que celebre simbolicamente a conquista de si, e não mais uma rendição a outro condicionamento imposto pela sociedade através da adoção de estilos.

Le Breton (2010f) considera que por muito tempo em nossas sociedades o corpo encarnou “a verdade” sobre o indivíduo. Ele era a forma irrecusável e inalterável da presença do sujeito no mundo. Na Idade Média a anatomia era um destino, um dado implacável que exprimia a presença

e a evidência de si. Atualmente, após diversas reivindicações pelo direito do indivíduo decidir sobre sua própria existência, a relação do sujeito com seu corpo foi conseqüentemente alterada. Uma das transformações se refere à negação do corpo “natural”, que é acompanhada do desejo de singularidade (por vezes, radical). O lado contestatório, de não agir em conformidade com os padrões estabelecidos, é evidente, mas as estratégias de reapropriação corporal assumem forma de uma demarcação pessoal diante das opções prescritas pela sociedade. Essas práticas contemporâneas plurais expressam a vontade individual de escolher as próprias referências, sem ambicionar outro modelo de identificação “mais legítimo”. Em alguns momentos, o corpo é mobilizado de forma reflexiva por esses atores como meio de subversão. É nele que eles experimentam o exercício da autodeterminação e da emancipação social. Os embates, as oposições e os confrontos sociais desafiam a garantia de um espaço social para a existência desses sujeitos com suas diferenças físicas, seus estilos de vida minoritários, desfazendo estereótipos e tentando conferir legitimidade e reconhecimento dessas novas formas de vivência corporal.

4.5 A criação do corpo na extensão tecnológica e o paradigma informacional

Muita literatura sobre o corpo cibernético tem sido produzida nos últimos anos, discutindo expectativas de um futuro tecnológico e cibernético com viés utópico, distópico - sociedades imaginárias que seriam controladas por diferentes fontes de opressão – e heterotópico, tal como definido por Foucault para se referir a espaços que funcionam de forma não heterogênea (FEATHERSTONE; BURROWS, 1995). Além de ter criado uma forma de estender o corpo, a tecnologia, no sentido amplo, possibilitou que controlássemos o ambiente distintamente (MERLEAU-PONTY, 2008), propiciando a existência e as interações tanto dentro quanto fora do espaço real. Assim, o corpo foi transportado para um novo mundo conhecido como holografia ou Realidade Virtual- RV que carrega a promessa de uma experiência sensorial enriquecida, sem constrictões carnisais.

A holografia tenta recriar um mundo extremamente parecido com o real, capaz de responder aos comandos dos usuários, transformando a interação instantaneamente pela simulação (BURDEA; COIFFET, 2003). Ela desdobra a vida comum (LE BRETON, 2008a) recriando símbolos que existem através da interconexão de pessoas dispersas em todo mundo, porém conectadas pelos computadores. Na realidade virtual as fronteiras se dissolvem e, simultaneamente, os indivíduos não se conhecem plenamente. Costumamos falar da criação de múltiplas “identidades”, pois cada usuário possui avatares que representam personagens diferentes. Para os aficionados do espaço virtual, o corpo limita-se a um instrumento, um suporte, um ponto de conexão com a virtualidade. Os impedimentos físicos parecem não existir para eles quando estão nesse mundo imaterial, pois podem desfrutar de liberdade de movimento (por vezes impossível na vida real, porquanto podem ser estigmatizados em razão da condição física limitante, tais como deficiência, idade, aparência física e saúde).

Apesar das restrições impostas pela materialidade da carne, esta continua essencial para criar a conexão entre ambos os domínios, ainda que seja preterida e desprezada (no discurso) a favor da exaltação do corpo artificial (LE BRETON, 2008a). Reafirmamos a importância de considerarmos o corpo criado através da simulação de situações no espaço cibernético, *“it is not just the range of technological-human fusions which make possible a new range of embodied forms which is an interesting source of speculation, it is the production and control of new information-generated environments and the range of body simulations and entities which will inhabit them which for many is the most exciting prospect”*²²² (FEATHERSTONE; BURROWS, 1995, p.02). Definimos essa nova relação com o corpo e espaço virtual como *extensão tecnológica* para dar conta das tecnologias de informação e comunicação interligadas mundialmente nas quais o corpo se multiplica por meio da representação dos avatares (MUNIER, 2013).

²²² “Não é só a gama de fusões tecno-humanas que tornam possível uma nova gama de formas incorporadas que é uma interessante fonte de especulação, é a produção e o controle de novos ambientes informacionalmente gerados e a gama de simulações corporais e entidades que irão habitá-los que é para muitos a perspectiva mais interessante”.

As fronteiras entre os indivíduos e a realidade exterior têm sido radicalmente desestruturadas por meio das experiências interativas na realidade virtual imersiva, sobretudo pela simulação de situações relacionadas à esfera do vivido. A realidade virtual é um campo fértil onde nasce uma grande gama de identidades alternativas, que são experimentadas pelo usuário e podem ser substituídas e mesmo descartadas. Ao livrar o indivíduo da coerção física, a identidade assumida na rede virtual permite que ele experimente um mundo sem corpo, todavia tais experiências não podem ser compreendidas como solidamente estabelecidas e inalteráveis. Ao contrário, elas devem sempre ser reconfiguradas de modo a abarcar as diversas construções híbridas criadas. O cenário da realidade virtual enseja a experimentação transcendental projetada no mundo representacional atribuindo ao sujeito maior grau de flexibilidade, que por sua vez se constrói de acordo com o ambiente. A intersecção do espaço digital com as novas tecnologias permite uma fusão contínua entre o homem, a tecnologia e o ciberespaço, dissociando o sujeito de seu corpo.

Em conformidade a esse conceito encontramos Yann Minh, *body hacktivist* indicado por Lukas Zpira como expoente da ideologia do *Body Hacktivism*. Mihn é escritor de ficção científica, artista multimídia, documentarista e infografista. Nosso encontro ocorreu em Paris, um dia após uma conferência promovida pelo *Centre National de La Recherche Scientifique* e o *Laboratoire Nivea*, sobre *Le corps dans 50 ans*. Nesta, diferentes conferencistas, artistas e acadêmicos discutiram, analisaram e anteciparam o pluralismo da humanidade futura tendo em consideração transformações atuais. Paralelamente, houve a exposição artística *2062, aller/retour vers le futur* igualmente relacionada a evolução do corpo humano. Yann Mihn participou enquanto expositor e conferencista, apresentando alguns projetos associados ao aumento do corpo humano via interface homem- realidade virtual.

Nosso encontro foi em sua casa na região parisiense de *Clichy*, um dia após o término da conferência. Em sua sala principal indicou vários livros de ficção-científica que tratavam da temática do homem aperfeiçoado, apontou alguns instrumentos de trabalho e orgulhosamente discorreu sobre um pôster elaborado para um concurso de artes gráficas que lhe rendeu um prêmio. Yann Mihn é realmente um bom informante. Mesmo sem termos realizado muitas perguntas, ele discorria sobre seus trabalhos e sua filosofia. Sequer utilizamos as perguntas que

havíamos previsto, pois não queríamos interromper o fluxo de seu discurso. À medida que falava, Yann Mihn discorria sobre escritores que abordavam o tema do homem aperfeiçoado a partir de diferentes aproximações e mostrou várias imagens de ficção-científica com corpos hibridizados para sustentar sua concepção sobre o futuro humano. Apontou vários computadores que utiliza para desenvolver, à sua maneira, o aprimoramento das capacidades físicas. Ele afirmou que seu trabalho, no que concerne o homem aperfeiçoado, se situaria no campo da cibernética e da arte contemporânea.

Seu primeiro contato com Lukas Zpira teria ocorrido há quinze após ter recebido um convite para divulgar suas obras em uma exposição de arte em Avignon, na loja de tatuagem/*piercing* de Zpira. Ele assegurou que teria sido ele quem apresentou a ideologia do *Body Hacktivism* à Lukas Zpira, “ *il y a plus de 30 ans que je fais des oeuvres comme celles-ci, qui tournent au niveau de l’expression, au niveau du graphisme, autour de la transformation du corps mais dans l’esprit de la fiction scientifique, du cyborgue*²²³”. Acredita ter sido convidado para esta exposição justamente por causa de seu discurso elaborado, numa época em que a participação de artistas refletindo acerca da pós-humanidade era inexpressiva:

*Lukas m’a invité parce que, en tant qu’artiste, en tant qu’auteur, je suis une personne qui travaille artistiquement, graphiquement sur le sujet de l’homme transformé biologiquement, physiquement et mentalement. Et aussi parce que j’ai un discours élaboré. J’ai construit un discours et je ne fais pas seulement de l’art. Donc, moi je ne suis pas modifié physiquement. Je ne cherche pas à me mettre du piercing, de tatouage, ou faire des implantes, car ce n’est pas le point pour moi. Par contre, mon travail est orienté dans cette démarche là. C’est pour ça que les body hacktivists, donc Lukas Zpira et d’autres, m’ont souvent invité y à participer et collaborer*²²⁴.

²²³ “Há mais de 30 anos que faço trabalhos como estes, em torno da expressão, ao nível do grafismo, em torno da transformação do corpo, mas no espírito de ficção-científica, do cyborgue”.

²²⁴ “Lukas me convidou porque, como artista, como escritor, eu sou uma pessoa que trabalha artisticamente, graficamente sobre o tema do homem transformado biologicamente, fisicamente e mentalmente. E também porque eu tenho um discurso elaborado. Eu construí um discurso e não faço apenas arte. Então, eu não sou fisicamente modificado, eu não tento colocar *piercings*, tatuagens ou fazer implantes, porque esse não é o ponto para mim. Em compensação, meu trabalho é orientado por esta abordagem. É por isso que os *body hacktivists*, então Lukas Zpira e outros, me convidaram várias para participar e colaborar”.

Yann Mihn enfatizou a importância do seu discurso elaborado, que traria legitimidade nesse meio. Apesar de se definir como *body hacktivist*, disse não assumir a postura militante de Zpira, pois haveriam diferenciações: um ativista “da realidade” e outro “da virtualidade”. Ele seria, portanto, um ativista do metaverso. No papel de *body hacktivist*, deseja mostrar à sociedade as transformações às quais o corpo humano estará sujeito no porvir tendo em vista as práticas desenvolvidas em laboratórios científicos.

Ele assinalou que seu discurso gira em torno da *complexidade* e *diversidade* e o *Body Hacktivism* seria uma dessas expressões a favor de mais complexidade cognitiva e física. Assim sendo, objetiva explorar questões como “O que é a humanidade?”, “O que é a vida?”, resultando na exploração gráfica na realidade virtual.

Como meio de reflexão, ele se reapropriou da figura grega Esteno²²⁵, ou “Última fronteira²²⁶”. Em sua composição, Yann Mihn teria planejado projetar uma alegoria sobre o corpo que seria exposta em *Visions du futur*, um festival de ficção-científica que aconteceu em Paris, 2001. Segundo ele, essa figura representa sua visão sobre a evolução da humanidade, por isso o corpo de Esteno teve suas partes naturais substituídas por mecânicas. A “última fronteira” refere-se à “*la dernière frontière trouvée de la vie dans sa mystérieuse quête du macrocosme, qui a commencé il y a des millions d’années*”²²⁷. Para que a humanidade possa ultrapassar as fronteiras do espaço e sobreviver na galáxia, Yann Mihn acredita que ela “*doit être transformée. Et la transformation du corps et de l’esprit de l’humanité sont aussi la dernière frontière à surmonter*”²²⁸. Essa imagem alegórica expressaria uma sociedade responsável por transformar os humanos e prepará-los para conquistar novos territórios. E isso se daria, de acordo com Yann Mihn, por meio da simbiose homem-máquina.

²²⁵ Esteno, na mitologia Grega, é a Górgona mais velha. As górgonas eram monstros femininos e ferozes. Os corpos das Górgonas tinham braços de metal, dentes grandes e afiados.

²²⁶ Disponível em: <http://www.yannminh.org/french/CtSteno.html>, acesso 10 de janeiro, 2014.

²²⁷ “A última fronteira encontrada pela vida em sua busca misteriosa do macrocosmo, que começou há milhões de anos”.

²²⁸ “Deverá ser transformada. E a transformação do corpo e do espírito da humanidade é também a última fronteira a ser superada”.

Uma característica controversa desta alegoria é a representação do corpo sensual de Esteno. Ela mantém aspectos femininos normativos de sensualidade. Para ele, a explicação desta correlação seria significativa do interesse da humanidade em preservar a sexualidade, pois “*Nous voulons maintenir l'esthétique de la beauté et de la séduction, qui est liée à la sexualité, mais la sexualité n'est pas anecdotique. C'est le système qui mène à la vie et sa perpétuation. C'est pour ça que Sténo conserve ces attributs féminins*”²²⁹. Ele está convencido de que no futuro, quando a humanidade terá superado as barreiras biológicas, a reprodução natural não será a única - mas uma das - forma de manter a sobrevivência da nova espécie. Nesse contexto outros meios de fertilização, tais como a artificial e os sistemas biomecânicos, sucederão.

De acordo com os atuais avanços da medicina, já é possível recriar a vida nas provetas da fecundação *in vitro* (FIV), uma técnica de reprodução medicamente assistida. Entre os especialistas, especula-se que no futuro o corpo feminino não será necessário para portar o feto, porque ele poderia ser substituído por uma incubadora artificial onde a gestação seria assessorada exclusivamente pelos médicos. Tal processo é definido como ectogênese. Após a inseminação artificial e a fertilização *in vitro* essa seria a próxima etapa que as pesquisas em biotecnologia desejariam suplantarem²³⁰. A maturação do feto em uma incubadora artificial – ou útero artificial- é possibilidade de garantir o desenvolvimento embrionário completo fora do corpo. Inicialmente, ela tem sido desenvolvida com objetivo terapêutico, entretanto cogita-se que essa técnica poderá ser utilizada para suprir demandas não médicas. Apesar de se tratar de pesquisas em curso, e nada definitivo ter sido concluído, uma mudança estrutural na natureza da maternidade e paternidade se constrói nos laboratórios, abrindo a possibilidade que seus papéis sejam mais sociais e devam menos à biologia.

A recriação das “leis da natureza” nos coloca em confronto com a construção do saber científico, cujos impactos sociais são especulados, mas ainda não foram avaliados e que permeiam o imaginário dos indivíduos. Tal conhecimento, que traz garantias de um lado, gera

²²⁹ “Nós queremos manter a estética da beleza e da sedução, que está ligada à sexualidade, mas não uma sexualidade anedótica. É o sistema que leva à vida e à sua perpetuação. É por isso que Esteno conserva seus atributos femininos”.

²³⁰ A assistência médica à procriação tem sido alvo de diversas críticas que enfatizam o custo humano, biológico em relação aos poucos resultados.

muitas incertezas do outro. Diante das expectativas do que está por vir, vários paradoxos e impasses culturais, econômicos, políticos, religiosos se imporão à sociedade (ATLAN, 2007).

Retornando a Yann Mihn e seu ambivalente desejo de manter os métodos de reprodução atuais e criar outros, observamos que a questão da identidade de gênero por vezes não desaparece em alguns imaginários tecnocientíficos. A alegoria apresentada por Yann Mihn mantém traços do código de gênero tradicional, apesar de fazer uma seleção dos elementos com os quais ele gostaria de coexistir. O corpo sensual de Esteno pretende focalizar a dimensão sexual - característica do corpo biológico feminino - bem como o corpo prioritariamente reprodutor. Essa representação sugere que o corpo, contrariamente a maioria dos discursos pós-humanos, possui gênero, apresentando um posicionamento cujo viés responde a ansiedades culturais sobre o domínio corporal pela técnica, porém retificando códigos dualistas de identificação de categorias.

Para dar conta dessa controvérsia, ele afirmou manter um discurso fundado no que definiu como “hipersexualidade” e assexualidade. Essa aparente contradição conduziria a humanidade à coexistência. E argumentou:

L'accélération dans laquelle nous vivons aujourd'hui est une accélération de la complexité, de sa compréhension ainsi que de sa diversité. Le Body Hactivism est une expression de cette volonté de diversification, de la complexité, de la fin des tabous, dans la visualisation de la différence en tant que quelque chose positive. Le Body Hactivism est aussi une expression qui se déplace vers plus de complexité, à la fois cognitive et physique²³¹.

Complementou afirmando que “*La fusion qui a été annoncé depuis des décennies par les écrivains de science-fiction devient réalité à travers la recherche scientifique²³²*”. Mihn mobiliza o corpo, as modificações e a tecnologia em seu discurso sem conduzi-los a um conflito aparente ou ao confronto. Para ele o *Body Hactivism* seria um processo que compreende tecnologia,

²³¹ “A aceleração na qual vivemos hoje é uma aceleração de complexidade, de sua compreensão bem como de sua diversidade. O *Body Hactivism* é uma expressão desse desejo de diversificação, de complexidade, do fim dos tabus, na visualização da diferença como algo positivo. O *Body Hactivism* também é uma expressão que se move em direção de mais complexidades, tanto cognitiva quanto física”.

²³² “A fusão que foi anunciada há décadas por escritores de ficção-científica se torna realidade através da pesquisa científica”.

espaço cibernético, realidade virtual, adaptação e sexualidade, e tenta garantir que as entidades se organizem coerentemente no próprio discurso.

Além da ambivalência na representação de Esteno, podemos nos valer do uso da alegoria do ciborgue, tal como pensado por Haraway (1991), para pensar a pluralidade que Yann Mihn tenta abranger em sua prática. Da mesma forma como esse híbrido homem-máquina, a reapropriação de Esteno aponta não só para a diversificação, mas igualmente para a pluralidade identitária, que por vezes é dissonante, e outras integrativa.

Essa alegoria é um híbrido de perspectivas, interesses, estratégias, marca das produções de Yann Mihn e dos outros *body hacktivists*, afinal, não há nenhuma construção que abrace todas as possibilidades ao mesmo tempo. Quanto ao ciborgue Esteno, podemos concluir que ela assume os dois termos da dicotomia: *Ille les maintient et les conjoint, si bien que toute critique porte à faux. Sa démarche n'est pas la recherche d'un état premier, d'une pureté primordiale, d'un état d' "avant le mélange". Nous sommes dans la dualité : le dualisme est maintenu, mais la pureté des pôles du dualisme est décrite comme un état jamais atteint*²³³ (HOQUET, 2011, p. 104).

A prática da diferença a partir da política ciborgue, sua dimensão plural e agregadora, tal como a do *Body Hacktivism* e de seus entusiastas, permite que reinterpretemos as relações da categoria corpo com a natureza, o gênero e a tecnologia, realidade e virtualidade. Por centenas de anos o corpo, através do auxílio dos artefatos, multiplicou sua força e aumentou sua capacidade de ação no tempo e espaço material e imaterial. Como resultado o corpo está num entroncamento entre múltiplos corpos: o protético, cuja ação no mundo material é ampliada, e o virtual, cuja ação é expandida na virtualidade. Os limites do corpo, ora são ampliados fisicamente, ora virtualmente.

O progresso da informática, a comunicação à distância em rede, a possibilidade de vivenciar a realidade virtual, a proliferação de obras de ficção-científica certamente sugerem uma presença supranumérica. Além disso, a inteligência artificial, robótica, biotecnologia continuam a

²³³ “Ele o mantém e o conjuga, tão bem que toda crítica está em equilíbrio precário. Sua trajetória não é a busca por um estado primeiro, de uma pureza primordial, de um estado “anterior à mistura”. Nós estamos na dualidade: o dualismo é mantido, mas a pureza dos polos do dualismo é descrita como um estado jamais alcançado”.

alimentar o sonho antigo da perfeição e da imortalidade. O que há em comum entre ambos os discursos é a pretensão de liberar o humano das constrictões físicas, temporais, carnis (de sua fenomenologia) de uma forma ou de outra.

Entretanto, esses discursos são ilusórios no sentido de que os espaços virtuais, em alguma extensão, reproduzem o condicionamento da “realidade”. Quanto a sua materialidade, ainda que o homem seja transformado por intervenções como cirurgia estética, implantes, próteses, reprodução em útero artificial, o corpo não se extingue. Crer no desaparecimento do corpo é ignorar a capacidade humana de invenção e adaptação, e desprezar as limitações que a materialidade impõe que não poderão ser sobrepostas pela imaterialidade cibernética (NEGRIN, 2002; QUEVAL, 2008).

Ademais, Queval (2008) sublinha que a ambicionada universalidade das questões ocidentais relativas à corporalidade ignora que tais aproximações não são adotadas por vários países não ocidentais, e estaríamos interpretando as possibilidades de comunicação e interação à distância como forma de dessocialização e “descorporização” das relações humanas, quando, na verdade, os usuários das redes numéricas, são os que possuem a vida social mais rica tendo em vista os estímulos de outras capacidades físicas. Outra evidência da continuidade do corpo é que as relações de *feedback* das experiências virtuais tentam recriar sensações “reais” que solicitam um forte estímulo sensorial. De forma ambivalente, “a realidade virtual está aquém e além do corpo do corpo – este é passivo, mesmo que ressoe com os inúmeros efeitos de sensações e emoções provocadas pela imagem. [...] No mundo virtual, o sensorial é infinitamente simplificado e protege das surpresas ruins, proporcionando, contudo, o sentimento pleno do real” (LE BRETON, 2008a, p. 144).

O italiano Enrico Viola é mais um representante do *Body Hactivism*. Ele conheceu Lukas Zpira na adolescência após ter lido a revista de modificação corporal extrema *BMEzine*²³⁴.

²³⁴ Fundada por Shannon Larrat em 1994, Body Modification Ezine (BMEzine) é a comunidade eletrônica mais popular de modificação corporal extrema, onde os participantes expõem tutoriais em formato de vídeo e foto, participam de bate-papos e contam histórias sobre suas próprias modificações (implantes dos mais variados, bifurcação de língua e inclusive, amputação corporal, entre muitos outros). Pessoas com perfis variados participam dessa comunidade: homens, mulheres, gays, fetichistas e aqueles que estão interessados em modificações corporais

Contou que por ter habitado numa região não tão cosmopolita da Itália, a aceitação das modificações corporais era restrita. Nessa época, poucas pessoas da sua idade tinham interesse na cultura ciberpunk, uma das forças inspiradoras dos *body hacktivists*, que direciona parte das ações e experimentos²³⁵.

Segundo Enrico Viola, ele acompanhou os trabalhos de Zpira pela mídia por muito tempo. Dez anos mais tarde, Lukas Zpira realizou uma performance em Milão e, em seguida, Viola entrou em contato para realizar uma escarificação. Ele disse que, apesar de um encontro rápido, ficou impressionado ao conhecê-lo pessoalmente. A partir desse momento teria passado a desenvolver projetos conjuntos por causa da aproximação de suas ideologias.

Ele disse ter um profundo interesse pela transformação do organismo através da tecnologia, meio de explorar e redefinir a interioridade. Mesmo se simpatizando com o transumanismo, não se define como transumanista, pois para ele trata-se de uma corrente muito utópica e pouco empírica: *“I’m more interested in the things that I can do here and now. To me this kind of stuff is weird, to make part of my day, my life I’d need to see it. I’m not really interested in speculating about this stuff. I need to make it happen”*²³⁶. Se fosse necessário definir o que faz, ele cunharia de pós-humanismo que, a seu ver, estaria mais ligado à ação da transformação.

O corpo, para Viola, possui duas especificidades. Uma seria sua abertura para o mundo, para assimilação das informações, dos sentimentos. Outra, para a interioridade, a possibilidade de se definir e compreender a própria identidade. Ao utilizar a tecnologia em si mesma, ele seria capaz de ampliar suas possibilidades em ambas as direções. De acordo com ele, *“And so using technology to attach to your body, it’s probably a way to give you more possibilities in both*

com utilização de alta tecnologia e por formas cirúrgicas de modificação. Larrat, que se suicidou em 2013, afirmava ter como objetivo reunir, nesse espaço virtual, pessoas de diferentes partes do mundo que possuíssem o mesmo sentimento de alienação em relação aos padrões da sociedade.

²³⁵Movimento interessado em questões filosóficas e políticas da invasão do corpo pelas próteses, os implantes, as cirurgias e mesmo as alterações genéticas. Para os escritores ciberpunk o corpo é um “acidente” que pode ser corrigido ao ser aperfeiçoado pela tecnologia. No geral, nas obras ciberpunk o corpo humano se torna cada vez menos orgânico e mais artificial. O interesse dessa subcultura pelo corpo geralmente celebra o dualismo cartesiano, seus escritores e fomentadores introduzem maquinarias na forma de humanos aperfeiçoados, andróides e ciborgues (McCARRON, 1995).

²³⁶“Estou mais interessado nas coisas que posso fazer aqui e agora. Para mim esse tipo de coisa é estranho, para fazer parte do meu dia, da minha vida eu preciso vê-lo. Eu não estou realmente interessado em especular sobre essas coisas. É preciso fazê-las acontecer.”

*ways. A way to get, to know yourself a little bit better, to give you possibilities to go a little bit farther on a given direction. That's how I always talk about it*²³⁷”.

Ao mesmo tempo, Viola afirmou que deveríamos atentar para a obsolescência do corpo. É impossível falar de obsolescência e não fazer uma remissão ao artista pós-humano Sterlac, cujos trabalhos associam o homem à tecnologia para demonstrar a “obsolescência corporal”. Ao utilizar esse mesmo termo, Sterlac se refere à instabilidade, não durabilidade e ineficiência do organismo humano. Ele afirma que a evolução por meios biológicos deve ser encerrada para iniciarmos a evolução de acordo com os interesses do homem e através da tecnologia. Sugerindo que o corpo como fundamento da psique e do social deve ser eliminado, ele propõe considerá-lo uma estrutura física suscetível de monitoramento, de modificações, de novos designs²³⁸.

Ressaltamos que o termo “corpo obsoleto” ou “obsolescência do corpo” surgiu antes de sua reapropriação por Sterlac, datando de 1989, quando o catálogo *Whole Earth Review* publicou um texto de Marvin Minsky chamado *Is the Body Obsolete?*²³⁹. Neste, Minsky articulou a temática do corpo a trabalhos científicos desenvolvidos na época pela: cibernética, teorias do corpo, teoria da informação, inteligência artificial, etc. Sabemos que a preocupação com o corpo é muito antiga, sobretudo na tradição antropológica, todavia, este catálogo instaurava questões ambíguas entre o indivíduo e tecnologia daquele período, gerando questionamentos sobre o futuro e argumentando que o corpo natural se tornava obsoleto face ao progresso tecnocientífico.

Sabemos que as transformações no plano técnico sempre refletiram na compreensão da identidade social pela reconfiguração dos limites do ser-no-mundo. Quando prolongarmos o homem pela técnica, atingimos sua subjetividade. Se admitirmos a obsolescência física, abrimos um espaço inédito para outros modos de ação no mundo. Contudo, se o corpo natural é antiquado, retrógrado para alguns teóricos, para outros é um elemento essencial da ação humana, apesar de

²³⁷“E assim, usar a tecnologia para anexá-la ao seu corpo, provavelmente é uma maneira de conferir-lhe mais possibilidades em ambos os sentidos. Uma maneira de se conhecer um pouco melhor, de se dar possibilidades de ir um pouco mais longe a uma determinada direção. É assim que eu sempre falo sobre isso”.

²³⁸ Disponível em: <http://stelarc.org/?catID=20317>, acesso 28 de julho, 2014.

²³⁹ WHOLE EARTH REVIEW. *Is the body obsolete?* n. 63. 1989. Retirado de <http://www.wholeearth.com>, acesso 15 de fevereiro, 2010.

ser redesenhado pelas novas tecnologias, devendo mais ser definido como um *corpo técnico*, desnaturalizado, incorporado e menos como obsoleto (NEGRIN, 2002; MUSSO, 2013).

Vejamos um projeto que está sendo elaborado por Enrico Viola, um dispositivo que poderá ser implantado sob a pele para transmitir dados de áudio. Segundo ele, a ideia inicial seria colocar todos os componentes de um fone de ouvido em uma pequena cápsula de silicone e posicioná-lo atrás da orelha, com objetivo de transmitir transcutaneamente sinais sonoros. Dessa forma, seria possível ouvir música sem a necessidade de carregar um fone. Sobre o procedimento, ele disse:

When I think about this kind of stuff I try to keep the electronic design as simple as possible, of course, after placed it's going to be hard. But one thing that's playing in my mind lots of time is like, ah...a speaker is just a coin and the magnet, you keep some electric signal to the coin and the magnet can be played and the vibration can go to some kind of amplifier which is basically a coin or something like that. And then you hear the music. Besides the earphone all these pieces are really tiny and placed inside your ears. So my idea is that what happens if you just place all this kind of stuff inside an implantable enclosure of silicon, for example, and you push inside of a piercing, for example, or you just implant it under the skin, behind the ear and you just keep some electrical feedback signal transcutaneously, you probably hear music (...) It's used for rehabilitation²⁴⁰ in lots of fields²⁴¹.

Apesar de sua retórica a respeito da obsolescência do corpo, esse corpo tecnologicamente modificado ainda é carnal, porque a intervenção não supera a condição corporal. Aqui, de acordo com o projeto de Viola, seu corpo é transformado numa unidade capaz de assimilar elementos que lhe conferem outro modo de se relacionar. Ele abre outra possibilidade de incorporação ao expandir a extensão de sua ação no mundo, coexistindo e se unindo a outros elementos. Destarte,

²⁴⁰ Efetivamente, o uso de estimuladores neuronais sem fio e não invasivos tem se tornado cada vez mais comum na área da neurociência, mais particularmente na neuro-robótica aplicada à medicina. Esse dispositivo pode ser anexado a pele ou ao tecido corporal através de um eletrodo descartável que ajuda na gestão e no tratamento terapêutico.

²⁴¹“Quando penso nesse tipo de coisa eu tento manter o design eletrônico o mais simples possível, é claro, depois de colocado vai ser difícil. Uma coisa que tem vindo em minha cabeça muitas vezes é como, ah...um alto-falante é só uma cunha e um magneto, você mantém sinais elétricos na cunha e o magneto pode ser tocado e a vibração poderá ir para algum tipo de amplificador que é basicamente uma cunha ou algo desse tipo. E então você escuta a música. Além disso, o fone de ouvido e todas essas peças são realmente muito minúsculas e colocadas no interior do ouvido. Então, a minha ideia é saber o que acontece se você colocar todas essas coisas em um invólucro de silicone implantável, por exemplo, e inserir nele um piercing, por exemplo, ou se você somente implantá-lo embaixo da pele, atrás da orelha e você mantiver um sinal de retorno elétrico transcutaneamente, você provavelmente ouvirá música [...]. Isso é usado para reabilitação em muitos campos”.

o discurso outrora antecipado pelos escritores de ficção-científica, pós-humanistas e teóricos do espaço cibernético que negam o corpo não se sustentaria, pois o ser-no-mundo encontra-se ainda profundamente incorporado.

Além da performance *Danse Neurale* criada com Lukas Zpira, que abordaremos posteriormente, Enrico Viola desenvolveu o projeto *Human Pong* para o *Victoria & Albert Museum* em Londres. Realizado no âmbito de um evento artístico no qual os participantes, especialistas em mídias digitais – tiveram um dia para criar um conjunto de instalações usando uma plataforma de computação criativa. Disso teria surgido a ideia de recriar o jogo símbolo da cultura pop e da era da computação, o *Pong*²⁴². Sua utilização permitiria numa interação quase instintiva com o usuário. De acordo com ele, o objetivo dos organizadores foi recriar a possibilidade de interação do homem com a máquina sem que este percebesse a existência de uma interface. Outro trabalho desenvolvido por Enrico Viola foi o *Mutant Squad* e a apresentação audiovisual *Isosmosi*. Nesta última, os artistas estavam ligados por um *dreamcatcher*, ou “filtro de sonho”, e a performance ocorreu com dois artistas no palco que estavam ligados a um sistema de cordas e ganchos que perfuravam a pele. Ao longo da apresentação eles intercambiavam energia, medida por um EGG, e um software mapeava as projeções emocionais geradas pelo *feedback*.

Além dessas ilustrações fazerem parte da trajetória de Enrico Viola, se formos além, descobrimos que os *body hackers* também se reapropriam do corpo através de performances, práticas artísticas que nesse contexto correspondem à exacerbação das possibilidades corporais. O objetivo primeiro é desconstruir a normatividade corporal, questionando o estatuto do corpo para demonstrar sua transformação num “corpo fantasma” em razão da tecnologia. O paradoxo evidente é a utilização do corpo como meio de crítica, ao mesmo tempo em que ele é definido como obsoleto. As performances dos *body hackers* fornecem um discurso alternativo sobre a relação com o mundo e sua biocenose, e sugerem mudanças fisiológicas por intermédio de

²⁴² Jogo esportivo eletrônico que simula um tênis de mesa.

componentes protéticos disponíveis²⁴³. Elas igualmente interrogam a pertinência da utilização das novas tecnologias no corpo e, conseqüentemente, o impacto sobre a identidade sexual, resistência à dor física, o pudor e ainda a relação com os objetos²⁴⁴. Ao ritualizar uma prática pré-existente socialmente, mudando o olhar sobre o mundo, as performances do *body hackers* assegura certa ressonância política. As pque serão evocadas fornecem elementos para refletirmos diversamente sobre a representação do organismo híbrido e devem ser consideradas como representações pós-humanas que se inscrevem numa ruptura às afirmações que o pós-humano é uma corrente que ambiciona se livrar do corpo natural (GOMOLL, 2011).

4.6 Os body Hacktivists e as performances

Um novo fenômeno na cultura artística contemporânea surgiu em cena assumindo formas altamente ritualizadas e classificadas sob o gênero de performances. Para a maioria dos que não estão familiarizados com o mundo artístico *avant-garde*, as performances consistem num estilo de manifestação desempenhada pelos próprios artistas que datam do século XX (MAZUR, 2002). Na virada para o século XXI, várias alternativas de categorização artística surgiram, mas nosso foco são as performances que englobam expressões que entrelaçam a figura do ciborgue, e outras alegorias, para interpelar a coexistência corporal com a tecnologia. Estes artistas questionam os limites do humano enfatizando as relações entre a tecnologia, a animalidade, o corpo modificado, a impureza racial e a loucura. Todas as extravagâncias têm lugar no espaço público e provam a revolta contra os tabus e as mudanças sociais. As exposições necessitam gerar um choque que faz aparecer os limites da representação e sustenta que “não há limites” para a imaginação. Nestas, o corpo continua a ser o objeto *privilegiado* do discurso e experimenta metalinguagens que não

²⁴³ Para entender melhor as relações de coevolução, coabitação e de parcerias que são tecidas entre animais e humanos, essa pesquisa baseia-se nos trabalhos de Haraway (2010).

²⁴⁴ Lista não exaustiva.

cessam de interrogar o que ele é e que pode se tornar. Não obstante, as performances sofrem efeitos de saturação que incentivam os artistas a ir sempre mais além (JEUDY, 1998).

Observamos ao longo do trabalho que as gerações contemporâneas estabelecem uma relação inédita com a tecnologia. O desenvolvimento da ciência da informação transforma a relação individual com a temporalidade e a espacialidade, principalmente por meio de técnicas interativas capazes de vincular o corpo ao ambiente virtual, demandando-lhe uma implicação mais estreita, maiormente em relação ao espaço numérico. Tentaremos evidenciar algumas transformações numéricas que dissociam identidade e corpo, e paralelamente se reapropriam deste último para obter sensações intensas.

O mundo no qual vivemos está mais conectado, na ponta dos dedos dos indivíduos. Todos locais estão acessíveis. Estamos numa topologia da vizinhança cujas bases não são métricas nem se definem pela distância. As aproximações teóricas relacionadas a esse fenômeno podem ser completamente opostas. A abordagem dos proselitistas alimenta um discurso fundamentado no poder das redes numéricas de tornar os humanos mais flexíveis, fortes e capazes. Ao lado dos céticos, sustenta-se que a contração do tempo e espaço real das redes virtuais reduz a capacidade de reflexão nas tomadas de decisões, posto que estas são realizadas mais superficialmente.

A relação intermediada pela internet entre o corpo e a identidade é estabelecida pelos *alter egos* virtuais, os avatares, um ser imortal no hinduísmo que na realidade virtual é um corpo inteiramente digital. Ele é essencial na reconfiguração física, designando no contexto numérico o personagem que o usuário quer representar. A caracterização desse cibercorpo :

Renvoie aussi à l'insistance mise sur une nouvelle puissance d'agir acquise par l'usage des communautés virtuelles : pouvoir commander des actions à distance, s'affranchir de son identité sexuelle ou sociale, vivre plusieurs morts. Elle décrit une incarnation dans des corps amplifiés et reliés les uns aux autres par la téléprésence²⁴⁵ (AURAY, 2013, p. 30).

²⁴⁵ “Também se refere à ênfase colocada num novo poder de ação estabelecido pela utilização de comunidades virtuais: poder comandar as ações à distância, se emancipar de sua identidade sexual ou social, viver várias mortes. Ela descreve uma encarnação no corpo amplificado e ligado uns aos outros pela telepresença”.

À vista da experiência cada vez mais estética na era da internet e do hiperindividualismo em rede, não nos surpreende que os indivíduos tentem se conhecer através de ficções criadas. O paradigma da extensão tecnológica estrutura um desses mundos onde os “vínculos fracos” parecem ser preferidos em detrimento dos fortes e justapostos.

Há diferentes maneiras de se “fazer rede”, afirma Auray (2013), entre estas, hiatos e ritmos heterogêneos se impõem. A influência da rede na dissociação da presença corporal prolonga os espaços de comunicação e interação, e suscitando a temática identitária na medida em que possibilidades de relação à distância aumentam e se aperfeiçoam. A rede numérica acelera o movimento de gestão do cotidiano através da experimentação de múltiplas identidades marcadas pela clivagem da vivência corpórea. Entre elas, a correlação espaço e tempo, a liberação das referências espaciais e temporais, marcada pela emergência da “abstração” e de novas formas de presença à distância que de certa forma liberam a obrigatoriedade de envolvimento direto do corpo (AURAY, 2013).

O traço central da cibernética é a simplificação do real e o foco está na capacidade de comunicar e criar relações (COULOMBE, 2009). O ciberespaço circunscreve o espaço informacional onde os dados são reconfigurados com a finalidade de fornecer aos usuários a sensação de liberdade no ambiente e de total domínio de si. Ele transporta o usuário a um contexto ficcional, *a priori* desincorporado e atemporal. As redes transformam mobilidade em instantaneidade e os vínculos transitórios geram comunidades relativamente livres do constrangimento físico (AURAY, 2013).

Nesse contexto, é impreterível mencionarmos a nomenclatura usualmente utilizada para se discutir cibernética, cibercultura e ciberespaço - ciberpunk. O termo foi originalmente elaborado por Bruce Bethke em 1983 na história chamada *Cyberpunk* e popularizou-se na obra de ficção de William Gibson. Posteriormente, foi ampliado por outros autores do gênero por intermédio de histórias fictícias que pretendiam interrogar o estatuto do real e foi se construindo em torno de visões futurísticas que tinham como enredo o acelerado desenvolvimento tecnológico e a disputa de poder resultante. Nestas histórias, humanos associados a máquinas constituíam o centro dos romances e os ciberpunks serviam-se das modificações corporais e do espaço urbano virtual para interagirem. Para eles a identidade formada na experiência humana corpórea não era capaz de

competir com a hiper-realidade, no sentido de Jean Baudrillard, simulada, representacional e desincorporada do ciberespaço. Essa forma de sociabilidade é realista, tendo em vista que a rede oferece *“de plus en plus la possibilité de décoller de sa socialisation présente, de s'évader momentanément dans des réalités imaginaires et fugaces. Même si ce n'est qu'un bref instant, l'existence change complètement de couleur. La vraie vie semble ainsi modifiée par ses digressions fictionnelles”*²⁴⁶ (AURAY, 2013, p. 42).

Apesar disso, o caminho da cibernética é paradoxal e a sociedade ocidental tem se adaptado às suas dissonâncias, concedendo-lhe um campo de aplicação crescente (COULOMBE, 2009). Para alguns a socialização na esfera virtual é mais significativa do que a real, por isso empenham-se em estabelecer modos peculiares de reconhecimento e reciprocidade. Nesse fluxo, as intersecções do domínio digital e tecnológico fusionam dinamicamente corpo e técnica reconfigurando-lhes a despeito dos limites físicos, numa espécie de casamento mental com a tecnologia (AURAY, 2013).

Nada obstante, o corpo é insensível à comunicação em rede, no sentido de não poder ser transformado em fibra óptica. Ele é uma superfície materialmente densa e ignora a plasticidade da rede numérica. Sua existência é fundamental para que possamos interagir com esse fluxo descentralizado que é a internet. É pelo corpo que o homem sente, percebe, experimenta e interage no mundo, logo a rede não pode ser concebida fora da corporalidade. Mesmo diante do paradigma da informação numérica ele não pode ser abstraído nem mesmo simplificado, afinal não pode ser separado do sujeito, como já sublinhou Merleau-Ponty (2008). O sonho cibernético e da Inteligência Artificial de transformar o corpo em dados e transportá-lo para o interior de máquinas- que se pressupõe serem mais capazes e ilimitadas- não passa de quimera. Se sou corpo e corpo com o mundo, se tenho um corpo e é por meio dele que posso estabelecer minhas ações no mundo, por conseguinte espaço e tempo estão implicados na minha constituição enquanto ser (MERLEAU-PONTY, 2008). O corpo que o sujeito habita não pode ser dissociado do tempo

²⁴⁶ “Cada vez mais a possibilidade de descolar de sua socialização presente, de escapar momentaneamente para realidades imaginárias e fugazes. Embora este seja apenas um breve momento, a existência muda completamente de cor. A vida real parece modificada por suas digressões ficcionais”.

nem espaço sequer para experimentar outra forma de existência, conclui Merleau-Ponty, pois se trata da condição de sua presença no mundo. Os ideólogos da cibernética afirmam que a amplitude dessa questão fenomenológica seria uma falha do espírito humano, e não implica que a tecnologia não possa encontrar formas de abstrair o corpo e integrá-lo à máquina e à rede. Na visão cibernética, as limitações da materialidade do corpo justificariam seu desprezo e, por resultante, ao homem (COULOMBE, 2009). O pertencimento do homem ao mundo fenomenológico é uma barreira que os cibernéticos precisam contornar. O argumento é que se o corpo é a base para a existência humana, abandoná-lo possibilitaria outra humanidade contraindo-se num objeto funcional, utilitário (COULOMBE, 2009). Quem sabe não haveria um modo de redimir o corpo na cibernética e que pudesse ligar ambas as realidades?

Pierre Musso (2013) esclarece que esses movimentos simplificam o corpo, representando-o como uma máquina: composto de peças, órgãos e objetos que podem ser substituídos. A dissolução dos valores corporais, a dessimbolização da carne e do sujeito pela técnica, sustenta a ideia de que ambos podem ser reduzidos a uma maquinaria. Contrariamente ao discurso sustentado, Coulombe rememora que aquilo que distingue o homem da máquina é justamente o corpo:

*Tout nous ramène au corps. Il est le nerf de la guerre cybernétique ; le lieu d'affrontement de deux visions du monde. Et l'impossibilité d'une lecture phénoménologique du corps, voire de l'existence, de la part de la cybernétique s'explique par le refus de cette fragilité, de cette incertitude du sujet qu'une telle lecture porte en elle. La volonté de la cybernétique est une volonté de la maîtrise du monde. La fragilité, l'imprévisibilité, la contingence de l'homme ne sauraient être acceptées comme condition de son être au monde*²⁴⁷(COULOMBE, 2009, p. 46).

Ele está na encruzilhada de todas as relações (mesmo enquanto instrumento de crítica), uma vez que é por seu intermédio que o sujeito participa da concretude do universo.

²⁴⁷ “Tudo nos leva ao corpo. Ele é a alma da guerra cibernética; o lugar de confronto de duas visões do mundo. E a impossibilidade de uma leitura fenomenológica do corpo, ou mesmo da existência, por parte da cibernética é devido à recusa dessa fragilidade, dessa incerteza do sujeito que tal leitura traz. A vontade da cibernética é uma vontade de controlar o mundo. A fragilidade, a imprevisibilidade, a contingência do homem não podem ser aceitas como uma condição de seu ser no mundo”.

4.6.1 Cyberesthésie: exploração real da sensualidade virtual

Novamente a alegoria ciborgue centraliza discursos e práticas de artistas que se definem como pós-humanistas. Ao associar as performances à cibernética identificamos o ciberativismo, principalmente nas criações artísticas do *body hacktivist* Yann Mihn, que se propõe explorar a sexualidade através da *convergência* da realidade virtual e física no metaverso²⁴⁸, valendo-se de sistemas interativos imersivos. A estetização proposta por Mihn consistiria no acoplamento de dispositivos técnicos à pele exigindo maior implicação e correspondência entre ambas as dimensões.

No interior do *technoécosystème* - isto é, da realidade virtual interativa e protética- ocorrem interações sensíveis e corporais tipicamente humanas. Sua especificidade consiste no fato das ações físicas vinculadas ao computador conferirem existência a um determinado ambiente, onde se estabelecem correlações exclusivamente quando “*nous sommes connectés à l’ordinateur ou hyperconnectés dans Internet au moyen d’interfaces. Lorsque nous sommes en interaction, nous déclenchons des dialogues entre des technodata et des biodata. Corps et système forment un couple structurel*”²⁴⁹ (POISSANT, 2003, p. 187).

Aquilo que vislumbraremos através de algumas ilustrações é uma forma de criação e vivência corporal que demanda a participação de elementos inorgânicos para reprodução da sensorialidade tradicional. Diante da rede, o corpo demanda ser estimulado e sentido em sua carnalidade, pois ele não basta como ponto de conexão para esses entusiastas. Para estabelecer essa relação, são necessários computadores de alta performance que modifiquem o cenário de interação virtual, e estimulem as possibilidades de exploração do campo perceptivo: “*Elles permettent non seulement la navigation dans des mondes virtuels, la création, la croissance de la cybervie, aussi bien que les relations entre des communautés dans des espaces virtuels, dans*

²⁴⁸O metaverso significa o mundo virtual, contração de meta-universo.

²⁴⁹ “Estamos conectados com o computador ou a Internet ou hiperconectado via interfaces. Quando interagimos, iniciamos o diálogo entre dados técnicos e dados biográficos. Corpo e sistema formam uma estrutura binária”.

*une symbiose de la vie organique et inorganique*²⁵⁰” (POISSANT, 2003, p. 188). Sobre estes espaços que permitem o usuário se situar em cenas sintéticas que responderão às ações do usuário, Domingues (2004) descreve:

Não se trata mais de se contemplar cenas ou de interagir em links hiper-mídia, visualizar cenas distantes por *web* câmera ou outro tipo de tecnologia interativa, mas de experimentar mundos virtuais em uma relação direta com as sensações que temos no mundo físico que habitamos. As tecnologias de RV produzem fortes efeitos na percepção humana pela sensação de se estar realmente imerso num mundo sintético de alto valor sensorial. São “ambientes sintéticos multissensoriais” que respondem às ações de quem os experimenta e que se configuram como paisagens de dados ou *datascapes* totalmente estruturadas por meio da linguagem abstrata, nos colocando em mundos totalmente artificiais (DOMINGUES, 2004, p.36).

A nomenclatura escolhida por Yann Mihn para caracterizar essas associações específicas sintéticas e multissensoriais que vinculam o mundo virtual tridimensional à exploração da sexualidade no ciberespaço foi *Cyberesthésie*. Trata-se da utilização de avatares virtuais e dispositivos que transmitem estímulos elétricos ao corpo do usuário, fazendo-lhe sentir o que trafega na rede. De acordo com Yann Mihn, *cyberesthésie* se refere também a sua equipe de criação numérica, composta por Silvie Mexico, Soizic Hess, Pierre Clisson e Philippe d’Albret. Juntos objetivam explorar as sensações sensuais virtuais na materialidade do corpo por meio dos avatares e dos instrumentos *cybesthésiques* (tal como foi nomeado pela equipe) ou hápticos. Estes dispositivos não convencionais são utilizados para interação e imersão em sistemas de realidade virtual que aumentam a sensação de envolvimento do usuário com a rede em tempo real. Eles deslocam as sensações oriundas do ciberespaço para a corporeidade, sobretudo quando se refere ao cibersexo, são verdadeiros extensores do corpo, no sentido de Merleau-Ponty (2008) e consistem em: mouse, jaqueta tátil, interface neural direta, e-Stim em rede, teledildo e simulador de movimento.

Os toques e as carícias no metaverso são incorporados. Os avatares digitais das redes sociais numéricas de segunda e terceira dimensão permitem explorar a sociabilidade virtual

²⁵⁰ “Eles não só permitem a navegação em mundos virtuais, o crescimento da cibervida, bem como as relações entre as comunidades em espaços virtuais, numa simbiose da vida orgânica e inorgânica”.

emancipada do determinismo fisiológico e engajada numa grande rede pensante na qual todos os internautas estão conectados. Tal rede reorganiza as sociabilidades num movimento complementar, o de distanciamento físico e do aumento das interações.

A hibridação de elementos naturais, artificiais e virtual-tecnológicos no desenvolvimento de interfaces que se conectam ao organismo humano por intermédio de dispositivos microeletrônicos, possibilita a recepção de sinais pelo usuário, estabelecendo uma comunicação entre ambos os sistemas. São transdutores que captam, tratam e retransmitem signos, tais como os indicados pela *cyberéthésie*, isto é, as ondas cerebrais, os batimentos cardíacos, os movimentos do corpo, das mãos que permitem o ato de tocar, entre outros. A experiência real do corpo é transmitida para realidade virtual e retransmitida fisicamente ao usuário. Esse entrelaçamento sustenta uma cosmologia composta de pensamentos, ações e sentimentos do que é realizado no sistema informático (POISSANT, 2003):

Les interfaces captent la vie et les actions du corps et de l'environnement dans leur aptitude à générer des signaux qui sont échangés grâce à la capacité de penser de l'ordinateur. La communication avec les ordinateurs et leurs logiciels à haute performance stimule l'imagination des artistes qui s'intéressent spécialement aux situations du corps agissant sur la vie interne des ordinateurs²⁵¹ (POISSANT, 2003, p. 190).

O sistema háptico de captação, de movimento, de voz, de imagem e de toque é utilizado para integrar o indivíduo ao ambiente artificial. O sistema informático incorpora as características do mundo real, traduzindo-lhe em linguagem computadorizada para que possibilite a imersão no espaço recriado. Os artistas interativos se reapropriam dos avanços de *hardwares* e *softwares* cibernéticos e da ciência da comunicação das máquinas para inventar metáforas que inovam em formatos emotivos e vivos. Agir no mundo virtual tridimensional, que mescla o mundo natural e virtual, constitui uma corporalidade e identidade híbrida. Portanto, estar conectado à rede

²⁵¹ “As interfaces capturam a vida e as ações do corpo e do ambiente em sua capacidade de gerar sinais que são trocados graças à capacidade de pensar do computador. A comunicação com computadores e seus *softwares* de alto desempenho estimulam a imaginação dos artistas que estão interessados principalmente nas situações do corpo agindo sobre a vida interna de computadores”.

redimensiona as sensações e os pensamentos vinculando-os à informática de alto desempenho e alterando inteiramente o nível da capacidade de ação e imaginação.

O *feedback* ou retroação é uma concepção fundamental na cibernética. O *feedback* confere ao computador a capacidade de tratar a ação realizada pelo usuário e responder imediatamente ao estímulo executado, adaptando-se ao ambiente (não se tratando simplesmente do reflexo); assimilando e reorganizando os dados transmitidos pelo estímulo de acordo com o objetivo do usuário. Esse sistema informático reage quase autonomamente: « *Conçue essentiellement comme un mode d'adaptation à l'environnement, la rétroaction se distingue du simple réflexe conditionné parce qu'elle reconnaît à l'individu la possibilité de modifier le rapport stimulus-réponse en fonction des données apprises et des buts poursuivis*²⁵² ». (LAFONTAINE, 2004, p. 46).

Para Yann Mihn a *cyberesthésie* participaria desse enredo da retroação no qual as experiências sensoriais vivenciadas na imaterialidade da comunicação em rede afetam diretamente o corpo. Na imersão das imagens, dos sentidos, dos desejos, das vontades e das palavras, sensações particulares e enriquecidas são reproduzidas. Mihn acrescenta:

*Aux commandes de nos nooscaphes informatiques, nous projetons les limites physiques de nos corps à tout le cyberspace. Nos fonctions proprioceptives se trouvent "augmentées" par l'usage de ces outils, qui étendent et amplifient nos capacités perceptuelles individuelles à l'échelle des réseaux sociaux numériques planétaires, renforçant une forme de relation "tactile" avec la cybersphère. Comme c'est la succession de tous les points d'impacts de la matière sur la peau qui nous donne la sensation de lisse ou rugueux, c'est la succession de tous les points d'impacts de l'information sur notre psyché qui nous donne la sensation du monde. Grâce à la popularisation des retours de force haptiques, E-Stims, électro-mécaniques, connectés au réseau internet, les interactions avec la cybersphère ne sont plus seulement textuelles, acoustiques et visuelles, mais elles deviennent aussi physiques, sensuelles, sexuelles*²⁵³ (MINH, 2011).

²⁵² “Concebido essencialmente como um modo de adaptação ao ambiente, a retroação é diferente do simples reflexo condicionado, porque ela reconhece ao indivíduo a possibilidade de mudar a relação estímulo-resposta com base em determinados dados apreendidos e objetivos seguidos.”

²⁵³ “Aos comandos de nossos *nooscaphes* informáticos, projetamos os limites físicos de nossos corpos a todo ciberespaço. Nossas funções proprioceptivas são ‘reforçadas’ pelo uso destas ferramentas que estendem e ampliam nossas capacidades perceptivas individuais à escala das redes sociais digitais globais, reforçando uma forma de relação ‘tátil’ com o ciberespaço. Como é a sucessão de todos os pontos de impacto da matéria sobre a pele que nos dá a sensação de liso ou áspero, é a sucessão de todos os pontos de impacto da informação na nossa psique que nos

É em razão da construção em linguagem numérica tridimensional e dos dispositivos agregados ao corpo que esse espaço virtual imersivo é exequível e capaz de estender a capacidade sensorial. Associados, eles viabilizam a experimentação interativa e imersiva das paisagens e ações.

A cibernética se articula no interior das teorias da pós-humanidade. Segundo Coulombe (2009) a transparência da exposição é fundamental nas performances cibernéticas, e sobrevalorizada em relação ao conteúdo exibido e permitindo a compreensão do que ocorre na esfera íntima. A obsessão pela exteriorização da privacidade não autoriza que nada mais passe de forma discreta ou num local acessível e exclusivo aos participantes, “*La crainte du secret et de l’ombre marque l’une des fascinations de la cybernétique*²⁵⁴” (COULOMBE, p.53). Essa característica, a transparência do êxtase sexual, é chave nas performances da *cyberesthésie*.

O mecanismo da *cyberesthésie* remapeia sensorialmente o corpo por meio da interface computacional. O organismo se torna um ciborgue, no sentido de estar estreitamente associado à linguagem numérica do ciberespaço que apreende e retorna os estímulos ao usuário. Algumas interfaces são mais naturais e viabilizam interativamente a captura e processamento das qualidades biológicas. Nestas, “o corpo é o sujeito da percepção que provoca mutações dentro de ambientes de simulação da realidade virtual, nos quais os dispositivos de conexão permitem aos sentidos atuar em ambientes sintéticos que sentem sua presença” (DOMINGUES, 2004, p. 43). A propriocepção ou cinestesia é essa capacidade de reconhecer o acesso corporal ao ambiente virtual e, por intermédio de receptores específicos, provocar estímulos físicos táteis que podem ser modificadas dependendo das ações empreendidas. Isso acarreta a reapropriação do ambiente virtual pelo corpo que, por sua vez, modificará o espaço indefinidamente e sem nenhum compromisso relacional: o indivíduo, a identidade e o corpo têm seus limites difusos na realidade interativa sintética.

dá a sensação do mundo. Com a popularização dos retornos táteis, E-Stims, eletromecânicos, conectados à Internet, as interações com ciberespaço não são apenas textuais, acústicas e visuais, mas também se tornam físicas, sensuais e sexuais”.

²⁵⁴ “O medo do secreto e da sombra marca um dos fascínios da cibernética”.

Discorreremos sobre uma apresentação que demonstrou como a sexualidade pode ser vivenciada na realidade virtual. Nesta, a multiplicação e descentralização do desejo liberam as vontades para além das normas sexuais vigentes. Escolhemos a performance cibersexual *Extase Telepathique*²⁵⁵, apresentada no evento *Demeure du Chaos* em 2011 no qual Silvie Mexico e Yann Mihn interagiram por meio de dispositivos informáticos para recriar o prazer sexual à distância. O objetivo era demonstrar como esses dispositivos podem recriar sensações tradicionais por meio da conexão de pessoas fisicamente separadas.

O cenário é composto por uma imagem de fundo que encadeia a ação simulando a interação dos avatares dos dois participantes. De um lado estava Yann Mihn diante do computador, do outro Silvie Mexico, nua e presa por cordas com um estimulador sexual *Hitachi Magic* diante da sua genitália. A proposta era que Yann Mihn ligasse o vibrador utilizando uma interface neural direta, para concretizar esse “êxtase sexual telepático”, portanto Yann Mihn portava um eletroencefalograma *Mindwave* da empresa Neurosky. O *Mindwave* estava acoplado ao computador e identificava os sinais emitidos por meio de linguagem de programação. As interações neuronais provocavam descargas elétricas que podiam ser identificadas, calculadas e representadas em aspecto de ondas cerebrais. A comunicação entre Yann Mihn e o computador era sem fio. O *Mindwave* possuía um microchip que captava e digitalizava os sinais emitidos pelo cérebro e, uma vez no computador, ele desencadeava o funcionamento do dispositivo vinculado, isto é, o estimulador sexual. Apesar de ambos os atores estarem separados fisicamente, eles se conectavam para concretizar o ato sexual virtual. A relação humana com os dispositivos técnicos no “cibersexo conectado” é fundamental para amplificar a conexão erótica. Yann Mihn demonstrou como conectar os dispositivos ao computador e iniciar o estímulo simplesmente fechando e abrindo os olhos. Uma luz infravermelha era refletida sobre o corpo nu de Silvie Mexico indicando que os sensores funcionavam. Restava ao espectador esperar para visualizar o êxtase de Silvie Mexico, que foi o fim da demonstração.

²⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8I-SUgYQmvA&feature=youtu.be>, acesso 15 de agosto, 2014.

Além de ser exibida e registrada, essa performance foi divulgada nas redes sociais, sendo disponibilizada em escala global. Outra forma de transparência, no sentido de Coulombe, é a exposição do corpo nu de Silvie Mexico. A insistência na exposição do corpo pelos artistas visa ultrapassar as barreiras entre íntimo e público. O corpo se torna transparente e aquilo que anteriormente era tabu transforma-se em espaço privilegiado de representações que manifestam o desejo da transparência.

A retroação é o princípio dessa performance. Influenciada pelo contato do dispositivo contra seu corpo, Silvie Mexico reagiu à ação estimulada mentalmente por Yann Mihn e fisicamente pelo objeto que a toca, que consistia na extensão corporal dele. Sua reação foi amplificada, podendo ser ouvida em toda sala. O computador é um elemento central para essa sexualidade *soft*, basta ver o contato com o corpo do outro, acessível unicamente ao toque desincorporado do avatar e do pensamento de Yann Mihn. A ação de Mihn é codificada pelo computador e, em seguida, transmitida para a rede. Do outro lado, Silvie Mexico sente as sensações transportadas pelos captadores através das vestes hápticas, como se fosse o toque do outro usuário. As associações estabelecidas na realidade virtual desdobram-se em sensações físicas, toques, vibrações e ressignificam a sexualidade à distância.

Parte do fantasma da *cyberesthésie* transita pelas identidades localizadas que a virtualidade propõe. O fascínio estaria primeiramente em monitorar quase todas as interações; segundo, eliminar as “ameaças” sexuais existentes na inter-relação pessoal e, por último, poder experimentar livremente seus desejos ausentes do reconhecimento identitário. A pós-humanidade nesse fenômeno caminha ao lado da superação da sexualidade como uma relação com o outro. O corpo é prolongado pela parafernália acionada; ele é midiaticizado e um sonho de ubiquidade. Ao ser pensado pela mediação técnica, espera-se que ele estabeleça interações sexuais fluidas e libertas das restrições biológicas.

O paradigma cibernético estabelece a informação como base de articulação tentando descentrar o homem de suas ações. Seu corpo é um meio de acesso pelo qual passariam as informações que estão em volta de si. Neste sentido, o computador seria mais bem-sucedido do que o corpo tanto para conservar informações quanto para gerar outras relações. Todavia, o corpo é acionado pelos cálculos realizados pelo computador, que mobilizam os artefatos conectados.

Coulombe (2009) delinea o seguinte parecer sobre as performatividade cibernética, “*Le corps imparfait, la performativité désormais élue comme nouvelle valeur transcendante, à quoi bon laisser l’homme contrôler son corps*”²⁵⁶ (COULOMBE, 2009, p. 64).

As interfaces hápticas, os dispositivos de retroação de força e a informação cinemática permitem o usuário do ciberespaço imergir nessa dimensão e ter a sensação de interagir fisicamente com outro ambiente, vinculando as sensações à sua experiência no mundo. Domingues define o corpo nesse tipo de realidade virtual como “‘envelopado’, totalmente envolvido numa sensação de mergulho e dissolução de seus limites corpóreos que se fundem ao ambiente” (DOMINGUES, 2004, p. 37). São traços realistas parecidos com os que poderiam ser sentidos tangivelmente, com a diferença de que a projeção das relações assume escala global. Ainda assim, nessas criações interativas a presença corporal “está muito além da contemplação própria das técnicas de representação com tecnologias analógicas do ‘eu estou aqui’(…). As tecnologias interativas imersivas permitem uma relação tátil, ou seja, de algum tipo de contato ou toque entre os ambientes externo e interno, entre o real e o virtual.” (DOMINGUES, 2004, p.37).

Os ambientes interativos proporcionam modos de existência adaptados para vínculos materiais. As interfaces que são elaboradas pelos artistas da cibercultura, cientistas e técnicos visam oferecer formas inéditas de interação que dependam da ação corporal e dos sinais emitidos para ativação do sistema. As paisagens são criadas artificialmente com qualidades proprioceptivas (QUÉAU, 1993). O computador e os dispositivos hápticos são intermediários diretos, entretanto, assim como vimos, é o corpo do usuário que aciona e assegura o funcionamento dessa configuração do metaverso. Tanto as intervenções do corpo quanto às do sistema, determinam o limite do que pode ser feito e o retorno ao corpo do usuário. A experiência de interdependência é provocante, progressiva e alterável, conduzindo a diferentes patamares de retorno artificial, isto é, de comunicação entre o sistema virtual e o corpo orgânico, entre os sinais artificiais e a performances físicas. A relação que desponta nesses ambientes indica um retorno à

²⁵⁶ “O corpo imperfeito, a performatividade agora elegeu um novo valor transcendente, por que deixar o homem controlar seu corpo?”.

materialidade do corpo. Anteriormente, a sexualidade cibernética propunha um erotismo fora do corpo, sem necessidade do outro, onde as carícias se transformavam em discurso e que estimulavam o corpo. A carne parecia ter menos importância para a concretização do ato sexual e simbolizava imperfeição e morte, servindo unicamente para conectar o sujeito ao espaço virtual. No entanto, neste novo contexto que mistura sinais artificiais e o desempenho biológico, observamos que a vida desses espaços é mantida pelas conexões artificiais do sistema bem como pelo complexo processo corporal.

O sistema é composto de conexões operadas internamente que abrem espaço para ampliação do campo existencial e cognitivo. As interfaces *cyberesthésiques* são como extensões do aparato sensorial corporal, são corpos artificiais que transmitem percepções extraordinárias, “*les interactions avec des simulations informatiques se substituent à des expériences réelles*”²⁵⁷ (AURAY, 2013, p. 30) e fazem parte da síntese corporal do indivíduo (MERLEAU-PONTY, 2008). Ao estar conectado, o usuário pode sentir sensações habituais, porém seu corpo passa a habitar igualmente um complexo sistema de transformações, imprevisibilidades e extravagâncias que criam outras identidades. Através do retorno ao corpo é possível sentir a textura dos objetos, firmeza, peso, massa, interagir com dispositivos por meio do pensamento, receber estímulos elétricos e estímulos sexuais, sentir toques e choques sincronicamente aos eventos que ocorrem no ciberespaço. Essa performance é uma reapropriação e ressignificação dos elementos do reino biológico traduzidos em paradigmas técnicos. Na simbiose das propriedades orgânicas e inorgânicas, forças imateriais são manipuladas durante as diversas experiências entretidas nesse campo de conexão. Por fim, concluímos que os dispositivos, as próteses, as extensões do corpo permitem a reinvenção mais extensa do corpo no mundo.

²⁵⁷ “As interações com simulações informáticas substituem as experiências reais”.

4.6.2 Performance pós-humana: Danse Neurale

Outra performance que se distingue entre os *body hackers* é a *Danse Neurale*, organizada por Lukas Zpira, Enrico Viola e Stefano Moscardini. Vamos defini-la de “performance/arte pós-humana”, que de acordo com Gomoll (2011) é uma estrutura crítica paradoxal que resiste às asserções de que o corpo não é necessário para as performances ou que podem lhe transcender. Nestas, os artistas reincorporam práticas, que definem como pós-humanas, como uma intervenção que lidaria com as transformações sociais no âmbito das relações humanas e não-humanas (COULOMBE, 2009; GOMOLL, 2011).

A performance pós-humana é expressão da vontade individual e coletiva de consubstancializar o paradigma cibernético. As produções artísticas derivadas não ultrapassam a corporalidade, haja vista não conseguirem escapar à materialidade física para questionar o próprio objeto de crítica. De qualquer modo, os *body performers* pós-humanos se inscrevem em ações fundadas no presente para refletir sobre fascinações alusivas ao futuro. Para eles, o momento atual consistiria numa ausência e seus desejos para o futuro encontrariam respostas nas propostas cibernéticas.

Danse neurale foi produzida no contexto da *Borderline Biennale: La Demeure du Chaos*, em Lyon no ano de 2011, reproduzida em vários países, e novamente na França em 2013 no evento *Souterrain Porte VII: International Body Art Festival* em Nancy. Participamos dessa última apresentação que ocorreu durante parte da pesquisa de campo efetuada na cidade de Nancy. A apresentação se desenrolou da seguinte maneira. O personagem principal na cena é Lukas Zpira, que estava num palco iluminado. Atrás dele havia uma tela de projeção. O espetáculo iniciou com Zpira retirando seu casaco e se ajoelhando para que colaboradores cravassem dois ganchos em suas costas. Inserção terminada, Zpira se levantou de frente para a platéia e uma luz infravermelha foi refletida sobre ele. Além dos ganchos para a suspensão, ele portava um capacete de eletroencefalograma que captava os impulsos cerebrais para comandar os computadores à distância. Este registrou sua atividade cerebral e Lukas Zpira pôde interagir pelo pensamento com a máquina, previamente adaptada por Enrico Viola e Stefano Morcardini.

Zpira também possuía um microfone acoplado que registrava sua respiração, além de um estetoscópio que transmitia seus batimentos cardíacos para um software elaborado para a performance. Na medida em que Zpira ia sendo suspenso pelo guincho conectado aos ganchos, seus sinais biométricos direcionavam o fluxo de energia emitido assim como a música da performance. A resposta neurológica da suspensão gerava um *feedback* biomecânico: duas imagens gráficas de asas surgiram atrás de Zpira como efeito da suspensão. Houve uma reação visual e sonora integrada ao longo da apresentação, em sintonia com as ondas cerebrais, a respiração e os batimentos cardíacos. Apesar dessa apresentação ter sido realizada mais de uma vez, ela é única no sentido de que a cada apresentação o corpo responderá diversamente, dependendo do funcionamento adequado de todos os elementos do sistema.

Para a execução dessa apresentação, vários preparativos são necessários, para que dê o resultado aguardado, sobretudo a imagem das asas no telão e o acionamento do áudio pelos dados biométricos de Zpira. Portanto, testes consecutivos são realizados com o sensor de movimento, o mesmo utilizado no vídeo game Wii, pois são eles que reconhecem o local adequado para o reflexo da imagem.

Na performance que assistimos, houve ligeiras alterações que se adequavam à temática do festival: “O amor”. A companheira de Zpira, Satomi, atuou como coadjuvante inserindo os ganchos em suas costas. Quando os convidados iam chegando ao salão, era possível ouvir os batimentos cardíacos de Zpira. Tudo se desenrolava como previsto, até o momento em que o corpo de Zpira não conseguia ser elevado, impedindo a concretização do objetivo performático. Após intervenções, constataram que havia um problema com a alavanca que suspenderia o corpo de Zpira. Ele se reposicionou na cena inicial e o espetáculo foi finalizado.

Algumas performances de Lukas Zpira podem ser lidas em termos de práticas tanto pagãs quanto espirituais medievais. Podem ser carnavalescas, rompendo com categorias e hierarquias, transformando sistemas de agenciamento e visibilidade/transparência, agitando e confundindo fronteiras interior/exterior, mente/corpo, homem/máquina, e questionando a que é o corpo e a sua capacidade. Nessa performance, pode-se também externalizar a interioridade física conforme

eventos orgânicos internos são amplificados. Essa apresentação não é a primeira a colocar em evidência a dimensão sensível das tecnologias numéricas²⁵⁸. Em *Danse Neurale*, os elementos mecânicos, ao serem associados ao corpo, pretendem desafiar a distinção entre o homem e a máquina, e levantar a problemática da perda da agência humana, colocando numa encruzilhada o problema filosófico mente-corpo. Essa apresentação é um método tecnologicamente informado de reestruturar a incorporação humana que se estenderia às possibilidades de se “ter um corpo” por meio de um ataque focalizado nas limitações de “ser um corpo”.

Para Zpira, a tecnologia possui um estatuto quase sagrado, apesar de já ter ressaltado anteriormente como ela poderia ser usada contra interesses individuais. Ao ter seu poder glorificado, é apresentada como possibilidade de salvação humana e direcionamento para o futuro por intermédio da união ciborgue. Entre homem e máquina, abrangendo tanto tecnologia quanto organicidade, o artista Lukas Zpira entregou seu ego visando se tornar uma ponte entre essas categorias mantidas opostas, colocando-se na posição de mediador.

A visão da inferioridade do corpo, tal como na Idade Média, é retomada quando Zpira demonstra a obsolescência do corpo por intermédio da performance. Aqui esse termo implica sua insatisfação no que concerne a capacidade do organismo de acompanhar o ritmo do avanço tecnológico e do imaginário individual. Em outras palavras, na performance e no discurso de Zpira, nós já teríamos meios e imaginação suficiente para posicioná-lo em situações diferentes para as quais ele não foi planejado. *Danse Neurale* coloca em cena uma tensão entre os limites

²⁵⁸ O artista australiano Stelarc é referência no que diz respeito à temática da interface homem-máquina, sendo que suas obras já foram amplamente exploradas por pesquisadores. Todavia, citamos um de seus trabalhos mais representativos, intitulado *Ear on Arm*, que implica a engenharia de uma prótese flexível constituída, em partes, pela própria pele. Tendo o formato de uma orelha, ele instalou nessa prótese um microfone em miniatura antes de fixá-la cirurgicamente no antebraço a fim de poder “escutar pelo braço”. Outro projeto do artista, ligado ao aperfeiçoamento corporal, foi a criação de uma mão humana mecânica e funcional anexada a seu braço direito, conhecido como *Third hand*. A característica da maior parte de seus projetos circunscreve a prótese não como um sinal de falta, mas como uma possibilidade de aumento do organismo humano. No que diz respeito às performances, *Ping Body*, exibida em 1996, trata-se de um trabalho muito semelhante à *Danse Neurale*, porém num movimento prático contrário. Ao invés de controlar o sistema informático a partir de dados fisiológicos, Stelarc teve seus movimentos corporais definidos por um sistema de dados externos, e não exclusivamente seu sistema nervoso. Os dados foram gerados aleatoriamente e estimulavam seus músculos através de correntes elétricas, colocando seu corpo em ação. Neste caso, a rede é responsável por afetar o corpo de Stelarc, determinar cada ação. Com isso, o artista desejava demonstrar que seu corpo e sistema nervoso podem ser controlados por uma máquina, sustentando sua tese da obsolescência corporal.

que o corpo tolera e a imaginação, que poderia gerar uma punição ao corpo (a dor) por causa de sua inadequação. Apesar de ser extremamente visionário, o fato dessa apresentação ter um caráter medieval não é absurdo. Assim como os místicos que viam o corpo como falho, deficiente, infinitamente inferior à alma, e se aproximavam de experiências corporais para se santificarem, Lukas Zpira submete seu corpo à dor e a uma parafernália tecnológica para demonstrar que não quer se enquadrar em padrões físicos contemporâneos.

Em *Danse Neurale* vislumbra-se o desejo de dissolver a autonomia do sujeito diante da interação com elementos técnicos. Paralelamente, o desejo de controlar a tecnologia, seu desenvolvimento e utilização, dispondo do corpo e do sujeito como resposta para essa equação. Ela apresenta uma imagem que dissolve o que há de humano no sujeito representado em cena. O objetivo é redistribuir agência através do corpo a uma rede de elementos humanos e não-humanos. Os computadores fazem parte da cena artística, servindo para abstrações e combinações das mais diversas e paralelas às premissas do paradigma cibernético (COULOMBE, 2009). Por meio dessa performance, identificamos o desejo de não distinguir homem da máquina; nesta, os dois fazem parte de um mesmo conjunto, sem distinções químicas nem físicas, da mesma síntese, não havendo nenhuma distância que os coloque a parte.

A codificação das emoções, das sensações e das reações físicas, é uma das etapas em direção à arte numérica completamente artificial. Para Coulombe (2009) os ideólogos pós-humanos fazem paralelismos com a arte defendendo que seriam os computadores que indicariam as formas de realizá-la, “*toutes les émotions à exprimer; il saura même les exprimer lui-même*”²⁵⁹ (COULOMBE, 2009, p. 70). Para o autor, esse desejo pós-humanista de conquistar a arte e levá-la ao limite de suas possibilidades elimina sua essência, tornando-a mais um componente funcional e cibernético. Magistralmente, o autor conclui sobre a emergência da arte cibernética e sua possibilidade criadora:

Décidément, la cybernétique et le discours posthumain place l'ordinateur comme futur grand créateur, attaquant l'orgueil humain dans l'un de ses derniers retranchements. Aux trois grands heurts à l'orgueil humain, le décentrement de la Terre du centre de

²⁵⁹ “Todas as emoções a exprimir; ele saberá até mesmo exprimi-las sozinho”.

*l'univers (l'héliocentrisme de Copernic et de Galilée), continuité évolutive entre le singe et l'homme (théorie de l'évolution des espèces de Darwin), et l'épaisseur de l'homme à sa propre historicité et subjectivité (la psychanalyse de Freud), il semble qu'il faille désormais ajouter que l'homme n'est plus le seul être à produire de l'art*²⁶⁰ (COULOMBE, 2009, p. 70).

A arte pós-humana deve ser entendida não como a aplicação de uma norma sobre o corpo. Ela é a manifestação da vontade de aperfeiçoar a humanidade por meio das tecnologias, de responder às angústias que estão diante dos contemporâneos; é a crença de que é possível ocupar corpos que irão diferir no ambiente e no tempo. Paralelamente, a suspensão mostra a dificuldade em liberar o corpo no espaço separando-o da força gravitacional que enfatiza sua materialidade.

Por meio da cibernética é possível transformar o organismo, ao mesmo tempo em que ela é transformada de acordo com esses desejos. Seria redutor afirmar que a arte pós-humana consiste primeiramente, ou unicamente, na aplicação de elementos virtuais, pois os sentidos concedidos pelos artistas às performances não podem ser esclarecidos pela única ligação a esse paradigma.

Qual a finalidade e a fonte do desejo de transformar o corpo compartilhado pelos artistas pós-humanos? A resposta apontará para o centro da problemática pós-humana, tal como indicam nossos rastros. Já sabemos que a pós-humanidade seria o resultado do aperfeiçoamento e aumento corporal que demanda técnicas específicas - existentes e idealizadas - fundamentais para esse novo estágio evolutivo. Estas devem ser ligadas ao corpo, porém pensadas como superiores (COULOMBE, 2009). Se elas são distintas e mais elevadas que a natureza corporal, portanto esta última deve ser aperfeiçoada. As representações que se opõem ao corpo indicam maior agilidade, destreza, rapidez, flexibilidade, resistência e interatividade, sublinhando que o corpo está desprovido dessas características. Essa performance, bem como outras que se enquadram na

²⁶⁰ “Realmente, a cibernética e o discurso pós-humano colocam o computador como o futuro grande criador, atacando o orgulho humano em uma das suas últimas fortificações. Os três principais confrontos ao orgulho humano, o deslocamento da Terra do centro do universo (heliocentrismo de Copérnico e Galileu), a continuidade evolutiva entre o macaco e o homem (teoria da evolução das espécies de Darwin), e a espessura do homem para sua própria historicidade e subjetividade (psicanálise de Freud), a partir de agora falta acrescentar que o homem não é mais o único ser a produzir arte”.

mesma categoria, não somente idealiza o futuro no qual a máquina poderá se sobrepor ao corpo tanto quanto realiza uma crítica intrínseca ao organismo.

Muitas ilustrações que indicamos ao longo desse trabalho insistem na emergência dessas práticas que depreciam o valor do corpo por meio de apresentações artísticas e utilização de materiais protéticos ou interativos, porquanto “*Si le corps doit être amélioré, si les artistes multiplient les représentations d’un corps performant, rapide et fluide, c’est qu’il apparaît naturellement malhabile, lent, opaque, et qu’une telle situation est désormais intolérable. Il s’agit là des deux faces d’une même médaille lancée tournoyante au spectateur*”²⁶¹ (COULOMBE, 2009, p. 73).

Isto dito, constatamos que algumas performances são tanto críticas lançadas ao sistema social quanto asserções baseadas na ideologia pós-humanista. Lukas Zpira é uma ilustração dessa complementaridade, de um lado ele opera críticas (veremos em *La Pietá*) e profecias (*Danse Neurale*). Portanto, a relação entre a materialidade e a representação que tratam do aperfeiçoamento do corpo nas correntes pós-humanas deve ser identificada. O sentido reapropriado pelos artistas ciberativistas da relação do indivíduo com a corporalidade e seu lugar no mundo indica desejos, privações, mas principalmente expectativas.

O nosso sobrevoo pela cibernética assinala que a referência pós-humana foi possível pelo deslocamento de concepções humanistas e à eficácia da comunicação acelerada em rede. Se alguns acreditam que a técnica possui o poder de revelar as limitações corporais, enganam-se. A técnica soube criar um modelo de corpo baseado em seu aperfeiçoamento, servindo ao homem diferentemente, conferindo-lhe a nova direção da diversidade pós-humana: “*La technique ne serait que révélatrice des malheurs du sujet, des limites et des menaces du rapport à l’autre trop longtemps endurées*”²⁶² (COULOMBE, 2009, p. 79) E o corpo seria o fardo ou a barreira que

²⁶¹ “Se o corpo precisa ser melhorado, se os artistas multiplicam as representações de um corpo eficiente, rápido e fluído, é que porque ele aparece naturalmente desajeitado, lento, opaco, e que esta situação é agora intolerável. Estas são as duas faces da mesma moeda lançada em direção ao espectador.”

²⁶² “A técnica não seria que reveladora das desgraças do sujeito, dos limites e das ameaças em relação ao outro que por muito tempo suportaram”.

impede a comunicação e a um contato perfeito, donde surge o papel “remissor” das novas tecnologias para superar essa imperfeição.

O corpo em si não é imperfeito, falho ou limitado. Se essas percepções existem, é em razão da perspectiva contemporânea na qual ele já foi desacreditado e, conseqüentemente, deve ser retificado por aquilo que simboliza o progresso: a tecnociência. Tal percepção não surgiu com o advento do fenômeno da cibernética –foi um prolongamento desse movimento- mas no seio do surgimento da Modernidade, quando a intrínseca relação entre o homem, o corpo e o cosmos foi desestruturada, desdobrando na concepção da corporalidade que compartilhamos atualmente: um homem separado de seu corpo, uma encarnação provisória do sujeito (COULOMBE, 2009; LE BRETON, 2008b).

4.6.3 Performance: La Pietá

Escolhemos outra performance emblemática desempenhada por Lukas Zpira e Eden Berlin que, essencialmente, não caminha na mesma direção das ideologias *body hacktivists*. Trata-se de *La Pietá*. A particularidade de *La Pietá* é que apesar de não se enquadrar numa obra que poderíamos definir como pós-humana, não deixa de ser essencial por ressaltar o papel do ritual para questionar o que se percebe como problemática social.

Na história tradicional do Ocidente a arte religiosa sempre compreendeu pinturas e esculturas que incluíam personagens e cenas bíblicas que expressavam devoção, como por exemplo, *Pietá*, a famosa escultura esculpida em mármore de Carrara em 1499 pelo italiano Michelangelo Buonarroti e que se encontra na Basílica de São Pedro, no Vaticano, Itália. Essa escultura é provavelmente uma das mais famosas relacionadas ao tema da religiosidade cristã. Artistas que vieram antes e depois de Michelangelo criaram imagens de Maria onde o destaque era o desespero por ocasião da crucificação de Cristo. Michelangelo, por sua vez, criou uma representação artística inédita para a época. Na escultura *Pietá*, Maria, ao segurar o corpo de Jesus sem vida, não demonstra estar atormentada, ao contrário, mostra serenidade e aceitação.

A partir do século XXI, as manifestações artísticas transformaram-se radicalmente. O material dos artistas não seria somente tintas e argila, mas passou a incluir o próprio corpo bem

como seus fluidos. Esses novos trabalhos de arte, reapropriados pela cultura das modificações corporais extremas, integram temas religiosos e utilizam o corpo nas instalações de modo a criar espaços sagrados. Por meio das performances, rituais são desempenhados e muitas vezes a mutilação corporal representa uma forma estética de mortificação (MAZUR, 2002). Ironicamente, como observaremos em seguida, algumas apresentações artísticas que carregam o tema da sacralidade valem-se de proibições que seriam encontradas na literatura bíblica. Muitas destas são declaradamente blasfematórias, com finalidade criar controvérsias, ao mesmo tempo, uma forma artística original de invocar outro tipo de “transcendência”.

Essa forma não convencional de manifestação do sagrado é encontrada na performance *La Pietá*. Com trilha sonora *The end* do álbum *The dark Illuminati* de Coph Nia, as cenas se desenrolam da seguinte maneira. Uma imagem da Virgem Maria surge ao fundo, encenada por Eden Berlin. Ela porta sobre sua cabeça um ornamento que consiste de uma coroa ao centro e várias estrelas ao redor. Ela é a representação da Virgem. Seu semblante é do início ao fim de uma mulher resignada. Posteriormente, um salão escuro surge. Em cena está Eden e atrás dela uma grande imagem projetada que reflete sua face, já gravada anteriormente. A imagem de fundo e a imagem principal estão em constante diálogo, recurso cinematográfico de metalinguagem que permite a participação do espectador, mesmo que de forma imaginária, no processo de construção da narrativa fílmico-artística ao acrescentar outras narrativas de forma não linear. No centro dessa estrutura está Lukas Zpira que representa Jesus Cristo. Ele está deitado sobre um lençol branco, nu e com os braços abertos e pernas flexionadas. Seis ganchos perpassam seu abdômen. Zpira não pintou um quadro da ressurreição, ele mesmo estava nessa posição, pois a específica localização dos ganchos perpassados pelo abdômen é designada entre os modificadores radicais extremos como “ressurreição”. Logo após, a imagem de Berlin ressurgue com olhar compassivo voltado para cima.

Na imagem do salão Lukas Zpira começa a ser suspenso. No diálogo com a imagem do segundo plano, Eden Berlin inclina a cabeça aceitando condescendentemente a situação presenciada. Progressivamente os ganchos elevam Zpira da superfície. Suspenso a uma altura de aproximadamente um metro e meio, Berlin senta em uma poltrona colocada diante dele. A música arranja o clima na cena. Na imagem refletida de fundo, Eden Berlin está com as palmas

da mão unidas em posição de oração. Essa postura corporal é capaz de expressar recolhimento, devoção, confiança na fidelidade e disposição de seu destino nas mãos de Deus. O corpo de Zpira se aproxima dela e ela se prostra em sua direção, posicionando-lhe em seu colo. Ela se prepara para recebê-lo. Paralelamente, na tela de fundo Lukas Zpira surge portando uma máscara escura que tampa seus lábios e nariz. Ele insere duas agulhas americanas de aproximadamente 10 cm que perpassam as sobrancelhas de Eden Berlin. Após inserir a primeira ela fica imóvel com olhar fixo para a câmera. Uma segunda agulha é colocada. Ao mesmo tempo, no salão Zpira já está sobre as pernas de Berlin. O olhar de Eden expressa tristeza ao mesmo tempo em que serenidade. Berlin ajuda a posicioná-lo no chão, ainda preso aos ganchos.

Na exibição do vídeo, duas gotas de sangue caem dos olhos de Eden enquanto na sala principal ela vai em direção a ele e se prostra diante de seus pés, lavando-os e beijando-os. Posteriormente, se ajoelha, cobre seu corpo que está estendido no chão com um lençol branco e se move em direção ao seu rosto. Por fim, ajoelhada novamente, ela beija seus lábios, posiciona as palmas das mãos uma contra a outra, direciona o olhar para o alto e se deita ao lado do corpo. Tudo está consumado.

Sabemos que as atividades humanas se desenvolvam no nível do corpo, da matéria e do rito. Neste triplo desenvolvimento, um dos três aspectos geralmente é tido em proveito. Além das características dominantes, geralmente eles estabelecem entre si relações hierarquizadas nas quais, excetuada a dimensão dominante, um dos aspectos é simultaneamente fim de uma relação e meio para outra. A dimensão que prevalece no sistema exprime a finalidade principal deste. Sua organização comanda a auto *mise en scène* do conjunto. Entenderemos melhor essa explicação ao olharmos atentamente essa performance executada por Lukas Zpira e Eden Berlin. Na reprodução do ritual sacrificial de Cristo, o corpo é alinhado como uma relação, colocando em cena o duplo sentido dos rituais. Novamente ele surge numa encruzilhada onde se cruzam o âmbito do rito, do sacrifício e da arte, conferindo-lhe outra dimensão.

Uma característica marcante da maioria das performances desses *body performers* é o excesso trazido em cena propositalmente. A exacerbação de certas práticas aponta para uma realidade: não há limites para as possibilidades de afetação do organismo. Por essa razão, as performances implicam sempre o exagero e a crítica, criando a ilusão na audiência de que não

existem barreiras para ação. De outro lado, como já dissemos, elas se saturam rapidamente, demandando dos *body performers* práticas superiores, do contrário, elas são estereotipadas (JEUDY, 1998). Nessas apresentações, o objetivo primeiro é demonstrar a plasticidade corporal e explorar o que entendem ser a “falta de limites” para mexer no organismo através de exposições artísticas cada vez mais descomedidas.

Quando os artistas discorrem sobre suas performances, geralmente narram o sentido que desejam estabelecer por meio do ritual que tentam construir: a repercussão pública e o poder que as cenas possuem de desconstruir preconceitos. Não é trazido à tona o sentido inerente aos rituais. Para eles, as performances artísticas são um discurso sobre o mundo, são meios de interrogar fundamentos políticos, morais e sociais. Se o corpo é o analista da sociedade e meio para as relações (DOUGLAS, 2007), é nele que as orientações sociais devem ser questionadas. Portanto, as performances mostram o estado da alma dos artistas e visam desorientar os espectadores, incomodá-los, chocá-los, agredi-los ao tocar e fazer obras com a própria corporalidade.

Durante nossa entrevista, Zpira afirmou não ter tido a intenção de afrontar o Cristianismo, e sim trabalhar ideais artísticos. Por causa das questões tabus e blasfematórias colocadas em cena, ele se deu conta de que ela gerou mais repercussões do que esperava e, segundo ele, essa performance não reflete sua trajetória artística. O interesse foi unicamente provocar ao invocar o corpo como matéria-prima de criação de forma blasfematória.

O contexto sul-americano no qual estava inserido em razão de viagens artísticas teria conduzido à exploração dessa imagem: “*pour être honnête c’est plus une représentation visuelle et blasphématoire qu’une réflexion intellectuelle*”²⁶³. Como vemos nas imagens, Eden Berlin não possui modificações corporais, ao contrário, atua como modelo e apresenta um corpo que segue as normas de beleza atuais. Daí o interesse de interferir esteticamente em sua imagem, rompendo com a representação da Virgem Maria como branca, pura, limpa e sem marcas. Portanto, uma performance blasfematória, pois ambos estavam cientes do contexto religioso católico no qual estavam inseridos.

²⁶³ “Para ser honesto, é mais uma representação visual e blasfemadora do que uma reflexão intelectual”.

Nas performances o imediatismo das expressões e a aproximação com os participantes desdobram-se em efeitos contagiantes de expressão estética que são vividos em forma de intelectualização e reflexão em torno das ficções do mundo. Os comentários são sofisticados, partidaristas, as críticas são comuns após essas performances. Exige-se da audiência um atestado de quão desconcertante foram as cenas. Os artistas esperam que seja restituído todo esforço em forma de interpretação conceitual das aventuras dessas expressões refletidas e estratégicas. As excentricidades são encenadas publicamente a fim de questionar tabus, crenças e valores preponderantes, sobretudo religiosos. Ao mesmo tempo, a reapropriação da arte é uma forma de pertencimento grupal, sendo útil para finalidades pessoais. E é determinante como as expressões artísticas no próprio corpo têm sido vividas cotidianamente como marca de distinção²⁶⁴.

Criando diferentes rituais, os artistas estão convencidos de estar na posição de salvar o mundo moderno de sua fraqueza simbólica. Portanto, cada ritual criado torna o corpo o lugar para figuras e alegorias possíveis de uma transformação radical que estaria sempre caminhando no “bom sentido”, que seria a liberação das correntes dos tabus e da moral. A questão está em como os regimentos da sociedade, orientados por um sistema de valores, limita o corpo a um modelo específico representacional. Portanto, essas performances contemporâneas apresentam questões políticas. O efêmero é a categoria fundamental, todavia o ritual é experimentado como uma forma de promover demais sentidos. Além do objetivo de transgressão imediata, espera-se que elas se inscrevam no tempo como rituais que transformarão a forma como os indivíduos lidarão com a corporalidade no futuro, destarte, “*L’idée du corps comme dernier refuge de l’authenticité, cette idée-phare des années 60, semble avoir été remplacée dans l’imaginaire des années 90 par l’idée du corps comme support privilégié du faux, de l’artifice et du trucage qui dominent une société gouvernée par l’informatique, la génétique et l’industrie des images*”²⁶⁵ (FECK, 1996, p. 79).

²⁶⁴ Segundo Jeudy (1998), uma das inversões que ocorre por meio das performances deve-se ao fato do espectador não saber mais se as imagens que carrega do corpo são pertencentes à arte ou se a arte estaria impregnada no nosso imaginário corporal.

²⁶⁵ “A ideia do corpo como o último refúgio de autenticidade, essa ideia emblemática dos anos 60, parece ter sido substituída no imaginário dos anos 90 pela ideia do corpo como um suporte privilegiado de falsificação, de artifício e

Zpira teve inserido em seu corpo vários ganchos em profundidade e uma corda lhe foi perpassada, transformando sua pele na estrutura que suporta todo seu peso. Durante a performance, ele se encontra nu e é suspenso pelas cordas que penetram sua pele. Ao lado dele está a representação de Maria que assiste sua elevação e abaixamento através dos ganchos. O ritual, assim composto, apresenta um sentido determinante. É uma inversão paródica da relação entre o poder religioso e moral de legislar sobre o corpo e o poder do indivíduo de assumir livremente seu domínio e destino físico. A principal problemática concernente ao corpo na cultura ocidental se estabelece nessa representação: o corpo nu, exposto publicamente e suspenso por ganchos e cordas, é ideologicamente liberado dos valores que lhe foram atribuídos pela religião, sobretudo cristã. O corpo é o intermediário dessa relação onde os símbolos são feridos. Essa sobredeterminação do ritual não pode ser lida em si mesma a não ser por meio da parodização da produção ritualística.

Segundo Jeudy (1998) a exacerbação das práticas extremas é uma manifestação estética e visual imediata. A exteriorização possibilitada pela doação de si, da própria carne em cena, instiga a reflexão da audiência sobre o que está em jogo e sobre o que alguns chamariam de “ética do sofrimento”. Para o autor, na religiosidade cristã o sofrimento é a condição da sensibilidade e é reapropriado pelos *body performers* como um modelo às teorias filosóficas que desejam construir e reconstruir um novo humanismo moral. Este escaparia à banalização cultural e midiática. Assim, o sofrimento tanto como condição de sensibilidade e existência, posiciona o indivíduo como outro. Esse modelo ético contemporâneo reafirmaria que o que conta efetivamente em nossa sociedade é o imediatismo da experiência (JEUDY, 1998). Ao mesmo tempo, os corpos tabus representados se envolvem e se adaptam às novas tendências, porém sempre dentro dos limites daquilo que é lido como uma subversão, carnavalesco e blasfematório em relação às grandes transcendências sociais.

de efeitos especiais que dominam uma sociedade regida pela informática, pela genética e pela indústria das imagens”.

4.7 Suspensões: quando a dor não é sofrimento

Por meio da reprodução de um ritual e da exploração da dor, o artista busca romper a indiferença dos participantes, por isso que essas práticas corporais encontram sentido exclusivamente no compartilhamento público, gerando um sentido prático e amplo. Todavia, Judy (1998) está convencido de que apesar da árdua crítica feita aos tabus e à moral contemporânea, eles se tornam igualmente instrumentos de moralização, ainda que seja pela subversão. Toda exibição do corpo, seja pelas práticas artísticas ou não, vincula-se a criação infinita de uma linguagem cujos significados lhes são próprios. Cada ritual inventado articula um sistema de códigos possíveis, de onde advém a necessidade de recriá-lo constantemente, trazendo originalidade e buscando oferecer novos fundamentos que escapem à padronização e à estagnação inerente aos fenômenos ritualísticos. Acrescenta que as performances artísticas desse gênero demonstram que o ritual não pode ser lido enquanto prática coletiva já que sua configuração é definida por uma única, ou poucas, pessoas. Ao utilizar o próprio corpo, os artistas incorporam e orientam o sentido concedido pelos seus movimentos. Portanto, não são originalmente rituais coletivos. A performance se torna pública por causa de sua exposição e nisso consiste a reinvenção e reapropriação ritualística na contemporaneidade. O sujeito representa sua soberania ao mesmo tempo em que se nega pela expressão coletiva. Na base, é o artista quem confere e assegura o fundamento coletivo da prática e não pode fazê-lo a não ser exagerando na violência dos atos exibidos.

O arsenal de performances que desponta no círculo artístico autoriza incontáveis figuras, representações que impõem modos de expressão cada vez mais radicais. As performances são filmadas (bem como as que estamos apresentando aqui) e transferidas para um arquivo que será utilizado e repassado posteriormente pelo artista a fim de mostrar a diferentes audiências o ritual que foi colocado em cena, geralmente, uma única vez. A filmagem é a arma publicitária mantida e construída pelo ativista, apresentando-a regularmente. Do contrário, ele se torna invisível na cena pública, e esse não é o desejo de nenhum deles. Nas práticas artísticas corporais contemporâneas a exibição é um processo de mediação, por essa razão ela é facilmente desdobrada em mediação. Há três princípios articuladores: a exibição, o excesso de

visibilidade, a transparência e a conceitualização. A subversão do ato é um modelo que além de ser exposto deve se tornar “conceito” através da reflexão e incorporação de metalinguagens, escondendo as potenciais incongruências das apresentações. As performances abolem a temporalidade: passado, presente e futuro são colocados na mesma cena (JEUDY, 1998).

Um dos objetivos comuns nesses rituais artísticos é a metamorfose. Eles são apresentados como demonstrações que pretendem identificar “outro” corpo. Ao confrontar seu universo de sentido e de valores por meio da performance, o artista consegue pensar o mundo através da dor sentida. O mal físico, a dor, carrega em si um significado e a dimensão humana dos sentidos que são colocados em jogo em certas performances. Nas performances extremas a posição do indivíduo permite que ele a controle a dor física, ou seja, ela não é sentida deliberadamente nem manifesta em forma de sofrimento. A distinção entre dor e sofrimento é fundamental nas performances artísticas onde o corpo é o principal instrumento. Em *Expériences de la douleur : Entre destruction et renaissance* Le Breton lança luz ao sentido da relação entre dor e sofrimento. Ele trata da experiência da dor e como ela é experimentada pelos indivíduos e as implicações comportamentais daqueles que vivenciam tanto a dor quanto o sofrimento em diferentes contextos. Ao longo da obra, por meio de situações variáveis fonte de dor física (como nas enfermidades, sequelas de acidentes, torturas²⁶⁶) o autor relaciona dor e sofrimento ressaltando como algumas dores, além de não incluírem o sofrimento é um meio para busca do prazer e mesmo realização de si²⁶⁷. De forma ambivalente, tanto o prazer quanto o desabrochar individual são vividos como forma de construção pessoal.

Essa distinção é muito comum entre indivíduos que, ao realizar performances ou rituais individuais e coletivos, se suspendem em ganchos. Os entusiastas buscam o êxtase físico e a uma experiência “espiritual” de transcendência, que não está relacionada com espiritualidade no sentido religioso. Como entre a sensação e a emoção há uma percepção, a reflexividade e o sentido são atribuídos à dor por aquele indivíduo que a sente. Ele coloca sua afetividade em ação,

²⁶⁶ Lista não exaustiva.

²⁶⁷ A diferença principal da dor causada nas modificações corporais extremas e no masoquismo consiste no fato deste último buscar o prazer sexual e a produção do orgasmo.

ressignificando essa experiência que é imposta ao sujeito, e não à sua corporalidade já que a dor não pode ser limitada à fisiologia corporal, muito menos pode ser isolada no sistema nervoso do sujeito. Destarte, a dor é experimentada pelo sujeito que busca formas de ressignificá-la a fim de encontrar um sentido para ela. E quando a dor é auto-infligida, ela serve como um meio de *metamorfose* e de redefinição identitária. Em circunstâncias em que o indivíduo pode controlá-la por meio das experiências pessoais, treinamento e autoconhecimento, o sofrimento é insignificante. Nas situações de violência auto-impostas, nas suspensões corporais, o artista controla a medida da dor, administrando-a através de restrições anteriores às apresentações e do esforço mental no momento destas, sem permitir que a dor ultrapasse e seja vivida em forma de sofrimento.

Além disso, as suspensões corporais exigem técnicas corporais apropriadas e recurso aos sentidos para ultrapassar o sofrimento e manter a experiência somente no registro da dor. O indivíduo que vive a experiência precisa aprender os mecanismos de sensação e os sinais do próprio corpo à medida que a performance se desenvolve. Zpira compartilha sua experiência :

*Au commencement je rentrais dans un état de conscience quand je faisais des suspensions, tout en essayant de gérer la douleur, mais maintenant je connais ce mécanisme là et je sais comment jouer avec mon propre corps, avec mes propres limites. Je connais mon souffle. Par exemple, si je fais beaucoup de mouvements ça permet à mon corps de libérer des endorphines que est une drogue naturel, tu contrôles aussi comment tu va bouger, comment tu souffles. Dans un moment la douleur n'existe plus, c'est juste une autre chose et ton corps a un rapport complètement différent*²⁶⁸.

A dor escolhida pode ser controlada pela disciplina mental e corporal. O sujeito submete seu corpo a um trabalho específico, infligindo a si uma nova experiência pessoal por meio da dor que ele sabe poder eliminá-la no momento que desejar. Essas experiências abrem um caminho

²⁶⁸ “No início eu entrava em um estado de consciência quando eu fazia as suspensões, tentando administrar o problema da dor, mas agora eu conheço esse mecanismo e sei como jogar com meu próprio corpo, minhas próprias limitações. Eu conheço minha respiração. Por exemplo, se eu faço vários movimentos meu corpo vai liberar endorfinas, que é uma droga natural, aí você vai também monitorar como você vai se mexer, respirar. Em um momento a dor já não existe, é apenas outra coisa e seu corpo tem uma relação completamente diferente”.

para uma alteração de si num movimento que não demanda disciplina de vida, mas enfatiza o trabalho físico, psíquico e moral. Segundo Le Breton (2010a) a inscrição das marcações corporais e das suspensões são físicas e psíquicas, pois se associam ao medo da dor que pode resultar da prática, ocasionando uma temporalidade anterior e posterior ao sujeito. E moral por se tratar de uma decisão e ação que influencia outros, levando-os a questionar e alterar o olhar em relação ao social.

A suspensão é uma porta para exploração da condição humana, a porta de entrada a uma dimensão espiritual ou de iniciação, significando a importância da situação. A filosofia de que “sem dor não há ganhos”, é um elemento importante no contexto do comportamento de descoberta de si, efetivando uma experiência profundamente íntima que escapa às experiências religiosas tradicionais. A suspensão é um meio de exploração interior e a busca de uma espiritualidade íntima, pois está estritamente associada ao sentimento de existência e vivência real (LE BRETON, 2010a). Nela é necessário saber exatamente onde posicionar os ganchos para que o indivíduo possa permanecer suspenso por mais tempo e suportar a dor, para que possa se locomover como deseja e tentar movimentos inovadores ou que liberem mais endorfina. Isso demonstra como as suspensões devem ser organizadas para não abandonar o indivíduo no registro da dor.

O indivíduo aguarda por um momento pessoal de sacralidade pessoal e descobrimento de si. Os ganhos, ao ultrapassarem o órgão de contato que é a pele – a profundidade figurado do eu – atinge a interioridade, portanto, alcançam o sujeito tanto no sentido próprio quanto no figurado. Por essa razão, as suspensões conferem ao indivíduo a ilusão de retomar o controle do próprio corpo bem como de sua existência. Ao se configurar de outra forma, perfurando a própria carne num ato radical, a pele é penetrada e o interior alterado, e o indivíduo acredita tomar posse dos contornos de si. Assim sendo, elas são manifestações da reconquista de si e do desejo de abandonar sua velha identidade e assumir uma versão atualizada de si. Lukas Zpira conta o desejo de superar os próprios limites ao fazer as suspensões:

Ce que j'aime bien, c'est faire monter le niveau que je peux tolérer de plus en plus, jusqu'à plus que monter mon propre propos. Si tu sens toute la douleur, toutes ces choses, ça ne sera pas possible ! Mais le fait est que la question de l'endorphine, de

*l'esprit, à chaque niveau, tu peux monter assez loin. Et toute la sensation de la douleur a disparu complètement. Là, d'un seul coup tu es plus dans un rapport avec le dedans, avec ton esprit*²⁶⁹.

A intensidade dessa experiência causa o sentimento de renascimento e metamorfose. A experiência da dor faz o indivíduo romper com seus limites e alcançar uma consciência alterada. Na nossa primeira entrevista com Zpira ele afirmou sobre as suspensões que “*il y a quelque chose que m'a interpellé dans une expérience personnelle, c'est plus un jeu avec mes sensations, avec mes possibilités*²⁷⁰”. Eddy compartilha uma sensação semelhante:

*Pour moi, faire la suspension fut comme faire un saut de parachute. J'ai appris que ça existait, et que c'était intéressant, donc je me dis, bon je vais tester ! Cela a été concluant et du coup ça ma donné envie d'en faire d'autres mais je n'avais pas d'idée préconçu, pour moi ça a été bien. Après la suspension quelque chose a changé(...) Je cherche l'état de transe. Mais pour moi cette transe n'est pas pour un dieu, c'est pour moi*²⁷¹.

T. Angel contou a transformação experimentada após realizar suas modificações corporais e, principalmente, após as suspensões. Ele afirma sempre ter sido um garoto frágil que não se sentia bem em sua pele. Após ter ouvido falar das suspensões corporais em 1998, decidiu realizá-la em 2005. Ele disse que a lacuna temporal se deve ao conhecimento que necessitou adquirir para se convencer de que não haveria riscos fatais na suspensão. Após a primeira execução, ele confessou já ter podido romper com temores que tinha e com toda debilidade física da qual era “refém”:

²⁶⁹ “O que eu gosto é de elevar o nível que eu posso tolerar cada vez mais, até superar meu próprio propósito. Se você sentir toda a dor, todas essas coisas, isso não será possível! Mas a questão é a endorfina, a mente, em cada nível você pode ir mais adiante. E toda sensação de dor desaparece completamente. Nessa situação você está mais em um relacionamento com seu interior, com sua mente”.

²⁷⁰ “Há algo que me desafiou a uma experiência pessoal, é mais um jogo com minhas sensações, com minhas possibilidades”.

²⁷¹ “Para mim, fazer a suspensão foi como fazer um salto de paraquedas. Aprendi que isso existia e que era interessante, então eu disse, bem, eu vou testar! Isso foi bem sucedido e, de repente, me deu vontade de fazer mais, mas eu não tinha uma ideia preconcebida, para mim foi bom. Após a suspensão algo mudou (...). Eu busco um estado de transe. Mas para mim esse transe não é um deus, é para mim”.

Eu rompi medo de altura, rompi medo de agulha, descobri que meu corpo era muito mais resistente. Nunca tinha imaginado na minha vida que eu tinha essa força. Mas de tudo isso eu tive mais força, mais segurança, em tudo o que fosse fazer. Essas relações todas com o corpo me ajudou a quebrar tudo isso assim, eu precisava disso. A sua cabeça vai mudando. Tipo, e o primeiro ponto é que a suspensão corporal me ajudou a quebrar isso.

Esse é o “preço a pagar” para que o indivíduo garanta a continuidade de si. Ao se colocar à prova por meio da suspensão, o indivíduo encontra no corpo e na dor uma realidade que o vínculo social não forneceu. Aceitando o rigor dessas provas, ele busca uma forma de “salvação”, uma transformação do interior que não lhe agrada. Tendo em vista que corpo é a tela onde projetamos a identidade desejada, ou ao contrário, uma identidade insuportável que gostaríamos de nos despir, a dor deliberadamente escolhida pode funcionar como signo identitário. Por intermédio dela, a antiga versão de si é expulsa a favor de uma identidade mais forte e resistente. O controle da dor e dos significados de quem a suporta é benéfica, conduzindo à metamorfose. O resultado dessa experiência é a revelação de si, a descoberta de uma identidade até então desconhecida ou indesejada.

5 AS NOVAS VIAS DE ASSOCIAÇÃO DO HOMEM COM A TECNOLOGIA

Será que o homem pode se tornar o designer de seu próprio corpo e definir sua descendência em face do progresso das biotecnologias, nanotecnologias, tecnologias da cognição e da informação? A sociedade ocidental vive uma era na qual um amplo espaço para experimentos, em diversos níveis, é oportunizado. A associação da democracia às experiências são pilares numa “cultura de laboratório”, relacionada diretamente à inovação política. Há duas dimensões basilares no avanço técnico. A princípio, ele amplifica a ação humana autorizando a elaboração de um mundo no qual a metamorfose da natureza é privilegiada em proveito do âmbito artificial. Posteriormente, a tecnologia se converte numa expressão de incompletude, assumindo a forma de uma bolha protetora e os objetos se tornam um *alter ego* tecnológico (MUSSO, 2013). Conseqüentemente, somos confrontados a dois cenários. De um lado, o corpo técnico tem sua capacidade ampliada em virtude do acelerado desenvolvimento tecnológico, cuja única referência é o progresso. Do outro, a reprodução e a multiplicação de seres artificiais, virtuais e híbridos duplicam a identidade humana por meio da gênese de avatares, robôs, humanoides e ciborgues.

*Ajouter des techniques au corps, c'est lui adjoindre toujours plus d'images, afin précisément d' "incarner" les utopies techniques. L'enjeu est d'effacer les frontières homme/machine, de susciter le rêve de leur hybridation et de naturaliser des techniques en les incarnant. Certes, le corps est comparé à un automate et le robot sera son compagnon "sensible" ou l'avatar un alter ego, mais, en retour, il offre la possibilité de naturaliser les techniques*²⁷². (MUSSO, 2013, p. 124)

Os *body hackers* desejam mostrar que as técnicas, quando integram o corpo, podem se tornar um elemento tão natural, tão “biológico” quanto ele próprio. Essa associação e seu processo de “naturalização” faz parte da constituição corpórea para cada um dos indivíduos, pois

²⁷² “Adicionar técnicas ao corpo, é adicionar a ele mais imagens, a fim precisamente de ‘encarnar’ as utopias técnicas. A questão é eliminar as fronteiras homem/máquina, e inspirar os sonhos de sua hibridação e naturalizar as técnicas pela sua incorporação. Sem dúvidas o corpo é comparado a um autômato e o robô será seu companheiro ‘sensível’ ou o avatar alter ego, mas, em contrapartida, ele oferece a possibilidade de naturalizar as técnicas”.

se torna mais um elemento dessa equação. No contexto atual não existem fronteiras estáveis entre as relações humanas e técnicas, e o corpo (técnico porque já teria incorporado às entidades inorgânicas em sua existência no mundo) é o ponto de análise desse mundo em vias de ser refeito pela inovação tecnocientífica. No capítulo anterior, demonstramos em que consistem as concepções e desígnios de indivíduos que aspiram e lutam em prol da mecanização do organismo. Numa perspectiva *underground*, eles hibridizam formas orgânicas e inorgânicas com objetivo primeiro de transpor suas fronteiras físicas. A múltipla estrutura discursiva se deu tanto em razão do vasto potencial de transfiguração do corpo no fluxo de propagação das técnicas quanto ao interesse por seu exponencial florescimento.

A criatura artificial ciborgue, que serve de referência à mitologia de ficção-científica e permeia o imaginário social como um representante meio homem, meio máquina, doravante assume outra interface, que se justifica em termos de reflexão sociológica. Seu poder heurístico engendra transformações na compreensão das questões levantadas a respeito da projeção do futuro humano, a despeito das diferenças culturais. Besnier (2013) questiona como poderíamos compreender o poder instaurador da tecnologia nas vidas e mentes dos nossos contemporâneos, pois na medida em que os sistemas de valores e crenças sobre a regulação do humano são perturbados (na presença de profundas interações orgânicas e inorgânicas, inovadoras e imprevisíveis) um processo tênue de transformação representacional sobre a definição identitária do ser humano começa a se estabelecer.

Tanto o discurso científico - que visa restaurar o homem normativamente- quanto a prática científica - que acrescenta ao organismo habilidades outrora desconhecidas - colocam a essência do humano²⁷³ numa encruzilhada na qual ela é disputada por todos os lados. A inexistência de um quadro referencial para o desenvolvimento tecnocientífico abre um mundo infundável de alternativas de exploração física no qual a única referência é o progresso. As implicações individuais e coletivas são geralmente colocadas de lado. O que importa é que o corpo seja

²⁷³ A existência desse ser temporal que é o homem está ligada à essência do corpo e do mundo, tal como definiria Merleau-Ponty (2008), pois a existência do indivíduo só é possível de forma una com seu corpo e com o mundo.

reconstruído, retrabalhado e remodelado. Sensações inéditas, até então desconhecidas aos sentidos, constituem a nova paleta de opções perceptivas. Ao ter sua natureza absolutamente metamorfoseada, o corpo biológico se vê diante de uma séria de ampliações físicas e que não implicam necessariamente o aperfeiçoamento da sua existência.

As práticas específicas *body hacker*, descritas ao longo desse capítulo, retomam o processo de indefinição e compartilhamento desse mesmo espaço virtual no qual a matéria inanimada é deliberadamente associada à matéria viva (e tratada igualmente). No cerne dessas práticas o almeja-se ultrapassar as fronteiras biologicamente estabelecidas, e naturalizar a técnica para enriquecer o universo corpóreo. A essência do homem é transpassada por essa variedade de tecnologias que sustentam o caráter plástico de sua carnalidade; tal imagem é plausível no contexto médico-científico que persegue a perfeição física, a eliminação da morte e o abandono de tudo que é visto como oposto à integridade física. À primeira vista, nada condena que o mesmo conhecimento seja reapropriado individualmente para cumprir outros interesses não previstos pelos cientistas, como sua utilização lúdica.

Nas ilustrações que se seguem alguns indivíduos não alegam pertencimento ao *Body Hactivism*, todavia suas ideologias são evidentemente enquadradas na tendência *body hacking*, *grinders* e *self-made cyborgs*. Os dados aqui reunidos fazem parte da observação participante e da etnografia virtual. Incontáveis informações podem ser encontradas no espaço virtual. Por meio de diferentes tutoriais, qualquer curioso pode aprender como operacionalizar procedimentos, obter informações sobre onde e quais materiais comprar, atualização dos componentes, erros comuns, benefícios e riscos que cada método apresenta. Esses “manuais de instrução” são acompanhados, por vezes, de discursos arrojados sobre o processo evolutivo humano e a tomada de decisões para controlá-lo. O conhecimento científico é fonte de inspiração e legitimidade para tais atividades. Essas experiências não têm caráter verificador; foram instituídas como *valor em si*, devendo ser minuciosa e criticamente consideradas como tijolos que constroem a realidade social (TIBON-CORNILLOT, 2011).

Não obstante, esse capítulo discute como os *body hackers* lidam com o corpo e os elementos externos (próteses e implantes). Não nos preocupamos com a forma que o corpo reconhece os dispositivos, ao invés, como o corpo sintoniza, interage e é moldado na prática, na

experiência vivida. Portanto, não discorremos sobre diferentes perspectivas ou representações do corpo, e sim de como ele é feito no mundo, constituído por meio das ações. Como o corpo é criado e conceitualizado pelas associações técnicas diferentes? Em cada movimento focado o corpo é atuado e afetado distintamente (LATOURE, 2004). A concepção de corpo é quase sempre mobilizada diversamente, demonstrando que nem seus elementos nem suas fronteiras são estáveis, e que aquilo que pensamos ser um elemento singular pode ser mais do que um (MOL, 2002).

5.1 O microchip eletrônico utilizado em seres humanos

Kevin Warwick é sem dúvidas o representante ciborgue mais conhecido quando falamos da relação deliberada e experimental do homem com a tecnologia. Professor e pesquisador de cibernética da renomada Universidade de Reading, Inglaterra, Warwick se tornou notório em 1998 ao desenvolver um experimento de cunho científico e lúdico. Seu projeto *I Cyborg*²⁷⁴ foi amplamente divulgado por seu laboratório de pesquisa e atraiu interesse da mídia²⁷⁵. A proposta inicial consistiu no implante de um microchip RFID em seu antebraço. Essa microcápsula de vidro, com 23 milímetros de comprimento e três milímetros de diâmetro, continha uma bobina electromagnética, um número de chip de silício e uma cápsula de vidro. Em sua forma mais simples, tal dispositivo transmite por rádio uma sequência de impulsos que representam um número único. O número pode ser pré-programado para atuar da mesma forma que um número PIN de um cartão de crédito. Com este implante o código pode ser verificado pelo computador e a identidade do usuário revelada.

Um implante RFID não tem bateria própria. Ele possui uma pequena antena que capta energia remotamente quando passa perto de uma bobina de fio que transporta corrente elétrica, que é utilizada para transmitir o sinal de rádio particularmente codificado no microchip. Tendo em vista que não há nenhuma bateria, ou qualquer parte móvel, o implante não requer

²⁷⁴ Disponível em: <http://www.kevinwarwick.com/Cyborg1.htm>, acesso 10 de maio 2014.

²⁷⁵ Disponível em: <http://www.kevinwarwick.com/interviews.htm>, acesso 10 de maio, 2014.

manutenção - uma vez que foi implantado, salvo seja rejeitado, ele pode ser deixado indefinidamente no corpo (WARWICK, 2013).

Warwick afirma ter sido o primeiro humano a ter implantado o microchip RFID. A inserção ocorreu no dia 24 de agosto de 1998. Ele escolheu o braço esquerdo devido à incerteza do sucesso do experimento. Se este não funcionasse adequadamente, seria possível que ele se movimentasse em qualquer lugar até que um sinal mais forte fosse transmitido. Warwick afirma ser curioso como a maioria dos implantes RFID presentes atualmente em humanos estão localizados em locais mais ou menos semelhantes (braço ou mão esquerdos), ainda que essa não seja uma exigência. Ele lembra a nova versão do filme de James Bond, *Casino Royale*, cujo próprio ator teria um implante no braço esquerdo (WARWICK, 2013).

O teste de Kevin Warwick foi configurado da seguinte forma: quando o sinal de frequência de rádio fosse transmitido para o microchip, a bobina geraria uma corrente elétrica que, por sua vez, conduziria os circuitos de chip de silício e transmitiria um sinal de 64 bits. Por ter sido previamente conectado a um receptor capaz de capturar esse sinal, Warwick seria instantaneamente relacionado a uma rede integrada inteligente que responderia aos seus comandos. A integração desse sistema ao microchip viabilizaria o reconhecimento do código que responderia ativando os dispositivos que haviam sido espalhados no Departamento de Cibernética da Universidade de Reading.

O implante RFID permitia que as portas se abrissem e fechassem, e que as luzes se acendessem e se apagassem. Seu computador pessoal reagia à sua presença comunicando-lhe mensagens em sua caixa de emails, conectando-se às suas páginas virtuais favoritas e, quando ele se aproximava uma doce voz feminina dizia: “*Hello, Professor Warwick*”²⁷⁶. Muitas outras funções teriam sido possíveis de acordo com a configuração técnica do microchip e a preparação do ambiente para reconhecer os estímulos do código. Apesar de ser um empreendimento à primeira vista espetacular, houve limitações interativas. Em face do desafio da aceitação da ruptura das fronteiras internas e externas da corporalidade, poderíamos questionar se os efeitos

²⁷⁶ Disponível em: <http://edition.cnn.com/TECH/computing/9901/14/chipman.idg/>, acesso 10 de maio 2014.

obtidos não teriam sido equivalentes a carregar consigo um dispositivo externo com etiqueta de reconhecimento. Entretanto, o elemento fundamental dessa experiência seria o caráter especulativo do projeto, pois Warwick está convencido de que a fusão do homem com a tecnologia e a interação de ambas com o ambiente é uma idealização que já escapa os limites da ficção-científica.

Até aquele ano não constava nenhuma informação de implante de microchip em seres humanos, pois estes só teriam sido autorizados pela *Food and Drug Administration* nos Estados Unidos em 2004, quando Warwick já teria levado a cabo experimentos subsequentes. Além disso, sua iniciativa conveio como incentivo para outros. Não foi pelo fato de ter sido realizado por cirurgiões que o experimento não apresentou riscos. Apesar de Warwick não ter relatado nenhum inconveniente sério, estava ciente de que este material poderia se romper no interior de seu corpo, gerando consequências graves ao nível da saúde. Por essa razão, ele planejou que o implante permanecesse no máximo nove dias. Ele compartilhou que a sensação gerada após ter tido seu implante removido foi como a amputação de um membro, pois a incorporação desse objeto se tornou parte integrante da sua existência no mundo.

O relato de Warwick sobre sua experiência com o microchip é uma demonstração de como ela irrompe e transcende o objeto. Sua experiência só é possível dentro de um quadro e de certa configuração que é sua própria definição de corpo e do conhecimento de mundo que é conferido através dele. O sentimento de pertencimento e perda foi vivido a partir desse ponto do vista de ator que estava aberto para o mundo da percepção, logo, da comunicação e da comunhão com o ambiente. Essa experiência perceptiva gerada do hibridismo com uma técnica implicou a expansão de seu campo de presença no espaço, sem exceder a estrutura essencial do objeto que não é nada em si se não for articulado com a existência individual. Ao mesmo tempo, o corpo pode estar implicado nessa experiência sem se tornar objeto dela.

Em *Cyborg morals, cyborg values, cyborg ethics* ele descreve:

The biggest surprise for me during the experiment was that I very quickly regarded the implant as being "part of my body." Indeed this feeling appears to be shared by most people who have a cochlea implant, or heart pacemaker. In my case though there was also a computer linked to my implant and because the computer was making things happen I quickly became attached, emotionally to the computer as well. Subsequently, when the implant was removed, on the one hand I felt relieved because of the medical

*problems that could have occurred, but on the other hand something was missing, it was as though a friend had died*²⁷⁷. (WARWICK, 2003, p. 134)

Segundo Warwick (2003) a intrincada relação entre elementos orgânicos e inorgânicos se agrava quando se trata da fusão e aperfeiçoamento entre o estado mental do indivíduo em relação à tecnologia. Nesse caso, ele não se refere somente aos componentes tecnológicos internalizados, mas a dispositivos que atuam e estão ligados diretamente ao cérebro ou ao sistema nervoso. Segundo Warwick, o desafio é impedir que essas conexões alterem a autonomia individual, *“Connections between technology and the human nervous system not only affect the nature of the individual, raising questions as to the meanings of ‘I’ and ‘self’ but they also directly influence autonomy*²⁷⁸” (WARWICK, 2003, p. 131-132). Enquanto componentes extrínsecos podem ser facilmente removíveis conferindo soberania aos indivíduos, aqueles acoplados ao sistema nervoso comprometeriam essa aptidão.

A fusão desses dois elementos de natureza heterogênea autoriza que reformulemos as críticas clássicas das dicotomias ocidentais. A figura do ciborgue, como bem sabemos, é a alegoria de duplas posicionadas umas em oposição às outras. O que acontece no encontro entre essas duas entidades? Em razão da origem distinta os contrários se encontram, mas não se fundem nem se confundem, continuam sendo híbridos e participam de uma relação estreita onde artifício e reprodução estão amalgamados. Porém, essa reunião levanta a seguinte questão: até onde o corpo e a tecnologia podem se fundir? Dessa fusão, qual corpo é criado se aquilo que foi tecnicamente elaborado se associa de forma tão profunda a unidade mais natural e essencial que compõe o humano?

²⁷⁷ “A maior surpresa para mim durante o experimento foi que eu muito rapidamente considerei o implante como sendo ‘parte do meu corpo’. Na verdade, este sentimento parece ser compartilhado pela maioria das pessoas que têm um implante de coclear, ou marca-passo. No meu caso, apesar de ter também um computador ligado ao meu implante e porque o computador estava fazendo as coisas acontecerem rapidamente, eu fiquei ligado emocionalmente ao computador também. Posteriormente, quando o implante foi removido, por um lado eu me senti aliviado por causa dos problemas de saúde que poderiam ter ocorrido, mas por outro lado, faltava alguma coisa, era como se um amigo tivesse morrido”.

²⁷⁸ “As ligações entre a tecnologia e o sistema nervoso humano não só afetam a natureza do indivíduo, levantando questões quanto aos significados do ‘eu’ e do ‘self’, mas eles também influenciam diretamente a autonomia”.

Na revista *Wired* Warwick interpreta como fatalidade ter nascido humano: *“I was born human. But this was an accident of fate - a condition merely of time and place. I believe it’s something we have the power to change”*^{279 280}. Ao explicar sobre o projeto ciborgue, Warwick defende que as máquinas possuiriam inteligência superior à dos humanos. Para Warwick, tendo em vista o acelerado progresso das tecnologias convergentes, o homem seria capaz de se tornar um ciborgue conectado a elas. O discurso de Warwick se constrói em cima da ideia pós-humanista de que o homem aumentaria suas competências, atualmente limitadas, substancialmente e coabitaria com a inteligência artificial (IA) até o momento de se criar uma IA mais inteligente que ele próprio. Ele observa *“Humans sense the world in a restricted way, vision being the best of the senses. Humans understand the world in only 3 dimensions and communicate in a very slow, serial fashion called speech. But can this be improved on? Can we use technology to upgrade humans?”*^{281 282}. Warwick fragmenta o corpo numa série de partes para compará-lo com a máquina, esse conjunto de peças que constitui um sistema. Para ele, o corpo se limita a elementos mais ou menos eficientes que funcionariam por princípios mecânicos, abstando o fato do corpo humano ser controlado por uma mente, diferentemente das máquinas, fato que lhe concede autonomia.

A pós-humanidade possui representações multiformes, tendo em comum, em todas as figuras o aperfeiçoamento cognitivo e biológico do ser humano (LESTEL, 2013). Para Warwick, o aperfeiçoamento dessas capacidades se situaria nos diversos ramos da tecnociência, e seria essencial que os indivíduos acelerem o que chama de “atualização humana”. Esse processo começaria por experimentos científicos conduzidos em si mesmo a fim de concretizar o projeto de se tornar totalmente ciborgue. De acordo com Kevin Warwick, seriam os robôs e humanoides os próximos a deliberar sobre o futuro da humanidade. A fronteira entre os humanos e as

²⁷⁹ “Eu nasci humano. Mas isso foi um acidente do destino - uma condição apenas de tempo e lugar. Eu acredito que é algo que nós temos o poder de mudar”.

²⁸⁰ Disponível em: <http://archive.wired.com/wired/archive/8.02/warwick.html>, acesso 10 de maio, 2014.

²⁸¹ “Os seres humanos sentem o mundo de uma forma restrita, a visão sendo o melhor dos sentidos. Os seres humanos entendem o mundo em apenas três dimensões e se comunicam de uma forma muito lenta, uma moda de série chamada discurso. Mas isso pode ser melhorado? Podemos usar a tecnologia para melhorar os seres humanos?”.

²⁸² Disponível em: <http://www.kevinwarwick.com/ICyborg.htm>, acesso 10 de maio, 2014.

máquinas, afirma Warwick (2003), seriam inconsequentes, pois teriam sido as elaborações históricas, filosóficas e sociais os verdadeiros agentes que teriam estabelecido as fronteiras entre os objetos e seres humanos. Será que Warwick pensa que essa mudança de paradigma será a mesma que ocorreu do teocentrismo para o humanismo, e agora em direção ao “tecnocentrismo”, onde as máquinas seriam o centro de referência para ações? Ao mesmo tempo em que antecipa essas transformações, Warwick sublinha a necessidade de se pensar sobre o que pode ser feito para proteger os homens do despotismo das máquinas, porém, sem apresentar nenhuma conclusão. Aliás, adiantamos que esse não é seu interesse. Ele prefere agilizar essa fusão ao invés de priorizar qualquer reflexão sociológica sobre o assunto.

O implante RFID foi somente a primeira empreitada coordenada pelo pesquisador. Outra demonstração que visou desconstruir as fronteiras entre o corpo e componentes eletrônicos foi realizada em 2002. Na segunda fase do seu projeto de auto-ciborguização, uma interface com um conjunto de 100 microeletrodos individuais foi implantada no nervo mediano de seu braço esquerdo²⁸³. O procedimento cirúrgico durou mais de duas horas e foi realizado por uma equipe de médicos da Enfermaria de Oxford. Essa grade em miniatura permitiu que ele controlasse outros dispositivos de forma mais ampla do que com o microchip, tais como cadeiras de rodas elétricas e uma prótese inteligente de mão artificial. O implante lhe conferiu um retorno sensitivo que, a partir daquele momento, pôde desfrutar da sensação artificial criada pelos eletrodos por intermédio da interação com outro implante do mesmo tipo implantado de igual modo no braço de sua esposa. O retorno sensorial foi possível em razão de uma conexão realizada em seu sistema nervoso, conferindo-lhe a possibilidade de reconhecer os movimentos realizados por ela.

Esse não é o primeiro episódio no qual o sistema nervoso é ligado a computadores por meio de implantes. No campo de atuação da neurologia podemos citar os trabalhos que têm sido desenvolvidos pelo Dr. Ross Davis, que tem tratado de pacientes cujo sistema nervoso foi danificado, utilizando tecnologia semelhante à de Kevin Warwick. Podemos citar também o professor e neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis. Dos vários projetos desenvolvidos por sua

²⁸³ Disponível em: http://www.kevinwarwick.com/the_neural_interface.htm, acesso 11 de maio, 2014.

equipe de neurocientistas, consta aquele que possibilitou um tetraplégico que portava um exoesqueleto dar o pontapé inicial numa bola, inaugurando a abertura da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. O exoesqueleto é um suporte corporal que envelopa o corpo do indivíduo restaurando parte dos movimentos perdidos através de estímulos cerebrais²⁸⁴. Nesse processo, o exoesqueleto identificou instantaneamente os sinais cerebrais do usuário, que respondeu chutando a bola. O que na prática consistiu num pequeno deslocamento físico para o usuário, treinado durante inúmeras sessões de reabilitação, significou uma possibilidade de restaurar movimentos perdidos de deficientes em sincronia com as conexões cerebrais.

A criação de próteses que respondem a estímulos cerebrais não foi invenção dessa equipe, porém ganhou maior notoriedade por causa do contexto em que foi utilizada²⁸⁵. Pesquisas sobre interface cérebro-máquina²⁸⁶ têm revolucionado o mundo das neuropróteses. A comunidade científica aponta resultados moderados, porém animadores, que preveem um futuro no qual as funções físicas danificadas poderão ser reestabelecidas. A concretização desse passo mostra como próteses e sistemas computacionais manipulados pelo pensamento são narrativas do presente. As pesquisas desenvolvidas possuem o objetivo de restauração de movimentos que por razões diversas foram em algum momento descompensadas. Do mesmo modo, inaugura um campo onde indivíduos podem se valer das mesmas conexões e explorá-las diversamente. A fronteira entre a ciência que cura e a que aumenta a capacidade física é tênue. Ao representar a possibilidade de superar as fronteiras físicas ou substituir aquelas danificadas para restabelecer as

²⁸⁴ Os exoesqueletos são sinais de que a robótica e a medicina são capazes de transformar homens em ciborgues. Com o tempo, esses “robobres” irão atuar além do nível senso motor, eles podem ter características de comunicação próprias aos seres humanos.

²⁸⁵ Disponível em: http://www.pourlascience.fr/ewb_pages/a/article-des-protheses-pilotees-par-la-pensee-30708.php, acesso 11 de maio, 2014.

²⁸⁶ Ou *Brain-Machine-Interface*, uma interface que utiliza uma combinação de sinais cerebrais para controlar máquinas, computadores ou próteses. As pesquisas nesse campo têm sido frutíferas. Inicialmente o objetivo é restaurar funções perdidas de indivíduos deficientes que perderam (ou nasceram) sem os movimentos totais ou parciais do corpo e que, por isso, possuem uma vida limitada. Desse desenvolvimento, é possível utilizar a mesma tecnologia para interagir no espaço lúdico, especialmente como um controlador de vídeo game para interagir na realidade virtual. Por exemplo, na performance que visava explorar a relação da tecnologia por meio da sexualidade virtual apresentada no capítulo anterior, Yann Mihn se valeu dessa mesma interface, numa versão mais simples, para iniciar a interação com o estimulador que estava em direção ao corpo de Silvie Mexico.

normas corporais, alimentam-se outras possibilidades de interação comportamental com a técnica e o ambiente.

Visando fornecer funções extraordinárias à natureza corpórea, o mesmo Laboratório da Universidade de Duke, sob direção de Miguel Nicolelis, Eric Thompson e Rafael Carra, publicou um artigo na revista *Nature Communications* relatando resultados de um experimento bem sucedido. Indo além da restauração de funções físicas perdidas, esse projeto experimental dá indicações da possibilidade de aumentar a capacidade sensorial de um ser vivo. Neste, alguns ratos tiveram microeletrodos implantados em seus cérebros e posteriormente foram conectados a detectores de luz infravermelha. Os ratos identificaram a luz infravermelha, adquirindo o que Eric Thompson, principal responsável pelo projeto, definiu como “sexto sentido”. Thompson afirma que o mais importante nessa pesquisa foi o fato da área original do cérebro não ter sido afetada (ROSA, 2013).

Estudos acadêmicos sobre indivíduos que implantaram microchips são escassos. As informações são encontradas aqui e acolá em websites, artigos de jornais, entrevistas e fóruns de discussão, através dos quais os aficionados por tecnologia compartilham suas experiências. Dessas fontes, podemos descobrir muitas novidades, como a do ativista norte-americano, Amal Graafstra. Graafstra é proprietário de diversas companhias de tecnologia e telefones portáteis na cidade de Bellingham, Washington. Seus experimentos com componentes eletrônicos, sobretudo, o implante RFID em 2005, pouco após as experiências de Kevin Warwick, foram amplamente divulgadas. Graafstra é conhecido na internet como o mais proeminente *hobbyist microchip implantee* (IP, MICHAEL, MICHAEL, 2008). Esse termo, bem como *grinders*, *body hacker* e *self-made cyborg*, é utilizado para se referir a indivíduos que, por passatempo, curiosidade e lazer, desenvolvem e utilizam tecnologias *underground* capazes de aprimorar as capacidades do corpo humano. Amal Graafstra (GRAAFSTRA, 2007) afirma sempre ter se interessado pelas possibilidades de recreação que a tecnologia pode oferecer. Foi durante atividades cotidianas no trabalho, onde precisava transportar grande quantidade de chaves, que teria surgido a ideia de utilizar a tecnologia do microchip para facilitar suas atividades diárias. Apesar de ter buscado por algo funcional, ele garante que se não se tratasse ao mesmo tempo de um instrumento lúdico, seu interesse pela empreitada teria reduzido, haja vista poder obter resultados semelhantes com um

sistema biométrico - método de autenticação que tem se tornado cada vez mais popular uma vez que possibilita identificação segura a partir de dados fisiológicos. O sistema biométrico consiste no armazenamento de dados biológicos individuais e na sua posterior autenticação. Graafstra afirma ter achado menos divertido e mais cara tal empreitada, comprometendo a filosofia *body hacker* de tecnologia disponível para todos. Além disso, o hábito de trabalhar com engenhocas, montar e desmontar peças eletrônicas e a simpatia por modificações corporais²⁸⁷ teriam sido fatores determinantes para o sucesso do implante. Na entrevista concedida ao site *BMEzine* em 2005, ele narra como foi despertado para o procedimento:

*So I was sitting around thinking about keys and credit cards, and the obvious truth that these chunks of metal and pieces of plastic were really representing me and basically identifying me to whatever mechanisms and systems they worked with, be it my front door deadbolt or my bank account. I basically just wanted to get rid of my keys and wallet*²⁸⁸ (GINSBERG, 2005).

Para Graafstra, inserir uma tecnologia no próprio corpo é um modo de conjugar elementos que representam sua identidade numa unidade física, conseqüentemente gerando unidade de elementos e de sentidos. Em consequência, ele altera radicalmente sua forma de agir, sentir e compreender o mundo.

Querendo encontrar novas possibilidades de interação com objetos do espaço doméstico, incluindo seu carro, Graafstra implantou o microchip R.F.I.D na mão esquerda. Ele detalhou o procedimento. Segundo ele, ordinariamente o microchip seria implantado através do uso de uma seringa, porém não teria conseguido encontrar no mercado uma agulha adequada ao tamanho do microchip que havia montado, por conseguinte a opção foi utilizar o bisturi. Todos os instrumentos utilizados estavam em embalagens estéreis e seladas. O microchip e suas mãos foram desinfetados. Uma anestesia local foi aplicada. O microchip foi removido do líquido

²⁸⁷ Disponível em: <http://news.bme.com/wp-content/uploads/2008/09/pubring/presenttense/20050330.html>, acesso 11 de maio, 2014.

²⁸⁸ “Então, eu estava sentado pensando sobre chaves e cartões de crédito, e a verdade óbvia é que esses pedaços de metal e pedaços de plástico estavam realmente me representando e, basicamente, me identificando com quaisquer mecanismos e sistemas com os quais trabalhei, seja ele o cadeado da porta dianteira ou a minha conta bancária. Basicamente, eu só queria se livrar de minhas chaves e carteira”.

desinfetante e inserido na abertura feita com o bisturi; logo depois, posicionado entre a pele e os músculos. Ele sublinhou o risco eminente do microchip migrar para outras partes do corpo, reduzindo seu potencial de leitura. Foi utilizada cola cirúrgica para fechar a superfície aberta pela microcirurgia, que além de fechar grande extensão de pele deixa marcas de incisões pequenas. Para finalizar, algumas fitas esterilizadas foram colocadas sobre sua pele. Quando o procedimento findou, disse ter chegado à conclusão de que o corpo é um objeto utilitário, um conjunto de partes:

As for the implant, it was odd feeling it being pushed under the surface of my skin. Without feeling pain, I was able to really get a feel for just how utilitarian our bodies actually are and how separate everything is — how separate the skin layer really is from the muscle layer under it. It really is just a rubbery protective coating. Complex and amazing, but far less mysterious to me now²⁸⁹.

Ele pressupõe o corpo como fragmentado, não uma unidade orgânica e inalterável. Isto traz uma dimensão emancipatória, pois sua objetificação elimina as fronteiras reais entre interior/exterior, representando ao mesmo tempo uma ameaça à integridade corporal e à percepção do corpo como totalidade orgânica. Mas esses objetos são percebidos como representantes de sua pessoa, portanto podem ser inseridos sem nenhuma dificuldade no corpo para estabelecer outra “unidade corporal”. Na atividade perceptiva o corpo se comporta como um esquema físico (-precisando fornecer tanto unidade de sentidos quanto do organismo), portanto Graafstra engloba e unifica tanto seus membros quanto os objetos em sua unidade vivida.

Sua experiência teve grande repercussão nas redes sociais. Não se pode ignorar o interesse comercial suscitado nesse contexto, ao nível coletivo individual e empreendedor de alguns *body hackers*. Acompanhado de certo proselitismo, um ano após esse primeiro experimento ele escreveu o livro *RFID Toys*, no qual delineou a motivação para o procedimento e explicou didaticamente sua execução sem auxílio de especialistas. Descreveu outras formas de utilizar essa

²⁸⁹ “Quanto ao implante, foi uma sensação estranha ele estar sendo empurrado para debaixo da superfície da minha pele. Sem sentir dor, eu era capaz de realmente ter uma ideia de quão utilitário é nosso corpo realmente e como tudo é separado – quão separada a camada de pele é realmente da camada muscular sob ele. É realmente apenas uma camada protetora de borracha. Complexo e surpreendente, mas muito menos misterioso para mim agora”.

tecnologia em casa e no trabalho. O lado recreativo, de acordo com Amal Graafstra, seria compartilhar dessas experiências com outras pessoas, criando novas formas de interação social. No livro demonstra os tutoriais detalhadamente. Na internet, também se envolve em conversas com outros *body hackers*, possui uma página de perguntas e respostas para sanar de uma só vez as questões que surgem frequentemente da parte dos curiosos. Não demorou muito para que diferentes jornais e revistas expusessem e questionassem as possíveis implicações sociais de sua trajetória.

Outra iniciativa individual em matéria de implantes de microchips é do inglês Jonathan Oxer. Ele é um exemplo de interação estreita com a tecnologia, ele concebeu um sistema doméstico interconectado ao microchip. Em 2006, ele implantou no braço esquerdo o microchip RFID. Sempre que posiciona seu braço em um digitalizador situado na entrada de casa, a porta se abre. Não satisfeito, ele elaborou um processador interconectando toda casa e que pode ser controlado remotamente pelo computador ou celular. O site australiano *The Sidney Morning Herald*²⁹⁰ publicou uma galeria de fotos com diferentes ambientes adaptados de sua casa. Tendo em vista que esse implante é empregado para identificação de animais, vários digitalizadores podem fazer a leitura do microchip. Portanto, o que Oxer fez foi instalar esse pequeno leitor de microchip na porta da residência. O computador, sincronizado com o leitor, decifra as informações e abre a porta. Uma plataforma de prototipagem eletrônica arduíno²⁹¹ é empregada para estabelecer a interação entre os diferentes objetos da residência que estão sempre conectados ao computador central. A plataforma utilizada por Oxer, que pode ser ligada ao computador por meio de uma entrada USB não custa mais do que quarenta dólares. Nas paredes da casa, foi necessário colocar controladores adaptados e interconectados ao computador. Nessa rede integrada de controladores, plataformas eletrônicas, leitores de códigos de radiofrequência, há espaço também para uma campanha desenvolvida para fotografar e enviar a imagem por mensagem ao celular do proprietário. Seguindo a mesma lógica, sua caixa de correios o notifica

²⁹⁰ Disponível em: <http://www.smh.com.au/photogallery/2008/03/03/1204402351332.html>, acesso 12 de maio, 2014.

²⁹¹ Arduíno é uma plataforma de prototipagem *open source* de fácil manuseio e geralmente utilizada por pessoas que desejam criar dispositivos interativos.

por mensagem de celular e email quando algo foi recebido. Ozer é sem dúvidas uma ilustração do desejo de controlar diferentes componentes do entorno por meio da tecnologia integrada ao corpo. Um notório *body hacker* para quem a síntese corporal abrange dispositivos originais e convenientes e teria o corpo como meio para se conectar ao mundo.

Considerando que os profissionais da saúde, tais como médicos, enfermeiros, cirurgiões, não aceitariam realizar esse tipo de procedimento, a não ser por coleguismo, por ser uma forma ilegal de prática da medicina, os entusiastas das modificações corporais precisam realizar os procedimentos cirúrgicos sozinhos ou com colegas. Esse teria sido o de Joe Wooller, australiano que teria se inspirado na conduta de Jonathan Ozer. Ele se fez implantar com o microchip para reduzir a quantidade de chaves que carrega. Wooller configurou seu carro e motocicleta para serem ligadas quando se aproximasse. Apesar de realizar as mesmas atividades da maioria das pessoas, ele o faz de uma forma quase exclusiva.

5.1.1 O microchip e as possibilidades de vigilância

O lado positivo apontado pela maioria desses entusiastas é contar com ganhos pequenos, mas significativos, tais como os que mencionamos. É também a possibilidade de realizar as mesmas atividades diárias de forma mais descomplicada, como abrir a porta do carro, da casa e ser identificado em ambientes domésticos (FOSTER; JAEGER, 2007). Além disso, apontam as vantagens de terem informações pessoais salvas num microchip ao invés de manter outros meios que acreditam ser menos seguros. Para os defensores dessa tecnologia, essa inovação poderia armazenar dados sobre identidade- evitando assim fraudes, roubos de cartão de crédito- proteger/rastrear sequestros, registrar informações básicas de consumo e até mesmo servir de solução para redução de emissão de carbono (MICHAEL, 2011). Eles são também a favor do rastreamento e monitoramento viabilizado pelo microchip, para coordenar a ação de cidadãos considerados perigosos tais como estupradores, assassinos, pessoas com distúrbios psicológicos. Além disso, os atletas de alto rendimento e pessoas com distúrbios graves poderiam se beneficiar

de medições fisiológicas sistemáticas²⁹². No contexto médico, os microchips serviriam para acompanhar pessoas que sofrem de doença mental (O’LOAN; SANDY, 2011).

Porém, é evidente que nenhuma tecnologia possui somente implicações positivas. Assim sendo, se há os partidários, há os céticos. Para estes os microchips são dispositivos inseguros em vários aspectos. Inicialmente em relação aos riscos sanitários, sobretudo se são implantados por pessoas sem capacitação profissional e fora de um ambiente esterilizado. No geral, os indivíduos que decidem fazer o implante possuem pouco – quando algum – real conhecimento de seu funcionamento e implicações para saúde. Só para citar, o risco de infecção é alto, principalmente se o dispositivo ou os instrumentos não tiverem sido adequadamente manuseados. Pode ser necessário removê-lo contando exclusivamente com auxílio de especialistas que cavarão a pele para eliminar os tecidos que se formam em volta do implante.

Não obstante, a “revolução do microchip” pode acarretar em amplas transformações, exigindo que regulações se imponham, acentuando questões éticas complexas. A visão de corpo perpassado pela técnica permite que observemos a emergência dos efeitos sociais e políticos. Em 2004, várias polêmicas envolvendo a utilização de microchips foram destaque na mídia. Uma das principais controvérsias que surgiu nos Estados Unidos organizou-se em torno do usufruto total dessa tecnologia concedido a *Verichip Corporation*²⁹³, subsidiária da *Applied Digital Solutions*, que foi a única corporação que obteve a permissão da *Food and Drugs Administration*²⁹⁴ de comercializar o microchip RFID para uso em humanos. O microchip da *Verichip* foi o primeiro criado por uma corporação e passou rapidamente a ser utilizado numa variedade de aplicações de segurança, de finanças e de identificação. Esse modelo possui uma camada protetora *biobond*, que estimula a formação de um tecido ao redor do objeto, impedindo sua migração, isto é, uma

²⁹² Semelhantemente ao que já tem sido feito através das *wearable technologies* ou tecnologias vestíveis (DORRIES, 2006).

²⁹³ Em 2007 a empresa norte-americana VeriChip garantiu que já existiam 222 pessoas nos Estados Unidos que haviam implantado o *chip* e que pretendiam avançar para o número de 2000 pessoas em todo o mundo. Por vários anos a VeriChip sofreu críticas de diversas associações que defendiam a liberdade individual, militando contra a utilização dos *chips* com propósito de identificação.

²⁹⁴ FDA é uma organização norte-americana que regula e autoriza a comercialização de alimentos, medicamentos e técnicas médicas.

vez no interior do organismo, ele se funde aos elementos internos tornando quase impossível tanto seu deslocamento quanto sua remoção.

Desde então, a empresa começou a comercializar esse sistema aos governos e clientes privados que buscam oferecer uma tecnologia diferenciada à clientela e aos funcionários. O recurso atraiu entusiastas que acreditam que o microchip é uma admirável invenção *high-tech* capaz de aumentar a segurança, minimizar erros hospitalares de pacientes com doenças crônicas e facilitar o cotidiano dos indivíduos - discurso legitimado pelo projeto de tecnologização NBIC. O implante se tornou inclusive um item de moda para os fregueses VIP da casa noturna *Le Baja Beach Club*²⁹⁵ em Barcelona, Espanha, que oferece a comodidade aos clientes de pagarem a consumação por meio desse dispositivo (gratuitamente inserido na própria casa noturna). Segundo o gerente da boate, seus clientes não precisariam mais se preocupar em perder a carteira durante noite ou ter que tirar o cartão de crédito para pagar a conta. *Le Baja Beach Club* foi a primeira empresa a utilizar o sistema *Veripay* da Verichip, porém a utilização desse elemento parece estar se popularizando na Espanha. Já no México, o microchip foi utilizado como dispositivo de segurança entre dezoito oficiais, dentre eles o Procurador Geral. Surgiu um boato de que sessenta oficiais teriam sido implantados²⁹⁶, mas ainda não se sabe a origem do equívoco²⁹⁷. Além da Espanha e do México, muitas outras experiências irromperam nos Estados Unidos. Por exemplo, a empresa de vigilância em Cincinnati, a *City Watcher*²⁹⁸ - que oferece serviços de vídeo vigilância, monitoramento e armazenamento de vídeos para os governos e empresas- integrou o Verichip *VeriGuard* ao sistema de controle de acesso da organização, e exigiu que seus funcionários tivessem o microchip implantado para maximizar a segurança do ambiente de trabalho - a despeito da falta de conhecimento por parte destes das eventuais problemáticas para a saúde a longo prazo. É importante ressaltar que uma das principais razões para o interesse na comercialização desses dispositivos é assegurar o acesso a áreas restritas, armazenar informações de saúde de pessoas com doenças crônicas e validar movimentações

²⁹⁵ Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/3697940.stm>, acesso 10 de fevereiro, 2014.

²⁹⁶ Disponível em: <http://www.nbcnews.com/id/5439055/#.UvqWs2J5O8U>, acesso 10 de fevereiro, 2014.

²⁹⁷ Disponível em: http://www.theregister.co.uk/2004/11/30/mexican_verichip_hype/, acesso 10 de fevereiro, 2014.

²⁹⁸ Disponível em: <http://www.wnd.com/2006/02/34751/>, acesso 10 de fevereiro, 2014.

financeiras. Porém, Foster e Jaeger colocam o lado negativo de forma bem clara no que diz respeito à erosão da privacidade dos indivíduos e o direito à integridade corporal:

*After all, do you really want to be required to have a foreign object implanted in your arm just to get or keep a job? And once you have it, do you really want your employer to know whenever you leave the office? And do you want every RFID reader–equipped supermarket checkout counter to note your presence and your purchases?*²⁹⁹ (FOSTER; JAEGER, 2007, p.24)

A despeito de todas as críticas, as tecnologias implantáveis, especialmente os microchips, fazem parte da agenda política (NATIONAL SCIENCE FOUNDATION, 2003). Outro alarde quanto à proteção da privacidade relacionou-se à reforma no sistema de saúde norte-americano, o *Affordable Care Act*, conhecido como *Obamacare*. Foi divulgado que os cidadãos norte-americanos teriam que implantar obrigatoriamente o microchip RFID como parte do *Obamacare*. As suspeitas, geralmente espalhadas por emails, sustentavam que o *Affordable Care Act* conteria uma seção na qual havia menção à obrigatoriedade do implante até o mês de março de 2013. A informação originou da versão preliminar do projeto *America's Affordable Health Choices Act* de 2009 HR 3200 (U.S.GOVERNMENT, 2009) no qual uma proposta mal sucedida havia sido apresentada em 2009 na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. O projeto de lei anterior, sem caráter mandatório, permitiria a coleta de dados dos pacientes de hospitais que continuariam sendo armazenados para controle de qualidade hospitalar e segurança dos pacientes (U.S.GOVERNMENT, 2010). A preocupação é que numa situação de medicação (para condições tipo diabetes, Alzheimer, etc.) as informações detalhadas do paciente estariam armazenadas nesse registro implantado no corpo, evitando o risco das informações do paciente serem perdidas ou roubadas.

Porém, ainda que o caráter mandatório do “*Obamacare*” seja um mito, o microchip não. Se até a alguns anos atrás o interesse concentrava-se entre os *body hackers*, a situação atual aponta

²⁹⁹ “Afiml, você realmente quer ser obrigado a ter um objeto estranho implantado no seu braço apenas para obter ou manter um emprego? E uma vez que você obtê-lo, você realmente deseja que o seu empregador saiba quando você sair do escritório? E você quer que cada caixa do supermercado equipado leitor RFID observe a sua presença e as suas compras?”.

para o crescimento do interesse bem como sua aceitação social. Sua utilização tem sido abertamente encorajada e evidencia traços de um futuro no qual ele pode se tornar uma escolha deliberada:

If Americans are going to get microchips implanted in them, it mostly likely won't be a government forced project. It would likely be something we do of our own free will. Health benefits aside, shove in enough Apps, a microchip instagram, RIFD-book to connect with friends, 5% back on soft drinks, some frequent flier miles and other conveniences into a microchip and it's not too far fetched to see Americans paying top dollar for a premium RFID implant³⁰⁰³⁰¹.

Por muitos anos a empresa Verichip foi amplamente criticada por associações em defesa da liberdade individual³⁰² que expuseram uma sucessão de fatos indicando os riscos inerentes aos implantes RFID e, particularmente, os da corporação. Ainda que o uso em seres humanos tenha sido concedido, nenhuma pesquisa científica havia sido realizada para esclarecer implicações para a saúde. Além disso, testes foram realizados pela *Associated Press* nos quais a utilização de microchips RFID foi associada a tumores cancerígenos em camundongos de laboratório³⁰³. Outra pesquisa conduzida por cientistas holandeses publicada no *Journal of the American Medical Association* alega que os microchips podem interferir diretamente em equipamentos hospitalares, como máquinas que garantem a vida de pacientes em estado terminal. Nos testes, vários incidentes foram gerados em razão da interação dos microchips passivos e ativos. O estudo concluiu que mesmo à distância eles podiam tanto desligar equipamentos médicos quanto alterar sua configuração³⁰⁴. Isto suscitou mais polêmicas quanto aos malefícios desse aparato. Muitos estados nos Estados Unidos (Wisconsin, Ohio, Dakota do Norte, Califórnia, Geórgia e Virgínia)

³⁰⁰ “Se os americanos terão microchips implantados neles, muito provavelmente não será um projeto forçado do governo. Isto provavelmente será algo que faremos com nossa própria vontade. Colocando os benefícios para a saúde de lado, colocar aplicativos suficientes, um instagram em microchip, livro-RIFD para se conectar com amigos, 5% de retorno em refrigerantes, algumas milhas de viagem para passageiros frequentes e outras conveniências em um microchip e não está muito longe vermos americanos pagando muitos dólares para um ter um implante RFID *premium*”.

³⁰¹ Disponível em: <http://obamacarefacts.com/obamacare-microchip-implant.php>, acesso 15 de fevereiro, 2014.

³⁰² Disponível em: <http://www.antichips.com>, acesso 15 de fevereiro, 2014.

³⁰³ Disponível em: <http://www.rense.com/general79/micro.htm>, acesso 15 de fevereiro, 2014.

³⁰⁴ Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/health/7471008.stm>, acesso 15 de fevereiro, 2014.

interditaram sua obrigatoriedade nas empresas. Finalmente, depois de anos consecutivos de debates, a polêmica Verichip parece importar menos o público atualmente, não significando que o interesse no procedimento tenha sido eliminado.

Outra evidência contra essa tecnologia é que ela pode ser pirateada. Para mostrar sua vulnerabilidade, o professor Dr. Mark Gasson da Universidade de Reading, da Escola de Engenharia de Sistemas, fez parte de um projeto de pesquisa sobre o aumento humano que tinha por objetivo apontar os riscos dos dispositivos implantáveis. Entre eles, foram avaliados implantes cocleares, marca-passos e elementos desenvolvidos para aumentar capacidade física e sensorial do organismo (GASSON, 2010). Por serem tecnologias cuja progressão é exponencial, Gasson defende a necessidade de atentarmos aos riscos provocados, pois estes são simultaneamente mais vulneráveis. Os microchips RFID devem ser considerados computadores mais simples que apresentam riscos similares. Retomando o experimento conduzido por sua equipe, seu microchip foi infectado por um vírus que corrompeu o sistema principal que havia sido programado para ser utilizado na interação. Ele se gaba de ter sido o primeiro humano a ter um implante de microchip infectado por um vírus (GASSON, 2010).

O professor afirma que a tecnologia é parte de sua experiência corporal no mundo e que, apesar de ser administrada pelos homens, seu controle pode ser perdido:

Much like people with medical implants, after a year of having the implant, I very much feel that it is part of my body. While it is exciting to be the first person to become infected by a computer virus in this way, I found it a surprisingly violating experience because the implant is so intimately connected to me but the situation is potentially out of my control (GASSON, 2010b)³⁰⁵.

Vislumbramos como a autonomia dos processos técnicos e a profundidade dos vínculos que os unem ao corpo são motivadas pelas práticas de laboratório. Experimentos conduzidos por pesquisadores, que buscam compreender e acelerar inovações puramente técnicas enfatizando

³⁰⁵ “Muito parecido com as pessoas com implantes médicos, após um ano com o implante, eu senti que fosse parte do meu corpo. Embora seja emocionante ser a primeira pessoa a ser infectada por um vírus de computador, eu achei que essa foi uma experiência surpreendentemente violadora, porque o implante está tão intimamente ligado a mim, mas a situação está potencialmente fora do meu controle”.

aproximações experimentais, comprovam como as experiências sustentam a razão moderna de caráter ativista, militante e transformador (TIBON-CORNILLOT, 2011). Os resultados da curiosidade e criatividade técnica que são produzidos dentro e fora dos laboratórios possuem um papel importante na criação de métodos que auxiliam e estimulam os homens a se transformarem.

5.1.2 As controvérsias do microchip

Na zona de contato corporal agregando elementos orgânicos e inorgânicos desenvolve-se uma experiência única na qual os objetos fazem com que o corpo se torne uma entidade distinta. Esse sentimento transgressor pode ser representativo da “violação” da pretendida pureza e normatividade do corpo, embora todos os corpos sejam produtos de uma vasta mistura heterogênea³⁰⁶ (HARAWAY, 2008). O que o indivíduo entende como parte integrante de seu organismo inclui um artefato criado por ele mesmo. De certa maneira, as ferramentas, os artefatos, não são simples prolongamentos do corpo, eles são prolongamentos *naturais*. A indeterminação excepcional das fronteiras do nosso organismo é fruto dessa relação bilateral entre a utilização de ferramentas (que modelam o corpo, o sistema cerebral) e a plasticidade de nosso cérebro (que permite a integração de elementos externos ao conjunto de nosso envelope corporal). Portanto, poderíamos dizer que a técnica, de alguma forma, não é um elemento completamente estrangeiro ao nosso organismo, ela é um verdadeiro anexo, um prolongamento completo. E em grande parte é por meio delas que nossas fronteiras são móveis e moduláveis.

As ilustrações apresentadas até aqui sublinham a questão do direito à preservação da integridade física³⁰⁷. Se um componente eletrônico se funde com o corpo, tonando-se integrante

³⁰⁶Como questiona Haraway (2008) e de outro modo Latour (2004), qual é a diferença de um indivíduo ou animal que possui um microchip para identificação e um ser humano que carrega sua foto numa carteira de identidade? Todos, conhecedores ou desconhecedores de sua essência, passado, origens, carregam uma vasta mistura de diferentes outros que nos tornam “homens”, “brancos”, “negros”, mas cada um desses nomes designa discursos raciais diferentes, que há consequências diretas na carne.

³⁰⁷A partir das Leis da Bioética de 1994, o corpo é declarado inviolável, portanto, qualquer ataque a ele é juridicamente inadmissível. A inviolabilidade do corpo, de seus elementos e da pessoa humana, implica a não-patrimonialidade, isto é, o corpo não pode ser desanexado da pessoa, ele não é suscetível à apropriação, sua propriedade não pode ser adquirida como se fosse uma mercadoria. Nesse sentido podemos afirmar que o corpo, de

de sua essência, de sua personalidade, quais seriam os limites de ação contra esses elementos? A questão sujeito-objeto se destaca da mesma forma que o direito individual de ter suas fronteiras físicas (isto é, o implante inserido) preservadas de qualquer dano causado por terceiros. Isso significa que nenhum indivíduo poderia, por exemplo, piratear um dispositivo interno uma vez que estaria infringindo a integridade do sujeito. Mas, essa não é uma equação simples, pois ainda não existe uma definição clara sobre a constituição identitária desse novo sujeito meio homem, meio máquina.

Vimos que a inserção de microchips no corpo humano não é uma hipótese³⁰⁸. Por meio deles, funções inéditas são elaboradas, aumentando as possibilidades individuais de interação com o ambiente. Não é possível identificar o número exato de pessoas que optaram pelo implante, porém temos constatado que a motivação tem crescido por parte dos indivíduos que praticam (ou não) a autocirurgia. As ações dos *body hackers*, apesar de serem maioritariamente restritas aos subgrupos, sugerem um crescente interesse de indivíduos fora do círculo tecnófilo. Mesmo que as inovações produzidas por esses “especialistas modernos do corpo” não tenham terminado, é certa a emergência de tecnologias que propõem o aumento do humano. Da mesma maneira que muitas tecnologias foram idealizadas, mas desacreditadas no passado (por exemplo, tecnologias médicas utilizadas para restauração de funções do corpo, dos órgãos e dos membros perdidos, o coração artificial, as próteses robóticas de interface cérebro-máquina, a estimulação cerebral profunda, implantes de retinas, etc.) é possível que essas novas tecnologias lúdicas, que conectam técnica e corpo, se popularizem.

É igualmente incontestável que os desenvolvimentos na área tecnológica são conduzidos por pesquisas médicas a fim de reverter tudo que não se enquadra no padrão ou que podem ser superados. Gasson (2010) apresenta duas trajetórias possíveis originárias da medicina restaurativa e reconstrutiva que, por fim, poderia levar ao aumento ou aperfeiçoamento humano. Ele cita dois cenários:

certa forma, possui o mesmo estatuto da pessoa, pois a pessoa reconhecida no direito só o é se calcar sua vida no corpo humano. Essa união ontológica do corpo e da pessoa tem se tornado problemático em razão dos novos usos corporais, tais quais propostos pela biomedicina e as contradições cada vez mais crescentes de práticas corporais que defendem o direito do indivíduo de dispor livremente do próprio corpo (MARZANO-PARISOLI, 2003).

³⁰⁸ Disponível em: <http://www.evolutionbyproxy.blogspot.com>, acesso 23 de fevereiro, 2014.

*The first is that it is conceivable that a piece of technology designed as a restorative device may actually give the recipient a capability which exceeds the normal human ability it is designed to replace. [...] The second is the application of implantable technology, developed initially in a medical context, to augment the abilities of healthy humans*³⁰⁹. (GASSON, 2010, p. 63)

No primeiro caso podemos citar o corredor Oscar Pistorius cujas pernas artificiais são mais vantajosas (ao nível do desempenho) do que pernas naturais; os amputados de membros superiores no pós-guerra do Afeganistão e Iraque que possuem braços robóticos com mãos mais resistentes e que giram num ângulo de 360 graus e, de forma mais geral, os implantes cocleares que concedem audição superior aos surdos.

O desejo de controle e domínio do mundo através do conhecimento científico, cuja objetividade e universalidade são raramente questionados, tem conduzido o homem a problemáticas dificilmente administráveis. O discurso ocidental tem legitimado a transformação e mesmo a transfiguração do seu mais ilustre representante: o Homem. O racionalismo científico e a visão normativa do corpo transportam imagens e símbolos estabelecidos quando o progresso científico foi almejado. Em consequência, a valorização do conhecimento biotecnológico conduz o homem a direções improváveis, aumentando o receio da impetuosa mecanização do corpo humano.

As práticas motivadas pelos cientistas bem como pelos *body hackers* ajudam a remexer os limites daquilo que se pensava improvável. As tecnologias implantáveis tornam-se um lugar comum, seja com objetivo de restauração do corpo, de superar deficiências físicas, mas que acabam atraindo e encorajando indivíduos interessados em aumentar a capacidade física para além daquela que possuem. Num duplo movimento, a técnica se aperfeiçoa e deixa, aos poucos, de fornecer funções “básicas” e apresenta funções extras. O alicerce para as transformações corporais mais radicais vem sendo estabelecido pelas tecnologias médicas. Provavelmente,

³⁰⁹ “O primeiro é que é concebível que uma peça de tecnologia desenhada como um dispositivo restaurador pode, na verdade, dar ao receptor uma capacidade que excede a habilidade humana normal para a qual foi inicialmente destinada a substituir. [...] O segundo é a aplicação da tecnologia implantável, desenvolvida inicialmente no contexto médico, para aumentar as capacidades de seres humanos saudáveis”.

poucos se oporão às abordagens terapêuticas. A “mecanização” do ser vivo e o “imaginário da biologia” criam um quadro conceitual racional e frutífero. Portanto, *“c’est dans ce contexte, et malgré l’usure et la banalisation des performances biomédicales, qu’il faut garder à l’esprit la puissance du constat selon lequel en une décennie, on modifie une espèce vivante plus rapidement qu’elle n’évolua en quelques millions d’années”*³¹⁰ (TIBON-CORNILLOT, 2011, p. 16). Estamos diante de transformações tecnocientíficas irreversíveis que tocam a estrutura dos seres vivos e, nesse panorama, é urgente a delimitação de uma interface que dê conta do cruzamento biotecnologia e as estruturas do imaginário social e cultural.

Não podemos ignorar que esses avanços operam nas mais variadas esferas da sociedade como resultante da produção material que se ramifica nos laboratórios através dos processos de mediação. Apesar dos fatos científicos não se empenharem em estabelecer relações diretas com a esfera individual, não podemos ignorar que seus arranjos provocam mudanças diretas no comportamento e crença dos indivíduos.

Enquanto a razão ocidental se fundamenta numa relação de transformação do corpo humano pela tecnologia, essa mesma fórmula parte do princípio que a associação entre ciência e técnica domina todo conjunto das instituições e orientações sociais. Destarte, é no coração dessas trocas entre os códigos biológicos e culturais, nas performances científicas, técnicas e racionais que entram em ressonância com as estruturas imaginárias coletivas que devemos nos situar. É aí que novas representações do humano serão incorporadas e definirão seu destino físico.

5.2 Os implantes de imãs sob a pele: experimentando campos invisíveis

Ser dotado de uma capacidade não-humana não é mais ilusão da ficção-científica, e sim prática de laboratório. E se neles a pesquisa pelo acréscimo de sentidos é levada a sério, em outro lugar isso já desponta como realidade. Apesar de terem servido de inspiração, não se trata da

³¹⁰ “É neste contexto, e apesar da usura e banalização do desempenho biomédico, que é necessário manter em mente o poder da observação segundo o qual em uma década nós modificamos uma espécie viva mais rapidamente que ela evoluiria em alguns milhões de anos”.

criação de superpoderes, tais como o do terrorista mutante Magneto ou do *X-Men*, personagens capazes de manipular objetos através de forças eletromagnéticas. Nos referimos à criação de artefatos elaborados capazes de explorar, ainda que parcialmente, esses campos e vivenciá-los na própria carne.

Adicionalmente ao que estamos discutindo, um domínio que devemos considerar entre os *body hackers* é o implante subcutâneo de magneto (HAMEED et. al., 2010). Ele envolve a estimulação de mecanorreceptores, isto é, um receptor sensorial que responde às pressões ou outros estímulos mecânicos, controlados por um ímã implantado sob a pele e manipulado através de uma bobina eletromagnética externa. Já havíamos mencionado o desenvolvimento desse dispositivo criado por Steve Haworth e Jesse Jarrel em 2004, cuja ideia original era criar um implante para escorar objetos externos que reagissem às ondas eletromagnéticas. A concepção do projeto teria nascido após uma conversa com um amigo que tinha um remanescente de ferro no corpo e que relatou a possibilidade de identificar o magnetismo liberado por alto-falantes. Esse foi o ponto chave para Haworth e Jarrel cogitarem sobre a expansão dos sentidos físicos em direção à percepção magnética. Ao projeto eles agregaram um estudante de neurociências da Universidade Estadual do Arizona, Todd Huffman. Foi ele quem desenhou e pormenorizou os detalhes técnicos, tais como o material, o tamanho e a localização (NORTON, 2006) para gerar os campos magnéticos que estimulem o movimento do ímã no interior do dedo. O projeto teve que passar por diversos ajustes após o número de usuários ter crescido.

A finalidade do implante de magnetos é, prioritariamente, fornecer sensações inabituais aos portadores por meio da assimilação de ondas eletromagnéticas até então imperceptíveis. Quando o magneto detecta mudanças de sinais ele reflete na quantidade de vibração experimentada pelo implante (WARWICK, 2013). Se de um lado os magnetos se distinguem do implante de microchip RFID em razão da configuração e alcance circunscrito, do outro se assemelham por serem processos concretizados, desde a concepção até a inserção, pelos próprios indivíduos e modificadores corporais.

Como o implante é um procedimento invasivo a durabilidade deste é uma exigência importante, conseqüentemente, não é qualquer magneto que pode ser implantado. Para realizar o procedimento, deve-se observar o grau – isto é, a força eletromagnética³¹¹. A força magnética do implante contribui para a quantidade de agitação que o ímã sofre em resposta a um campo magnético externo, identificando a intensidade presente no local. O formato e tamanho são dois fatores essenciais. Eles devem assumir a forma de disco e/ou cilindro. O primeiro deforma uma área maior da superfície física, estimulando mais nervos. O último afeta uma área inferior, contudo, transmite força angular superior. Nesse círculo não há uma regra estabelecida para a dimensão do magneto, somente sugestões baseadas em experiências e alguns estudos autoadquiridos previamente³¹². Muitos arriscam inserir peças demasiadamente grandes a fim de reforçar a sensação e criar uma efetiva função para o objeto. Como se trata de procedimentos e materiais utilizados com finalidade lúdica e sem compromisso com um padrão técnico medicalmente reconhecido, a escolha dependerá da vontade individual e do *body artist* que realizará o procedimento. Consoante os relatos recolhidos, apesar dessas especificações serem arbitrárias, uma análise cuidadosa é fundamental por causa dos riscos de rejeição e eficácia da captação das ondas.

Outra propriedade a ser observada é a escolha do ímã. Dentre os quatro tipos de magnetos permanentes³¹³ (somente eles conservam a sua força magnética durante um longo período de tempo e são resistentes a várias condições) e de baixo custo, o neodímio ferro boro é o mais adequado para o implante. Sua reputação é de um metal de terras raras, um “super-ímã”³¹⁴ por causa de sua potência. Por conter ferro em sua liga o neodímio é espontaneamente oxidável, por isto deve possuir camadas de proteção que evitem sua corrosão. Esse invólucro deve ser intensificado ao ser incorporado pelo indivíduo. Para esses casos, um material biocompatível é

³¹¹ O maior grau de magneto de Neodímio disponível é o N52

³¹² Disponível em: <http://augmentationlimitless.blogspot.com.br/2013/04/implanting-magnet-1-prosthesis-implants.html>, acesso 16 de maio, 2014.

³¹³ Estes são ferrite, alnico samário cobalto e neodímio ferro boro.

³¹⁴ Disponível em: <http://www.magtek.com.br/imas/neodimio-ferro-boro/>, acesso 16 de maio, 2014.

indispensável para minimizar as ameaças de rejeição e para a saúde ocasionados por sua eventual fragmentação.

A localização indicada do neodímio é a lateral da ponta dos dedos. A pele da mão humana contém um grande número de mecanorreceptores de baixo limiar que permitem a experiência detalhada da forma, tamanho e textura dos objetos por meio do toque. A maior densidade de mecanorreceptores é encontrada na ponta do dedo, especialmente indicador e médio. Eles são sensíveis a frequências na faixa de 200Hz-300Hz. Dessa forma, a resposta aos estímulos táteis é mais evidente. Apesar de menos frequente, outra área elegida pela riqueza de nervos sensoriais é a região dos lábios e das genitálias. Independentemente do local, o objetivo continua sendo interagir com ambiente e, nesse último caso, com o parceiro³¹⁵.

De acordo com os experimentos e discursos dos *body hackers*, as laterais dos dedos médio e anelar seriam os locais preferidos para o implante do ímã, por causa de interferências na sensibilidade e a fragmentação do magneto após atrito repetitivo com objetos (HAMEED et. al., 2010). Por essa razão, não se recomenda utilizá-lo por um longo período para segurar objetos sob o risco do tecido subcutâneo ser comprimido, morrer e o magneto ser rejeitado. Os adeptos da “auto-cirurgia” sustentam que se forem observados o local, a profundidade, os instrumentos e o ímã apropriado, o procedimento não apresentará complicações, mas sempre implicará riscos. Muitos *do-it-yourselfers* acreditam que basta seguir tutoriais disponíveis na internet - seja em formato de fotos³¹⁶ ou vídeos³¹⁷- para ter sucesso no procedimento (subestimando as complicações) em prol de uma relação diversa com a corporalidade e o ambiente.

Quanto aos magnetos há uma série de perguntas geralmente colocadas pelos *body hackers* a Eric Boyd, presidente da *Hacklab Toronto*³¹⁸, uma comunidade virtual composta por artistas, aficionados de tecnologia e piratas da internet. Normalmente elas giram em torno das seguintes questões: tempo necessário para sentir as ondas, desafios no caso de rejeição ou desinteresse,

³¹⁵ Disponível em: <http://russfoxx.com/gallery/magnetic-vision>, acesso 16 de maio, 2014.

³¹⁶ Disponível em: <http://augmentationlimitless.blogspot.com.br/2013/09/implanting-magnet-iii-procedural.html>, acesso 16 de maio, 2014.

³¹⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Hy0IOWAhhpE>, acesso 16 de maio, 2014.

³¹⁸ Disponível em: <http://hacklab.to/>, acesso 16 de maio, 2014.

riscos embutidos pelo próprio implante e igualmente riscos externos (com quais objetos é possível interagir sem danificar o material) e as variações dos ímãs e dos revestimentos. Além de responder às questões, ele orienta sobre todos os procedimentos, dos mais caseiros aos profissionais mais habilitados da modificação corporal³¹⁹.

O principal risco citado pelos entusiastas concerne à corrosão da camada protetora que reveste o ímã, principal mecanismo de proteção contra rejeição. Se por um lado adquirir magnetos de neodímio é uma tarefa relativamente descomplicada, do outro, mantê-lo num revestimento biocompatível é uma tarefa árdua. É incabível implantar um magneto sem nenhuma proteção, pois o corpo irá fragmentá-lo e ficará exposto a elementos tóxicos. Para proteger o usuário, há no mercado diversos tipos de revestimentos que variam de acordo com o grau de biocompatibilidade. No que diz respeito aos magnetos o politetrafluoretileno (PTFE), conhecido comercialmente pelo nome registrado “Teflon”, é usualmente citado como o material mais compatível, durável e fácil de trabalhar.

Uma observação das experiências dos *body hackers*, *grinders*, *self-made cyborgs* demonstra que um material que tem sido muito escolhido é o revestimento de silicone ou de polímero Parilene-C. Este último parece ser mais resistente à corrosão, porém, ele não seria suficientemente duradouro no caso de impactos repetitivos. Os riscos de rompimento do material e posterior rejeição permanecem. Nos fóruns identificamos que o primeiro revestimento, de Parilene-C, não seria amigável aos *grinders*, pois só seria possível comprar estes ímãs em pacotes de cem unidades, elevando consideravelmente o preço. A primeira opção, o silicone, não seria muito recomendada haja vista experiências mal sucedidas a longo prazo e relatadas por vários profissionais. Alguns usuários constataram que a resistência do material seria inferior devido ao método de aplicação do silicone que torna inevitável seu desmantelamento. Por exemplo, os primeiros magnetos de Steve Haworth possuíam acabamento em silicone e vários entusiastas narram ter tido problemas que forçaram a remoção do material³²⁰. Portanto, a segunda geração de

³¹⁹ Disponível em: <http://www.ebay.com/bhp/neodymium-magnets-n52?afsrc=1>, acesso 18 de maio, 2014.

³²⁰ Disponível em: http://wiki.bme.com/index.php?title=Magnetic_Implant, acesso 18 de maio, 2014.

implantes de Haworth foi adaptada. Ao invés do magneto ser imerso em silicone, ele passou a cobri-lo com outro material biocompatível utilizado exclusivamente na área médica, conhecido como *medical grade silicone* ou silicone de grau médico. Uma camada uniforme de silicone é aplicada sobre a superfície do magneto evitando que bolhas se formem em volta deste, razão principal do rompimento.

Lepht Anonym, representante emblemática do *body hacking*, utiliza um revestimento feito de cola quente ou sugru. Ela se tornou célebre entre os *do-it-yourselfers* em razão do seu posicionamento de “transumanista extrema”, tal como ela se designa. O termo implicaria o favorecimento da ação em detrimento das discussões sobre o aumento humano (FIÉVET, 2012). Suas experiências tentariam indicar que a condição para transcender as capacidades humanas “naturais” estaria nos indivíduos. Há vários anos afirma tentar aprender modos de ultrapassar sua capacidade sensorial, rompendo com a construção social do humano. De acordo com Anonym, se de um lado as práticas do *body hacking* são instigadas por ambições transumanistas, do outro, a diferença é a aspiração de agir *no presente*, rejeitando procedimentos técnicos inacessíveis que geram desigualdade de acesso à tecnologia de ponta.

Ela também é adepta dos implantes de magneto, já tendo experimentado procedimentos caros que foram realizados com profissionais da modificação corporal. Para reduzir custos aprendeu a realizá-los em si mesma. O sugru foi um dos materiais aplicados em seu próprio magneto, visando se proteger da toxicidade do metal. Trata-se de uma massa maleável, versátil e de fácil utilização do tipo durepox, comumente usado para criar e restaurar objetos. Outro elemento utilizado diversas vezes foi a cola quente, que ela firma ser um material iminente para esse tipo de implante (BORLAND, 2010).

Por várias razões Lepht Anonym pode ser considerada uma das representantes dessa tendência *underground* que se inscreve na concretude da ação. Porém, suas experiências comprometeram sua saúde. Diversas vezes ela recorreu a médicos para remover implantes e em uma ocasião quase perdeu a ponta do dedo após ter inserido um implante de magneto com o revestimento que acabamos de mencionar (BORLAND, 2010). A natureza semitóxica do sugru e da cola quente torna essa inovação arriscada, e encontramos diferentes relatos de *grinders* que

asseguram a falta de fixação desses revestimentos que, por não serem homogêneos, geralmente se enfraquecem e estilhaçam no interior do corpo.

O presidente da *Hacklab Toronto*, Eric Boyd, investigou as principais motivações dos indivíduos para obterem um implante de magneto. Concluiu que, no geral, a busca é pelo aprimoramento dos sentidos, em outras palavras, adquirir o “sexto sentido” ou a “visão magnética”. Eles desejariam sentir o funcionamento de microondas, portões de segurança, motores elétricos ou o simples vibrar do aparelho celular. Boyd categoriza os implantes de acordo com o objetivo: inicialmente, o sensorial, basicamente para o sentimento de ondas eletromagnéticas; o sexual, quando um casal opta utilizá-lo para explorar a sexualidade; o simbólico, também realizado por casais e apelidado de *Lover’s magnets*, cada parceiro coloca o implante numa das mãos, e o funcional, para carregar elementos que precisariam de outro tipo de sustentação. Além disso, segundo Boyd, para vários entusiastas os magnetos “fracos” são opções do passado. Atualmente, os modificadores corporais oferecem opções mais resistentes e fortes, capazes de segurar relógios sem pulseira ou outros objetos mais pesados por um longo período³²¹.

5.3 Implante, afetação corporal, inovação e risco

Em setembro de 2008 o *body hacker* Nathan Roseborrough relatou sua experiência ao criar um implante de magneto. Segundo ele, muitos teriam solicitado que enviasse suas peças prontas pelos correios. Diante da quantidade de demandas da parte de pessoas que não se preocupavam com o caráter experimental do ato, Roseborrough tentou conscientizar essa comunidade dos riscos, pontuando:

This is a very experimental procedure in which you are implanting an object in to yourself that could potentially be harmful. These magnets are not designed originally for implantation. While you can take every precaution to handle and install them correctly, there is a definite possibility of a compromised coating, and you may be forced to remove fragments of magnet from your finger, or worse. These are risks that myself and

³²¹ Disponível em: <http://www.teeda.com/magnetic-implants.html>, acesso 18 de maio, 2014.

*the others that have tried have understood from the beginning*³²². (ROSEBORROUGH, 2008).

Segundo ele, como os ímãs não foram criados para incorporação, eles sempre implicarão riscos que podem comprometer a integridade física, apesar das precauções no pós-operatório. A jornalista Quinn Norton é um exemplo de insucesso. Após um ano pesquisando modificações corporais realizadas em comunidades de modificadores, ela decidiu implantar um magneto sob os cuidados de Steve Haworth. Afirmava estar consciente do risco de infecção que por fim acabou ocorrendo. Como um tecido corporal já havia se formado em volta da camada de silicone protetora do magneto, o sangue em contato com o ferro do neodímio o fragilizou e tornou sua remoção mais complexa do que havia previsto. Ela relata que após ter procurado vários médicos, somente um cirurgião especialista em mãos pôde realizar o procedimento (NORTON, 2006, 2007).

A vantagem de colocarmos as práticas em primeiro plano e a partir daí desenvolvermos nossas teorias, é que quando ela é destacada nós descobrimos que a realidade é múltipla. As ilustrações para as quais chamamos a atenção, não nos permite aceitar o corpo como um objeto passivo envolto por perspectivas ou representações divergentes. Aos poucos vamos vendo como o corpo é construído na *prática*, logo, multiplicando a realidade, pois quando fazemos isso, não podemos entender o corpo como um objeto inerte. Ele responde, age nas relações, por exemplo, não aceitando a ruptura de certas fronteiras e respondendo ao eliminar aquilo que tentou “atacá-lo”. O corpo, enquanto actante estabelece fronteiras, deixando claro que nem tudo está aberto para relação. É o corpo quem informa se ela pode existir ou não, se a fusão homem-máquina é possível, e isso só é desvendado na prática, na criação de uma ontologia (que não é dada pela ordem das coisas) estabelecida e sustentada pela existência.

³²² “Este é um procedimento muito experimental no qual você está implantando um objeto em si mesmo que pode ser prejudicial. Estes ímãs não são projetados originalmente para a implantação. Ainda que você tome todas as precauções para lidar com eles e instalá-los corretamente, há uma possibilidade concreta do revestimento ser comprometido, e você pode ser forçado a retirar fragmentos de ímã de seu dedo, ou coisa pior. Estes são os riscos que eu e os outros temos tentado entender desde o início”.

O esforço empreendido através do implante objetiva, primeiramente, a aquisição de uma aptidão para sentir, uma resposta do sistema nervoso, a interação com o campo eletromagnético. Relatos disponíveis nos blogs e salas de discussão na internet apontam a variedade de campos que seriam descobertos pelos usuários. As sensações não são sempre as mesmas e muitas são imprevisíveis. Segundo relatos de usuários, o magneto reconhece forças eletromagnéticas em locais onde sua existência era desconhecida. As experiências compartilhadas apontam para a necessidade de aprender a coexistir com o magneto. Aprendemos que determinados movimentos afetam a resposta tátil do ímã, ocasionando sensações indesejadas ou dolorosas (BERG, 2012). De todas as ilustrações encontradas, é imperativo o aprendizado corporal. Assim como a *mallette à odeurs* citada por Bruno Latour (2004), a inserção de magnetos no corpo é uma clara demonstração de que este não é uma essência ou algo com o qual partimos. Enquanto sujeitos, adquirimos “contrapartidas” do mundo, novas correspondências, sensações e possibilidades vão sendo estabelecidas progressivamente à medida que outros elementos entram na equação corporal. Esses movimentos, esses encontros, *inter* e *intra* -ações (HARAWAY, 2008) produzem um mundo mais significativo, tornando o indivíduo sensível às interferências que anteriormente não geravam nenhuma resposta física sensorial.

Nesse processo de descobrimento da maleabilidade corporal, o jornalista Dann Berg (2012) conta ter lido pela primeira vez sobre os implantes de magneto na revista de modificação corporal extrema *BMEzine*³²³. De acordo com Berg, na matéria foi mencionado o provável esfacelamento dos magnetos no corpo. Berg conta que nessa época, apesar de ter apreciado a ideia, ficou desestimulado. Alguns anos depois decidiu procurar um profissional para o procedimento. Ele narra o processo de aprendizagem corporal iniciado a partir de então, descrevendo:

I quickly learned that magnetic surfaces provided almost no sensation at all. Rather, it was movement that caused my finger to perk up. Things like power cord transformers, microwaves, and laptop fans became interactive in a whole new way. Each object has its own unique field, with different strength and “texture.” I started holding my finger over

³²³ O primeiro relato dessa experiência teria surgido em fevereiro de 2004 (LARRATT, 2004).

*almost everything that I could, getting a feeling for each object's invisible reach*³²⁴(BERG, 2012).

Usuários de magnetos demonstram, maravilhados, a maneira que as sensações geradas irrompem inadvertidamente. Outro desejo compartilhado por eles é realizar truques, como levantar pequenos pedaços de papel e objetos. Sem planejar, afirmam perceber a existência de mediadores, que estabelecem relações com o corpo, que outrora eram ignorados.

Sem dúvidas, os magnetos permitem o indivíduo habitar um mundo mais rico em sensações, mais receptivo às diferenças. Por exemplo, ao passar em determinados espaços e maquinaria como geradores de energia, removedores de etiquetas de roupas em lojas, o ímã irá responder em forma de movimentos severos quando interagir com ondas mais fortes. Após certo período com o magneto, Dann Berg afirma que não se dava mais conta que possuía um ímã em seu dedo. Além de ter se habituado a sensação gerada paulatinamente o objeto foi, segundo ele, perdendo potência: *“Three years after getting the implant, my magnet is something that I constantly forget about. (...) Over the years, the magnet has lost strength as well. While I could once hold a large paperclip, the magnet now only supports a small one”*³²⁵(BERG, 2012).

Outro *body hacker* é Todd, que também implantou magnetos em 2007 e descreveu as sensações inesperadas de interação do magneto com certos componentes realizáveis somente através desse mediador. Uma das ocasiões foi quando passou pelo sensor antifurto da biblioteca:

I experienced my first "in the wild" implant sensory experience. I was in the library checking my e mail, and as I walk out there is an anti theft gate thingy. When I stepped on the pad I felt my implant oscillate, and quite noticeably so. My initial reaction was surprise, since I wasn't consciously paying attention to the implant. After the initial adrenaline rush I walked back and forth through the sensor gate, and it is quite interesting. So far my interactions have been planned, i.e. putting magnets and metal

³²⁴ “Eu rapidamente aprendi que superfícies magnéticas não fornecem quase nenhuma sensação. Pelo contrário, foi o movimento que fez o meu dedo se animar. Coisas como cabos transformadores de alimentação, micro-ondas e ventiladores de laptops se tornaram interativos de uma forma totalmente nova. Cada objeto tem seu campo único, com diferentes forças e ‘textura’. Eu comecei a parar meu dedo sobre quase tudo que podia, obtendo um sentimento de alcance invisível para cada objeto”.

³²⁵ “Três anos após colocar o implante, meu magneto é algo que constantemente esqueço que tenho (...). Com o passar dos anos, o magneto também perdeu sua força. Enquanto antes eu podia segurar um grande clipe de papel, o magneto agora só aguenta um que seja pequeno”.

*near my implants to see what happened. Today's event was rather significant, it was not planned, nor was it foreseen*³²⁶(LARRATT, 2007).

O alemão Stefan Greiner é *self-made cyborg*. Após ter investigado possíveis interfaces homem-máquina, ele afirma ter começado a utilizar a tecnologia de forma direta em seu corpo para alargar seu conhecimento sobre o ambiente e a natureza. Ele teria começado sua “trajetória ciborgue” implantando um magneto no dedo, com três objetivos: o primeiro, identificar a intensidade e mesmo a frequência aproximada das ondas eletromagnéticas. Isso teria permitido que no dia-a-dia o magneto tivesse utilidade prática. Ele conta que quando planejava furar a parede de sua cozinha para colocar um quadro, ele pôde identificar o local ideal que não atingisse os cabos no interior da parede. Posteriormente, o magneto foi se tornando um dispositivo de saída que possibilitava ouvir vibrações como um tom musical ao aproximá-lo do ouvido. Não obstante, após ter criado um amplificador com uma bobina de indução, ele pôde receber sinais de áudio, escutar música e as chamadas de telefone através do dedo. Por fim, o magneto atuaria igualmente como um dispositivo de entrada. Além dos retornos sensoriais, Greiner afirma ser capaz de controlar seu celular através do implante. Após ter reprogramado seu software, os magnetômetros que seriam normalmente utilizados para funções de navegação foram capazes de capturar gestos do seu dedo. Seu dispositivo portátil, anteriormente controlado pelo contato, passou a ser pela entrada gestual do magneto, permitindo que ele interagisse com seu celular sem ter necessidade de retirá-lo do bolso.

Nathan Roseborough, citado anteriormente, anos após ter feito a auto-cirurgia do magneto, decidiu realizar um segundo com *Brian Decker*. Segundo ele, a experiência foi diferente no sentido que, este implante reagia discretamente às vibrações. Ele só teria conseguido senti-lo após várias colisões brutas e propositas. Em dezembro de 2011 ele relatou sua decepção, pois apesar do implante não ter sido rejeitado, continuou sendo impossível discernir claramente as ondas

³²⁶ “Eu tive minha primeira experiência sensorial ‘incontrolável’ com o implante. Eu estava na biblioteca verificando meu e-mail, e quando sai havia um portão antiroubo. Quando eu pisei na passagem eu senti meu implante oscilar, e bem perceptível. Minha reação inicial foi de surpresa, já que eu não estava conscientemente prestando atenção ao implante. Após a adrenalina inicial eu andei para trás e para frente através da porta de sensor, e é bastante interessante. Até agora minhas interações têm sido planejadas, ou seja, tenho colocado ímãs e metais perto dos meus implantes para ver o que acontece. O evento de hoje foi bastante significativo, não foi planejado, nem foi previsto”.

eletromagnéticas tal como com seu primeiro ímã. Então surgiu a ideia de “ensinar o magneto”, fazê-lo passar por um processo de aprendizagem ou treinamento a fim de fazê-lo responder da forma esperada. Ele explica como esse processo de aprendizagem ocorreu:

The new implant is still significantly less sensitive than the older implant in my right hand, but is slowly growing more sensitive. I'm using my old implant to train the new. I'll feel a significant field with my right implant, then put the left in the same place. It's still consistently less responsive than the old one, but becoming more responsive as time goes by. At this point, the contrast is enormous. For example, I can feel industrial battery chargers from a foot or two away with my right hand. I put my left hand in the same place and feel only a very dim sensation³²⁷(ROSEBORROUGH, 2011).

Nathan supõe que a diferença na sensação surgiu pelo fato do magneto ter sido implantado por meio de outro método através do qual o profissional inseriu o implante entre camadas mais profundas da pele, portanto, mais afastado da região com maior quantidade de nervos sensoriais.

Podemos afirmar que os magnetos, uma vez associados ao corpo, fazem parte da síntese corporal, do que significa “ter um corpo”, assim o corpo se torna o sujeito da percepção e parte da intencionalidade do indivíduo (MERLEAU-PONTY, 2008). São elementos criados que permitem o organismo experimentar um universo sensorial mais contrastante. Trata-se de demonstrações que nos aproximam melhor da “realidade” que compomos redes humanas e não-humanas, estando abertos para conexões e combinações das mais variadas (LATOURE, 2001). Estender as fronteiras do corpo projetando-o para fora de si por meio de novas sensações é também habitar um corpo mais rico. Num mesmo espaço o indivíduo associa vivências artificiais externas. O corpo é tanto a fronteira quanto a mediação entre o exterior e o interior.

³²⁷ “O novo implante ainda é significativamente menos sensível do que o implante mais velho na minha mão direita, mas está lentamente ficando mais sensível. Eu estou usando meu antigo implante para treinar o novo. Ao sentir um campo significativo com o meu implante direito, imediatamente coloco o esquerdo no mesmo lugar. Ainda é consistentemente menos sensível do que o antigo, mas está se tornando mais sensível à medida que o tempo passa. Neste ponto, o contraste é enorme. Por exemplo, eu posso sentir carregadores de baterias industriais de um pé ou dois de distância com a mão direita. Eu coloco minha mão esquerda no mesmo lugar e só sinto uma sensação muito fraca”.

5.4 Chamada para inovações piratas e os riscos

No espaço das redes sociais, da mídia digital, os *body hackers*, os *grinders* e os *biohackers* tentam se instruir, trocar ideias e sugestões. Discutem as várias possibilidades de aperfeiçoamento dos aparatos técnicos e indicam locais e pessoais que poderiam auxiliar na empreitada. Falam sobre inovações, erros, acertos, fornecedores e preços. Alguns preconizam certos materiais enquanto outros desaconselham determinadas preferências. Essas trocas são realizadas num ambiente de compartilhamento no qual os riscos são claramente assumidos e subjetivamente minimizados em face dos interesses. Grande parte desses indivíduos está preocupada em aperfeiçoar a técnica, isto significa criar magnetos mais resistentes, revestimentos mais fortes e duradouros, contudo sem elevar os preços. Afinal, essa é a lógica dos *body hackers*, tecnologia de *baixo custo* e *acessível* a todos. Reflexo da vontade autorreferenciada de redesenhar e produzir o próprio corpo bem como sua experiência sensorial, o eixo central dessas ações é a *hiperescolha* e o motor é a *vontade*. Apesar de qualquer contradição, esse hiperindivíduo investiga e fantasia com seu corpo, constatando sua capacidade de extensão e flexibilidade. Nesse processo de produção corpórea, tanto real quanto ilusória, o espaço técnico é locus de frutificação. A motivação é substituída pela fórmula da estratégia, o “por quê?” cede lugar ao “como?” (QUEVAL, 2008).

Numa matéria sobre a inovação dos *body hackers* e dos *do-it-yourself cyborgs* do Vale do Silicó (UNGERLEIDER, 2012), encontramos um relato de Lucas Dimoveo da *Grindhouse Wetware*³²⁸, uma sociedade de programadores, engenheiros e piratas do corpo fundada em 2012. Eles trabalham independentemente com um objetivo comum: aumentar a capacidade humana por meio de tecnologias abertas, seguras e de livre acesso. Mantendo o foco na piratagem, eles relatam inúmeros experimentos, projetos e experiências. Dimoveo conta a surpresa ao descobrir forças que perpassam máquinas e equipamentos, entretanto não nega as desvantagens que podem ocorrer das interações.

³²⁸ Disponível em: <http://www.grindhousewetware.com/>, acesso 10 de junho, 2014.

*The only drawback to the magnet implant is that interacting with mundane machinery can cause people to recoil in shock at how much power is running through a wire or machine. I've seen a few people on the team walk by a live soldering station and recoil in surprise. An audible response to the effect of 'whoa' is usually uttered, along with a concerned look. Real emotional responses can be triggered by this implant*³²⁹(UNGERLEIDER, 2012).

Os magnetos atuam como verdadeiros mediadores não-humanos, trazendo *outputs* imprevisíveis e acrescentando novas emoções. Em cada relato identificamos sua capacidade de processamento, capaz de gerar transformações no ator e criando experiências singulares e significativas. Não é possível dissimular a ação desse mediador. Os discursos coletados apontam para sua emergência em contextos muito específicos, podemos identificar como ele se associa aos outros actantes e forma esse fenômeno social *body hacker*. Apesar de na sociologia tradicional os objetos passarem rapidamente de mediadores para intermediários, ao focalizarmos a produção desse evento, é inegável como esses elementos não-humanos são capazes de falar e descrever suas ações, seus impactos, sobretudo na constituição do corpo do sujeito. Os magnetos são partes constituintes dessa rede impactando sua composição. Felizmente, de alguma forma, podemos acompanhar os movimentos que compõem essas associações.

Tanto os magnetos quanto os microchips RFID são entidades que inseridas na equação corporal participam diretamente da nova construção do corpo no mundo. Por meio do processo de aprendizagem contínua o corpo é construído nas intra-ações. Estamos diante de um processo de espécies distintas que se moldam reciprocamente de forma complexa. Como seres atados uns aos outros, os objetos são elementos que ajudam a significar na medida em que fornecem uma resposta às interferências sentidas. Eles afetam, são afetados, através da relacionalidade e das articulações operadas.

³²⁹ “A única desvantagem do implante de ímã é que a interação com máquinas mundanas pode levar as pessoas a recuar com o choque da quantidade de energia que está correndo através de um fio ou de uma máquina. Tenho visto algumas pessoas na equipe caminharem por uma estação de solda e recuarem com surpresa. Uma resposta audível para o efeito de ‘uau’ é geralmente pronunciada, juntamente com um olhar preocupado. Respostas emocionais reais podem ser desencadeadas por este implante”.

Quando pensamos o mundo através das articulações e o corpo em termo de relações, um jogo constante de referências pode alinhar-se ou desalinhar-se sem maiores dificuldades serem impostas. Traduzimos esse fenômeno em termos de “articulação”, porquanto quando elas são bem articuladas podemos compreender como os atores organizam, mobilizam, justapõem e mantêm os elementos que os unem, e assim nos aproximaremos das relações que conciliam a realidade de que estamos conectados em redes, abertas para novas conexões e combinações (LATOURE, 2001). Consequência imprevisível para um sujeito tradicional:

“Ah”, suspira o sujeito tradicional, ‘se somente eu pudesse extrair de mim mesmo desse corpo tacanho e flutuar pelo universo, livre de qualquer instrumento, eu veria o mundo tal como é, sem palavras, sem modelos, sem controvérsias, em silêncio, contemplativo’. “Sério?”, respondeu o corpo articulado com uma afável surpresa, “por que você quer estar morto? Por mim, prefiro estar vivo e, por isso eu quero mais palavras, mais controvérsias, mais contextos artificiais, mais instrumentos, de tal forma a me tornar ainda mais sensível a mais diferenças. Meu reino por um corpo incorporado!” (LATOURE, 2004, p. 211-212).

Como afirmou Latour, a afetação do corpo é uma trajetória dinâmica através da qual aprende a registrar as entidades existentes no mundo, tornando-se sensível a elas. A articulação mútua, a dança de encontros de entidades humanas e não-humanas, ocorre em zonas de contato naturais e culturais. Em nossas ilustrações, sujeitos e objetos fazem parte de um mesmo emaranhado na formação do mundo que se complexifica como resultado da associação ininterrupta, intrincada e multidirecional das diversas formas de existência (HARAWAY, 2008). Ensinar o corpo e um dispositivo eletrônico a responder da forma desejada é uma prática imersiva e transformadora das inter- e intra-ações. Essas formas imprevisíveis de associação acrescentam mais possibilidades de como podemos constituir as relações sociais e acentuam nossa interação com objetos que comumente eram ignoradas na constituição do social. Por meio da criação, fusão, incorporação, coabitação, recombinação, acoplamentos inesperados (permanente ou ciclicamente) desvendamos um ponto importante do nosso desenvolvimento enquanto espécies em coevolução. É a dança dos encontros de Haraway (2008) onde entidades orgânicas e inorgânicas, humanas e não-humanas estão enredadas num agenciamento contínuo (voluntário e involuntário), em associação, conexão e companheirismo.

Como já dito, os parceiros sociais não pré-existem ao encontro. Eles resultam dessa dança criada por entidades incontáveis que interagem e participam desse processo incessante entre sujeitos e objetos de “tornar-se” com outros, que é estabelecido pela correlação de múltiplas espécies. Logo, nesta dança o corpo está aberto para apreender a multiplicidade relacional de redes passadas, presentes e futuras. O organismo humano não é um artefato biológico que permanece inalterado diante das inter/intra ações/relações com o ambiente, visto que está sensorialmente envolvido aos eventos que lhe é apresentado.

O modo como os indivíduos tentam articular o corpo e despertá-lo para novas sensações é revelador. Quando estas não ocorrem como previsto, criam-se métodos de ensiná-lo a responder, aumentando sua sensibilidade a entidades invisíveis. Essas situações são rastros da forma como essa relação com a corporalidade está sendo instituída pelos objetos, como o corpo se torna algo interessante, dinamizado pelas diversas entidades, e que se articula num mundo heterogêneo. Diante de nós encontramos evidências da ação dos mediadores. O corpo vai aprendendo a se articular a outras proposições que habitam o multiverso. Neste não importam as qualidades primárias e secundárias dos objetos (neodímio ou silicone), portanto, ele está livre de uma unificação prematura e aberto ao imprevisível.

De acordo com Boyd, desde a criação dos primeiros magnetos até os mais recentes, teria ocorrido um avanço significativo na sua configuração. Por essa razão, acredita que existiria um renovo no interesse do público. Boyd menciona o projeto do *Grindhouse Wetware* que desenvolveu o *Bottlenose*³³⁰ (versão 0.1), um dispositivo eletrônico capaz de captar dados tais como o de sonar, sem fio e informação térmica. Ele retornaria as informações captadas diretamente ao magneto que, por sua vez, passará a atuar como sensor de temperatura ou de cálculos à distância. Por meio desse mediador, a interação do magneto com o ambiente é mais vasta e complexa. Um olhar mais atento ao website do *Grindhouse Wetfare* indica a possibilidade de obter o mesmo dispositivo sem a necessidade de implantar um magneto, obtendo as mesmas

³³⁰ Disponível em: <http://www.grindhousewetware.com/bottlenose.html>, acesso 20 de maio, 2014.

informações, mas não de forma sensorial. O dispositivo poderia ser complementado por um modelo tátil cuja intensidade de estímulos variará na presença de referências sensoriais.

Entre esses pseudocientistas, *body hackers*, busca-se aperfeiçoar os dispositivos que foram elaborados, sugerindo alternativas que portam funções suplementares e reduzindo o insucesso. As descobertas são compartilhadas em comunidades virtuais onde interessados se encontram, discutem, participam conjuntamente de um processo de aprendizagem baseado na empiria. Num dos sites mais populares entre essa comunidade³³¹, o fórum de maio de 2014 convida empreendedores: *A call for new magnet implant inventors and innovators* ou “Uma chamada para inventores de novos implantes de magnetos e inovadores”. Alguns retonaram a chamada e compartilharam novas tentativas. Entre elas, a substituição do revestimento do magneto com foco na biocompatibilidade e segurança. Sugestões e encorajamentos surgiram: “*that’s excellent you are doing these experiments! That’s how true pioneers start, not in some lab but through trial and error*”^{332 333}. Outro *body hacker* solicita ajuda noutro grupo de discussão tendo em vista complicações geradas da autocirurgia. Ele envia fotos pedindo o parecer dos pseudo especialistas:

I recently did my implant and I think I made my pocket too short. A couple days after the implant my scab got caught on the couch and peeled off. After looking at it my magnet moved out of the pocket and is sitting right under my cut. That was yesterday and I put a bandaid on it. So far the skin is starting to grow over the magnet and I haven't noticed any issues. I'm wondering if it's going to reject at all, or if it should be fine if I don't play with it for a couple days and just keep replacing the bandaid. If need be I can go buy another scalpel and re implant a new magnet^{334 335}.

³³¹ Disponível em: <http://www.biohack.me>, acesso 20 de maio, 2014.

³³² “É excelente que você esteja fazendo esses experimentos! É assim que os verdadeiros pioneiros começam não em laboratório, mas através da tentativa e do erro”.

³³³ Disponível em: http://discuss.biohack.me/discussion/564/a-call-for-new-magnet-implant-inventors-and-innovators#Item_7, acesso 20 de maio, 2014.

³³⁴ “Recentemente fiz meu implante e acho que fiz a uma cavidade muito curta. Alguns dias após o implante a casca ficou presa no sofá e saiu. Depois de olhar para o meu ímã, ele saiu da cavidade e ficou abaixo do corte. Isso foi ontem e eu coloquei um bandaid sobre ele. Até agora, a pele está começando a crescer sobre o ímã e eu não notei nenhum problema. Eu estou querendo saber se ele será rejeitado completamente, ou se ele ficará bom se eu não fizer uso dele por uns dias e continuar apenas substituindo o bandaid. Se for preciso eu posso ir comprar outro bisturi e reimplantar um novo ímã”.

³³⁵ Disponível em: http://discuss.biohack.me/discussion/574/scab-peeled-and-magnet-moved-to-my-cut.-#Item_21, acesso 20 de maio, 2014.

Os que alegavam ter experiência colocavam questões para entender melhor o problema. No fim eles sugeriram que fossem observadas as variações da ferida, da temperatura, da secagem e prescreveram tratamentos com utilização de antibióticos. Entre os diálogos, fotos do procedimento fracassado são postadas e novas informações são acrescentadas pelo usuário em apuros. O objetivo é detalhar o processo para obter instruções mais adequadas. Um dos usuários sugeriu aplicação de álcool e pomadas antibióticas, a substituição de *bandaid* por gazes para que o local seque e limpeza com soro fisiológico para cicatrizar a ferida. Apesar do impasse, para o usuário este não é um empecilho para repetir a empreitada, se possível, no mesmo dedo. Um dos usuários ressaltou que em determinados procedimentos o erro deve ser erradicado, isto é, se não for realizado adequadamente na primeira vez (inclusive o processo de cicatrização) ele não poderia ser repetido.

Não podemos ignorar que os *body hackers* subestimam os riscos e brincam de cirurgiões. Diante desse quadro, o médico Geoffrey Lyons, presidente da *Australian Society for Plastic Surgeons*, afirma ser comum acolher pacientes que teriam se arrependido de algumas modificações realizadas. No caso dos magnetos, segundo ele, por causa de infecções, das condições sanitárias inadequadas e por se tratar de procedimentos amadores, ele afirma já ter sido necessário amputar o dedo de um dos seus pacientes (COOMBES, 2013).

A despeito das implicações da autocirurgia, o aspecto mais importante da magnetização da pele é seu escopo. Apesar de ser um simples ímã, ele possibilita a assimilação concreta de elementos invisíveis. Se dificuldades surgem, um processo corporal de aprendizagem é estabelecido. O discurso dos adeptos fundamenta-se nos limites da corporalidade. Esse conjunto constitui a postura típica do *body hacker*, que é o conhecimento autoadquirido associado à abertura de espírito. Diante das possibilidades de uma nova relação com o corpo, os riscos parecem valer a pena. Por essa razão, o implante costuma ser preferível no lugar de sua anexação a pele, que poderia conceber sensações análogas, mas incomparáveis com as geradas pelo artefato implantado que se misturam com a percepção do corpo próprio. Todd Huffman, que ajudou a conceber os implantes com Jesse Jarrel e Steve Haworth, disse em 2004:

*I am now able to perceive magnetic fields in ways not naturally possible. The sensation is different than holding a magnet, as the neurons are stimulated with a higher resolution. With the implant I can detect subtle changes in polarity and strength that I cannot when equipped with a magnet in the conventional manner*³³⁶ (LARRATT, 2004).

Essa forma de interação do corpo com elementos culturais aponta para uma estreita mecanização do ser vivo ao nível individual. Recusando características herdadas exclusivamente da evolução natural, esses indivíduos estão à mercê de suas escolhas, mas pensam também sobre o controle geral da humanidade (TIBON-CORNILLOT, 2011). A agregação de corpos e forças nas práticas dessa subcultura demonstra como essas interações criam redes maiores de agenciamento. A agência humana só é possível quando ocorre com outros agenciamentos possíveis, inclusive imateriais. Enquanto fenômeno social, suas fronteiras não se limitam ao humano e inclui objetos que participam de forma relevante para esse agenciamento. O processo de mediação pode estar distribuído em várias formas materiais e imateriais, orgânicas e inorgânicas; e os magnetos são mediadores nesse processo, pois agenciam a constituição do corpo estabelecendo novas sensações, isto é, um sentido extra capaz de perceber o campo invisível das ondas eletromagnéticas.

A noção de agenciamento e mediação é importante para estabelecermos a analogia entre os corpos, a tecnologia e o ambiente. A complexidade de certos sistemas de agenciamento pode conduzir a uma variedade de respostas não lineares que demonstram como os agentes respondem de forma diversa a afetações que lhes são semelhantes. A experiência de um mundo com mais alternativas, articulado e com contrastes, dissolve qualquer fronteira que ainda resiste entre corpo, objeto e evento. Segundo Haraway (2006) não existem limites para as possibilidades de afetação do corpo nem de sua transfiguração. A essência do organismo interage permanentemente com dados culturais e orgânicos, registrando outra dimensão do conhecimento técnico, que é a vontade de transformar, se possível, toda humanidade (TIBON-CORNILLOT, 2011).

³³⁶ “Agora sou capaz de perceber campos magnetos de forma não possível naturalmente. A sensação é diferente de segurar um ímã, como os neurônios são estimulados com uma resolução maior. Com o implante posso detectar mudanças sutis na polaridade e na força que eu não poderia se estivesse equipado com um ímã da forma convencional”.

Por fim, através de algumas ilustrações, identificamos que o traço fundamental da cultura *biohacker*, *body hacker*, e *grinder* é a inovação por intermédio da *experimentação* feita ao nível do indivíduo, comprovando o que Tibon-Cornillot (2011) disse a respeito do comportamento contemporâneo: “*L’expérimentation n’est pas d’abord vérification mais institution, construction d’une nouvelle réalité*”³³⁷ (2011, p. 15). De um lado, o espaço da inovação puramente técnica é deixado em aberto nas pesquisas científicas que enfatiza a importância das aproximações experimentais. Do outro, observamos indivíduos cujo discurso experimental se vê legitimado pelos eventos da esfera institucional. A junção dos dois abre espaço para comportamentos individuais e coletivos dos quais não se tem controle, e todos os efeitos da técnica nesse âmbito ainda são imponderáveis.

5.5 A revanche das próteses

A essa altura já apreendemos que nosso corpo não é um território fixo, imutável e pré-existente. Ele se transforma através do tempo de múltiplas formas: através da nossa vivência, nossas interações com o ambiente, com diferentes mediadores que constituem encontros que perpassam e moldam nosso organismo. Bricolamos nosso corpo enquanto vivemos e construímos nossa existência no mundo. Aprendemos a viver intersetorialmente. Donna Haraway (2007, 2008) nesse contexto, prefere o termo *intra-ação* para se referir a essa codefinição recíproca de elementos emergindo juntos e se moldando uns em relação aos outros, por fim, levando a interações imprevisíveis. Nesse cenário, o corpo é construído à imagem dos sonhos, das inspirações oriundas de diferentes fontes, dos constrangimentos físicos vividos. Nosso organismo é modulado de forma prevista e muitas vezes inesperadamente. Quando achamos que possuímos seu controle, descobrimos sua perda. Oscilamos entre os dois polos facilmente, afinal somos seres plásticos e moduláveis. A indeterminação excepcional das fronteiras de nosso organismo é resultado da influência mútua que modela a utilização dos instrumentos e nossa plasticidade

³³⁷ “A experimentação não é inicialmente verificação, mas instituição, construção de uma nova realidade”.

física. Desse modo, os instrumentos não são exteriores ao corpo, nem simples prolongamento. Eles têm se tornado elementos intrínsecos, fazendo dos limites materiais do corpo moduláveis e adaptáveis. A plasticidade corporal tem se destacado maiormente na contemporaneidade, envolvendo-se num lugar comum para ponderarmos as tendências- momentâneas ou não- que fragilizam a construção identitária do sujeito.

Estabelecer uma correspondência entre o eu e o corpo é buscar por uma identidade. Plástico, o corpo acompanha o desejo do sujeito de modificar a sua própria matéria e existência. Trata-se de uma nova forma de narcisismo, no qual a imagem interior de si deverá corresponder às formas físicas. Os esforços, experimentos e investimentos têm por objetivo transformar o corpo num símbolo identitário, numa escultura de si (ANDRIEU, 2004). E Considerando que o corpo é uma entidade plástica, cuja estrutura não é fixa, torna-se possível reajustá-lo a tempo e fora de tempo, adaptando-o sem jamais alcançar uma demarcação definitiva. Portanto, o corpo se constitui progressivamente, possuía capacidades e funções que não lhe são inatas e nem predefinidas. *Ele é um domínio aberto para diversas afetações e devires.*

A transformação corporal perturba nossas fronteiras, comprovando que nosso organismo não se limita ao corpo, incluindo, analogamente instrumentos e objetos com os quais interagimos. Ora, o corpo é mais do que matéria orgânica, ele é constituído de ferramentas e dispositivos estrangeiros que lhes são incorporados. Num mesmo movimento temos nosso corpo, mas também os objetos que estão lhe são associados; que modulam suas possibilidades, capacidades, limites e sensações numa equação corporal dinâmica (TIBON-CORNILLOT, 2011). Se de uma forma mais geral as ferramentas não são prolongamentos artificiais do nosso corpo (circunscritas a ele) ao mesmo tempo, elas podem se tornar prolongamentos naturais num processo de extensão relacional (STRATHERN, 1995, 2004) capaz de produzir diferentes inclinações nas conexões.

Pela utilização de matérias protéticos, a possibilidade de modulação, de adaptação, de alteração, de aperfeiçoamento e de aumento do corpo é plausível. A prótese permite que o corpo seja reconfigurado com alto grau de especialização funcional (FEATHERSTONE; BURROWS, 1995). Observaremos que elas não são “mais um” elemento externo ao organismo capaz de lhe fornecer funções desconhecidas. Sua relação particular com a corporalidade prolonga o corpo de forma pontual e reversível. Pode fundir-se a ele ao substituir um membro corrompido, ao invés de

se justapor aos já existentes (no caso específico das próteses). As próteses são ilustrações do hibridismo humano e técnico que questionam características e limitações do corpo humano, sobretudo diante de modelos altamente desenvolvidos que se fundem de forma requintada ao corpo (McCARRON, 1995).

Ora, iniciaremos abordando o uso “reducionista” do termo, geralmente aplicado por estudiosos para mencionar interfaces entre o corpo e a máquina, tendo em vista que o vocábulo “protético” se popularizou tanto entre pesquisadores quanto a alegoria ciborgue se exauriu entre eles (SMITH & MORRA, 2003). Ele substituiu a figura utilizada por Haraway (1991) para continuar os debates em torno das mediações entre humanos, tecnologia e formação da subjetividade. Daí, outras composições surgiram com significações específicas, tais como “consciência protética”, “memória protética”, “estética protética”, “territórios protéticos”, “dispositivos protéticos” e “processos protéticos”. Cada um abrange uma série de binários os quais acreditamos que devemos ultrapassar ao pensarmos as associações feitas ao nível da sociedade (SMITH & MORRA, 2003).

A despeito desta ser uma asserção teoricamente rica, ela não abrange a questão histórica e social da prótese, da mesma forma deixa de lado aqueles indivíduos que não se servem das próteses no sentido figurativo, mas real, isto é, na esfera da reabilitação, cuja utilização empírica e médica podem substituir uma parte ausente do corpo. Para o que pretendemos mostrar, as próteses reais são mais significativas do que o sentido figurado imputado que habita o mundo das teorias culturais (SMITH; MORRA, 2003).

*To a certain extent, prostheses do illustrate a type of body-machine interface emblematic of modern culture. What, after all, could be a greater expression of modern anomie than the worker or soldier who, after losing his or her arm to modern warfare or an industrial accident, gets a replacement limb fabricated of synthetic materials?*³³⁸ (OTT; SERLIN; MIHN, 2002, p.03).

³³⁸ “Até certo ponto, as próteses ilustram um tipo de interface corpo-máquina emblemática da cultura moderna. O que, afinal, poderia ser uma maior expressão de anomia moderna do que o trabalhador ou soldado que, depois de perder o seu braço para a guerra moderna ou um acidente de trabalho, recebe um membro substituto fabricado com materiais sintéticos?”

Compreendemos que as metáforas são deslocamentos entre realidades para ajudar a elucidar diferentes questões, por meio da reconfiguração do discurso, todavia abandonamos as próteses enquanto figura de linguagem e nos reapropriamos delas como dispositivos - permanentes ou temporários - e utilizados para substituir membros- inteiros ou parciais. Não queremos ignorar as experiências vividas na carne pelos indivíduos com as próteses.

A restauração da capacidade motora e sensorial perdida é o uso mais antigo das próteses. Vestígios apontam para seu uso distinto ao longo da história humana³³⁹, sustentando sua importância diante da afetação da integridade física. De acordo com a técnica disponível em cada época, o homem sempre tentou encontrar maneiras de restaurar as fronteiras físicas destruídas. A história das próteses - repleta de diferentes versões - carrega um passado tradicional, e atualmente uma perspectiva futurista. Seu avanço está ligado diretamente ao progresso técnico-científico, e presentemente se situa na intersecção com outras disciplinas, tais como nanotecnologia, biologia, neurociência e engenharia elétrica.

Os primeiros dados sobre membros protéticos vêm dos egípcios, que teriam sido os pioneiros dessa tecnologia. Arqueologistas encontraram múmias com membros artificiais que teriam sido implantados, provavelmente, durante a vida e outros ao longo do processo de mumificação (ZIMMERMAN, 2008). Acreditando na continuação direta da vida após a morte e seguindo prescrições do deus da morte, Osiris, o corpo do cadáver deveria estar perfeito fisicamente para usufruir da eternidade. Isso explica porque alguns membros protéticos foram encontrados nas múmias (pernas, narizes, dedos, pênis³⁴⁰) que foram colocados com objetivo de trazer completude ao indivíduo que iria desfrutar da realidade eterna. As próteses pretendiam compensar partes do corpo que haviam sido mutiladas.

Na Itália, uma perna artificial feita de bronze e ferro com núcleo de madeira foi encontrada em 1858, a estimativa é de que seja de 300 A.C. Além dessa evidência, constam registros de

³³⁹ Poderíamos também citar uma mão de ferro datando do século XV e exposta no Museu de Arte e História de Fribourg, ou ainda a perna de bronze romana datando de 300 A.C. exposta no Royal College of Surgeons in London, entre outros membros artificiais.

³⁴⁰ Disponível em: <http://www.livescience.com/4555-world-prosthetic-egyptian-mummy-fake-toe.html>, acesso 10 de maio, 2014.

outros homens cujo braço foi amputado e substituído por uma prótese para que pudesse retornar ao campo de batalha³⁴¹. Na Idade Média houve alguns avanços, mas ainda assim, a maioria das próteses visava esconder deformidades de combatentes nas guerras, sendo desenhadas com finalidade de segurar escudos ou disfarçar membros ausentes, tendo em vista que a preocupação funcional era limitada às batalhas.

Quanto às próteses internas, ou implantadas, possuem uma história particular. Sua implementação foi mais difícil tendo em vista que exigiam procedimentos cirúrgicos complexos. Portanto, elas não existiam até o final do século XIX. Nesse período, assistimos à introdução das bases fundamentais da cirurgia moderna, isto é, a anestesia e a assepsia. À Themistocles Gluck foi atribuída a criação do implante das primeiras articulações artificiais. Ele também criou modelos de substituição total de ombros, cotovelos, mãos e articulação dos joelhos. Constava das preocupações de Gluck que os implantes tivessem volume e peso reduzidos para fornecer contorno mais eficiente. Seu primeiro implante foi realizado em 1980 e, três semanas depois ocorreu a substituição total do punho de outro paciente. As operações foram bem sucedidas em curto prazo, mais tiveram que ser removidas tempos depois por causa de infecção crônica (RITT et al, 1994)³⁴².

Apesar dos percalços, foi a partir dos anos vinte que esses projetos começaram efetivamente a se desenvolver no domínio médico, tendo se expandido a outros membros e articulações. Quarenta anos mais tarde, as próteses tiveram melhorias significativas, sobretudo em razão da utilização de novos materiais (o aço-inoxidável ainda é utilizado em algumas próteses, ligas de cromo-cobalto ou titânio) mais flexíveis, adaptáveis ao corpo e resistentes ao desgaste. Contemporaneamente, todas as articulações do corpo são substituíveis por meio de próteses totais ou parciais.

No que concerne os implantes sensoriais, estes surgiram na metade do século XX. A tecnologia que tem sido associada para suprir a privação dos sentidos da escuta e da visão varia

³⁴¹ Disponível em: http://www.amputee-coalition.org/inmotion/nov_dec_07/history_prosthetics.html, acesso 10 de maio, 2014.

³⁴² Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1884727/pdf/bmj00105-0026.pdf>, acesso 11 de maio, 2014.

dos aparelhos auditivos aos implantes cocleares, lentes intraoculares para corrigir erros refrativos até aos complexos implantes de córneas artificiais. Graeme Clark da Universidade de Melbourne, Austrália, é creditado como pai dos implantes cocleares, sendo um dos primeiros criadores de um implante de multicanais para auxiliar a escuta (MILLER, 2006). Dado o avanço da tecnologia que permite a criação dos implantes cocleares, o desejo e a viabilidade da visão artificial foram alimentados. Testes e métodos mais confiáveis possibilitam médicos e cientistas investigarem sistematicamente a relação entre a estimulação elétrica no tecido neuromuscular e campo visual (RODRIGUES et al, 2004). Contudo, somente em 2006 os protótipos e testes foram estabelecidos. Apesar de alimentar a esperança do reestabelecimento da visão, eles geraram controvérsias por causa das implicações e eficácia da terapia ao longo prazo (DAGNELIE, 2011).

As próteses sobre as quais falamos foram concebidas para substituir funções motoras deficientes e, por último, funções sensoriais. Por conseguinte, não abordamos aqui sempre as mesmas próteses. Elas são designadas de acordo com sua natureza, apesar do termo ser empregado indiscriminadamente. No que diz respeito à nomenclatura, próteses e endopróteses são dispositivos permanentes, ou temporários, que são internas e colocadas cirurgicamente. As exopróteses são de uso externo, podendo ser utilizadas ou removidas de acordo com a situação. Logo, a relação do indivíduo com o corpo não será a mesma. Aquele que possui a prótese de um quadril não pensará na natureza inorgânica e exterior desse implante, sobretudo quando este recuperar as funções motoras perdidas. Essa prótese não é mais sentida, percebida e refletida. É como se, de certo modo, o envelope corporal tivesse se fechado sobre esta prótese, integrando o mais profundo do corpo. O mesmo nem sempre ocorre com as exopróteses, que são externas ao corpo e visíveis em permanência, lembrando ao usuário que há algo acoplado à sua natureza. Nessa situação, o corpo oscila entre dois pontos, sua completude a incompletude. No mesmo fluxo o sentimento identitário se desestabiliza, podendo inclusive ser fonte de preocupação e dor diante de um corpo que não corresponde à normatividade.

Por ser um anexo corporal inorgânico, a utilização da prótese exige um intenso aprendizado por parte da parte do corpo que a sustenta. As próteses são feitas sob medida a fim de encaixar perfeitamente no membro amputado. Ainda assim, a parte orgânica pode se fatigar após a utilização constante, pois não foi feita para aguentar um material além do orgânico. O bom uso de

não importa qual prótese, necessita um contínuo aprendizado desse elemento estrangeiro com limitações técnicas, porém que trará benefícios inestimáveis ao usuário. A reapropriação corporal para superar uma ou várias deficiências devolverá a ele a restauração do conjunto de suas fronteiras físicas.

Entretanto, o sucesso da medicina reparadora por meio das próteses, que vedam essa brecha identitária através da reconstrução física dos indivíduos, alimenta uma ambiguidade, eixo dessa secção. À vista da plasticidade corporal, o desejo de reparação tem se transformado na busca pelo aperfeiçoamento. Contemporaneamente, existe um discurso de superioridade do corpo deficiente tendo por base tecnologias extremamente avançadas que convertem os materiais protéticos em mais eficazes do que os membros orgânicos³⁴³. Neste caso, o avanço técnico ultrapassa a função assistencial e fornece desempenho superior as funções naturais. Alguns desses indivíduos - que geralmente nasceram com alguma deficiência- se tornaram destaque na mídia e sustentam uma fala de superação, afirmando que em razão da falta de um membro, estão aptos para usufruir sensações desconhecidas aos homens fisicamente íntegros. Eles se definem como “superiores”, pois suas funções além de terem sido restauradas foram estendidas. Eles corroboram a visão de que associação da deficiência e da tecnologia são símbolos de distinção e superioridade, alterando a forma da sociedade interpretar a deficiência nos dias de hoje (MUNIER, 2013).

E é aqui que podemos fazer um paralelismo das próteses com a filosofia do *body hacking* no sentido de que os elementos externos remetem o corpo ao nível da normalidade anatômica, e sobretudo, representam a possibilidade de aperfeiçoá-lo. Assinalaremos como a utilização de membros artificiais para reabilitação enfrenta um período revolucionário. Reabilitação não é mais o único propósito das próteses. Elas abrem um espaço de questionamento daquilo que é visto como normalidade, ao mexer na percepção social da deficiência. As representações das próteses são carregadas de uma ideologia na qual a deficiência é uma alternativa vantajosa a um padrão

³⁴³ Entre muitos exemplos existentes, alguns serão mencionados posteriormente, citamos agora as próteses revolucionárias que acumulam energia dos quadris devolvendo ao pé protético mais velocidade (BURKETT, 2010).

físico que não é aplicável em todas as sociedades, e que, portanto, não deve ser tido como um valor absoluto na nossa.

5.6 Uma via legítima de aumento corporal

A história da inovação tecnológica tem uma importante presença militar. Como um dos principais padrões do setor industrial, o poderio militar, no seu papel de experimentador de produtos técnicos, sempre estabeleceu objetivos para fabricantes privados que conseqüentemente influenciam o processo inovativo. E essa é a principal alameda através da qual ele influencia o design e a produção industrial, por exemplo, os anais da aviação, eletrônica e metalurgia. O que é mais significativo, segundo a tese de Smith (1985), é que os serviços que os militares possuíam e operacionalizavam (que geravam provisões para as indústrias ao longo dos anos) e os testes que eram conduzidos em suas instalações ajudaram decisivamente a definir o que se tornaria uma prática tecnológica padrão. O entusiasmo militar pela tecnologia tem qualidades distintas e, de longe, seu principal interesse são problemas sofisticados, além do compromisso patriótico com a defesa nacional.

É inegável que as Forças Armadas tiveram um papel importante no estímulo do desenvolvimento tecnológico. A empreitada tecnológica é um elemento chave para a segurança militar e desempenho econômico. Os governos financiam pesquisas tecnológicas a fim de obter resultados militares, defesa nacional, eficiência energética, proteção ambiental e avanços na saúde. Grande parte das histórias conta como a tecnologia foi inicialmente utilizada para propósitos militares peculiares e, de alguma forma, extravasaram objetivo inicial, sendo aplicada na esfera civil. Ela foi adaptada para acolher um uso e propósito mais benigno. Apesar de não ser projetada para outras funções, ela possui finalidades diversas. A tecnologia nascida com propósito militar adentra a sociedade de forma não sistemática e quando foi transferida para a arena civil, não manteve as mesmas marcas nem ingerências. Todavia, o impacto na forma específica de desenvolvimento tecnológico e sua utilização trazem conseqüências econômicas e sociais de alto alcance e que foram pouco examinadas. Essas empreitadas financiadas para aumento do poderio militar alcançam pessoas que precisam de tratamentos terapêuticos e

passando dessa demarcação, podem facilmente ser convertidas em desejo de aperfeiçoamento, sem nenhum controle social dessa extensão (SMITH, 1985).

Uma das formas da tecnologia militar impactar a sociedade e seu desenvolvimento técnico, com consequências profundas, é a atual iniciativa da *Defense Advanced Research Projects Agency* (DARPA) ou Agência Projetos de Pesquisa de Defesa Avançada consiste em desenvolver materiais protéticos arrojados para minimizar desdobramentos negativos do pós-guerra. Em 2006, criaram o programa *Revolutionizing Prosthetics*³⁴⁴ ou Revolucionando as Próteses, que tem por objetivo desenvolver protótipos de alto desempenho de braços, que conferem ao indivíduo mais opções de movimento de 360 graus, destreza e controle. Contando com a participação de voluntários amputados, antigos veteranos de guerra do Afeganistão e do Iraque, a DARPA testa braços mecânicos antropomórficos controlados por ondas cerebrais. A atual fase do projeto tem averiguado a viabilidade do controle cerebral para ser posteriormente comercializada.

Todos esses traços também encontram adeptos fora do círculo militar e servem para encorajar abertura e interação entre o mundo da ciência, engenharia, negócios e defesa. E esse entusiasmo é um traço visível da ideologia ocidental de progresso. Uma investigação mais profunda sobre a contribuição militar para a expansão e impacto do conhecimento técnico seria esclarecedor, porém, não é o tópico desse trabalho. Acima de tudo, a iniciativa militar é um elemento chave num contexto que reflete a complexidade da mudança tecnológica como produto da sociedade e seus processos sociais implacáveis.

5.7 A superação de Oscar Pistorius: O Blade Runner

O representante do discurso que tem mexido com a percepção do corpo deficiente, é o atleta Oscar Pistorius que não poderia deixar ser o primeiro a ser destacado. Ele é um dos representantes dessa nova era que tem como principal característica a superação do desempenho dos deficientes em relação aos fisicamente íntegros. O caso emblemático envolvendo o corredor

³⁴⁴ Disponível em: http://www.darpa.mil/Our_Work/BTO/Programs/Revolutionizing_Prosthetics.aspx, acesso em 18 de maio, 2014.

sul-africano, nascido em 1986 e amputado aos onze meses abaixo do joelho por ter nascido sem as tíbias, eclodiu após sua intenção de participar de competições fora da modalidade paraolímpica. Provavelmente, ele se tornou o atleta amputado mais mencionado quando se discute as possibilidades de superação de limitações físicas por meio de materiais protéticos. Reconhecido como um fenômeno esportivo internacional, Oscar Pistorius foi apelidado de *Blade Runner*³⁴⁵, que literalmente significa aquele corre sobre lâminas, mas também uma referência ao filme de ficção científica *Blade Runner* produzido por Ridley Scott, no qual seres artificiais criados pelos homens possuem força superior a dos humanos.

Pistorius acumulou dezoito medalhas de ouro e cinco recordes mundiais tornando-se particularmente conhecido em 2007 por ter solicitado sua participação nos Jogos Olímpicos de Verão em Pequim. Porém, a Associação Internacional de Federações de Atletismo negou o pedido de participação nas competições clássicas alegando que as próteses tecnológicas de Pistorius (*Flexfoot*, conhecida como *Cheetahs*, em alusão ao guepardo) especialmente concebidas para corrida, confeririam ao competidor uma vantagem em relação aos competidores válidos.

As habilidades do atleta acopladas a essa tecnologia protética levantaram questionamentos sobre sua qualificação esportiva. Para verificar se ele possuía vantagens em relação aos válidos, a Associação Internacional de Federações de Atletismo realizou um estudo científico independente que consistiu na análise biomecânica e fisiológica de Pistorius portando suas próteses de fibra de carbono. Esse material flexível atua de forma semelhante aos ligamentos do corpo humano, contudo pode armazenar e produzir energia que é rapidamente devolvida ao longo das passadas. A investigação realizada contou com a participação Oscar Pistorius e consistiu na execução de testes entre o atleta inválido e outros cinco atletas válidos com nível de desempenho semelhante ao de Pistorius no quesito corrida de 400 metros. As avaliações duraram dois dias e o objetivo era saber se as próteses utilizadas por Pistorius seriam simples suportes técnicos -fundamentais para a realização da atividade- ou se estas concediam vantagens em relação aos atletas que não possuíam o mesmo dispositivo. Se os resultados se enquadrassem no segundo caso, Oscar

³⁴⁵ Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/olympics/athletics/7141302.stm>, acesso 13 de maio, 2014.

Pistorius estaria infringindo as regras internacionais estabelecidas pela Associação. Os testes concluíram que ao portá-las o atleta era capaz de correr economizando 25% de energia conforme alcançasse determinada velocidade. Após terem estimado a potência fisiológica de todos os atletas participantes das análises, teria ficado evidente para os especialistas que o potencial do atleta amputado era superior ao dos outros. O estudo biomecânico indicou que a velocidade mecânica do usuário de próteses possui força de reação significativamente maior e inédita em corridas de velocidade com atletas válidos. Destarte, um corredor com próteses teria um retorno de energia três vezes superior quando atingisse a velocidade máxima. Não obstante, acrescenta-se o fato de Pistorius possuir vantagem mecânica de 30% na articulação dos tornozelos, à vista de tal “superioridade protética”, Oscar Pistorius se tornou inelegível para a competição organizada pela Associação Internacional de Federações de Atletismo (IAAF, 2008).

Não obstante, uma vez que o relatório foi apresentado, Pistorius dirigiu o caso à Corte de Arbitragem do Esporte solicitando revisão do parecer por meio de avaliações mais especializadas. A demanda rendeu uma batalha judicial e suscitou opiniões divergentes entre o público. Em 2008, a Corte de Arbitragem concedeu veredito afirmando que até aquele momento faltavam provas científicas suficientemente embasadas que indicassem a superioridade do atleta devido à utilização das próteses. Além disso, a investigação preliminar havia ignorado as desvantagens do atleta nas fases de aceleração de uma corrida em relação aos competidores válidos (IAAF, 2008b). Estando apto para participar da competição, seu desempenho nas corridas classificatórias foi inferior às marcações necessárias, desqualificando-se para as Olimpíadas de Pequim, porém não para as Paraolimpíadas, onde o atleta conquistou excelentes marcações e tornou-se o primeiro a ganhar medalhas de ouro nos 100, 200 e 400 metros em sua categoria³⁴⁶. Certamente essa ilustração mereceu destaque pelo incômodo da junção de duas circunstâncias inesperadas. Primeiramente, a hipótese que um atleta deficiente pode ter um desempenho superior à de um válido e, em segundo lugar, que essa distinção é gerada pela substituição de um membro orgânico. Pistorius se tornou um misto humano e tecnológico, portanto seu corpo é diferente dos

³⁴⁶ Disponível em: <http://oscarpistorius.com/about-oscar/>, acesso 10 de junho, 2014.

outros atletas paraolímpicos. Suas próteses não lhe faziam hesitar quando se envolvia em competições com outros atletas

Apesar do caso ter sido encerrado, surgiram controvérsias ligadas à transformação da visão do corpo deficiente, principalmente em se tratando de um atleta de alto rendimento. O tema das vantagens carregadas por inválidos, que se valem da tecnologia de ponta vê seu interesse acentuado. Se a perspectiva médica concebe as próteses como suportes técnicos para reabilitação motora, no esporte elas são regimentalmente conceituadas como dispositivos capazes de conferir desigualdade em relação aos que não se encontram na mesma situação. Destarte, no contexto esportivo espera-se que sejam concedidas possibilidades iguais de competição. Na medida em que a tecnologia é capaz de prover novas possibilidades aos atletas de aperfeiçoar a atuação, outras problemáticas surgem de como determinar quais tecnologias representam “aperfeiçoamento do desempenho” ou fundamentalmente “necessárias para o desempenho” (BURKETT, 2010). Ademais, o composto homem-máquina não está incluso nas categorias providas pelo esporte de alto rendimento, gerando uma problemática conceitualmente complexa. Essa mesma situação em outro contexto sublinhou as diferenças reais existentes e a situação do estatuto que atleta possuiria nessa competição não preparada para acolher um atleta com essas variáveis.

Esse caso indica uma transformação associada à robótica, à inteligência artificial e às nanotecnologias. No eixo da discussão era questionado se a tecnologia que dispomos criaria uma vantagem para o homem e se seria um elemento injusto em relação aos válidos, inclusive fora da conjuntura esportiva (BURKETT, 2010). Tanto o caso de Pistorius quanto de outros que ilustraremos adiante, salienta ambiguidades no debate sobre igualdade e deficiência, dentro e fora das arenas esportivas:

Pistorius' not unrealistic desire to participate in the regular Olympics is illustrative of how technological progress and changes in definition blur the distinction between able and disabled, therefore contributing to the emancipation of the disabled. But his case

*may also contribute to an increased inequality, between those that are technologically 'enhanced' and those that are not*³⁴⁷. (HILVOORDE; LANDEWEERD, 2010, p. 2224)

Alguns autores pensam que indivíduos altamente hibridizados com a tecnologia compartilham de ideologias pós e transumanas. Apesar de serem correntes distintas, ambos acreditam que o corpo aperfeiçoado pela tecnologia será o novo estágio da evolução de nossa espécie. O movimento cultural e intelectual transumanista é constituído de ideólogos que desejam superar a espécie *homo sapiens* por considerá-la imperfeita demais. Sonham em superar a noção essencialista da humanidade utilizando as tecnologias emergentes, estabelecendo o ou homem aperfeiçoado. Homem que, segundo os proselitistas, estaria livre das limitações físicas, das doenças e da morte. Mas ao abraçar o aperfeiçoamento tecnológico, os transumanistas mantêm o foco iluminista na ciência e muitos outros valores compartilhados do Iluminismo. Eles incentivam o investimento no avanço tecnológico, sobretudo no domínio da biomedicina, robótica e inteligência artificial, para conseguir chegar a um estado no qual a condição humana será tão profundamente alterada que seu termo não conseguirá mais existir. O problema ignorado por esses movimentos concerne à parcela de indivíduos que terá acesso a essas tecnologias, capazes de reforçar divisões radicais entre os tecnologicamente ricos e pobres.

Seja no debate de tecnologias disponíveis no esporte ou fora deste, as vantagens que um indivíduo pode usufruir em detrimento de outros, sustenta debates calorosos de outra forma de desigualdade, já que teoricamente o acesso igualitário a essas tecnologias deveria ser provido. Ainda no que diz respeito à Pistorius, sabemos que ele não possui nenhuma aspiração transumanista, mas continua sendo um pioneiro na concretização do futuro fantasiado por seus ideólogos, rumo ao estabelecimento dos sucessores pós-humanos.

³⁴⁷ “O desejo não irreal de Pistorius em participar nos Jogos Olímpicos regulares é ilustrativo de como o progresso tecnológico e as mudanças na definição obscurecem a distinção entre válido e deficiente, portanto, contribuindo para a emancipação das pessoas com deficiência. Mas no caso dele também pode contribuir para um aumento da desigualdade, entre aqueles que são tecnologicamente ‘aperfeiçoados’ e aqueles que não o são”.

5.8 A deficiência transformada em vantagem: Aimee Mullins

Aimee Mullins é a ilustração de uma pessoa que se construiu em torno da própria deficiência, assumindo sem complexo sua amputação graças a próteses sobremodo performantes. Seu discurso acentua a sua diferença, enfatizando o que ela percebe como “superioridade protética”. Dada à má formação dos ossos da fíbula, ela foi amputada das duas pernas quando tinha um ano de idade. Diagnosticada a se locomover somente com cadeira de rodas, sua limitação não foi empecilho para que se tornasse atleta de alto rendimento na corrida e salto em altura. Fez carreira também em filmes e na moda, desfilando para o estilista Alexander McQueen. No desfile dessa marca, em 1999, portando um corpete de couro e uma saia de babados, surpreendeu a platéia pelo par de pernas protéticas esculpidas em madeira que ostentava orgulhosamente. Em 2011, ela se destacou por ter se tornado embaixadora da marca de cosméticos L’Oréal e pela indicação recebida da revista *People* como uma das cinquenta mulheres mais bonitas do mundo. Além de ser uma inspiração de superação pessoal, Mullins é associada ao seu discurso que reverte padrões corporais atuais: “*I want to be seen as beautiful because of my disability, not in spite of it*³⁴⁸” (ORECKLIN, 2014).

Ela se tornou conferencista motivadora, realizando algumas conferências TED (reputada mundialmente por tratar de temas relacionados à tecnologia, ciência e mudança de paradigmas), programas de televisão, documentários e é geralmente mencionada juntamente com Oscar Pistorius por subverter a noção de que um deficiente possui limitações. Mudar os pontos de vista sobre o olhar lançado sobre si mesmo é sua caminhada; ela percebe a deficiência de outra forma, fazendo daquilo que era um problema tornar-se uma solução, e encorajando aqueles que estavam em condição de deficiência a olhar seu potencial. Mullins deseja dizer ao mundo que ter materiais protéticos em seu corpo não subtrai sua capacidade, tentando redefinir a percepção comum da deficiência e da beleza pela sua combatividade. Frequentemente, ela frisa que as modelos norte-americanas possuem mais próteses do que ela e, nem por isso, são percebidas sob a lente da

³⁴⁸ “Eu quero ser percebida como bonita por causa da minha deficiência e não a despeito dela”.

deficiência. Para ela, trata-se de uma construção cultural que deve ser transformada, principalmente com o avanço tecnológico que fornece condições suplementares aos deficientes e válidos outrora visualizados somente na ficção-científica. Tendo como referência sua autoconstrução, ela lança um olhar específico às definições de beleza e as possibilidades que cada indivíduo possui de superar adversidades. Mullins não esconde sua deficiência. Na maioria das fotos ela é destacada, e recusa-se normalizá-la ou escondê-la. Sua deficiência é exibida como possibilidade de explorar diferentes identidades, e a versão pública de sua carreira se tornou um benefício justamente em razão dela. Suas reflexões misturam sedução, esporte e desempenho, às vezes até a provocação.

Assinalamos que as próteses foram sempre visadas para finalidade terapêutica abandonando a questão estética. Funcionalidade, conforto e custo eram prioridades. Porém, elas constituem parte fundamental da percepção corporal do indivíduo, destarte, a questão estética para os usuários tem se tornado cada vez mais importante. As próteses de Aimee Mullins possuem estilos variados permitindo inclusive a utilização de sapatos com salto no lugar dos ortopédicos, unhas do pé com pedicure, pernas depiladas, entre outras “vantagens” que ela cita orgulhosamente durante suas entrevistas.

Mullins vive sua vida em cima de próteses, isto é, doze pares de pernas artificiais, desenhadas por Alexander McQueen. Esse verdadeiro arsenal de próteses terapêuticas e estéticas - que ela utiliza segundo o humor do dia - permite que brinque com sua altura, agilidade e feminilidade. Segundo ela, quando as pessoas afirmam que ela não possui pernas, ela responde dizendo possuir um cômodo inteiro cheio delas. Se for para desfilas, ela possui pernas talhadas à mão feita em madeira sólida de cinzas e que pode ser decorada de acordo com o desejo do estilista; se for sair com os amigos, ela possui pernas bem realistas feitas de silicone, finas, altas e sensuais; para participar de competições conta com pernas feitas com fibras de carbono. No filme *The Cremaster Cycle*, no qual Mullins realizou diferentes personagens, uma perna de poliuretano translúcido foi criada para ela e apelidada de “perna de cristal”. Ela também tem outro par de próteses bastante original, desenvolvida no contexto das gravações do mesmo filme: criada com terra, raízes de batata e beterrabas crescendo sobre ela e com um dedo de bronze. Sem dúvidas, estilo único para uma prótese. Tão excêntrico quanto esta última, é o par de pernas metade

mulher e metade leopardo que teria sido criada em homenagem a sua carreira de corredora. Suas próteses atraem a curiosidade e instigam a imaginação dos observadores. Para aqueles cuja liberdade de ação depende cotidianamente das próteses que se integram ao corpo, ser um ciborgue é uma realidade necessária, uma fenomenologia da experiência, mas que elimina as fronteiras entre terapia/aperfeiçoamento, funcionalidade/desempenho, etc.

Numa palestra TED, ao contar uma experiência que mudou sua própria percepção do que vinha tentando demonstrar por meio de tantas variações proporcionadas pela tecnologia, ela narrou o momento no qual despertou para a transformação do paradigma da deficiência. Segundo ela, quando estava numa festa com um par de próteses que lhe concedia 1,85m de altura, uma amiga teria exclamado indignadamente que não era justo que ela pudesse se transformar dessa maneira:

And that's when I knew – that's when I knew that the conversation with society has changed profoundly in this last decade. It is no longer a conversation about overcoming deficiency. It's a conversation about augmentation. It's a conversation about potential. A prosthetic limb doesn't represent the need to replace loss anymore. It can stand as a symbol that the wearer has the power to create whatever it is that they want to create in that space. So people that society once considered to be disabled can now become the architects of their own identities and indeed continue to change those identities by designing their bodies from a place of empowerment. And what is exciting to me so much right now is that by combining cutting-edge technology -robotics, bionics - with the age-old poetry, we are moving closer to understanding our collective humanity³⁴⁹ (MULLINS, 2009).

O que é considerado como invalidez ou deficiência é transformado no discurso de Mullins em suplemento do ser, uma oportunidade para explorar os elementos protéticos no coração do humano. Reconhecendo a situação muito privilegiada de Mullins em relação ao acesso às próteses, seu argumento sobre a possibilidade dos deficientes redesenharem e seus corpos e

³⁴⁹ “Foi aí que eu soube - Foi quando eu soube que a conversa com a sociedade mudou profundamente na última década. Não é mais um discurso sobre superar a deficiência. É um discurso sobre acréscimo. É um discurso sobre potencial. Um membro protético não representa mais a necessidade de substituir a perda. Ele pode ser o símbolo de que o usuário tem o poder de criar o que quer que seja naquele espaço. De modo que pessoas que a sociedade uma vez considerou deficientes agora podem ser os arquitetos de suas próprias identidades e, de fato, continuar a mudar essas identidades ao desenhar seus corpos desde uma posição de poder. E o que me entusiasma tanto agora é que, ao combinarmos tecnologia de ponta - robótica, biônica - com a antiga poesia, nos aproximamos da compreensão de nossa humanidade coletiva”.

desafiar quem é visto como deficiente e em ponderador, no sentido de que a invalidez, outra uma limitação a superar, torna-se a oportunidade de explorar um novo modo de vida. Ao invés da tecnologia “consertar” o corpo de acordo com um modelo normativo, é mais produtivo ver essas formas de estar no mundo que surge da vivência ciborgue³⁵⁰. Da mesma forma que o ciborgue de Haraway tem o potencial de criar meios produtivos de pensar sobre a subjetividade, gênero, deficiência e a materialidade do corpo físico, tais quais os ciborgues deficientes que mencionamos.

5.9 Deficientes esportistas ciborgues

O norte-americano Hugh Herr é mais um exemplo emblemático que conjuga necessidade terapêutica e ativismo científico. Engenheiro, biofísico, alpinista, ele foi amputado aos 17 anos abaixo do joelho após um acidente numa escalada. Depois de várias cirurgias e sessões de reabilitação, começou a se dedicar às possibilidades de aperfeiçoar sua prótese. Inicialmente tratava-se de rascunhos elaborados no ensino médio de um par de próteses ideal para montanhas, mas atualmente, Herr é professor no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e um engajado líder do laboratório de biomecatrônica. Juntamente com sua equipe científica MIT, realiza pesquisas relacionadas à integração de elementos mecânicos ao organismo. Ele foi um dos responsáveis pela criação de uma nova geração de membros artificiais que se baseia em sensores eletrônicos. A particularidade de seu grupo de pesquisas é que todos estão empenhados no desenvolvimento de próteses que fornecerão funções distintas. O cenário que visualizam consiste em próteses que concederão aos usuários superioridade em relação a qualquer membro corporal natural. Sua equipe já concebeu e comercializou joelhos, tornozelos e pernas onde elementos biomecânicos são fundidos a microprocessadores. Esses materiais protéticos bio-híbridos restauram a caminhada, a velocidade, devolvem o equilíbrio e atuam como se fossem membros orgânicos, sem trazer danos aos membros que os sustentam. Um dos resultados inovadores dessas

³⁵⁰ A ideia do inválido como o homem do futuro, foi amplamente explorada em romances e filmes de ficção-científica.

investigações é a prótese comercialmente conhecida como Rheo Knee³⁵¹, um sistema protético de autoaprendizagem que assimila e adapta as informações físicas individuais bem como as do ambiente. Por meio de sensores, as próteses se adequam automaticamente a forma de caminhar do portador, sendo sensível à variação de velocidade e de terreno. Em 2007, Herr e sua equipe anunciaram a criação do primeiro tornozelo robótico do mundo³⁵² e ele mesmo testou a prótese antes de aprová-la. Seu design libera força de retorno três vezes superior para o usuário através da “propulsão biônica”, isto é, um nano sistema computacional embutido capaz de assimilar as passadas do usuário e transformá-las em energia, tornando-se uma alternativa às próteses convencionais que demandam 30% a mais de força do que um tornozelo orgânico.

Em todos os projetos de criação protética os movimentos naturais do corpo são referências essenciais para facilitar sua adaptação ao corpo do usuário. A compreensão da forma, da operacionalização, das reações e das formações orgânicas quando em ação, são parâmetros eficazes para esses pesquisadores. São as próteses que devem se adaptar aos movimentos do corpo e não o inverso (WILLYARD, 2007). Com esse modelo, o usuário de prótese caminhando na mesma velocidade e da mesma forma que um indivíduo válido, não terá diferença estatística entre os movimentos. Até as últimas conquistas mencionadas pelo pesquisador, poucos projetos nesse sentido haviam tido êxito. Além disso, sua equipe elaborou um modelo computadorizado com base nano tecnológica. As próteses, que eram equipadas com molas simples e incapazes de prover muita energia, foram revolucionadas passando a assimilar movimentos através do microcomputador que, por sua vez, concede um retorno para o usuário que pode realizar movimentos mais naturais e confortáveis sem sobrecarregar a ação do quadril. Para que o tornozelo robótico fosse desenvolvido vários protótipos tinham sido criados entre 2003 e 2007, sem êxito. Após anos de trabalho, a equipe responsável pelo projeto conseguiu apresentar o último modelo que pesa menos de dois quilos. Além do tornozelo, o laboratório elaborou um joelho controlado por computador para amputados acima da rótula. Este utiliza partículas de ferro

³⁵¹ Disponível em: <http://www.ossur.com.br/?PageID=13722>, , acesso 20 de junho, 2014.

³⁵² Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-470340/Worlds-robotic-ankle-developed-Iraq-war-veterans.html>, acesso 20 de junho, 2014.

suspensas em óleo entre as placas de aço e manipuladas por campos eletromagnéticos para deixá-lo rígido ou flexível durante os movimentos³⁵³.

Referência em pesquisa e comercialização de próteses biônicas³⁵⁴, Hugh Herr acredita que este será o futuro do sistema de propulsão. O material protético produzido varia de acordo com a atividade esportiva praticada pelo usuário. O próprio Herr possui diferentes versões:

*When you go into my closet, there are many, many pairs of legs. I have a running pair, I have a bionic walking pair, limbs that are waterproof," he says. "I have various legs to climb mountains and to sense steep ice walls, other feet that wedge into small rock fissures [and] others that stand on small rock edges the width of a coin"*³⁵⁵³⁵⁶.

Com razão, a revista Times nomeou esse pesquisador em biomecatrônica líder da era biônica³⁵⁷ graças à sua pesquisa revolucionária que acopla o corpo humano com eletromecânica. Hugh Herr espera que o avanço nas pesquisas de interface corpo-tecnologia possibilitará a produção robótica humanoide: *"Imagine a future where we'll have bionic feet, ankles, knees, and hips that are technologically optimal. One could just bolt these pieces together to produce a humanoid hardware platform"*³⁵⁸³⁵⁹.

Willyard (2007) menciona a pesquisa mais ambiciosa sob liderança do pesquisador Herr, a criação de superhumanos, *"One of Herr's new pet projects involves designing prostheses for*

³⁵³Disponível em: http://newsoffice.mit.edu/2014/hugh-herr-bionic-ankle-emulates-nature0417#.U0_Vf6wDSSk.twitter, acesso 20 de junho, 2014.

³⁵⁴Líder no mercado de próteses biônicas e fabricante dos modelos *iWalk*.

³⁵⁵"Quando você entra em meu armário, há muitos, muitos pares de pernas. Eu tenho um par de correr, eu tenho um par biônico para andar, membros que são à prova d'água", ele diz. "Eu tenho várias pernas para escalar montanhas e sentir paredes de gelo íngremes, outros pés que cunham nas pequenas fissuras das rochas [e] outros que ficam na pequena borda das pedras de largura de uma moeda".

³⁵⁶Disponível em: <http://www.npr.org/2011/08/10/137552538/the-double-amputee-who-designs-better-limbs>, acesso 15 de maio, 2014.

³⁵⁷Disponível em: http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2091589_2092033_2092030,00.html, acesso 16 de maio, 2014.

³⁵⁸"Imagine um futuro onde teremos pés biônicos, tornozelos, joelhos e quadris que são tecnologicamente ideais. Alguém poderia apenas parafusar estas peças juntas para produzir uma plataforma de hardware humanoide".

³⁵⁹Disponível em: http://newsoffice.mit.edu/2014/hugh-herr-bionic-ankle-emulates-nature-0417#.U0_Vf6wDSSk.twitter, acesso 16 de maio, 2014.

*running that will enable amputees to sprint faster than any biological limb could*³⁶⁰” (p. 1395). Juntos, planejam uma prótese para que atletas paraolímpicos superem os olímpicos. Ele afirma: “*There is no such thing as a disabled person, there are only disabled technologies. The only limitation is the breadth of our creativity*³⁶¹.” (WILLYARD, 2007, p. 1395). Para essa equipe, a sofisticação tecnológica possibilita superar limitações humanas, portanto, suas práticas de laboratório não são divagações, mas metas a cumprir nas próximas décadas, principalmente a fusão total do homem com a tecnologia para além de todas as fronteiras orgânicas. Hugh Herr discorre sobre o assunto: “*But technology may be so vast and sophisticated that there will be a limb that can extend beyond what nature intended, and that will certainly be used in the Paralympics — decrease running time, increase jumping time, beyond what nature is capable of*^{362 363}”.

Outro impacto na produção de próteses terapêuticas personalizadas é da corporação *Bespoke Innovations*³⁶⁴, fundada em 2009, cujo lema é *Because every body is different* ou “Porque todo corpo é diferente”. Eles produzem materiais protéticos de acordo com o estilo de vida do cliente. Tanto o material quanto o formato são exclusivos e algumas próteses possuem inclusive tatuagens. Também são materiais mais sofisticados, dotados de motores, captadores eletrônicos, tecnologias baseadas na inteligência artificial que geram conhecimento tecnológico biônico significativo. Na estética, outra novidade vem da empresa escocesa *Touch Bionics* que lançou em 2011 um modelo de prótese baseada no conceito *living skin*. As peças criadas reproduzem características do corpo tais como pêlos, sardas e tons de pele. O material utilizado é

³⁶⁰ “Um dos novos projetos de Herr envolve desenhar próteses para corrida que irão possibilitar amputados correr mais rápido do que qualquer membro poderia”.

³⁶¹ “Não há essa coisa de pessoa deficiente, há somente tecnologias deficientes. A única limitação está na amplitude de nossa criatividade”.

³⁶² “Mas a tecnologia pode ser tão vasta e sofisticada que haverá um membro que pode se estender para além do que a natureza pretendeu, e isso certamente será usado nos Jogos Paraolímpicos – diminuição do tempo de corrida, aumento do tempo de salto, além do que a natureza é capaz”.

³⁶³ Disponível em: http://london2012.blogs.nytimes.com/2012/07/05/will-technology-solve-tracks-debate-over-amputees/?_php=true&_type=blogs&_php=true&_type=blogs&_r=1&, acesso 18 de maio, 2014.

³⁶⁴ Disponível em: <http://www.bespokeinnovations.com/>, acesso 16 de junho, 2014.

silicone de alta definição que gera verossimilhança com as camadas naturais da pele humana³⁶⁵. Curiosamente, mesmo para desenvolver máquinas superiores ao corpo natural, o organismo continua sempre como a referência, tanto para adaptação quanto para estética, com algumas exceções.

Outro caso de superação ciborgue é Jeff Skiba, atleta norte-americano de pentatlo e salto em altura. Amputado de uma perna, ele acumula primeiros lugares em várias competições paraolímpicas e obteve resultados semelhantes e, por vezes, superiores ao dos atletas válidos. Na Paraolimpíada de Pequim em 2008, ele conquistou o recorde mundial de salto em altura. Suas próteses são diferentes das de Oscar Pistorius, portanto, não acumulam nem liberaram energia durante a prática do esporte. De qualquer modo, é importante notar que o atleta possui quatro próteses diferentes para cada esporte que pratica: para salto em altura, corrida, halterofilismo e caminhada. Próteses diferentes são pragmaticamente necessárias, pois afetam diretamente o desempenho do atleta além de garantir segurança e conforto. Elas são suportes que permitem os atletas maximizar o desempenho.

Além de Skiba, há o ex-piloto italiano de automobilismo, Alessandro Zanardi, que perdeu suas duas pernas, vítima de um acidente em 2001 durante uma prova de corrida. Após a terapia e adaptação às próteses, ele competiu no Campeonato Mundial de carros de Turismo, num veículo especialmente modificado obtendo várias vitórias. Em 2006, ele se tornou o primeiro piloto amputado de duas pernas a assumir o volante numa corrida de Fórmula 1. Posteriormente, Zanardi abandonou as corridas para se dedicar ao paraciclismo, participando de paraolimpíadas onde conquistou mais medalhas.

Para os indivíduos com deficiência, o avanço tecnológico pode significar a recuperação total dos movimentos. Para os outros, a possibilidade de trocar os membros naturais por artificiais. O caráter terapêutico pode se converter em interesse de aperfeiçoamento, abrangendo a vontade daqueles indivíduos que estão dispostos a realizar quaisquer procedimentos para concorrer num patamar de superioridade nos contextos extremamente competitivos. O esporte

³⁶⁵ Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2011/09/empresa-desenvolve-proteses-de-membros-realistas-com-sardas-pelos-e-ate-tatuagem.html>, acesso 17 de junho, 2014.

constitui a amostra mais significativa dessas implicações. Técnico por essência, ele é locus da implicação estreita entre natureza e tecnologia. Os esportistas de alto rendimento são os principais interessados em superar o próprio desempenho. Desde quando são crianças, os futuros profissionais do esporte se parecem pouco com os outros de sua idade. Os atuais esportistas de alto-nível são estimulados desde a infância a competir e são treinados em tempo integral. A alimentação é sob medida e vivem à base de suplementos para se recuperarem com rapidez e estarem prontos para esforços incomuns. Seus corpos são fabricados metodicamente e medicalmente programados. Para obter o desempenho desejado, cada esportista faz a bricolagem de seu próprio cocktail de pílulas. Hoje são eles quem vão aos grandes laboratórios solicitar hormônios - que até então só foram testados em animais - para aumento do desempenho. O corpo desses atletas é trabalhado totalmente e sua potência expandida ao máximo. Não poderiam esses mesmos atletas solicitar amputação ou causar acidentes que levem a esse resultado, para poderem usufruir de materiais protéticos mais profícuos e conquistar a invencibilidade³⁶⁶? Essa preocupação já foi apontada por vários pesquisadores do assunto. Entre eles, George Dvorsky, que problematiza a questão tendo por inspiração o caso de Pistorius: *“Given the ‘arms race’ nature of competition, will these positional advantages cause athletes to do something as seemingly radical as having their healthy natural limbs replaced by artificial ones? (...) Is it self-mutilation when you’re getting a better limb?”*³⁶⁷ (CAMPORESI, 2008, p. 639).

Hugh Herr menciona o caso de uma jovem que possui uma perna danificada e decidiu amputar para ter uma prótese capaz de lhe fornecer mais capacidade atlética do que ela possuía até então (BIVER, 2007). Será que um indivíduo trocaria sua mão por uma biônica capaz de girar num ângulo de 360 graus³⁶⁸ e levantar peso superior ao que aguenta uma mão orgânica? Talvez não seja necessário remetermos aos filmes de ficção científica para admitir a pluralidade de usos das próteses que são capazes de superar os membros naturais dos homens, conferindo-lhes

³⁶⁶ Disponível em: <http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-23/podio-olimpico/atletas-dopai-vos>, acesso 16 de junho, 2014.

³⁶⁷ “Dada à natureza da ‘corrida armamentista’ da competição, essas vantagens posicionais farão os atletas fazerem algo visivelmente radical como ter seus membros naturais saudáveis substituídos por artificiais? (...) É automutilação quando você está adquirindo um membro melhor?”.

³⁶⁸ Disponível em: <http://www.touchbionics.com/products/active-prostheses/i-limb-ultra>, acesso 16 de junho, 2014.

poderes “super-humanos”. É possível que esse processo comece pela transformação da representação da deficiência e, posteriormente, pela disposição individual de superar a natureza para atingir seus propósitos, sejam eles quais forem.

5.10 Próteses robóticas *Open Source*, de baixo custo e o desafio da superação humana

Antecipando a evidente dificuldade de acesso dos deficientes às próteses de alta qualidade, o projeto *Open Prosthetics*³⁶⁹ ou Próteses Abertas, tem tentado disponibilizar gratuitamente elementos protéticos aos deficientes. Eles pretendem tornar próteses sofisticadas acessíveis financeiramente. Toda pesquisa desenvolvida não conta com qualquer tipo de financiamento institucional. É uma forma de *body hacking* que se utiliza de códigos abertos para reduzir os custos e disponibilizar os resultados. Uma das criações mais significativas é a mão articulada criada a partir de elementos Lego, um protótipo que os idealizadores pensam que poderá servir de base para uma prótese à medida que as investigações forem avançando. Outra proposta da equipe, ainda em fase inicial de desenvolvimento, é um *Open Myoelectric Signal Processor* ou Processador de Sinais Mioelétricos Aberto, dispositivo que pode coletar os sinais elétricos gerados pelos nervos e músculos, inspirando o desenvolvimento mais acelerado das próteses mecatrônicas e influenciando diretamente o desempenho na reabilitação. Este é um princípio básico utilizado pela maior parte das próteses inteligentes e exoesqueletos mais bem sucedidos, e os idealizadores do projeto acreditam que esse sistema poderá servir tanto para realizar a interface com jogos eletrônicos quanto computadores.

A possibilidade de alterar a forma física constitui no mínimo uma forma original de *body hacking*, indicando inegáveis mudanças de paradigma. Assumindo formas mais convenientes, as próteses são mais do que a substituição de um membro decapitado. Elas são um instrumento para

³⁶⁹ Disponível em: <http://openprosthetics.org/>, acesso 16 de junho, 2014.

que o indivíduo se adapte e supere melhor as condições do ambiente e agora fornece funções inexistentes ao corpo orgânico³⁷⁰.

Levantamos algumas questões que são vividas por esses indivíduos e a forma como se relacionam intimamente com a tecnologia, apesar de não ser a realidade da maioria dos deficientes, justamente pelo alto custo dessas tecnologias. Além do impacto dessas mudanças no corpo dos indivíduos, deve-se considerar a reestruturação da vida social por causa dessas novas formas de constituição da identidade ocasionadas por essas transformações. Isso significa que quando discorremos sobre os corpos e sua associação com a tecnologia não nos referimos simplesmente a alteração de sua estrutura orgânica, mas falamos sobre novas possibilidades de criar e recriar mundos, crucial nesse contexto.

Nesse sentido, a atitude dos indivíduos que citamos não os torna deficiente, todavia ciborgues no sentido que suas identidades ultrapassam e transgridem as fronteiras sobre o outro, sobretudo naqueles discursos que resultam em binários que mantêm a ilusão da invulnerabilidade do sujeito autônomo. Embora Donna Haraway raramente tenha engajado suas discussões com deficiência, a não ser em metáforas e notas de rodapé, nessa seção tentamos utilizá-la literalmente, olhando indivíduos com deformidades experimentam quando vivem em cima de próteses.

As próteses são dotadas com significados culturais e sociais que afetam a subjetividade e identidade, num movimento que vem tanto do indivíduo quanto da coletividade. É possível que o ciborgue deficiente não seja estigmatizado e visto como meio homem, meio máquina. A experiência de viver como um ciborgue contemporâneo coloca questões que já mencionamos, mas estas não costumam perpassar as teorias sobre os ciborgues. Entre elas podemos mencionar a distribuição desigual das tecnologias, o compromisso das pessoas de viverem com elas, a vulnerabilidade, a vigilância e a dependência. Isto é, apesar das desconstruções culturais

³⁷⁰ Convidamos os leitores a conferir as propostas de próteses desenvolvidas pela empresa norte-americana Össur, fundada em 1971, com experiência em desenvolvimento e produção de próteses não invasivas que advoga uma vida “sem limitações” para os amputados. Ela foi reconhecida como a empresa líder no mercado mundial e honrada pelo World Economic Forum como pioneira em tecnologia. Jeff Skiba é um dos embaixadores das tecnologias dessa empresa.

possibilitadas pela alegoria, sua aplicabilidade para mudar a vida prática dos indivíduos, deficientes ou não, é de alcance limitado.

Vimos também que o inválido transformado em válidos no contexto cotidiano não parece ser problemático. Porém, pode ser bastante ambivalente no contexto esportivo de alto rendimento. Os que advogam a favor do aperfeiçoamento do homem por meio da técnica, utilizam essas ilustrações para defender direitos iguais aos deficientes, o que seria um ícone do progresso. Porém, há uma clara fricção entre a qualificação de Pistorius, Aimee Mullins, Jeff Skiba e outros como “supereficientes” e seus objetivos que consistem na reconsideração do entendimento da normalidade e da habilidade. A maioria desses discursos desdobra-se numa categoria de indivíduos “super-hábeis”, um modelo médico, robótico e esportivo que desenha um homem particular, fabricado pela tecnociência, idealizando um tipo de sociedade e corpo para o futuro. As próteses, as extensões mecânicas, estendem o alcance dos sentidos, acrescentando outras habilidades ao corpo, reconfigurando suas funções e concedendo-lhe outras formas.

Nesse quadro, há algumas concepções de próteses que ficam evidentes. As basilares estão relacionadas com artefatos que substituem problemas de origem orgânica, a possibilidade de aumentar a capacidade física através deste artefato. Nos dois casos, o corpo é uma dimensão *processual*, isto é, ele faz parte de construções diferentes. Esse método de prolongamento artificial do corpo por meio das próteses biônicas exige uma recomposição do corpo que cria uma extensão complexa e vários corpos virtuais. Dos discursos que lemos, podemos observar o caráter simbólico e de formação identitária por meio delas. A prótese, enquanto actante permite a reconstituição de uma unidade identitária, nova e diferente da anterior. “Aimee Mullins-com-sua-prótese-de-cristal” é somente uma, a prótese é junto com ela e está bem no próprio corpo. Quando Mullins está com suas próteses, ainda que haja um esforço de fazer transparecer esse elemento, o que se vê é uma única pessoa. Esse processo transforma o material protético num actante, um elemento constitutivo do corpo e com o corpo, criando um corpo protético singular, pois a prótese não reconstitui um corpo normativo, ela possibilita a exploração das associações humanas com as máquinas.

Devemos mobilizar igualmente uma reflexão sobre a prótese no corpo dos deficientes ciborgues. Sua tomada de posse pelos indivíduos com deficiência exige um processo de

ajustamento, porque a prótese não é um estado definitivo. Elas precisam ser alteradas de acordo com as necessidades individuais, seja ela relacionada à doença (degenerativa, por exemplo), ou desempenho em certas atividades. Além disso, necessitam se integrar adequadamente às fronteiras impostas pelo corpo natural bem como as impostas pela própria técnica.

O ajustamento da prótese pode muitas vezes ser precário. Ela pode parar de funcionar, necessitar ser substituída tanto em razão do tempo quanto da atividade desenvolvida, às vezes não se adaptam ao membro, etc. Nesses casos, a prótese se torna “mais um” dispositivo como qualquer outro. Portanto, adaptação significa um agenciamento bem sucedido e fluido entre duas entidades distintas em natureza. Só dessa forma que a função perdida pode ser restaurada e outra acrescentada, e a prótese pode fazer parte da construção do eu, e não se tornar outro elemento, separado do indivíduo. Tal processo tende a ser simplificado na medida em que tecnologias de ponta são utilizadas, diferentemente do que acontecia com os primeiros materiais protéticos sobre os quais abordamos na introdução desse capítulo.

Isto quer dizer que as próteses podem variar entre momentos de ajustamento e não ajustamento, pois essa interação com o organismo não é uma simples familiarização. Uma prótese robótica é um elemento do mundo, sem nenhuma influência na corporalidade. Quando ela é associada ao corpo, estabelece uma relação, agindo sobre ele e vice-versa, solicitando um ajuste entre ambos para que a prótese se torne um mediador que *constrói* o corpo. Além de conceder uma função, de possibilitar uma experiência completa, de estruturar a ação do sujeito e de criar um contexto de relação entretida com diversos objetos, a prótese é uma entidade que fabrica o sujeito (modificando suas relações intersubjetivas). Ela assume o papel de mediadora. Sua articulação com o corpo sustentará as ações dos deficientes ciborgues (articulados nesse coletivo humano e não-humano), configurando as relações num processo contínuo de ajuste físico e, paralelamente, identitário, potencializando a existência de novos vínculos e associações.

Por fim, a superação da deficiência é considerada excepcional, mais valorizada do que o desempenho desses atletas. Quando a deficiência sai de sua circunscrição, ela fornece condições superiores, transgredindo o significado do humano. Os personagens que mencionamos fazem parte de um movimento ambivalente. Suas atitudes embaralham inúmeras fronteiras. Suas histórias, bem como outras enquadradas na mesma associação com a tecnologia, estimulam a

ideologia pós-humana, as crenças de que a superação das habilidades do homem é essencial para criar humanos sem restrições. Outro paradoxo persiste nas tentativas de mecanização bastante profundas. De um lado, pode ser simbolizado como a normalização das deficiências, do outro, parte da ideologia neoliberal, na qual o que é sobrevalorizado são os talentos individuais de autosuperação. Sobre esse último, os representantes ciborgues rejeitam a ideia metafísica da natureza humana, mais ou menos compatível com as tecno-profecias transumanistas que, por sua vez, defendem o aumento físico como meio para melhorar a vida humana.

Relembramos que o corpo aperfeiçoado designa todas as possibilidades de reparar, duplicar, ultrapassar os limites impostos pela natureza ao ser humano, inclusive a deficiência, ocorrendo geralmente através da utilização de próteses e implantes artificiais integrados ao corpo (MUSSO, 2013). Todavia, não podemos deixar de criticar que o pós-humanismo é um pensamento cultural partidário da ideologia da sociedade capitalista e que está associado ao neoliberalismo econômico, à ideologia do livre mercado e do capitalismo tardio. Esse processo de ciborguização do deficiente não pode ser dissociado desses fenômenos. As ilustrações representam modelos de vencedores, heróis e indivíduos motivadores de audiência (HILVOORDE; LANDEWEERD, 2010). O discurso trazido é que além de terem se libertado das correntes do conformismo, eles se tornam arquitetos de seus próprios corpos, indivíduos que se construíram sozinhos, *self-made man*, e que não deixam nada ao acaso (DE LANGE, 2012).

Essas inovações que temos discutido sabem pouco de como seu exponencial progresso seria capaz de afetar as capacidades especificamente humanas. No momento, elas permitem que a vida e o corpo sejam experimentados alternativamente. O que os valores normativos do corpo definem como deficiência ou invalidez passa a ser destacado discursivamente como suplemento do ser, destarte, oportunidade excepcional de “*explorer la protheticité au coeur du phénomène humain*”³⁷¹ (LESTEL, 2013, p. 152). A deficiência que era anteriormente percebida como limitação a superar, revolve-se na oportunidade de explorar outro modo de vida (concepção que não possui nada de original ao já ter sido vastamente explorada pela ficção-científica). A natureza

³⁷¹ “Explorar o protético no coração do fenômeno humano”.

para o deficiente ciborgue, *body hacker*, é desprovida de sentido. Diante disso, será que o homem do futuro será desprovido de natureza? Será que a natureza poderá ser eliminada da forma como imaginam as correntes pós-humanas? (LESTEL, 2013). O autor acredita que não, contudo não menospreza seu poder transformador do social. Ao invés da eliminação da humanidade tal como ela se apresenta no presente, é “*à de nouvelles alliances et à de nouveaux agencements qu’il faut s’attendre*³⁷²” (LESTEL, 2013, p.154)

5.11 Um projeto de recriação da humanidade

“Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei com a terra. Você, porém, fará uma arca de madeira de cipreste (...). Faça entrar na Arca um casal de cada um dos seres vivos, macho e fêmea, para conservá-los vivos com você” (Gênesis 6, Nova Versão Internacional).

Essa famosa narrativa do livro de Gênesis narra a vida do patriarca Noé que salva a si mesmo, sua família e o remanescente de todos os animais do mundo em uma arca quando Deus teria decidido destruir a terra por causa da perversidade humana. A história do dilúvio está intimamente ligada com a história da criação da humanidade na qual a criação de um elemento técnico é um meio fundamental para a execução do empreendimento. Para Noé, o futuro pertencia a Deus e o homem teria sido criado à sua imagem e à sua semelhança.

A tradição ocidental Judaico-Cristã parte do princípio de que o corpo é “perfeito”, já que foi feito segundo a imagem de seu Criador. Se não partirmos desse princípio herdado, quais seriam as possibilidades de interferência corporal se considerarmos que este está longe de ser aquilo que o indivíduo deseja? Se aceitarmos que corpo é plástico e maleável, abrimos um caminho para que sua recomposição, segundo a vontade do sujeito; que possa representar sua identidade idealizada. A transformação que decorre desse desejo/projeto, a vivência física particular objetivada, acaba por contestar o mito de uma forma corpórea padrão e definitiva.

³⁷² “A novas alianças e novos agenciamentos que se deve esperar”.

Como vimos, o corpo conhece um processo por vezes sutil de transformação, por outras, de atos deliberados, muitas vezes produzidos em laboratórios ou inspirados por suas práticas científicas. De qualquer forma, é impossível ignorar que o corpo está sendo radicalmente metamorfoseado. Para alguns ideólogos, a espécie humana se aproxima de uma ruptura que resultará na criação de uma nova espécie, a pós-humana. Para outros, seria possível salvá-la, mantendo os traços da nossa existência.

Para dar conta dessa última possibilidade, nossa interlocutora é a *body hacker* Lissette Olivares, cujo objeto de ativismo é a normatividade física, que abriria uma via legítima de construção de uma estrutura corporal pós-humana baseada no companheirismo entre diferentes espécies. Seus primeiros implantes consistiram em semiesferas de silicone que se assemelham a um invertebrado bivalve, um modelo de pérolas que se forma em ostras. A escolha não foi feita aleatoriamente, pois para ela estes moluscos representam uma extraordinária transformação física que gostaria de vivenciar. A pérola é resultado de uma reação natural do molusco contra invasores que se alojam em seu interior. Para se defender, ela faz crescer uma camada de nácar ou madrepérola. Ao ser lançada sobre o invasor, esse manto se cristaliza rapidamente para limitar a periculosidade do invasor. Esse processo de transformação, que inclui uma mudança de sexo com média de quatro vezes por ano, seria a expressão do desejo de transformação de Olivares.

Na concepção de Lissette Olivares, o corpo é um material maleável que pode ser alterado de incontáveis maneiras para se adequar a um ideal particular. Ela argumenta que o corpo faria parte de um processo que a autora Eva Hayward (2010, 2012) definiu como *transbecoming*, ou “trans-tornando”, que significa a formação e/ou mutação corpórea por meio da emergência de uma identidade material, sensual, física, e social estabelecidas em processos corporais, virtuais ou temporais. As transformações vividas por seu organismo questionariam qualquer contestação de estabilidade e imutabilidade física. O corpo nesse processo de *transbecoming* estaria envolvido num processo sem fim de mudança e de transição. Essa concepção autoriza que inúmeros “outros” sejam encarnados em um território ilimitado onde todas as fantasias e representações são aceitas.

Interessada em consolidar seu processo de mutação, Lissette Olivares criou o projeto *Ten Thousand Generations Later: A Subdermal Co-Evolutionary Archive*, que compreende a

construção de um arquivo subdermal composto de criaturas com as quais ela desejaria coevoluir. O processo consiste na doação voluntária do DNA de pessoas e animais escolhidas que seriam armazenados em moldes de silicone e implantados em seu corpo:

My intention with this project is to construct a subdermal archive composed of the matter that has influenced the evolution of my consciousness. Using body hacking technologies I hope to preserve diverse materialities within silicon casings that will be stored under my skin. Genetic donations (voluntarily donated) such as hair, skin cells, nails, from those who have influenced my research and inspired me in this lifetime, as well as nano intertextual media (images, books, websites, found objects) would become part of my body, a surface to touch, and to transfer to another's care at the onset of my own corporeal evanescence³⁷³.

Consoante Olivares, esse projeto foi conceitualizado após a experiência pessoal de perda de seu animal de estimação, com o qual ela considerava estar coevoluindo. Disposta a manter seu cão vivo, Olivares e seu parceiro Cheto Castellano elaboraram um ritual no qual o corpo do animal foi cremado e suas cinzas utilizadas para tatuar seus corpos. Ela definiu tal momento como um ritual comemorativo³⁷⁴. Essa incorporação permitiu que pudessem prolongar a presença do companheiro de espécie, fundindo seus traços físicos em suas carnes. Esta “exploração corporal”, como ela caracteriza, teria incentivado investigações sobre potencialidades para o corpo no futuro. Tendo se voltado para a leitura de obras de ficção científica, ela pôde construir no seu imaginário diferentes mundos onde seu animal ainda existiria.

Foi nesse período, segundo ela, que releu a trilogia de Octavia Butler, escritora norte-americana de ficção-científica, chamada *Xenogenesis*. Nessa série, uma raça alienígena chamada Ooankali viaja todo universo coletando material genético de diversas espécies. Por meio da simbiogênese, isto é, pela incorporação das diferenças genéticas dos humanos no próprio arquivo

³⁷³ “Minha intenção com este projeto é a construção de um arquivo subdermal composto da matéria que tem influenciado a evolução da minha consciência. Usando tecnologias corporais piratas espero preservar diversas materialidades dentro de invólucros de silicone que serão armazenados sob a minha pele. Doações genéticas (voluntariamente doados) como cabelo, células da pele, unhas, daqueles que influenciaram minha pesquisa e me inspiraram nesta vida, bem como mídias nano intertextuais (imagens, livros, sites, objetos encontrados) se tornariam parte do meu corpo, uma superfície para tocar, e transferir para os cuidados de outra pessoa no início da minha própria evanescência corporal”.

³⁷⁴ Os rituais comemorativos servem a várias funções. Eles permitem que o indivíduo marque a ausência e crie a “presença” na medida em que ele acende e remodela a memória pessoal.

corporal, essa espécie sobrevive. Nesse imaginário intraespécies da escritora, para que os homens pudessem sobreviver seria necessário aceitar o acoplamento com a raça Ooankali. A ressurreição de um intermediário humano foi a ponte entre os humanos e a raça alienígena, que permitiu a projeção de cenários diferentes para a humanidade.

Essa ficção especulativa teria inspirado Lissette Olivares a imaginar a vida e o corpo humano no futuro. De acordo com ela, foi nesse momento que teria começado a se colocar questões sobre as possibilidades de transformação tanto de seu corpo quanto de sua consciência, e as possibilidades de concretização de seu sonho, considerando as técnicas avançadas que acredita dispormos no futuro: *“10.000 Generations Later is inspired by Octavia Butler’s multispecies storytelling and in particular, the co-evolutionary potential she sees in the Ooankali archival process. My intention with this project is to construct a subdermal archive composed of the critters (you are included) that I would like to (am in process of) co-evolve(ing)with^{375 376}”*.

Esse projeto, uma “cápsula do tempo” subdermal, tem como desejo manter criaturas que fizeram parte do processo coevolutivo de Olivares, por meio da utilização de técnicas de *body hackers*:

What if I pretend that I know that 10.000 years from now that is going to be technology to do something different with the body I want? So what I am going to do now is to start this archive process. It’s quite of a selective archive process. I want to archive the things around me and the things that I construct my world to create a type of repository DNA for whenever this potentiality can happen. The idea of having people that I find inspiring within my body whether or not literally incorporate their DNA. I like the idea of having them with me³⁷⁷.

³⁷⁵ “10.000 Gerações Posteriores é inspirado na narrativa multiespécie de Octavia Butler e, em particular, o potencial coevolutivo que ela vê no processo de arquivamento Ooankali. Minha intenção com este projeto é a construção de um arquivo subdermal composto por criaturas (você está incluído) que eu gostaria de (estou em processo de) coevoluir (indo)”.

³⁷⁶ O projeto foi compartilhado ao curso da etnografia e das entrevistas realizadas com Lissette Olivares nos Estados Unidos.

³⁷⁷ “E se eu fingir que em 10.000 anos a partir de agora haverá tecnologia para fazer algo diferente com o corpo que eu quero? Então o que eu vou fazer agora é começar esse processo de arquivamento. É um tipo de processo de arquivamento seletivo. Eu quero arquivar coisas ao meu redor e as coisas com as quais construo meu mundo para criar um tipo de repositório de DNA caso essa potencialidade venha efetivamente incidir. É a ideia de ter pessoas que acho inspiradoras dentro do meu corpo, incorporando literalmente ou não o DNA delas. Eu gosto da ideia de tê-las comigo”.

Assim como a Arca de Noé que fornece um exemplo de “civilização tecnológica” projetado para salvar um conjunto de indivíduos da mesma família e os casais de animais de todas as espécies, o projeto de Olivares conjectura os mesmos termos para todos os seres humanos. É uma extensão da humanidade anterior *in extremis*. Estaríamos sendo convidados a comparecer diante de Gaia, essa figura legendária cuja potencialidade progenitora é tão intensa que é capaz de dar vida a tudo que entra em seu ventre? Gaia é esse personagem duplamente composto de ciência e mitologia, a personificação da origem do mundo na mitologia grega e citada por especialistas científicos para designar a Terra que nós encerramos e que nos encerra.

Olivares não pretende transformar a humanidade tal como é, mas fabricá-la (através da coevolução programada por ela) um ser humano original, que nunca existiu dessa forma na Terra. Atenção para o reconhecimento de que humanos e não-humanos possuem um papel fundamental nas práticas *naturaisculturais* (HARAWAY, 2008) e a recusa de distingui-los arbitrariamente. O neologismo natureza cultura de Donna Haraway consiste numa abordagem que compreender todo “tornar-se” como “tornar-se com”, isto é, o deslocamento da noção de um corpo individual, pois todo se tornar é realizado em conjunto com outras entidades que podem ser conhecidas, visíveis, ou não, numa interdependência entre espécies. Nesse “tornar-se com”, contrários são amalgamados, colocados uns contra os outros, de modo a apagar suas fronteiras pela sua reafirmação.

Lisette Olivares afirma ter encontrado *body hackers* para colaborar na execução dessa proposta. Steve Haworth teria aceitado realizar os moldes em silicone capazes de armazenar o DNA dos doadores. Segundo Olivares, Haworth teria alegado ter tido a mesma ideia, demonstrando a intenção de manter os direitos autorais dos implantes e elementos que serão utilizados para armazenar o DNA. Do outro lado, Brian Decker, seu modificador corporal, realizaria a cirurgia. Ela afirma estar ciente de que alguns impedimentos podem inviabilizar a concretização de seu objetivo, como por exemplo, o fato de não poder garantir que Haworth irá utilizar tecnologia de ponta suficiente para fazer com que o DNA perdure. Todavia, ela insiste que seu projeto seria mais uma questão conceitual, uma projeção especulativa.

Não podemos ignorar as concepções sobre o futuro humano que essa arca de Noé alegórica sustenta. Este empreendimento porta o significado que ela delineia para o futuro da humanidade.

A evolução que ela prevê não é por excelência biológica e inconsciente, ao contrário, é cultural, esquematizada e motivada. A passagem de um tipo de humanidade para outra surge em grande medida no imaginário da ficção-científica, tal como ela demonstrou, que define a mitologia contemporânea de muitos e que parece ser um repertório de referência essencial (CUIR, 2006). Tal como Haraway (2008), devemos compreender essa alegoria de Olivares como uma figura que representa um mundo possível (o imaginado por Olivares) e que possuem sentido em determinada configuração, isto é, nesta miríade de encontros entre diferentes espécies. A especulação desse projeto é, sobretudo, em relação à identidade do sujeito após essa transformação que se dá no encontro das diversas entidades. E quem será Lissette Olivares quando seu corpo se encontrar e interagir com outros? Após ter incorporado outras criaturas, ecoevoluído com tais entidades, quem ela será? E quão humana *stricto sensu*? Essas entidades irão constituir seu corpo e se articularão a ele, e essa é a forma encontrada por Olivares de pensar esse processo de intra-ação entre as espécies, entre os seres e com a técnica.

A forma como nossa ativista concebe o futuro da humanidade possui uma lógica interna que permite que ela visualize e conceitualize o corpo e o mundo de maneira diversa. Apesar de conceder ao seu projeto caráter conceitual e artístico, é certo que ele coloca em questão linhas habituais de demarcação sobre a especificidade humana. A forma como Olivares concebe a relação entre entidades orgânicas e não orgânicas ajuda a interrogar nossas próprias categorias e descobrir que elas não são tão evidentes como acreditamos. Assim como Descola demonstrou através dos Achar que há diferentes formas de conceber a relação entre humanos e não-humanos, Olivares mostra que esta é mais uma possibilidade diversa de considerar a natureza, a cultura, o corpo e pensar as possíveis relações entre essas entidades. Percebemos que nossa singularidade em relação a outras formas de pensar é relativa, e no mínimo uma perspectiva situada, um lugar de onde observamos o quadro cultural diante dos nossos olhos, nem mais verdadeiro e nem menos sincero.

O homem é tão apaixonante e tão paradoxal quanto às teses que defende. Por vezes um sonhador e outras um dialético, razoável e provocador; levanta questões científicas e ao mesmo tempo ilusórias sobre nossa época com um olhar alternado do conjunto. Aquilo que tem origem tecnológica parece muito mais aceitável para o homem moderno, dito racional, mesmo que os

mitos e visões de anjos e demônios, tão típicos da Idade Média, se tornem verídicos apesar de assumirem aparência e eficácia (semi) científica (NOBLE, 1997). Na era da revolução digital, técnica e não biológica, o corpo apresentado na arte ativista é uma sutil mistura de experimentos e representação, corpo fictício, virtual e real. Ele contém a representação de um corpo que vai além da representação das interferências dos limites entre elementos orgânicos e artefatos tecnológicos, apagando as dicotomias que entrariam em colapso com corpo, alma, sexo e gênero. Experimentos realizados em novos espaços em constante mutação, o corpo é o laboratório que pode ser explorado através de mais conhecimento, não se trata muito de representar a realidade, mas de tomá-la e testá-la.

Em suas próprias especulações, Olivares deseja deixar pistas dos processos que fizeram parte de sua humanidade, caso um dia raças alienígenas ou quaisquer outras entidades desconhecidas tomem seu corpo cativo, ressuscitando-o e, na melhor das hipóteses, que os seres que fizeram parte desse processo *transbecoming* continuem a acompanhá-la em direção a outra vivência. O projeto apresentado por Olivares visa tratar a matéria inerte da mesma forma que a matéria viva. É imperativo perceber nessa fabricação da figura pós-humana, que leva a um lugar virtual onde estes elementos se confundem numa figura híbrida. Entidades que são estrangeiras, mas muito próximas do homem. Essas pérolas criadas por Olivares não são humanas, é uma intrusão; sua alteridade é real, mas podemos ser investidos dela. Elas são fundamentais na construção do corpo de Olivares, que consiste na inserção do mundo dentro de si para reformular sua unidade.

Por meio desse projeto, Olivares lança um olhar surpreendente, uma leitura sobre o destino individual e coletivo do homem, que sai de uma base simbólica e de projeção para se cristalizar profundamente na estrutura humana, modificando-a segundo sua própria obstinação. As representações da ciência moderna, as imagens coletivas vindas “de cima” e que lançam um olhar mais coerente sobre o destino do homem e do mundo não são juízos exclusivos. E estão se hipostasiando em razão do progresso do conhecimento, todavia essas conjecturas legitimadas “*ne*

*sont pas les seules à organiser les structures symboliques des groupes sociaux appartenant à ce que l'on appelle la culture occidentale*³⁷⁸. (TIBON-CORNILLOT, 2011, p. 33)

A fabricação do pós-humano, seja tecnológico, virtual ou biológico, consiste em promessas e esperanças apresentadas também por trabalhos artísticos e conceituais. Como a associação tecnológica a matéria orgânica se tornou um lugar comum, é possível que uma mutação contamine todos os suportes e materiais do entorno, sem distinção daquilo que advém do artifício ou da natureza. A reestruturação da carne, do ser e de sua forma de pensar, “descoloniza” o homem culturalmente ao conferir-lhe a alternativa de refletir diferentemente. A convergência e a hibridização da arte, da ciência e da tecnologia fornecem componentes fundamentais para significar o pós-humano. As novas tecnologias e sua reapropriação geraram uma revolução cultural e cognitiva em relação ao mundo. Ainda com os antigos humanos presentes, uma fábrica de mundos possíveis para o amanhã se desenha, balançando nossa concepção da identidade humana e também a história humana como produto de seres biológicos.

Cada um, à sua forma, questiona com ironia, criatividade e determinação a vertigem do autocontrole que torna o corpo um objeto a ser moldado continuamente. Da recusa ao corpo até sua reconfiguração, a carne continua sendo o material que deverá ser trabalhado permanentemente e, mais do que nunca, com auxílio de tecnologias de ponta. Ao engajarem numa reflexão que combate os medos ancestrais do mundo em mutação, os *body hackers* revelam igualmente suas potencialidades. Para pensar os dias de hoje, eles combinam poderes do imaginário e nos convidam a pensar a arte e o corpo como o laboratório dessas configurações a fim de aprendermos o que de humano na nossa “natureza” está sendo modificado.

³⁷⁸ “Não são as únicas a organizar as estruturas simbólicas dos grupos sociais pertencendo àquilo que chamamos de cultura ocidental”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a lenda, Teseu era um jovem ateniense que navegou até Creta e defrontou uma criatura meio homem meio touro, conhecida como Minotauro. Tendo derrotado o monstro, regressou a Atenas, onde seu navio foi preservado como monumento de seu heroísmo. Com o passar do tempo, partes do navio de madeira começaram a apodrecer e tiveram de ser substituídas. Chegou um ponto em que tantos pedaços tinham sido substituídos que se perdeu a noção de quanto se restava da embarcação original. Isso levou a que filósofos atenienses pusessem em causa o fato do navio bastante reparado poder continuar a ser considerado o Navio de Teseu (HAYDEN, p.38, 2012).

Como sabemos o progresso tecnológico e científico não é sempre a um processo linear nem se restringe à influência exclusiva dos laboratórios de pesquisa. Não obstante e, acima de tudo, é deles que aguardamos as conquistas mais surpreendentes cujos desafios gerados circulam velozmente no atual campo inédito possibilitado pela conectividade global. Entretanto, esta tese apresentou ao leitor uma face inesperada da contemporaneidade, uma cultura *underground* na qual diferentes sujeitos sociais se apropriam dos aperfeiçoamentos tecnológicos vindos “de cima”, destinando-os a finalidades muito diversas.

Para isso, examinamos com muita atenção certas práticas que são realizadas fora das esferas profissionais estritas, levadas a cabo por pessoas interessadas em aplicar os conhecimentos científicos para obter modificações corporais inéditas. *Body hacktivists*, *body hackers* e *self-made cyborgs* são amadores que se inspiram na tecnociência, nas práticas médicas e no imaginário da ficção-científica para projetar o aperfeiçoamento humano desejado. São indivíduos que decidiram se tornar ciborgues, por meio de transformações do seu corpo “natural”, fundindo tecnologias para desfrutar de sentidos adicionais e outras experiências físicas inéditas. Para eles, o corpo corresponde a um material flexível, uma entidade transformável que pode ser aperfeiçoada ou aumentada para atender aos seus interesses e desejos. Essa tendência híbrida e, inicialmente, marginal destaca-se sobremaneira entre os atores mais engajados nas modificações extremas - entre os quais a relação com o próprio corpo se mostra mais aberta a metamorfoses e devires variados. De nosso trabalho etnográfico, concluímos que as propostas mais extremas têm raízes em grupos minoritários, e ali alcançam indivíduos que pretendem dotar o corpo de novos atributos, e com isto realinhar a sua posição no meio social em que vivem. Paralelamente, ainda

de “de baixo” para “cima”, essas experimentações corporais têm alimentado o trabalho de pesquisadores, também interessados nas funções e nas alterações fenomenológicas da percepção assim produzidas.

Não se deve estranhar, porém, que ao discorrer sobre o movimento *body hacking* ou o pós-humanismo seja preciso fazer referência às histórias da ficção-científica, aos romances e aos filmes, porque é por meio dessas estruturas narrativas que eles se pensam a si mesmos. E ao pesquisador, com efeito, cabe-lhe como tarefa compreender essas transformações nos termos do quadro conceitual que os próprios atores se propõem.

Vimos então como a ficção-científica, a cultura mangá e os avanços tecnocientíficos, todos juntos, modelam uma visão futurista do corpo e da humanidade. Podemos pensar, talvez, que o *body hacking* represente uma aposta arriscada em projetos utópicos, se, afinal, o futuro fosse apenas um reino de fantasias. A visão futurista da fusão do homem e com a máquina, abundante no imaginário popular, entretanto, influencia os desejos e as expectativas de metamorfoses corporais imediatas. Para torná-la uma realidade palpável, dando um passo adiante, alguns lançam mão das últimas invenções tecnológicas cuja eficácia ainda está sendo testada nos laboratórios: sem esperar que sejam legitimadas ou disponibilizadas, estes ideólogos pretendem tomar as rédeas da evolução física da humanidade, contrapondo-a à normatividade ditada pelos padrões médicos ou sanitários.

O *body hacking* designa uma prática criativa situada no cruzamento da corporalidade, da tecnociência e do ativismo político. Devemos indagar, por conseguinte, sobre o papel que a tecnologia desempenha no domínio social e político em geral, e colocar entre parênteses os seus pressupostos mais evidentes, as suas ideias sobre o corpo, a sua concepção de humanidade. O aparato recreativo e funcional que os nossos não-especialistas, estes *bricoleurs* da carne desenvolvem, aponta para estas questões cruciais: a natureza humana e os cânones jurídicos e filosóficos a respeito do significado, do conteúdo e do estatuto da pessoa e do corpo. Como sabemos, uma longa tradição de discussões legais desenvolveu duas abordagens complexas para este problema: de um lado, o corpo é assumido enquanto uma unidade essencial, cuja integralidade deve ser protegida; de outro, é uma entidade composta que, em certos casos, pode ser reduzida ao conjunto de seus elementos. Marcados pela ambivalência das opiniões políticas,

filosóficas e religiosas alinhadas a cada uma destas abordagens, os debates acerca dos direitos e deveres relativos ao uso do corpo (como e por quem?) reclamam sempre esclarecimentos adicionais – um trabalho incessante de purificação para distinguir conceitualmente o corpo como objeto e o corpo como sujeito, o corpo que se *tem* e o corpo que se *é*.

De modo que as mudanças ora em curso, na intersecção da corporeidade humana e da tecnociência, nos autorizam a esta dúvida epistemológica, sobre se os humanos foram ou se são verdadeiramente “humanos” - parafraseando aqui o conhecido aforismo de Bruno Latour, de que “jamais fomos modernos”. Nem modernos e nunca apenas humanos... De acordo com Latour, a Modernidade instituiu-se mediante um processo de objetivação no qual, deliberadamente, ocultou-se a agência concomitante dos objetos. As associações inorgânicas, assim, foram apartadas dos coletivos humanos, não lhes sendo reconhecida uma capacidade própria de estabelecer relações sociais – restaram limitadas à esfera material e aquém da dimensão simbólica da vida social, ainda que intrinsecamente implicadas no processo de associação e hibridação do social. A polarização entre mundo orgânico/inorgânico, natural/artificial, resultou no que Latour designou de constituição da Modernidade, quando a ciência - pretensamente objetiva e produzida nos laboratórios - ignorou que os fatos científicos são construídos por meio de práticas híbridas, e desentranhou o que se creditou à natureza (como dado) do que se atribuiu aos fatos sociais (construídos). Presumidas como esferas separadas e independentes, segue-se que um fenômeno rejeitado num dos domínios seja prontamente alocado no outro, e vice-versa. Os desdobramentos dessa divisão ainda hoje podem ser observados nos estudos da corporalidade, da tecnologia e da sociedade.

Em consequência dessa partição cosmológica, as representações de entidades naturalmente dadas ou culturalmente criadas proliferaram. No entanto, o processo profundo de hibridização prosseguia nos bastidores, dissimulando a rede sócio-técnica de atores humanos e não-humanos, entidades materiais e imateriais, que operam as *mediações* alterando o estado das coisas. A questão é fundamental para os atuais estudos da produção do corpo em nossa sociedade altamente tecnologizada, porque confere um lugar a todas as entidades potencialmente capazes de se associar e de construir relações sociais, aliadas humanas e não-humanas, *agindo* e revelando conexões, interações e agrupamentos. Isto não significa que objetos substituam os humanos,

sequer que possuam o mesmo valor. Trata-se aqui, sobretudo, de uma atitude analítica - e não ética - sobre o processo de construção do social.

Como assinalaram Bruno Latour, John Law, Donna Haraway e outros, conectando pessoas e objetos de várias ordens, os híbridos são capazes de agenciar redes vastas e imprevisíveis. Esses coletivos respondem pela construção do social e, assim sendo, nenhuma de suas associações deveria ser desconsiderada pelo investigador. Essa nova forma de conceber o social não postula uma conciliação entre as célebres dicotomias ocidentais, tais como a que subsiste entre sujeito e objeto, porém uma distribuição das capacidades de agenciamento por *todos* os atores envolvidos. Este esboço da *artifactuality* (isto é, o que advém enquanto fato e ficção) no caso da produção corporal, nos conduz a outro ponto relevante, as associações inesperadas que tais encontros entre entidades orgânicas e inorgânicas provocam - algumas das quais descrevemos neste trabalho- onde as reações às práticas dos agentes, no mínimo, não foram completamente premeditadas. Uma ampliação da capacidade sensorial por meio de magnetos, por exemplo, revela um corpo que não é indiferente à intervenção técnica, mas à qual se integra ativamente. Nos casos mais ilustrativos, o corpo parece, a cada vez, responder de maneira diversa, ou acolhendo uma nova função, ao captar as ondas eletromagnéticas, ou rejeitando os elementos estranhos inoculados, para eliminá-los a todo custo. Ou, ainda, se submetendo a processos minuciosos de aprendizagem que redefinem a sua sensibilidade ao mundo físico. De todo modo, no curso deste processo a associação com apetrechos tecnológicos inusitados aciona uma totalidade antes inexistente, é outro corpo que ali toma forma.

Chamamos de intra-ações esses encontros incessantes entre entidades orgânicas e inorgânicas, um termo que Haraway (2008) emprega para recobrir a interação recíproca de componentes que emergem *conjuntamente* na experiência, que se suportam e são modelados uns em relação aos outros. Ao interagirem, eles se conectam e se tornam companheiros em zonas de contato por meio de *arranjos* variados. Nas (re) composições, as pessoas e as coisas se constituem mutuamente quando acolhem a relação em causa, tornando-se companheiras em combinações específicas, numa “dança de encontros” que mescla sujeitos e objetos (HARAWAY, 2008). Os incontáveis parceiros, corpo e artefatos, intra-agem simultaneamente,

um processo contínuo de “*tornar-se com*” outras entidades. Significa dizer que, em razão deste enredamento, nada mais há que se possa dizer *natural*, sequer um corpo estritamente biológico.

Se não a partir de suas intra-ações, por exemplo, como os magnetos separados do corpo poderiam conceder um sentido extra ao sujeito? Apenas intrincados e correlacionados eles possibilitam que o usuário sinta as ondas eletromagnéticas. Porquanto a condição do ser nunca é absoluta, mas varia com as experiências e os arranjos das práticas efetivas dos atores – justificando assim a exigência metodológica crucial de evidenciá-las em primeiro plano. Quando uma união se firma, tanto a condição do eu quanto a do corpo são alteradas paralelamente, e esses parceiros se abrem conjuntamente a outras entidades que antes estavam invisíveis ou inacessíveis. Pois, devido ao elemento inorgânico que se introduz na equação corporal, o que antes era inarticulado passa daí a ser percebido em termos físicos. Em outros termos, jamais as entidades orgânicas ou inorgânicas são apenas passivas: o magneto se transforma em um dispositivo de percepção do mundo, uma extensão da síntese corpórea, um *suplemento do corpo*. De objeto externo, tal qual apreendido pelos sentidos, ele se converte num dispositivo que assenta as faculdades perceptivas do sujeito, e conseqüentemente propicia a sua abertura ao mundo e as interações com as entidades tangíveis que o povoam. Se observarmos, por exemplo, a naturalidade com que um indivíduo percorre locais carregados de magnetismo e, esquecido do ímã em seu corpo, dele só toma consciência devido à sua reação às ondas eletromagnéticas, podemos então compreender o que está implicado em uma extensão corporal. O mesmo argumento serve para as relações que são estabelecidas no ciberespaço. No decurso da interação, o usuário se esquece de que a internet, as vestes hápticas e o teletildo são os mediadores que o capacitam a estender seu campo de ação corporal. Os dispositivos, como tais, dormitam obliterados, estão “invisíveis”. É quando algum problema localizado se apresenta que o processo de desanexação ocorre, pois de súbito o dispositivo é percebido como algo exterior ao sujeito e ao seu corpo. Logo, o corpo, os magnetos, as ondas eletromagnéticas, a internet e as próteses não são mais entidades independentes, mas elementos que, uma vez reunidos, se tornam uma mesma totalidade, um corpo. Ao se associarem, eles fundam relações imprevisíveis, ainda que já sejam potencialmente previstas (MERLEAU-PONTY, 2008).

Destarte, corpo, sujeito e objeto vão se constituindo nas próprias relações que estabelecem entre si, à medida que desempenham seus respectivos papéis em coexistência. Mais oscilatórias que convergentes, suas características são especificadas em cada negociação, a cada controvérsia. Tanto singulares quanto múltiplas, elas formam um conjunto incomensurável de possibilidades e de relações, de continuidades e de descontinuidades intra-relacionadas (MOL, 1999). O que coloca a questão, entre outras, sobre a maneira *como os objetos e os corpos são relacionados*, uma vez que são também modulados nos eventos para os quais são acionados. Pois, como diria Gabriel Tarde (2003), não é suficiente afirmar a diversidade dos elementos se não pudermos esclarecer em que ela consiste – ou seja, analisar a forma como o corpo é afetado nas performances, nas modificações corporais, nas fotos artísticas, nos textos e Manifestos, na inventividade ao aplicar a tecnologia ao corpo, na mobilização de atores, na diferenciação de outros grupos, no processo de aprendizado corporal.

A cada arranjo particular novos corpos vão se tornando possíveis. Na verdade, antes de qualquer ação física ou verbal, a dinâmica subjetiva dos atores avança projetos, seleciona materiais e antevê combinações vindouras. Os objetos, assim, entram e saem de cena quando são manipulados nas práticas ali propostas. Mas, para além dos esquemas culturais normatizadores de posturas e técnicas corporais (pois a cultura também participa do horizonte perceptivo), os sujeitos acionam e criam novos esquemas, novas realidades e outros mundos. Cabe aos pesquisadores, então, rastrear e evidenciar essas associações e suas transformações subsequentes.

De fato, como são incontáveis os caminhos que os corpos podem ou traçam, devemos ver neste trabalho uma espécie de “livro” de registros de alguns poucos casos exemplares. Tratamos aqui de processos de mecanização ou de tecnologização humana - se podemos chamar assim essa maneira peculiar dos corpos orgânicos e inorgânicos se associarem -, processos que são inspirados no imaginário biotecnológico e no progresso tecnocientífico. As inovações originadas destes domínios abrem espaço para múltiplas experimentações, frutificando as leituras e as racionalizações individuais, inclusive aquelas de esfera mais íntima. E, gradativamente, percebemos certos efeitos incontáveis atribuídos a uma vontade irreversível de se metamorfosear, ou a um desejo de algo que se almeja não somente para si, mas para a espécie

humana em geral. Ou outros tantos interesses mais ou menos difusos, no rumo que essas especulações vanguardistas descortinam.

O paradigma do *body hacking*, sua afirmação de que o corpo humano pode ser produzido através de uma variedade de técnicas e de apetrechos, encontra respaldo em determinados eixos contemporâneos bastante conhecidos, a saber: a ideologia do hiperindividualismo (do sujeito), o conceito de propriedade (do corpo) e o método da escolha racional (do ser no mundo). A hipótese central que procuramos averiguar, daí, abordou o *individualismo radical que anima os body hackers, na medida em que estes tomam o indivíduo (e sua crescente individualização) como a unidade básica privilegiada e a propriedade (privada) de seu corpo como a relação social fundamental para a livre produção de si*. A despeito de que, por vezes, os discursos mencionem um desejo de liberação da condição corpórea e mortal da humanidade, de desnaturalização de nossa anatomia biológica em favor de uma restauração tecnológica completa, o corpo persiste como a referência essencial em todos os seus experimentos extremos. Campo fértil de novas possibilidades, antes que substituí-lo, esforços destemidos são levados a cabo para aumentar suas capacidades, manejá-lo como instrumento de crítica social e política, tomá-lo como modelo para a recriação da humanidade, estimular as suas faculdades sensitivas e eróticas, entre outras. Deste modo, o que os *body hackers* parecem desejar seria um novo corpo que “possa mais”, tanto em relação ao seu desempenho quanto à exploração de seus sentidos. Marca e propriedade absoluta do indivíduo, prova incontestada de sua existência no mundo, portanto, a sua posse (de jure e de fato) determina em grande medida a equação corporal contemporânea, é a expressão irredutível da autonomia do indivíduo sobre si mesmo - a despeito das crenças religiosas, das regras morais ou dos demais aparatos ideológicos.

A disputa pela livre expressão morfológica, nestes termos, exprime a reivindicação de autonomia para agir sobre si, mediante intervenções inspiradas cientificamente, com as técnicas e os conhecimentos especializados que escapam dos laboratórios e circulam informalmente nas mais diversas redes – esquivando-se da autoridade e das instâncias do Estado ou outras que se arrogam direitos de licenciar os usos autorizados, de legislar sobre as formas corporais ou de promulgar os cânones socialmente aceitos. O que explica, em alguma medida, o fato de a expressão “dispor do próprio corpo”, tão disseminada nos discursos dos nossos atores, denotar as

mesmas características ambíguas que atravessam as mais prosaicas concepções acerca do corpo humano. Numa primeira acepção, teríamos uma fórmula minimalista acerca do direito do indivíduo dispor de cada um dos elementos que compõem seu próprio corpo da forma que desejasse. Na segunda, uma proposta maximalista que inclui o direito absoluto de dispor da própria vida, e até mesmo de determinar o seu fim. É assim que a expressão “dispor do próprio corpo”, a seu modo, retoma com maior ímpeto o dualismo enviesado de inúmeras tentativas de regular os predicados da pessoa e do seu corpo. É que este, em regra, havia sido postulado na Modernidade como um instrumento subserviente à disposição da primeira, a sua proprietária para todos os efeitos. No mesmo sentido, a evolução recente da medicina e da ciência em geral, cada vez mais, trata o corpo humano enquanto um conjunto extenso de partes justapostas e associadas - tecidos, órgãos, materiais genéticos, membros, entre outros (MARZANO-PARISOLI, 2002). E por isto, dilaceradas pelas exigências de respeito e de proteção à totalidade idealizada da pessoa humana que a ordem jurídica e as convicções religiosas e ideológicas sustentam, de um lado, e o princípio geral de alienabilidade de quaisquer objetos possuídos, de outro, as controvérsias sobre os direitos atribuídos ao corpo humano, via de regra, jamais acertam uma solução que convenha aos lados em disputa.

No contexto atual o corpo, de uma simplória criação da natureza, acedeu a novas possibilidades de “salvação” que o progresso técnico-científico contemporâneo oferece. O corpo pode ser investigado, imaginado, remontado e controlado, e o triunfo tecnológico e científico nada deixará ao acaso. Razão pela qual tais práticas requerem a sua legitimação, a sanção de instâncias e agentes investidos de poder e autoridade, que venham a consignar a corporalidade nos termos de uma verdadeira propriedade, um bem à disposição de seu proprietário - tanto quanto os demais apetrechos que o indivíduo possui ou implanta em si. Daí, o caráter subversivo dos métodos empregados pelos *body hackers*, dos seus objetivos e do padrão estético selecionado, quando comparados aos valores dominantes. Vivenciadas como meios de *emancipação*, as práticas de *body hacking* assinalam simbolicamente a reconquista de si – apesar de juridicamente limitadas – contra os discursos legitimadores de um *status quo*. A apropriação e a ressignificação de técnicas médicas ou reparadoras, a princípio restritas aos profissionais credenciados para corrigir as formas anatômicas e funções fisiológicas humanas, traduz

igualmente um desejo de poder, de agenciamento, de empoderamento que alimenta esses entusiastas das modificações corporais.

De todos os lados, o que surgiu como ficção se tornou realidade no interior dos laboratórios, onde a ciência, o gênero humano e a natureza são amalgamados através de práticas elaboradas cientificamente. E desta forma, novas possibilidades evolutivas se abrem à nossa espécie humana, suscitando indagações e anseios acerca de sua natureza e do seu lugar “privilegiado”. Ao examinar as diferentes experiências descritas nesta tese, contudo, verificamos a existência de um estranho hiato na reflexão sobre as transformações atuais e futuras do corpo e do humano, um fosso analítico que distancia a avaliação das conquistas científicas legitimadas e o indispensável escrutínio das incontáveis reapropriações destas tecnologias por atores os mais variados.

O pós-humano virtual...

Ferramentas, artefatos, instrumentos, máquinas têm estendido relacionalmente as capacidades humanas de perceber, de pensar e de agir. No presente, são as interfaces computacionais que melhor ilustram a crescente complexidade desse processo. São ferramentas muito especiais, contudo, porque através delas certos elementos artificiais se envolvem mais e mais intimamente com a vida humana em geral.

A ideia de uma pós-humanidade virtual supõe que as experiências identitárias sejam apreendidas além dos limites da corporalidade, de forma interativa. No caso da realidade virtual imersiva, as informações são processadas nos circuitos do computador e os relacionamentos estabelecidos ampliam o campo perceptivo. O fluxo informático aumenta a complexidade do sistema sensorial, a exemplo da cartografia háptica, ao permitir a comunicação entre as realidades artificial e corporal. Enquanto mediador a serviço do sujeito, o corpo está atado ao mundo, como disse Merleau-Ponty (2008), o corpo *é* no espaço como um nó de significações vivas. O que lhe faculta temporalidades mistas, numerosas e complexas, inclusive em associações que são realizadas em meio virtual. Isto quer dizer que o indivíduo, ao se expandir por meio de conexões no espaço virtual, evidencia uma presença que, simultaneamente, é distribuída (por conectar diversos espaços tanto físicos quanto virtuais) e é localizada (por concentrar no indivíduo a sensação de uma presença física).

No chamado metaverso, a virtualidade do corpo e a ação do indivíduo no mundo seriam então continuamente redimensionadas. As interfaces hápticas agora possuem subsistemas (cinestésicos, cutâneos, proprioceptivos, visuais e auditivos) que emergiram da colaboração estreita entre a robótica e a computação gráfica. Há formas variadas de comunicação, por *biofeedback* ou biorretroalimentação e outras tecnologias que utilizam a bioeletricidade para aferir funções orgânicas. Nestas, dados biológicos potenciais são digitalizados, intercambiados e mesclados no espaço cibernético, e passam a integrar os processos perceptivos de milhões. No ambiente virtual, portanto, o corpo integrado é *ressignificado*: a comunicação no ciberespaço engendra uma atmosfera híbrida, e permite vivenciar a um só tempo ambos os domínios, o virtual e o real. O organismo estende-se nos ambientes interativos, mediante o mapeamento sensorial e o *feedback* virtual que reconfigura a realidade vivida (RODRIGUES, 2003). Para Lévy (1999) esse novo universo, até então exclusivo do ambiente virtual, tornou-se um modelo inovador de interação. E com toda a sua carnalidade, o indivíduo integra-se e percorre o espaço informático de modo aumentado, um verdadeiro *body hacking* tanto físico quanto virtual.

Constatamos então que, curiosamente, a exploração da realidade virtual imersiva, como também as performances pós-humanas evocadas, sinalizam antes a continuidade de um certo humanismo que a sua ruptura. Evidentemente, o sujeito age de maneira bem distinta num e noutro caso. Os aparatos tecnológicos aparecem como parceiros imprescindíveis nas relações mais estreitas e refinadas dos homens entre si são extensões do corpo que se deslocam no espaço virtual. A internet, abandonando o papel de mera transmissora (meio de informação), assume a condição de mediadora (ação) dos afetos corporais. Alterando e ampliando a percepção que o indivíduo tem de si, do mundo e dos outros, as redes computacionais possibilitam-lhe ademais uma presença que se distribui no entorno real e artificial, e maximizam assim a sua experiência vivida em diferentes “mundos”.

Com efeito, as criaturas da realidade virtual respondem pela continuidade entre ação e percepção. Dentre os aspectos talvez mais espetaculares dessa associação, as experiências e projetos que revisitam a sexualidade humana por meios virtuais. As práticas eróticas produzem-se no âmbito de uma ficção imersiva e interativa que, embora incentivando a recreação através das sensações corporais tradicionais, promove-as em uma dimensão e uma abrangência inéditas. A

reapropriação subjetiva de técnicas inovadoras pelos sujeitos, deste modo, mobiliza permanentemente artifícios e sentidos, exibindo a interação entre objetos e usuários, um com a capacidade de modificar o outro, de rejeitá-lo ou de adotá-lo. A interface com a rede, assim nos parece, não apontaria para uma recusa ou uma negação da corporalidade, ao contrário, elas impulsionam a criação de novas estratégias - tanto ao nível individual quanto coletivo - de ramificação, de projeção e de afetação corporal.

Na verdade, os dispositivos interativos produzem várias outras sínteses sensoriais e comunicativas, nas quais a hibridização do corpo é assumida como um valor. Da mesma maneira, a supervalorização do domínio sensorial em detrimento da interioridade e da identidade reflexiva do sujeito: este, ao invés de animado por uma força interior, é alguém que deve constantemente responder às influências de seu entorno, sejam elas quais forem. Se a ideologia humanista reconhecia o valor inalienável do sujeito, no pós-humanismo a autoridade e a responsabilidade distribuem-se pela rede heterogênea e complexa formada por humanos e não-humanos (LAFONTAINE, 2004).

As interações efêmeras e fluidas, igualmente, borram e embaralham as fronteiras entre os seres no mundo. O corpo próprio, no sentido discutido por Merleau-Ponty, adquire outras facetas quando adentra o espaço virtual. Para Merleau-Ponty, a existência do corpo encontra-se alicerçada no mundo, e é a condição para qualquer interação; já no ciberespaço, o sujeito parece abdicar de certo privilégio carnal que correspondia à *condição* presencial. Em outras palavras, à diversidade funcional e fisionômica correlacionam-se formas alternativas de *ser um corpo*, de estar no mundo.

Em suma, os homens são seres em potência que podem agir de forma mais perspicaz, sobretudo quando assistidos de perto pela tecnologia. Como resultado, eles podem ser estudados como seres “pós-biológicos”. Para Poissant (2003), os resultados da simbiose da vida real com a artificial no contexto cibernético faz emergir um mundo onde a ação precede a representação: as disposições corporais criam um ambiente específico a partir dos elementos pré-existentes com os quais colaboram.

Finalmente, o corpo...

Para concluirmos, gostaríamos de retomar alguns dos achados etnográficos desta pesquisa, de modo a situá-los no cenário atual dos estudos sobre a corporalidade. A referência basilar ainda é Merleau-Ponty (2008), em *Fenomenologia da Percepção*, tendo como ponto de partida o enraizamento do homem no mundo, ele concebe a corporalidade nos termos de um esquema corporal, “uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo”. No âmbito da experiência vivida, a unidade do que se percebe no mundo tem como contraparte a unidade sinérgica do corpo próprio ou a coexistência encarnada com as coisas, que são adquiridas e articuladas na existência.

Para Merleau-Ponty (2008), qualquer apreciação corporal deveria enfatizar a sua dinamicidade – ainda mais se no escopo estão os objetos – e, a intencionalidade – pois os movimentos, por si, declaram a existência do corpo no mundo. Dito de outra forma, a experiência do corpo é necessariamente orientada para o mundo. Na experiência elementar de um sujeito encarnado no mundo, cuja percepção antecede qualquer atitude reflexiva, como mostrou o autor, as faculdades sensíveis do corpo podem ser modificadas, expandidas ou deslocadas para além das fronteiras naturais do organismo. Os objetos associados ao corpo passam a integrar o esquema físico que situa o sujeito no mundo, no espaço total no qual ele habita. Portanto, uma vez modificadas as formas de ser e de estar no mundo, o corpo se torna disponível para as mais diversas contingências – eventos que são indeterminados e imprevisíveis.

Quanto à extensão corporal, Merleau-Ponty (2008) a ilustrou com um instrumento tecnicamente bastante simples usado pelos cegos: uma bengala. O campo perceptivo do deficiente visual é deslocado da epiderme para a extremidade da bengala, o que lhe permite distinguir os diferentes acidentes do terreno onde caminha. As irregularidades do piso são transmitidas pela haste da bengala até a mão que a segura. No entanto, as sensações táteis são reconhecidas pelo sujeito irrefletidamente, e é em seu próprio corpo que ele sente a elevação, a depressão ou outro obstáculo que aparece em seu percurso. Atualmente, as técnicas de modificação corporal trabalham para inserir ou acoplar novos acessórios ao organismo humano. Da mesma forma que a bengala, esses novos instrumentos passam a integrar o esquema corporal

prévio (ímãs, chips, eletrodos, etc.), atualizando assim a sua abertura e a sua contiguidade com o mundo ao redor.

A extremidade da bengala do cego, a amplitude do sentimento tátil gerado pelo magneto, o dispositivo que alcança eletromagneticamente outros dispositivos ou outro corpo, o microchip que cria uma conexão entre o interior e o exterior, estes instrumentos aumentam a abrangência dos sentidos e das interações em geral, bem como implicam novos modos de identificação do sujeito. Para Merleau-Ponty, o sujeito se habitua quando estes acessórios se ajustam ao corpo, que é a maneira de se instaurar uma corporalidade. A partir daí, o cego e sua bengala, o *body hacker* e seu magneto, microchip ou prótese e o ativista cibernético e a internet são *uma e uma única coisa*, um corpo - um núcleo de significados, de faculdades sensoriais e de técnicas, que constituem um sistema corporal. Destarte, entende-se que o corpo seja mais que uma entidade biológica, que esteja apto a diferentes negociações e avanços tecnológicos que amplificam as suas capacidades sensoriais.

Nos termos da virada metodológica defendida por Merleau-Ponty, a unidade do mundo (e, decerto, os objetos que o compõem) que percebemos está necessariamente imbricada na experiência corpórea. O engajamento do *eu* e do *objeto* é parte de uma *unidade*, a sua associação não resulta insignificante e neutra. Se o corpo é o veículo do ser-no-mundo, se corpo e mundo se confundem, isso quer dizer que ao incorporar novas técnicas de produção corporal, da mais simples à mais sofisticada, *o eu é igualmente ampliado* e, com ele, os significados de sua experiência vivida no mundo.

Ansiosos por experiências inusuais, os *body hackers* não se satisfazem com o estado mundano atual, alegando a necessidade de um passo adiante para uma simbiose irreversível entre o homem e as máquinas, metamorfoseando assim tanto o corpo quanto o sujeito. Estas novas tecnologias pretendem estender o corpo para dentro, devassando as fronteiras epidérmicas e trazendo o mundo e suas relações para seu interior. Em alguma medida, as tecnologias implantadas, e substituídas com facilidade por outras mais avançadas, ao ampliar a sensibilidade dos sujeitos tornam-nos mais vulneráveis a modulações indesejadas oriundas de espaços antes desconhecidos, e assim podem desestabilizar suas identidades singulares, trazer riscos sanitários, ameaças à privacidade, adulterações, etc.

Assim, o cego utiliza uma bengala para se guiar, o deficiente uma prótese para substituir um membro abscindido, o *body hacker* um magneto para criar outro sentido ou um microchip para interagir extensivamente com elementos constituintes do mundo, um computador para ramificar o corpo e assumir uma presença identitária múltipla - desta forma, o acessório que vincula o corpo ao mundo não é outra coisa que a *ampliação* do próprio *eu*. A relação com o corpo é dupla, portanto, ao mesmo tempo instrumental e constitutiva. O corpo é e constitui o próprio sujeito: corpo e objeto, percepção corporal e mundo exterior, as duas expressões de um mesmo movimento.

Para os *body hackers*, as intervenções no envelope corporal visam alterar as relações internas tanto quanto o seu entorno. Se a corporeidade é ela mesma a extensão carnal do eu, então o que os *body hackers* projetam com seus corpos diz respeito a uma identidade singular, a metamorfose de si e do mundo. Com efeito, as marcas, os acessórios e as modificações extremas aspiram ao direito de assumir integralmente a corporalidade: estas ações deliberadas que alteram as propriedades sensitivas da “pele”, deslocando as fronteiras entre dentro e fora, são verdadeiras modalidades de metamorfose do eu - uma identidade desejada (o corpo como objeto de projeto) ou recusada como insuportável (o corpo como objeto de metamorfose).

Isso nos conduz à principal reivindicação do *body hacking* enquanto movimento: o direito à liberdade morfológica, uma postura também defendida por correntes pós-humanas com base nos mesmos pressupostos filosóficos. De fato, a vontade que os *body hackers* manifestam de se transformar deliberada e indefinidamente, como descrevemos, é muitas vezes justificada pela insatisfação atual quanto ao eu próprio, um desejo de heterogeneidade que, de alguma forma, devolve-lhes uma singularidade intencional – o que, em certa medida, evidencia a paradoxal intromissão dos princípios de *individuação* que são inerentes à *ideologia dominante*.

À mercê do destino ou das escolhas racionais, uma nova síntese corporal se instaura, dando forma a uma unidade sensível com o mundo. Tomemos o exemplo do deficiente auditivo que “ouve” ao distinguir a tonalidade e a saturação das cores, amparando-se no órgão ótico para suprir uma função sensitiva diversa. Depois do implante no crânio, o sentido natural da visão credencia-se à exploração de propriedades do mundo físico, antes inacessíveis. Sentir as ondas magnéticas é, também, um modo tátil de interagir no espaço circundante. Inserir material

genético de outras pessoas e espécies dentro do próprio corpo estabelece novas correlações que confundem as fronteiras dos homens entre si e com os animais. Essas aproximações todas propiciam novos usos do corpo, enriquecem e organizam diferentemente o esquema corporal e, principalmente, enviesam de maneira indelével os processos identitários.

Da simbiose do indivíduo e o ambiente, por meio das novas tecnologias, resultam percepções inusitadas. O acoplamento ou a inserção de apetrechos tecnológicos no esquema corporal estimula de modo intencional o organismo, respondendo à vontade manifesta do sujeito. Este novo elemento se transforma num mediador para a experiência de si e do outro, criando um ser híbrido. Os artefatos se unem de tal forma ao corpo que não é mais possível distinguir entre seus membros orgânicos e artificiais. Não podem mais ser vistos como elementos exteriores, quando estão amalgamados no sujeito como uma parte de si, compõem seu corpo individual, são sua segunda pele, oferecem sentidos acessórios, formam *um com o indivíduo*. Este argumento de Merleau-Ponty, de “tornar-se com” os elementos do mundo, é retomado por Haraway (2008), que generaliza esta noção da individualidade corporal para abranger os processos de hibridação com entidades as mais diversas.

Porém, os magnetos, microchips, implantes e próteses internas, ao ultrapassar as fronteiras da pele, da extremidade corporal tátil, atuam diretamente sobre os órgãos internos, veias, sangue, células, e respondem sob a forma de *ações no mundo*. O sujeito expande seus limites corporais, e assim os modos de sua presença afetar e ser afetada no mundo. A intrusão tecnológica na carne complexifica o estar “dentro” e “fora”, não somente do ponto de vista espacial. Um dos desafios que essas operações enfrentam é a rejeição dos elementos alienígenas pelos demais órgãos internos. Com efeito, o corpo não é um ente passivo, e pode se recusar a participar em configurações desconhecidas, expulsando os objetos orgânicos ou inorgânicos inoculados. Não se trata de obstáculo exclusivo da cultura *underground*, pois mesmo os transplantes e implantes médicos estão sujeitos à rejeição. No caso dos apetrechos tecnológicos, a coexistência com materiais inorgânicos demanda uma reconfiguração específica do organismo vivo, que assim mobiliza o *corpo por vir*.

Os *body hackers* nos interessam, por outro lado, pela disposição intrépida de produzir um corpo de forma racional ou racionalizado. Assim que, se focalizamos suas condutas, vamos então

encontrar um mesmo sujeito e uma mesma modalidade de subjetivação dos valores, das normas e das ideologias contemporâneas. E, no entanto, o interesse dos seus praticantes não se adstringe às tecnologias em si, sequer no fato de serem externas ou internas. O corpo humano, para eles, é um palco onde os esboços e os exercícios de metamorfose acontecem: o que os *body hackers* escrevem em seus corpos, no domínio que a tecnobiomedicina e a tecnociência tentam reservar para si, aponta para uma nova constituição, outro contrato para a recriação do sujeito e do mundo. Com efeito, dessa fusão homem-tecnologia resulta que a presença corporal ganhou amplitude e plasticidade numa escala nunca vista. A questão de fundo, todavia, tal qual apreendida nas experiências e nos discursos desses entusiastas, diz respeito aos *sentidos* contemporâneos da existência humana, uma disputa que agora avança em direção a esta derradeira trincheira, o próprio corpo.

A técnica assistiu a existência do homem desde seus primórdios, conservando-o e apoiando-o nos processos adaptativos em diferentes ambientes (QUEVAL, 2008). Atualmente, impulsionada por meios e recursos técnicos, a dinâmica evolutiva da espécie humana tem em vista o aumento e a diversificação de suas capacidades, a serem alcançadas de maneira intencional e metódica. Para as correntes pós-humanas, trata-se de modificar radicalmente a própria espécie, a partir de tecnologias as mais variadas, como a robótica de ponta e a biotecnologia, utilizando materiais parcial ou totalmente sintéticos. A produção racional do corpo, por suas virtualidades, resulta da aplicação de novos conhecimentos de potência e alcance ainda ignorados, o que coloca em risco a tênue separação entre a liberdade de escolha e a alienação imposta (QUEVAL, 2008). Em face dessas realizações, levadas a cabo por universidades, laboratórios, indivíduos, devemos nos indagar sobre *o que poderá o corpo*, para além daquilo que será catalogado pela tecnociência. A princípio, assim entendemos, as disciplinas que estudam as modificações corporais não deveriam apartar os fatos humanos dos feitos tecnológicos, antes considerá-los conjuntamente.

A ascensão da biomedicina e da tecnociência está reorientando as condutas individuais quanto ao corpo, ajustando o seu ritmo, as suas condições internas de funcionamento. Em nome da “verdade” científica, de caráter universal, nos encontramos enredados pela mesma lógica racional que trouxe à luz o mundo moderno - desta feita, são os conhecimentos relativos ao corpo

que nos levam à esta ousadia: um combate sem tréguas contra o corpo natural, para alcançar seu aperfeiçoamento e o aumento das capacidades físicas, superando ou abandonando os padrões anatômicos normais. Se a natureza concedia ao indivíduo um corpo, ser um corpo agora parece exceder ao simples evento biológico – posto que a quimera de uma humanidade vitoriosa contra a natureza está na perfeição absoluta e na perenidade da existência.

A ideologia do progresso ilimitado, em grande medida, legitima a obstinação pelo controle do que se acredita pertencer ao domínio da natureza ou suceder “ao acaso”. No mesmo diapasão, os argumentos tanto de cientistas quanto de *body hackers* salientam a disponibilidade atual de recursos tecnológicos eficazes, seja para restaurar a normalidade biomédica ou aumentar o desempenho físico, e seu emprego representaria uma conquista em prol das gerações futuras. Por que condenar um corpo humano a doenças, velhice, limitações e morte, ou a suportar deficiências, inadequações funcionais e feições estéticas indesejadas? Neste caso, Kevin Warwick, Lukas Zpira e Amal Gaafstra são exemplos vivos de um mesmo anseio de desumanização corporal.

De tudo isto, como esperamos, há de sobressair a insistente interrogação, que nos acompanha desde sempre, acerca da natureza humana - sua singularidade, sua potência e seu destino. Na fronteira entre o humano e o tecnológico, a figura dos *body hackers*, que traduz a máxima *underground* neste assunto, sinaliza a busca de novas definições identitárias por meio de uma recomposição das relações entre as entidades orgânicas e inorgânicas. A pergunta que fica, todavia, assim como a dos filósofos acerca do navio de Teseu, é: Quem sou eu se tudo em mim foi transformado?

REFERÊNCIAS

ANDRIEU, B. *A nova filosofia do corpo*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2004.

_____. *Corps: cultes du corps*. Encyclopédia Universalis, 2008. Disponível em: <<http://www.universalis.fr>> . Acesso em: 02 de mar 2010.

_____. *Contre la désincarnation technique : un corps hybridé?* : 28-39, in *Actuel Marx*, n° 41, PUF, 2007a.

_____. *Le corps humain: Une anthropologie bioculturelle*. In : *Corps normalisé, corps stigmatisé, corps racialisé*. Dir. Gilles Boëtsch, Christian Hervé, Jacques J. Rozenberg. Paris: De Boeck Supérieur , 2007b.

_____. *Devenir Hybride*. Nancy : Presses Universitaires de Nancy, 2008.

ATLAN, H. *L'utérus Artificiel*. Paris: Seuil, 2007.

ATLAN, M ; DROIT, R. *Humain : une enquête philosophique sur ces révolutions qui changent nos vies*. Paris : Flammarion, 2012.

BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BENDER, G.; DRUCKREY, T. *Culture on the brink*. Seattle: Bay Press, 1994.

BERG, D. *Body Hacking: My Magnetic ImplanT*. 2012. Disponível em: <<http://www.iamdann.com/2012/03/21/my-magnet-implant-body-modification/>>. Acesso em: 17 de mai 2014.

BERTHOZ, A.; PETIT, J. L. *Phénoménologie et physiologie de l'action*. Paris : Odile Jacob, 2006.

BESNIER, J. *Métaphysique du robot*. In: *Technocorps: la sociologie du corps à l'épreuve des nouvelles technologies*, 2013.

BIVER, C. *Disability in a different light*. New Scientist, 2007.

BORDO, S. *Unbearable weight: feminism, western culture and the body*. Berkeley - Los Angeles and London: University of California, 1995.

BORLAND, J. *Transcending the human*. 30 de dezembro de 2010. Disponível em: <<http://www.wired.com/2010/12/transcending-the-human-diy-style/>>. Acesso em: 19 de mai 2014.

- BOTT, E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BLUM, V. L. *Flesh wounds: The culture of cosmetic surgery*. Berkeley - Los Angeles and London: University of California, 2003.
- BRUMBERG, J. J. *The body project: an intimate history of American girls*. New York: Random House, 1997.
- BUDGEON, S. *Identity as an embodied event*. Body and Society. Vol. 9. p. 35- 55. Sage Publications, 2003.
- BURDEA, C. G.; COIFFET, P. *Virtual reality technology*. 2 ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2003.
- BURKETT, B. *Technology in Paralympic sport: performance enhancement or essential for performance?* J Sports Med, 2010.
- CALLAWAY, E. *Beyond the body: Ewen Callaway finds immersion in human enhancement to be both unsettling and uplifting*. Nature, Vol.488 (7410), p.154(2) . Cengage Learning Inc, 2012.
- CAMPORESI, S. *Oscar Pistorius, enhancement and post-humans*. J Med Ethics, 2008.
- CANNON, T. *Body hackers: ce sont les pirates du corps humain*. 2013. Disponível em: <http://www.sciencesetavenir.fr/sante/20131024.OBS2590/les-body-hackers-pirates-du-corps-humain.html?xtor=RSS-15>. Acesso em: 10 de dez 2014.
- CLARK, A. *Natural born cyborgs: Minds, Technologies, and the Future of Human Intelligence*. Estados Unidos: Oxford University Press, 2003.
- CLARKE, A. E. *Situational Analysis: Grounded theory after the Postmodern turn*. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2005.
- CLAVERIE, B. *L'homme augmenté : Néo-technologies pour un dépassement du corps et de la pensée*. Paris: L'Harmattan, 2010.
- COOMBES, S. *Taking body modification to the extreme*. 2013. Disponível em: < <http://www.abc.net.au/radionational/programs/360/taking-body-modification-to-the-extreme/5120232>>. Acesso 21 de mai 2014.
- CORBIN, J. ; STRAUSS, A. *Basics of qualitative research*. 3e. Thousand Oaks, California: Sage Publications, 2008.

COULOMBE, M. *Imaginer le posthumain: Sociologie de l'art et archéologie d'un vertige*. Laval : Les Presses Universitaires Laval, 2009.

CROSSLEY, N. *Mapping Reflexive Body Techniques: On Body Modification and Maintenance*. *Body & Society*. Vol. 11(1). p.1-35. Sage Publications, 2005.

_____. *Reflexive embodiment in Contemporary Society*. New York: Open University Press, 2006.

CSORDAS, T. *Embodiment as paradigm for anthropology*. *Ethos*, 1990.

_____. *Embodiment and experience: the existential ground of culture and self*. Cambridge: Cambridge University, 1994.

_____. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CUIR, R. La sculpture post-humaine de soi. In *Corps*, no 1- 2006: 61-6. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-corps-2006-1-page-61.htm> > . Acesso em: 10 de mai 2014.

DA COSTA, B.; PHILIP, K. *Tactical Biopolitics: art, activism and technoscience*. Cambridge: The Mit Press, 2008.

DAGNELIE, G. (ed). *Visual Prosthetics: Physiology, Bioengineering, Rehabilitation*. New York: Springer-Verlag, 2011.

DE LANGE, C. *We are already superhuman*. *New Scientist*. Vol. 215, Issue 2878, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. R. *On the line*. New York: Semiotext(e), 1983.

DENNING, D. E. *Activism, Hacktivism, and Cyberterrorism: The Internet as a Tool for Influencing Foreign Policy*. Paper read at The Internet and International Systems: Information Technology and American Foreign Policy Decisionmaking - December 10 - San Francisco, 1999.

DESCOLA, P. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2006.

_____. *Diversité des natures, diversité des cultures*. Montrouge: Bayard Éditions, 2010.

_____. *L'écologie des autres: l'anthropologie et la questions de la nature*. Versailles: Éditions Quae, 2011.

DESPRET, V. ; STRIVAY, L. Corps et âme : Passionnément. In : *Sociologies. Dossiers Émotions et sentiments réalité et fiction*. 2010. Disponível em : <<http://sociologies.revues.org/3163> >. Acesso em: 06 de set 2013.

DOMINGUES, D. Cibermundos: o corpo e o ciberespaço. In: Lyra e Santana (orgs.) *Corpo e mídia*. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2003.

_____. *Realidade virtual e a imersão em caves*. Conexão – Comunicação e Cultura. v.3, n.6. Caxias do Sul: UCS, 2004.

_____. (Org.). *Arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997.

DORRIES, B. *Cricket's appliance of science*. Fox Sports. 14 de outubro, 2006. Disponível em <<http://www.foxsports.com.au/cricket/crickets-appliance-of-science/story-e6frf3g3-1111112359539>> Acesso 14 de mai 2014.

DOUGLAS, M. *Natural Symbols: Explorations in cosmology*. New York: Routledge, 2007.

DRUCKREY, T. Introduction. In G. Bender & T. Druckrey (Eds.). *Culture on the brink: Ideologies of technology* (pp. 1-12). Seattle: Bay Press, 1994.

DUMONT, L. *Essais sur l'individualisme : une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne*. Paris : Éditions du Seuil, 1983.

DUPUY, J.P. Aux origines des sciences cognitives. In : *Cyberspace/Cyberbodies/Cyberpunk: Cultures of Technological Embodiment*. London: La Découverte, 1994.

ELIAS, N . *La société des individus*. Paris: Fayard, 1991.

FEATHERSTONE, M.; BURROWS, R. Cultures of technological embodiment: An introduction. In: *Cyberspace, cyberbodies, cyberpunk: cultures of technological embodiment*. Sage Publications, 1995.

FECK, R. L'actionnisme viennois – in: *L'art au corps*. Paris : Flammarion, 1996.

FERONE, G. *Bienvenue en Transhumanie : sur l'homme de demain*. Paris: Bernard Grasset, 2011.

FORMAN, P. *The primacy of science in modernity, of technology in post modernity, and of ideology in the history of technology*. History of Technology, 23, 1-2, p. 1-152, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000142&pid=S1678-3166200800010000300012&lng=en>. Acesso em: 10 de mai 2014.

FOSTER, K.; JAEGER, J. *RFID inside*. V. 44. IEEE Spectrum, 2007.

FOUCAULT, M. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FIÉVET, C. *Body Hacking: pirater son corps et redéfinir l'humain*. France: FYP Éditions, 2012.

GRAAFSTRA, A. *Hands On*. IEEE Spectrum, 2007.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. New York: Prentice Hall, 1967.

GASSON, M.N. Human Enhancement: could you become infected with a computer virus? In: *IEEE International Symposium on Technology and Society (ISTA)*. 2-9 June 2010. Pp 61-68. Wollongong, Australia, 2010. Disponível em: <http://centaur.reading.ac.uk/29329/1/G-ASSON_ISTAS2010.pdf> Acesso em: 10 mai 2014.

_____. *Could humans be infected by computer viruses?*. 26 de maio de 2010. Disponível em: <<http://www.reading.ac.uk/sse/news/sse-newsarticle-2010-0526.aspx#sthash.avnKhZjr.dpuf>>. Acesso em: 15 de fev 2014.

GINSBERG, J. *One small step for hand: Amal Graafstra gets an RFID implant*. The present tense, 2005. Disponível em: <<http://news.bme.com/wpcontent/uploads/2008/09/pubring-presenttense/20050330.html>>. Acesso em: 11 de mai 2014.

GIMLIN, D. L. *Body work: Beauty and self-image in American culture*. Berkeley - Los Angeles and London: University of California, 2002.

_____. *The absent body project: cosmetic surgery as a response to bodily dys-appearance*. *Body and Society*. vol. 40(4). p. 699- 716. Sage Publications, 2006.

GIRARDI JR, L. *Pierre Bourdieu: questões de sociologia e comunicação*. Annablume: Fapesp, 2007.

GODELIER, M.; PANOFF, M. . *Le corps humain: conçu, supplicié, possédé, cannibalisé*. Paris: CNRS Éditions, 2009.

GOLDENBERG, M. *O corpo como capital: estudos sobre gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2007 a.

_____. *Nu e vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2007 b.

GOFFETTE, J. *Naissance de l'anthropotechnie: de la médecine au modelage de l'humain*. Paris : Vrin, 2006.

GOFFMAN, E. *The presentation of self in everyday life*. Harmondsworth: Penguin, 1959.

GOMOLL. *Posthuman performance: a feminist intervention*. Total Art Journal,1(1). Disponível em: < [http://totalartjournal.com/archives/1764/posthuman-performance/Hameed, J., Harrison, I., Gasson, M. and Warwick, K., "A Novel Human-Machine Interface Using Subdermal Implants"](http://totalartjournal.com/archives/1764/posthuman-performance/Hameed, J., Harrison, I., Gasson, M. and Warwick, K.,), Proc. IEEE 9th International Conference on Cybernetic Intelligent Systems, pp.106-110, Reading, 2010.>. Acesso em: 10 de dez 2013.

HARAWAY, D. Situated Knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective (pp. 575-599). In: *Feminist Studies*. Vol 4 (13). Disponível em: < <http://links.jstor.org/sici?sici=00463663%28198823%2914%3A3%3C575%3ASKTSQI%3E2.0.CO%3B2-M>>. Acesso em: 10 de fev 2013.

_____. A Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century. In: *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. Nova York: Routledge, 1991.

_____. The promise of monsters: a regenerative politics for innapropriate/d others.pp. 295-337. In: *Cultural Studies*. New York: Routledge, 1992.

_____. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HARBISSON, N. *Painting by Ear - Modern Painters*. New York: The International Contemporary Art Magazine, 2008.

HAYDEN, G. *Não descartes estas ideias: estranhas teorias dos grandes filósofos*. Alfragide, Portugal: Texto Editores, 2012.

HAYLES, K. *How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

HAYWARD, E. *Spider City Sex, Women & Performance: a journal of feminist theory*. Vol.20, n.3. Routledge: 2010.

_____. *The Subtle Process of Transformation* - Indyweek, September 5, 2012. Disponível em: < <http://www.indyweek.com/indyweek/the-subtle-processoftransformation/Content?oid=314-0976>>. Acesso 25 de mai 2014.

HERTZ, R. A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. In: *Religião e sociedade*. n. 6. 1980.

HEUZE, S. *Changer le corps?* Paris: La Musardine, 2000.

HILVOORDE, I. V.; LANDEWEER, L. *Enhancing disabilities: transhumanism under the veil of inclusion?* Disability and Rehabilitation, 2010.

HOQUET, T. *Cyborg philosophie: penser contre les dualisms*. Paris: Éditions du Seuil, 2011.

IAAF . *Oscar Pistorius - independent scientific study concludes that cheetah prosthetics offer clear mechanical advantages*.2008. Disponível em: < <http://www.iaaf.org/news/news/oscar-pistorius-independent-scientific-stud-1> >. Acesso em: 10 de jun 2014.

IAAF. *Pistorius is eligible for iaaf competition*. 2008 b. Disponível em: <<http://www.iaaf.org/news/news/pistorius-is-eligible-for-iaaf-competition>>. Acesso em: 10 de jun 2014.

INGOLD, T. A Evolução da sociedade. In: FABIAN, A. (org.) *A Evolução: a sociedade, a ciência e o universo*. Lisboa: Terramar, 2000.

IP, R. ; MICHAEL, K.; MICHAEL, M.G. *Amal Graafstra The Do-It-Yourselfer RFID Implantee: The culture, values and ethics of hobbyist implantees: a case study*. University of Wollongong, Research Online. Disponível em: <<http://ro.uow.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1590&context=infopapers>> Acesso em: 10 de mai 2014.

JAMARD, J-L . *Corps et affects*. Paris: Odilon Jacob, 2004.

JEUDY, H.P. *Le corps comme oeuvre d'art*. Paris: Armand Colin, 1998.

KLESSE, C. *Modern Primitivism: Non-Mainstream Body Modification and Racialized Representation*. Body and Society. Vol. 5 [2-3]. p. 15-38. Sage Publications, 1999.

LAFONTAINE, C. *L'empire cybernétique:des machines à penser à la pensée machine*. Paris : Seuil, 2004.

LARRATT, S. *The gift of magnetic vision*. 6 de fevereiro 2004. Disponível em: <<http://news.bme.com/2004/02/>>. Acesso em: 17 de mai 2014.

LARRATT, S. *So what it's like having magnetic vision?* 6 de Junho, 2007. Disponível em: < <http://news.bme.com/2007/06/06/so-whats-it-like-having-magnetic-vision-bme-publishers-ring/>>. Acesso em: 20 de mai 2014.

LATIMER, J. Introduction: body, knowledge, worlds. In *Un/knowning bodies*, The Sociological Review, Oxford : Blackwell Publishing, 2009.

LATIMER, J.; BIRKE, L. *Natural relations: horse, knowledges,technology*. The sociological Review, 57(1), Oxford: Blackwell Publishing, 2009.

LATOUR, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. *A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. *How to talk about the body? The normative dimension of science studies*. *Body and Society*. Vol. 10. p. 205- 229. Sage Publications, 2004.

_____. *Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory*. New York: Oxford University Press Inc., 2005a.

_____. On recalling ANT. In: *Actor Network Theory and after*. John Law e John Hassard, Oxford: Blackwell Publishing, 2005b.

_____. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rede*. São Paulo: Edusc, 2012.

LAW, J. *Notes on the theory of the actor network: ordering, strategy and heterogeneity*. Centre for Science Studies. Lancaster University, Lancaster LA1 4YN, 1992. Disponível em: <<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Notes-on-ANT.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2012.

LE BRETON, D. *Anthropologie de la douleur*. Métailié, 1995.

_____. *Playing symbolically with death in extreme sports*. *Body and Society*. Vol.6 (1). p. 1- 11. Sage Publications, 2000.

_____. *La sociologia del cuerpo*. Buenos Aires, Argentina: Nueva Vision, 2002.

_____. *La peau et la trace: sur les blessures de soi*. Paris: Éditions Métailié, 2003.

_____. *Sinais de identidade: tatuagens, piercing e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis, 2004.

_____. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2008a.

_____. *Antropología del cuerpo y modernidad*. 1.ed.4 reimp. Buenos Aires: Nueva Visión, 2008b.

_____. Elementi per un'antropologia dei sensi. In: *Umwelt: Il divenire della rappresentazione*. CARTA, Stefano (dir). Roma: Gruppo di Psicologia Analítica, 2008c.

_____. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009a.

_____. *El sabor del mundo: una antropología de los sentidos*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009b.

_____. *Construção de emoções*. Entrevistador: Anderson Fernandes de Oliveira. Edição 23, 2009b. Disponível em: <<http://www.psiquescienciaevida.com.br>> . Acesso em: 14 de fev 2010.

_____. *Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009c.

_____. *Expériences de la douleur : entre destruction et renaissance*. Paris : Editions Métailié, 2010 a.

_____. *Pluralité de la beauté féminine aujourd'hui*. In: *Les beautés du corps: 2010- 2020*. Les cahiers de l'Observatoire Nivea: Hors Serie, 2010b.

_____. *Rostros: ensayo de antropología*. 1 ed. Buenos Aires: Letra Viva, 2010c.

_____. *D'une tyrannie de l'apparence : Corps de femmes sous controle*. In : *Éthique de la mode féminine*. Paris: PUF, 2010d.

_____. *Obésités : entre stigmaté et séduction*. In : *Observatoire Nivea : Les cahiers de l'Observatoire*. Versão impressa, n. 13, 2010e.

_____. *Ingénieurs de soi: technique, politique et corps dans la production de l'apparence*. In : *Sociologie et societies*. Vol. XLII, n. 2, 2010f.

LECHNER, M. *Le corps hacké de Zpira*. 2010. Disponível em: <[http:// www.ecrans.fr/Le-corps-hacke-de-Zpira,2306.html](http://www.ecrans.fr/Le-corps-hacke-de-Zpira,2306.html)>. Acesso em: 10 de mai 2014.

LES CAHIERS DE L'OBSERVATOIRE. *Le corps dans 50 ans*. Spécial 2062. Observatoire Nivea : Mar. 2012.

LESTEL, D. *Des enjeux de la tentation posthumaine*. In: *Technocorps: la sociologie du corps à l'épreuve des nouvelles technologies*. Paris : François Bourin, 2013.

LÉVY, J. J. *Entretiens avec David Le Breton*. Montréal-Paris: Téraèdre, 2010.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LISBOA, R. S. *Direito civil de A a Z*. Barueri, SP: Editora Manole, 2008.

LIMA, T. S. *O que é um corpo?* In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, 2002.

LIM, K.B. ; SEOW, C.S. ; TULIP, T., et al: Artificial penile nodules: case reports. *Genitourin Med* 62 (2): pp. 123–125. US National Library of Medicine, 1986.

LIOTARD, P. Performances corporelles: chairs triturées et corps exposés. In: *Cultures en mouvement*. No. 38, 2001.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *La culture monde: réponse à une société désorientée*. Paris : Odilon Jacob, 2008.

LOCKE, J. *Segundo tratado sobre o governo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MALINOWSKI, B. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

MALUF, S. W. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas*. Revista Esboços. V. 9, n.9. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI. *Os sentidos no espetáculo*. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, 2002.

MARZANO-PARISOLI, M. M.. *Penser le corps*, Paris : PUF, 2001.

_____. *Quelles valeurs pour le corps ? In: Le valeurs du corps dans la société contemporaine*. Dijon: Éducagri Editions, 2003.

MARTINS, H. *Experimentum Humanum: Civilização Tecnológica e Condição Humana*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2011.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MAZUR, E. M. *Art and the Religious Impulse*. Bucknell: University Press Lewisburg, 2002.

MCCARRON, K. Corpses, animals, machines and mannequins: The body and cyberpunk. pp. 261-275. In M. Featherstone, & R. Burrows (Eds.). *Theory, Culture & Society: Cyberspace / cyberbodies / cyberpunk: Cultures of technological embodiment*. London: SAGE Publications Ltd., 2011.

MERLEAU-PONTY, M. *Phenomenology of perception*. New York and London: Routledge Classics, 2008.

MICHAEL, K. *The microchipping of people and the uberveillance trajectory*. The social interface (blog), 12 de setembro de 2011. Disponível em: < <http://socialinterface.blogspot.com.br/2011/08/microchipping-of-people-and.html>>. Acesso em: 13 de maio 2014.

MIHN, YANN. *De l'Empathie à la Cyberesthésie*. La cube revue. 2011. Disponível em: < <http://www.cuberevue.com/de-lempathie-a-la-cyberesthesie/121>>. Acesso em: 04 de agosto 2014.

_____. *Le corps cyberesthésique*. Observatoire Nivea. Le corps dans 50 ans. Special 2062. Disponível em : <http://www.observatoirenivea.com/Admin/AllMedias/CahiersPDF/NIVEA_OBS_CAHIER_SPECIAL_2062.pdf. >. Acesso em: 10 de maio 2014.

MILLER, G. E. *Sensory organ replacement and repair*. Califórnia : Morgan & Claypool Publishers, 2006.

MOSER, I.; LAW, J. Good passages, bad passages. In: *Actor Network Theory and after*. John Law e John Hassard. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

MOL, A. Ontological politics. A word and some questions. In: *Actor Network Theory and after*. John Law e John Hassard. Oxford: Blackwell Publishing, 1999.

_____. *The body multiple: ontology in medical practice*. Duke University Press, 2002.

MULLINS, A. *My 12 pairs of legs*. 2009. Disponível em:< http://www.ted.com/talks/aim-ee_mullins_prosthetic_aesthetics/transcript>. Acesso em: 13 de junho 2014.

MUNIER, B. Introduction:Actualité du cyber-humain. In: *Technocorps: la sociologie du corps à l'épreuve des nouvelles technologies*. Paris : François Bourin, 2013.

MUSAFAR, F. *Body play*. 2010. Disponível em: <<http://www.fakir.org>> and <http://www.bodyplay.com>. Acesso em: 10 de maio 2014.

MUSSO, P. Le technocorps, symbole de La société technicienne. In: *Technocorps: la sociologie du corps à l'épreuve des nouvelles technologies*. Paris : François Bourin, 2013.

NATIONAL SCIENCE FOUNDATION. *Converging Technologies for improving human performance: nanotechnology, biotechnology, information technology and cognitive science*.2003. Disponível em: <http://www.wtec.org/ConvergingTechnologies/Report/NBI-C_report.pdf,>. Acesso em: 15 de maio 2014.

NATIONAL INFRASTRUCTURE PROTECTION CENTER. *Cyber Protests: The Threat to the U.S. Information Infrastructure*, 2001.

NOBLE, D. F. *The religion of technology: the divinity of man and the spirit of invention*. New York: Alfred A. Knopf, 1997.

NORTON, Q. *A Sixth Sense for a Wired World*. 2006. *Revista Wired*. Disponível em: <<http://archive.wired.com/gadgets/mods/news/2006/06/71087?currentPage=all>>. Acesso em: 16 de mai 2014.

_____. *Why tech journalist just had to try body modification*. 17 Julho de 2007. Disponível em: <<http://www.canadianmedicineneeds.com/2007/07/q-why-tech-journalist-just-had-to-try.html>>. Acesso em: 17 de mai 2014.

OTT, K.; SERLIN, D.; MIHM, S. (eds): *Artificial Parts, Practical Lives*. New York/London: Modern Histories of Prosthetics, 2002.

O'LOAN, J.; SANDY, A. *GPS units being used to track mentally ill but Bligh Government refuses to use them for sex offenders*. The courier Mail. 26 de maio, 2011. Disponível em: <<http://www.couriermail.com.au/news/queensland/offender-watch-out-of-step-withtechnology/story-e6freoof-1226062975676>> . Acesso em: 13 de mai 2014.

O'NEIL, J. *Five bodies: the shape of modern society*. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

ORECKLIN, M. *People*. Time 152, no. 15 (October 12, 1998). Academic Search Elite, EBSCOhost. Acesso em: 13 de jun 2014.

PITTS, V. *Body modification, self-mutilation and agency in media account of a subculture*. Body and Society. Vol. 5(2-3). Sage Publications, 1999.

_____. *The cultural politics of body modification*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

POISSANT, L. *Interfaces et sensorialité*. PUQ : Presses Université Québec, 2003.

QUÉAU, P. Le virtù e le vertigini del virtuale. In: CAPUCCI, Pier Luigi. *Realtà del virtuale: rappresentazioni tecnologiche, comunicazione, arte*. Bolonha: Cooperativa Libreria Editrice Bologna, 1993.

RITT, M.J.P.F.; STUART, P.R.; NAGGAR, L.; BECKENBAUGH, R.D., The Early History of Arthroplasty of the Wrist From Amputation to Total Wrist Implant. In: *The Journal of Hand Surgery : British & European Volume*. Vol.19 (6), 1994.

RODRIGUES, E. B. et al . *Implantes eletrônicos para restabelecimento da visão em cegos*. Arq. Bras. Oftalmol., São Paulo , v. 67, n. 2, Abril 2004 . Disponível em: [http://www.scielo-br.com/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000427492004000200032&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000427492004000200032&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 de jun 2014.

- RODRIGUES, D. L. *Projeto e implementação de interfaces hápticas*. 2003. Disponível em:<www.ufmg.br/prpg/dow_anais/cien_ex_terra/cien_comput_3/dlrodrigues.doc>. Acesso em: 17 de abr 2007.
- RONCHI, A. *Eculture: Cultural Content in the Digital Age*. New York: Springer, 2009
- ROSA, G. Equipe de Nicolelis cria “sexto sentido em ratos. *Revista Veja*, 12 de fevereiro de 2013. Disponível em:< http://www.natalneuro.org.br/imprensa/pdf/2013-02-veja-equipe-de%20Nicolelis-cria-sexto-sentido.pdf>. Acesso em: 11 de mai 2014.
- ROSEBORROUGH, N. *Finger is better, way to go Parylene coating!*. Disponível em: <http://feelingwaves.blogspot.fr/>. Acesso em: 15 de mai 2014.
- _____. *Learning to use a new implant*. 1 de dezembro 2011. Disponível em: <http://feelingwaves.blogspot.fr/>. Acesso em: 17 de mai 2014.
- ROSENBLATT, D. *The antisocial skin: structure, resistance and modern primitive adornment in the United States*. In: *Cultural Anthropology*. 12 (3). Pg 287 -334, 1997.
- ROTHSCHILD MA, E. E.; KLEVNO, W. A. et al: *Self-implanted subcutaneous penile balls—a new phenomenon in Western Europe*. *Int J Legal Med* 110: 88 –91, 1997.
- RÜDIGER, F. *Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- SANDERS, C. *Customizing the body*. The art and culture of tattooing. Philadelphia: Temple University Press, 1989.
- SAMUEL, A. W. *Hacktivism and the future of political participation*. Massachusetts: Harvard University Cambridge, 2004.
- SCHEPER-HUGHES, N.; LOCK, M. *The mindful body: a prolegomenon to future work in medical anthropology*. *Medical Anthropology Quaterly*, 1987.
- SHILLING, C. Introduction: Sociology and the body: classical traditions and new agendas. In: C. Shilling (ed). *Embodying Sociology, Sociological Review Monograph*: 2-18. Oxford: Blackwell, 2007.
- SILVERMAN, D. *Interpretação de dados qualitativos: Métodos para análises de entrevistas, textos e interações*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SMALL, A. W. *General Sociology*. Chicago: University of Chicago Press, 1905.

SMITH, R. M. *Military Enterprise and Technological Change: Perspectives on the American Experience*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1985.

SMITH, J.; MORRA (eds) *The Prosthetic Impulse: From a Posthuman Present to a Biocultural Future*. Cambridge: MIT Press, 2006.

STRATHERN, M. *The Relation: Issues in Complexity and Scale*. Cambridge: Prickly Pear, 1995.

_____. *Partial Connections*. Laham, MD: Altamira Press, 2004.

TARDE, G. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

THEMUDO, T. S. *Gabriel Tarde: sociologia e subjetividade*. Rio de Janeiro: Delume Dumará, 2002.

TIBON-CORNILLOT, M. *Les corps transfigurés: mécanisation du vivant et imaginaire de la biologie*. Editions MF, 2011.

TURNER, B.S. *The possibility of primitiveness*. Towards a sociology of body marks in cool societies. *Body and Society*, 5(2-3). Sage Publications, 1997.

_____. *Culture, technologies and bodies: the technological Utopia of living forever*. In: C. Shilling (ed). *Sociological Review Monograph*: 19-36. Oxford: Blackwell, 2007.

UNGERLEIDER, N. *Biohackers and DIY cyborgs clone silicon valley innovation*. 19 setembro 2012. Disponível em: < <http://www.fastcompany.com/3001309/biohackers-and-diy-cyborgs-clone-silicon-valley-innovation#comments>>. Acesso em: 18 de mai 2014.

U.S. GOVERNMENT. *R.H.3200.2009*. Disponível em: < <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/BILLS-111hr3200ih/pdf/BILLS-111hr3200ih.pdf>>. Acesso em: 14 de fev 2014.

U.S. GOVERNMENT, 2010. FEDERAL FOOD, DRUG, AND COSMETIC ACT. FEDERAL FOOD, DRUG, AND COSMETIC ACT. Disponível em: < <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/USCODE-2010-title21/html/USCODE-2010-title21-chap9-subchapV-partA-sec360i.htm>>. Acesso em: 14 de fev 2014.

VALE, V. ; JUNO, A. *Re/Search#12 Modern Primitives*. An investigation of contemporary adornment and ritual. SanFrancisco: Re/Search Publications, 1989.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *O nativo relativo*. Vol. 8(1):113-148. MANA, 2002.

ZIMMERMAN, M. R. *Egyptian mummies and modern science*. New York, USA: Cambridge University Press, 2008.

ZPIRA, L. *Hacking the future*. Disponível em: <<http://www.body-art.net>>. Acesso em: 10 de jul 2011.

WARWICK, K. *Cybor morals, cyborg values, cyborg ethics*. Ethics and information technology. Kluwer Academic Publishers, 2003.

_____ *Cyborgs – The Neuro-Tech Version*. Chapter in *Implantable Bioelectronics – Devices, Materials and Applications*. Wiley, VCH: E. Katz editor, 2013.

WILLIAN, C. *Crittlevision: Turtles surf the magnetic ocean*. *New Scientist*. Magazine Issue 2826. 23 agosto 2011. Disponível em: <http://www.newscientist.com/article/mg21128261.800-crittlevision-turtles-surf-the-magnetic-ocean.html#.U4ONCtJ_u8U>. Acesso em: 13 de mai 2014.

WILLYARD, C. *Nature Medicine* Vol. 13 | Nº 12 20072. Nature Publishing Group Disponível em: <<http://www.nature.com/naturemedicine>>. Acesso em: 10 de mai 2014.

YONCK, R. *The Future Olympic Games*. *Futurist* . November 2012; 46(6):64, 2012.